

GOVERNMENT OF INDIA
ARCHÆOLOGICAL SURVEY OF INDIA
CENTRAL
ARCHÆOLOGICAL
LIBRARY

ACCESSION NO.

59111

CALL No.

146-406/5.P.

D.G.A. 79

CENTRAL ARCHAEOLOGICAL
LIBRARY, NEW DELHI.

Acc. No. 59191

Date 31-12-25

Call No. 946.905

O.P.

O ORIENTE PORTUGUEZ

10.º ANNO. 1913

N.ºs 1 e 2

— Janeiro e Fevereiro —



FR. EPHRAIM DE NEVERS

E

A INQUISIÇÃO DE GOA

(1650-1651)

(Continuação do vol. IX, pag. 208)

Artigo 13.º



QUE o réu, estando uma vez junto com algumas pessoas, uma d'estas entrou a fallar sobre o pregador inglez. Disse o réu que este era um sacerdote verdadeiro, ordenado pelo seu bispo, revestido d'essa dignidade pela successão legitima. D'outra vez, estando o

946.905

O.P.



59191

O.P.

rêu com a referida pessoa, repetiu a mesma cousa, acrescentando que o dito missionario inglez, ao dar a comunhão aos seus parochianos, consagrava (os elementós) com as mesmas palavras que nós usamos. O rêu louvou o missionario pelo seu saber, declarando que lhe tinha ouvido um sermão pregado aos seus parochianos, versando sobre a comunhão, sermão muito bem elaborado e muito piedoso.

Resposta

O peor d'este assumpto é que esse cavalheiro se blazonava do seu muito saber. Dizia que ninguem, excepto S. Pedro, tinha feito bispos. De minha parte, demonstrei-lhe o contrario com apoio na Sagrada Escriptura. Seguidamente declarou que ninguem tinha sido feito bispo sem ser por ordem do Summo Pontifice em Roma. Tambem lhe demonstrei o contrario com o resumo dos concilios por Coriolano ¹ e tambem com o *Omnis potestas ordini; et jurisdictionis erat penes Pontificem Romanorum*. Sem embargo, affirmou que sem a permissão do papa não podiam existir bispos tendo as qualificações proprias. Mas, o que mais o irritou, foi não achar qualquer resposta a dar-me. É o que, sem duvida, o levou a inventar estas accusações contra mim — como a de ter ouvido o sermão d'um clérigo inglez — pois já me havia perguntado como esse missionario tinha administrado a comunhão aos seus jurisdicionados — e eu lhe respondi, em termos simples, o que sabia. O

¹ Francisco Coriolano, cognominado *Longo*, capuchinho, falleceu em 1625, com 68 annos d'idade; autor do *Breviarum Chronologicum Pontificum et Conciliorum omnium*. A obra, de que se trata, deve ser a *Summa Conciliorum omnium*, 2 vols., 1623.

que deseja agora é incriminar-me por isso, e até por eu dizer que o clérigo inglez era instruido, sendo certo que fallava o latim melhor do que o accusador.

Artigo 14.º

Que de todas estas faltas e palavras e proposições proferidas e defendidas pelo réu, e de outros actos por elle praticados relativamente á religião, a elle intimadas nesta mesa e por elle confessadas, resulta por uma justa, directa e segura presumpção deduzirse contra o réu a accusação de que elle se separou da fé catholica, apostolica romana — de que nutre idéas erroneas sobre a doutrina infallivel, tirada da Sagrada Escriptura e dos commentarios dos Santos Padres, recebidas pela Igreja Universal e confirmada pelos decretos de todos os Pontífices e concilios, — que tem seguido é aprovado os erros das heresias calvinistas e lutheranas, ou os dos protestantes, rejeitados pela Igreja.

Resposta

Pessoas apaixonadas e homens doutos de Goa podem ter taes presumpções, fundadas no seu odio e ignorancia.

Artigo 15.º

Que o réu por vezes tem sido exhortado n'esta Mesa com muito amor a fazer a confissão das suas culpas e a declarar a verdade relativamente a tudo quanto tem praticado, á intenção e animo comque tem avançado as proposições com respeito á fé, por elle proferidas, publicadas e defendidas, e tambem

todas as outras cousas que tem praticado contra a religião catholica, apostolica romana. Nunca elle quiz fazer essa confissão, antes pelo contrario manteve obstinada, erronea e hypocritamente esses erros pela natureza sophistica e enredada das suas respostas sobre este assumpto.

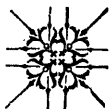
Resposta

Pondere o leitor sobre esta conclusão final e diga se alguma resposta ha donde se possam tirar conclusões tão aereas.

Artigo 16.º

Requeiro que sejam admittidos estes artigos, — que se constitua o tribunal em sessão plenaria, — e que o reu, fr. Ephraim de Nevers, seja, como hereje apostáta da nossa Santa Fé, falsificador, hypocrita etc., punido como suas culpas merecem, com todo o rigor da lei, em conformidade com o processo regular e as formulas do Santo Officio.

Cum protestatione juris et expensis.



Eis as conclusões caridosas e compassivas d'estes cavalheiros. Respondeu a ellas oralmente o procurador do frade, e as respostas, assignadas por ambos, foram mandadas por via do carcereiro ao inquisidor.

Em janeiro seguinte (1651) o reu foi chamado a ouvir a leitura publica dos depoimentos das testemu-

nhas sobre todas as cousas impertinentes. que se lhe imputavam. A ellas respondeu o procurador por negação absoluta de tudo quanto se dizia contra o réu. Rejeitou os depoimentos por serem de pessoas incapazes, por lei, de darem testemunho n'um tribunal de justiça.

A 25 de maio de 1651, fr. Ephraim foi mais uma vez chamado e perguntado sobre quaes os livros de que precisava para preparar a sua defesa; dêram-lhe. Tostado, *In Deu.* — Baronio, *An.* 9 — Bellarmino, *Con.* t. 1.^o, — *O Catecismo de Pio 5.^o* em portuguez —, J Angles, — Durando *In senten.* ¹.

Em 27 e 28 de junho foi novamente chamado e interrogado se tinha encontrado n'esses livros referencias ás suas proposições. Por fim, toda a causa ficou limitada a tres artigos: 1.^o, quanto á imagem da SS.^{ma} Trindade, — 2.^o, quanto ás ordens sacerdotaes na egreja ingleza, — e 3.^o, quanto a prestar-se á Cruz o culto de *latría* ².

Foi-lhe pelo inquisidor lida a opinião de tres homens doutos que o consideravam um calvinista, por se ter recusado a dar á Santa Cruz esse culto, um temerario por condemnar a representação da SS.^{ma} Trindade, — e um *sapiens heresim* ³ em declarar que

¹ A respeito de A. Tostado veja-se a nota ² a pg. 156 do vol. antecedente. Cesar Baronio, oratoriano, foi cardeal (1538-607), a obra citada é *Annales Ecclesiastici*; no vol. IX trata-se da *adoração da Cruz* e do concílio de Nicéa. O Cardeal Roberto F. R. Bellarmino, jesuita (1542-1621) autor de *Disputationes* etc. O catecismo de Pio V foi publicado em latim e depois vertido em varias linguas. A versão a que se refere, deve ser a de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres (1619). O pe. Angles Valentino pertencia á ordem menor dos observantes, fallecido por 1587. Guilherme Durando de S. Porciano, autor de muitas obras? — ou Guilherme Durando, bispo de Mende, tambem escriptor religioso?

² Estes 3 artigos referem se: — 1, ao artigo 3.^o, — 2, ao artigo 6.^o, — e 3, á parte do 2.^o artigo da accusação.

³ Cf. a Vulgata, S. Matheus XVI, 23, — S. Marcos VIII, 23, — Ep. aos Rom. XI, 20, e XII, 16 (W. R. P.).

um clérigo inglês podia ter talvez o character sacerdotal. Foi-lhe tambem dito que os autores, por elle invocados na defesa, eram considerados improcedentes e não dignos de confiança ;— que Durando havia sido condemnado n'um livro intitulado *Expurgatorium*. Replicou Fr. Ephraim que não podia ser accusado de temerario, porquanto seguia autores catholicos e homens de grande autoridade, como os que já nomêara. A isso observou o inquisidor que existiam 14 jesuitas que approvavam a representação da SS.^{ma} Trindade, ao que tornou fr. Ephraim que tal materia não era um artigo de fé, e que de boa vontade accetaria a doutrina d'esses autores, mas que não era temerario seguir opinião contraria.

Relativamente aos clérigos inglezes, respondeu que, desde o principio, tinha dito que, se lhe apresentassem um doutor catholico, affirmando que os inglezes não observam as cerimoniaes exigidas, seguiria o parecer d'esse doutor. Mostrou-se-lhe Suarez ¹, o qual, emquanto concorda que a igreja catholica observa o cerimonial, assevera egualmente que, quando entre elles se admitte um individuo ás ordens, não ha intenção de sagração. Fr. Ephraim declarou então que seguiria de boamente este parecer.

Apenas fr. Ephraim chegou ao pé da Meza, disse-lhe o inquisidor já tinham examinado e ponderado a causa, e ahi se achavam reunidos para proceder ao julgamento ; que, se elle tinha alguma cousa mais a dizer em justificação, podia fazel-o. Respondeu fr. Ephraim que os que lhe tinham censurado os discursos e escriptos, haviam empregado sophismas e não tinham procedido com correcção. Pois, o que tinha

¹ Francisco Suarez, S. J., n. em Granada em 5 de janeiro de 1548, f. a 25 de setembro de 1617. A obra, a que se refere, é *Defensio fidei catholicae*.

avancado com premissa maior d'um argumento— de que um homem sagrado por um bispo heretico (*servatis servandis*) recebia o attributo do sacerdocio—fora por elles considerado como exemplo e fundamento para provar a premissa menor — tal homem foi sagrado por um bispo heretico, logo possue o attributo do sacerdocio — e que, em prova dessa conclusão, deduzira a historia que lhes havia referido. Isto era contrario á rasão, pois, desde que tal historia é apenas de autoridade humana, a conclusão devia ser do mesmo genero. Suarez affirma que o clero inglez não possue attributos sacerdotaes, mas isto depõe até certo ponto em favor do réu, mostrando que este não inventou de sua cabeça quando disse que os inglezes seguiam o ritual antigo. Pois, embora Suarez negue aos clerigos inglezes attributo sacerdotal, porque — acrescenta — elles não tem a intenção de fazer o que a Egreja faz, comtudo da integra da passagem citada pode-se deduzir que o réu não foi temerario, nem inventou cousa alguma da sua propria cabeça. Repliquou o inquisitor que o seu antecessor não era obrigado a mostrar-lhe as censuras e criticas a elle feitas.

Quanto ao culto de *latría*, respondeu que nunca se retractaria, por que a sua opinião era materia de fé, e n'isto seguia a Baronio e Belarmino. Pediu para lhe apresentarem os doutores, a fim de poder discutir com elles sobre o assumpto.

A 3 de julho de 1651, apresentaram-lhe um jesuita, de nome Gregorio de Mayeu ¹, e immediatamente se trouxe o 9.º vol. de Baronio e o de Bellarmino. Mas

¹ Não se sabe quem seja esse Gregorio de Mayeu. Existe um Gregorio de Magalhães que nasceu em 1614, reitor em Damão em 1656. Julgo que provavelmente esse Gregorio de Magalhães seja a pessoa de que se trata. Existia um Mathias de Maya, que veio á India em 1640 (Franco, *Synopsis*).

esse jesuita estava tão apaixonado que disse ao réu, o qual estava a lêr BarONIO, que este autor em nada o favorecia. «Lêa v, ex.^a bem — respondeu o réu — a passagem citada e o decreto do 2.^o concilio de Nicéa». Seguidamente o jesuita leu Bellarmino e disse a fr. Ephraim que este dizia bem e que a questão entre ambos era apenas de nomes, e foi-se embora.

A 5 de julho os inquisidores chamaram de novo o réu, e citando-lhe mais uma vez Bellarmino, escreveram o que diz este autor. Depois d'isso, fr. Ephraim não mais viu o inquisidor que falleceu a 17 do referido mez.

Em 4 de novembro de 1641, pela uma hora da tarde, fr. Ephraim sahiu mais uma vez da prisão para comparecer perante a Mesa. Encontrou ahi o arcebispo, o 1.^o inquisidor, o 2.^o inquisidor, que era um dominicano, chamado fr. Lucas da Cruz, um frade observante, mais 2 ou 3 dominicanos e 1 ou 2 jesuitas, como se lhe afigurou. A sala estava decorada com peças de sêda. O arcebispo estava á cabeceira, com a mitra na mão. A' direita o 1.^o inquisidor e á esquerda o 2.^o, dito fr. Lucas da Cruz.

Continuando—disse o réu—com relação á imagem da SS.^{ma} Trindade, allegava-se que havia 14 doutores ensinando o contrario. A despeito dessa asserção, tinham-lhe indicado, porém, só 3 jesuitas, Taner, Vasques e Layman, os quaes condemnavam a crença negativa como uma opinião temeraria. Demais eseses 3 jesuitas não são sufficientemente conhecidos em França a ponto de serem comparados a Tostado Abulense e Durando. Talvez os outros doutores que affirmão ser legitima essa representação, sejam todos jesuitas!

Seguidamente o inquisidor perguntou ao réu se tinha alguma cousa a dizer. Respondeu que, se o achavam culpado, tivessem a bondade de lhe mostrar o

que nos seus escritos consideravam reprehensível, pois estava elle prompto a responder. O inquisidor então levantando a vóz em tom meio colerico, declarou que o Santo Officio o tinha demoradamente examinado para estar completamente habilitado a responder. Tocou logo a campainha a chamar um guarda a fim de conduzir a réu a prisão.

(Continúa).

J. A. ISMAEL GRACIAS.

CHRISTOVAM DA COSTA

(Continuação do vol. antecedente, pg. 226)

U^m dos biographos, citando a *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, publicada em Lisboa em 1741 e dedicada a el-rei D. João V, refere que Christovam da Costa, depois de ter percorrido a maior parte do mundo em que alcançou grande fama o seu nome, voltou a Portugal e d'ahi passou a Castella. É factio authenticco que o naturalista fixou a sua residencia em Burgos e começou a exercer a sua profissão de medico. Ignoramos o anno em que elle ahi se estabeleceu. Nem é facil de se averiguar porque teria escolhido um domicilio na Hespanha e não em Portugal ou Ceuta ou Tanger. Vejamos se factos historicos contemporaneos nos podem dar algum esclarecimento.

Christovam da Costa deveria ter sahido da Italia em direcção para a peninsula iberica pelos annos de 1573 ou 1574. Nessa epoca Portugal, se não estava positivamente anarchisado, lançado nos horrores de uma guerra civil como em 1580, achava-se em um estado anormal. D. Sebastião, embora dotado de espirito aguerrido, era intelligencia fraca, asce-

tico e teimoso. Apesar de a sua educação ter sido mui bem confiada aos cuidados de D. Aleixo de Menezes, varão sabio e virtuoso, attendia menos a este e mais aos lisongeiros como D. Luiz Gonçalves da Camara. E a epoca era mais theocratica que democratica. A influencia religiosa dominava tudo e, se não deixava morrer o prestigio politico do paiz, tambem não evitava que D. Sebastião fizesse um governo em grande parte desatinado. A idéa da fundação e consolidação d'um imperio na Africa, conquistando praças infieis absorvia completamente o espirito do monarcha. O afêrro a essa idéa levava-o a proceder precipitadamente. Em 1574 depois de ter feito pessoalmente um reconhecimento dos movimentos politicos no littoral atlantico d'aquelle continente, preparou-se para um acommettimento. E, como os cofres do estado estavam vazios e a flôr do exercito estivesse parte perdida e parte occupada em operações militares em pontos longinquos do dominio ultramarino, foi extorquindo dinheiro aos «christãos novos» e alistando para o serviço militar levas de recrutas, veteranos exhaustos e aventureiros forasteiros. Portugal, portanto, achava-se em um estado agitado e pouco convidativo para um naturalista, que desejasse ter um domicilio pacifico, uma especie de thebaida de um benedictino, depois de uma vida errante e vicissitudinária.

Na Africa, Marrocos atravessava uma epoca revolta. Extinctas as seis dynastias berberes ou amazighs, que ahi floresceram, o amirato passára em 1524 aos Saadis ou Hossainis, arabes oriundos de Medina. O representante d'essa dynastia Saadi, o amir Mulai Ahmad (Mahomed XI) tinha sido desthronado, em justa vindicta, pelo seu tio Abd-el-Malek I, que tinha tambem uma multidão de acclamadores. As hostilidades entre estes dois pretendentes e seus respecti-

vos sequazes continuavam sem trégoas. N'estas circumstancias Ceuta ou Tanger não podiam offerecer uma residencia tranquilla ao sabio repatriante. Talvez por esses motivos Christovam da Costa preferiu estabelecer-se em paiz extranho.

Na Hespanha reinava Philipe II (1556-1598). O seu governo era mais ou menos igual ao de D. Sebastião, ou talvez mais despotico. Havia a penuria do thesouro publico. Para occorrer ás despezas de contínua guerra com a França, não bastando os grandes lucros das minas d'America, lançavam-se tributos gravosos. Não faltavam os horrores da Inquisição. Mas, ao tempo em que Christovam assentou a sua residencia em Burgos, os negocios publicos seguiam melhor direcção e o reino estava pacificado. As provincias hespanholas do littoral mediterraneo já não tinham de soffrer as devastações dos piratas, os quaes com os turcos haviam sido derrotados na batalha de Lepanto em 1571 pela ultima cruzada, a celebre liga dos povos christãos, inspirada pelo papa Pio V. O naturalista encontrou n'esse paiz um lugar seguro.

Burgos era uma cidade encantadora. De simples cidadela fundada em 880 por Diogo Rodrigues Porcellos conde de Castella, crescera, com persistencia, em prosperidade até chegar a ser, alternadamente com Toledo, a capital de Castella no seculo xv. Fôra o berço de D. Affonso X, o sabio, uma das glorias castelhanas, que brilhou por igual na legislação e nas sciencias exactas. Fôra ahi tambem que Cid, o campeador, o heroe favorito de Hespanha e uma figura preeminente na sua litteratura, se unira por matrimonio á Ximena de Oviedo em 1074. As suas gloriosas recordações historicas, os seus templos e conventos com suas maravilhas artisticas, os seus monumentos com inscripções, esculpturas e reliquias, o seu ceu claro, as purissimas fontes e fron-

dosa vegetação convidavam o archeólogo, o naturalista e o erudito ao estudo.

No fim das suas laboriosas peregrinações Christovam da Costa devia ficar fascinado pela cidade onde se fixou e casou. Ignoramos a data do seu casamento e o nome da sua consorte. Ainda menos sabemos se houve ou não prole desse matrimonio; apenas temos a curta indicação que elle proprio faz no seu livro *Tractado em loor de las mujeres* de que teve a desdita de perder a sua mulher dentro de poucos annos depois do casamento.

Estabelecido o domicilio, Christovam da Costa dedicou-se ao exercicio da sua honrosa profissão e adquiriu grande nomeada.

A camara municipal de Burgos, deliberando em sessão de 5 de abril de 1576 tomar um medico de partido e não podendo encontrar pessoa idonea, apesar de diligencias feitas em Valladolid, Salamanca, Alcalá, Segovia, Madrid e outras partes, nomeou Melchior de Astudillo, Francisco da Salamanca e o corregedor da cidade para se entenderem sobre as condições de contracto com o doutor Acosta de Buenaventura. — «medico y cirujano que al presente está en esta ciudad, atento que se tiene de él muy buena relación y experiencia, y que en el tiempo que há que está en esta ciudad ha hecho muy buenas curas, especialmente del mal de orina y carnosidad y outras enfermedades extraordinarias» ¹. Em 7 do mesmo mez a commissão desempenhou o encargo e informou que se tinha accordado com Christovam da Costa em que este devia residir na cidade por tempo dos primeiros 3 annos, e que em remuneração dos seus serviços o municipio devia pagar-lhe 47.500 *maravedis* ao anno. O ordenado do,logar era 40.000 *mara-*

vedis, ordenado que ainda o celebre Francisco Diaz venceu. Mas o municipio, apreciando os verdadeiros merecimentos de Christovam, deu-lhe o augmento de 7.500, e ao cabo de 4 annos mais outro de 3.000 *maravedis*.

A escriptura do contracto foi lavrada na mesma data pelo notario Andrés de Carranza, sendo outorgantes «los muy Illres. Sres. Concejo, Justicia y Regimiento» da cidade, e Christovam da Costa, estando presentes como testemunhas Christobal de Medina, Bernardino de Santa Maria e Francisco de la Puente, residentes na mesma cidade. D. Joaquim Olmedilla y Puig¹ teve graças a D. Anselmo Salvá, o erudito archivista do «ayuntamiento» de Burgos, a fortuna de lêr, trasladar e publicar a acta da sessão de 5 de abril, e a escriptura do contracto de 7 de abril de 1576, documentos originaes que se conservam no curioso archivo municipal da dita cidade e os quaes constituem preciosos dados historicos para o complemento do estudo biografico do nosso naturalista.

Pelas relações com o Novo Mundo, descoberto em 1492, a Hespanha importara uma doença nova, ou pelo menos com novas modalidades ou particularidades no seu desenvolvimento. Esse mal—a syphilis—e mais as affecções venereas—lavravam a olhos vistos em quasi todas as camadas da sociedade. Pela sua novidade, pelas suas multiplas manifestações, pela sua epidemicidade e ainda mais pela sua necrologia aterrorava os medicos. E esses, que em geral tinham sobre o assumpto opiniões preconcebidas, ou andavam imbuidos de doutrinas, mais ou menos erroneas, dos autores antigos, ficavam obrigados a fazer por si estudo e investigações para combater com methodos therapeuticos novos o terrivel mal. Parece que Chris-

¹ *Ibidem.*

tovam se dedicou mais particularmente ao estudo da syphilis e foi um afamado especialista, tendo sido por este motivo escolhido para o logar de medico de partido do municipio de Burgos.

Foi uma epoca fecunda e maravilhosa essa, que abrange a segunda metade do seculo xvi e a primeira do seculo xvii. Durante aquelle espaço de tempo a actividade scientifica e litteraria foi realmente assombrosa. O espirito humano caminhou, avançou, reagiu, luctou e triumphou. Em todas as espheras se trabalhou para se emancipar e redimir. Em todos os conhecimentos humanos appareceram trabalhos que rompiam com a tradição e a rotina, com a oppressão e a ignorancia de longos seculos. Os homens apprenderam a têr fé em si e vêr pelos seus proprios olhos o que não tinham visto, ou o contrario do que tinham visto os antigos. A razão e a observação directa substituíram a autoridade e os textos. Todo o espaço do tempo que se abre entre o nascimento e a morte de Christovom da Costa foi, no mundo até então conhecido, fecundo em genios. Na Hespanha o naturalista viveu na phase mais notavel da epoca aurea da litteratura nacional, epoca em que brilharam illustres hespanhoes como Gonzalo Hernandez de Oviedo e Valdes, Garcilazo de la Vega (soldado e poeta), Garcilazo de la Vega «Inca» (historiador do Peru), Miguel Serveto, Lope Felix de Vega Carpio, Andrés de Laguna, Lopez de Vilalobos, Nebrija, El Brocense, Covarrubias, Ambrosio de Morales, Juan Fragoso, Miguel de Cervantes e Saavedra, e portuguezes como Luiz Vaz de Camões e Garcia da Orta.

(*Continúa*).

VICENTE PHILIPPE DE SÁ.

DIALECTO INDO-PORTUGUEZ DE CEYLÃO

DIALOGOS

(Continuação da pag. 29 do vol. antecedente)

CHARLES — Quê foi, Peter, que vós tene o casa? Hoje tem hum dia de liberdade ¹, toda, *offices* ² tem fichado, e os *venkels* tambem, porque nonca vós anda com outro amizades per tomá prazeiro ³. Hoje alá tem hum grande bailo ⁴ e tanto divertança ⁵, beberajo lô tem alá. Vós não andá?

Peter — Não, meo cambrado, eu nonco andá alá. Eu já lés este palmião este bunito palavres de Salomão: «Meo filho, se os peccadores tentá per vós, não consenti.» E tabem ne Psalmo: «Bemzido tem o home quem nan marchá ne o caminho de os malditos, nem nan impé ⁶ ne o caminho de peccadores, nen não santá ne o istado de o jumbadors.» ⁷ Ne hum bailo-casa que bom pôdê nós recebê? Nuhé aquelle hum lugar de tentações? ⁸ Charles, nosso bom tem-

¹ Dia livre, feriado.

² Repartições publicas, do governo.

³ Tomar folga.

⁴ Baile, dança.

⁵ Divertimento.

⁶ Nem ficar de pé.

⁷ Zombadores.

⁸ Esta é a opinião geral entre os protestantes.

po e dinhéro podê ficá gastado per muito mais bom cousas do que aquel, que hé casa de os demonios!

Charles — Tôlo, dôdo! Que mais bom cousas podê alá tem doque bailo? O bailo-casa é hum céu ne terra, prazeiro no mundo. Religião tem sempre! religião tem bom per velhos, e per doentes; nós pouco-idade-gentes te nistá prazeiro, folgança, diversan.

Peter — Sem, sem, ne hum tempo eu tambem já lembrá o mesmo, mas agora eu ti sabê onde verdêdêro alegria podê ficá achado.

Charles — Sem, aquel tem bom verdade, eu tambem muito vez já alcançá que as causas de este mundo tem vão. Mas que foi vós tem só ne casa?

P. — Minha mulher e crianças já achá liverdade hoje per andá, passeiá!

C. — Que, já vós pará ne o casa e ellotros podê andá fora? Peter, vós tem verdadeiramente hum dôdo home.

P. — Dôdo? Parque, misté namais andá passiá, e encontrá cambrados nonca os mulhers tambem nistá hum pouco liverdade?

C. — Que liverdade per ellotros?

P. — Ah cruel home? como nós, nossa mulhers te nistá hum *holiday*. Pequenino troublações per cartá¹, tem mais trabalho doque grande troublações. Lembrá de o troublações de hum mulher ne casa? Parque tem ellotros assi triste? A vida hé cheio de troublações. Quando vosso serviço tem cavado, vós preste² te fichá o *venkel* e te andá per passiá, mas vossa mulher per sempre tem ne o casa, ella per sempre mistá servi. Charles, que tanto mais alegre nos lô tem si nos tem mais bom; e te amá

¹ Acarretar.

² Fecha depressa a loja.

per nossa mulhers. Andá casa, Charles, agora per diante trabalhá per dá alegria per vossa mulher. Ella lô tem mais saode, se te achá hum pouco mais liberdade. Dessê Deos judá per nós, assi per amá nossas mulhers. Mas antesque andá casa cantá me hum cantiga porque eu tabem ficá alegre.

C. — Que cantiga eu podê cantá ?

Eu nam lembrá nada, senam *Battê, Battê*. Dá-me tamboro ¹ eu cantá (cantando) :

Avelá ² com jagra, amor, battê, battê.
Par me se crescê ira, amor, battê, battê.

Nona ³ nuntem cazá, amor, battê, battê.
Avelá com jagra, amor, mettê, mettê.

Quem já cumê jambu amor, battê, battê
Quem já pinchá ⁴ cortê, amor, battê, battê.

Pegá bossê saia, *nona*, battê, battê
Mostrá bossê ⁵ jetu, *nona*, battê, battê.

Nona nuntem cazá, amor, battê, battê
Ella vae cantá lô battê, amor, battê, battê.

Avelá, coco, jagra, amor, battê, battê
Par me si crescê ira, amor, battê, battê.

¹ Tambor.

² Arroz.

³ Senhora.

⁴ Quem deitou fora caroços.

⁵ Mostre seu jeito.

Minha amor já foi Candy, já vi ¹, battê, battê.
Ella per lantá lô batte allá, battê, battê.

Tamboro já levá igreja per tocá, battê, battê
Padre já fallá: *poitu vadda* ², battê, battê.

Saban, poer ³, tudo tomá, battê, battê
Vi, andá, lavá, meu amor, battê, battê.

Eu já amá per vós, amor, battê, battê
Eu lô cazá com vós, amor, battê, battê.

Eu não querê cazá, amor, amor, battê, battê
Vós não tem bom, amor, battê, battê.

Eu já olhá *landess* ⁴, amor, battê, battê
Elle parcê bemfeito, amor, battê, battê.

Landess não cazá per vós, battê, battê
Elle já tem bunito *lady*, battê, battê

Lady não tem dentes, battê, battê
Elle já papiá per mi, battê, battê.

Minha amor, andá, vi, battê, battê
Minha vida, tudo, amor, battê, battê.

¹ Voltou.

² Vá e volte, expressão tamil.

³ Sabão, pó.

⁴ Hollandez.

C. — Basta, não podê mais.

P. — Muito gracedido !

(Willie e Celestine entrando) Vi, antrá, Willie.

Oh Peter, olhá per cambrados, que saode e bunito elles parcê ! Ninguém não fallá, que tem assi idade. Vós, Willie te parcê mais pouco idade do que nós maceos. De onde vós ti vi ? Olhá, que bunito tem elle seu vestido. E vossa *jufrau* ¹ tabem te parcê bunito. Eu tem certo que vosotros já foi per hum festa ! Ah, este velho mostra de vestimento tem muito mais bom per fêmes ² do que o novo, presente móstra não tem astanto bom. Té vós olhá per aquél menina quem te marchá ne o rua. Olhá, que lei ella te traviá per parcê como hum machó. Hum *cap* ne sua cabeça, hum *collar* e *dace* ³ ne sua piscôs, hum *waistcoat* ⁴ e hum curto cobar, hum saya estrêto, apertado, chapado per o corpo, hum bastam ne sua mão. Ah, Celestine, o mundo te virá baixo per riba ! Nunca vós lembrá que tem feo per os fêmes assi per vesti ?

Willie — Sem, aquel tem máo. Tem contra o santo Bible ⁵. S. Paulo te falla : «Ne o mesmo modo tabem, que o mulhers lô vesti trajo honesto, com vergonha e modestia.»

C. — Agor pará este comberção, eu tem desejo per ouvi hum pouco tocando o festa. Willie, quanto vidors já tomá, e quanto vez já vós boill'a ?

W. — Ne o festa-casa eu nunca olhá nenhum vidros, fórdê aquels que tinha ne o janela !

¹ Mulher, de hollandez. *jufyromy*.

² Senhoras.

³ Colarinho e gravata. De *das* hollandez.

⁴ Collete de inglez.

⁵ Bibiia sagrada.

C.—Que, Willie, quèlie podê gentes festiá sem beberajo ?

W. — Si vós tinha allá vós lodiá olhá que alegre todos tinha. O noivo, e sua gentes, e noiva, e sua pae mae e amizades, e outros quem já ví per o festa e até os padres, todos, não tomà beberajol

C — Mas eu cadhor já lembrà, que hum noivo e noiva, e outros quem não bebê, tem permitido ne o festa, ou anno-casa, per usá um pouco *wine*. ¹

w — Não, não, tem ne assilei lugars que nós mistà ficà mais cuidado ; aquel fórde ² lembrà que tanto beberajo té custà ? Eu té sabê hum pessão quem já ficà devida duzentos rupias per dá casá sua filha, isto hé, festeja casamento. Quehora lô nos prendê per não ficà devidores per ninguem ?

P. — Quèlie já noiva percê ?

W.—Ah, vós tem muito curioso, doque um feme ! O noiva mas que tinha hum pouco trigueiro, já parcê muito alegre e bunito. Ella su-vestimento tinha *plain* ³ e elegante. Ella nunca parcê com alhum noivas, como hum buneca que ser vestido per ser admirado, não, elle nunca nistá nenhum falso aljotre, sua sincero e generoso rósto tinha basta per fazê parcê per ella bunito ; e bemaventurado, tinha aquell macéo quem já impé perto como sua marido. Tem um feliz par ! bom e temeroso per Deus. Muito amado um de outra, sua noiva.

Peter — Agor vi, santá todos ne o sala, bebê hum pouco *cofée* e *nona* Celestine lô dá hum bom cantiga.

Celestine — Eu vélja cantá ? onde tem su mulher, senho Peter ?

¹ Vinho, do inglez *wine*.

² Afora isto.

³ Simples, do inglez *plain*

P. — Meu mulher tem andá *friends* casa ¹, ella alá, vi.

Cecilia — (entrando) Deos te dá muito bom dia, amizades, como tem saode, vós todos.

W. — Nós te esperá per ouvi hum cantiga com sua voz sonoro, *nona* Cecilia, dá per nós hum cantiga.

C. — Bem eu cantá «*Mancebo e Donzella*», mas quem cantá resposta?

W. — Vós cantá, eu e Charles lô reportá.

Cecilia — (cantando).

— Oh meu rico, senhor,
Por que tem muito triste?
Dizê razão sem temor,
Eu querê ouvir de ti.

W. — Dá-me licença, *nona*,
Licença inteira e toda,
Desejá papiá a menina,
Aquel boa, alva e linda.

— Licença ti dá inteira,
Mas dizê tua nome,
Ou dá lenço de algibeira,
Par eu presentá filha.

— Minha nome tem Willie,
Vá preste dizê menina,
E levá hum beiji ²,
Trezendo outro de ella.

— Teu nome eu lô cartá ³,
Mas beijo eu não levá,
Tu podê per si lô dá,
Quando ella lô abraçá.

¹ Casa dos amigos.

² *Beiji* por beijo para rimar com Willie.

³ Levarei.

— Saude ! ó menina bella,
Tua bocca eu querê beijá,
Eu sabê tocá viola
Como tu fazê ne escola.

— Ví, preste, meo amigo,
Dá hum *seveet* beijo ¹,
E apertado abraço comigo
Com tua mãos macissos.

— Tú tem minha, meo amor,
Meo vide, meo alma,
Meo dona, *nona* e senhor,
O beijo tem o nosso penhor,

— Minha coreção tem doçura,
Ella tem todo mocidade,
Vamos recebê teu frescura
Para vivê bem n'esse vida.

— Teu nome tem Rosinha,
Cara alegre, fallá sonora,
Tu tem bella, boa e minha,
Para toda vida e para morte.

— Tem bom verdade, eu tem sua,
E tu tem meu, todo inteiro,
Agor eu olhá, qual lua,
Tua semblante bunita.

— O' querida e feliz donzella,
Vi, andá, vamos bem juntado,
Ne tua casa para janella,
Para gente olhá nossa amizade.

¹ Doce beijo, *sweet* inglez.

- Antes de ir para janella,
Vamos marchá igreja,
Já nascê palmião estrella, ¹
Para que padre nos uni.
- Ah qui tôla esta menina,
Nós podê uní sem padre,
Tu apertá com mão pequena,
Esta mão e eu com lenço cubri !
- União sem estola não val,
Cazamento sem padre tem mal,
Qual comere sem o sal,
Eu assi não querê associá.
- Ah Rosinha inteligente,
Par que papiá doudiça ?
Nós não querê estranha gente,
Para fazê nossa união.
- Este caso, adeus amigo,
Eu não desejá esta união,
Com outro, nem contigo,
Adeus hoje e sempre.

P. — Vós tem cançado, comadre Celestine, tomá hum pequino bocado de *cheese* ² e *biscuit* e lô trizê *hot coffee* ³.

Celestine — Tem bunito cantiga, alá tem muito ensinaçam por maceos que pensá padre, igreja, sacramento, benção, tudo não tem nada ! Par elles casamento tem hum gracéjo, dá hum abraço per menina e logo dá um beijo tem prompto união, casamento !

¹ Estrella matutina.

² Queijo e bolacha.

³ Café quente.

P. e C. — Sem, sem, hoje, pouco-idade pensá assí mas sim todos meninas fazê, como tem feito aquel menina de cantiga, se dizê *adeus* estes maceus, *dandis*, que querê fêmes par brincá ne casa e largá quando chegá tristeza-dias? ¹

Cecilia — Comê, home, aquel par dispor papiá. Comadre Celestine, como tem creances, oque fazê, tem saude !

Celestine — Elles tem bom, mas minha irmão mais grande não tem saode, cahí ne cama, tem parlesia.

C. — Teu irmão Diogo? Ah coitado! Que bom home elle tem, quanto tempo já tem que cahí ne cama?

Celestine = Agor mais de tres mês.

P. = Toma cofee, não fazê cumprimento.

Charles, Celestine e Willie — Adeus, nós andá casa.

(Raia).

B. C. TAVARES DE MELLO.

¹ Dias de provações.

VARIA VARIORUM

Sociedade Asiatica de Bengala

RECEBEMOS o *Précis of Communications* da sessão mensal d'essa Sociedade, realisada a 5 de fevereiro, e, por muito interessante, transcrevemol-o em seguida no seu original:

«1. *Indion Dermaptera collected by Dr. A. D. Imms.*—*By* DR. MALCOLM BURR. *Communicated by* DR. N. ANNANDALE.

A number of new localities for known species of earwigs are put on record and one new species is described.

2. *The Composition of the water of the Lake of Tiberias.*—*By* DR. W. A. K. CHRISTIE.

The water of the Sea of Galilee is shown to differ widely from that of almost all lakes with an outlet, and to approximate more in composition to that accumulated in closed basins. The difference is due to the peculiar nature of the soluble constituents of the rocks of the neighbourhood, as shown by analyses of spring waters near the town of Tiberias.

3. *Aquatic Oligochaeta of the Lake of Tiberias.*—*By* MAJOR J. STEPHENSON, D.Sc., I.M.S.

The collection obtained by Dr. Annandale from the edge of the Lake of Tiberias includes specimens of a number of species, representing several different families; but the majority are immature and only two can be identified, a *Helodrilus* described as new and *Criodrilus lacuum*, a common European species.

4. *Notes on Fr. C. Gomez Rodeles' article on the Earliest Jesuit Printing in India.*—By REV. HOSTEN, S.J.

After proving that Fr. Henrique Henriquez — and not Fr. João de Faria — was the author of the *Flos Sanctorum*, the author tries to show that the «Malavar» printing of Bro. João Gonçalvez and the Tamil printing of Fr. de Faria — assigned to Vaypicota (1557) and Punicael (1578) respectively — coalesce and resulted in the publication at Cochin in 1579 of Fr. Henriquez's «Malavar Tamul» *Doctrina Christam*. It follows that the *Doctrina Christam* was the first vernacular book printed in India that Punicael had no printing press, and that the press of Vaypicota, if there ever was such a thing, came later. A number of new texts are adduced to show the literary work done by Fr. Henriquez for Tamil (1549-1600), by Frs. Gonçalo Fernandes and Andreu Bucerio for Tamil and Badaga, i. e. Telegu (*ante* 1612), and by Archbishop Dom Francisco Roz and Fr. João Maria Campori for Syriac (1599-1621). The author also traces to the writings of F. Paolino da S. Bartolomeo most of the mistakes made in modern times on this subject of the earliest printing in India. There follow some additions and corrections to Sommervogel-Rivière's *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus* compiled from J. A. Ismael Gracías' valuable researches in *A Imprensa em Goa nos seculos XVI, XVII e XVIII*, Nova Goa, 1880, a work already rare and deserving to be more widely known.

Chronica dos Vice-reis e Governadores da Índia

Portaria

N.º 20 — Sendo altamente patriótico reunir todos os possíveis subsidios para uma história completa da nossa gloriosa acção e do nosso outrora vasto império no Oriente, secundando a iniciativa dos que desejam concorrer com os seus esforços para tão importante empreendimento;

Atendendo a que José Frederico Ferreira Martins, director da Imprensa Nacional, se ofereceu a escrever a «Crónica dos Vice-reis e governadores da Índia», abrindo-a com a descrição das empresas do Infante D. Henrique e das primeiras descobertas e conquistas portuguesas, dando, com a descrição de cada vice-reinado ou governo,

o retrato e fac-simile da assinatura do respectivo vice-rei ou governador, e intercalando fotogravuras das reliquias históricas que no Oriente ainda testemunham o nosso antigo dominio ;

Tendo o ministério das Colónias, ao qual foi submetido o assunto, autorizado, em officio da Direcção Geral das Colónias, de 7 de Dezembro próximo passado, a publicação da referida obra na Imprensa Nacional dêste Estado e a aquisição do material de illustrações que aqui se não possa obter ;

O Governador Geral do Estado da India determina o seguinte :

1.º Que se publique na Imprensa Nacional a mencionada «Crónica dos vice-reis e governadores da India», fazendo-se a tiragem que por êste Governo seja oportunamente fixada ;

2.º Que as despesas com a aquisição de fotogravuras de retratos e monumentos históricos, e outras que forem necessárias corram pela verba da despesa eventual ;

3.º Que o autor procure obter fotografias dos monumentos históricos da India Portuguesa e dos que existirem espalhados em outros pontos, ficando autorizado a solicitar das autoridades e estabelecimentos públicos dêste Estado todas as informações de que precisar.

Cumpra-se.

Residência do Govêrno Geral, em Nova Goa, 18 de Janeiro de 1913.

O GOVERNADOR GERAL,
Francisco Manuel Couceiro da Costa.

(Do *Boletim Oficial* n.º 6/913).

Influencia da Grecia sobre a civilisação a India *

Poesia Epica

Desde que fica certo que as obras primas da literatura grega eram conhecidas e apreciadas por um pequeno numero dos leitores indianos durante os primeiros seculos

* Artigo de mr. L. Froger, M. A., extrahido do *Annuario* do Collegio de S. José, de Bangalore.

depois de Christo, poderemos concluir que os autores do Mahabarata e Ramayana foram inspirados pelos poemas homericos, ou ao menos tomaram a estes os materiaes?

Qualquer que seja a data em que se completou a sua forma, elles teem relação com o estado da sociedade muito anterior ao primeiro contacto com o mundo hellenico. E' verdade que o Ramayana, que narra a invasão dos arianos na India meridional e em Ceylão, apresenta uma curiosa analogia com a guerra de Troya. Um principe junto com os alliados parte da sua terra para recuperar a mulher que lhe foi raptada por um rei estrangeiro. Depois de varias aventuras e trabalhos, nos quaes os deuses tomam parte, o raptor é vencido, e a captiva recuperada.

São apenas superficiaes as semelhanças que alguns encontram entre Nestor e Djambavat, rei dos ursos, entre Ulyses e Hanuman, general dos macacos, entre Agamemnon e Sukgriva; etc. A final quem quer que leia os dois poemas com attenção, não deixará de chegar á conclusão sobre a sua independencia mutua.

O Mahabarata vae ainda mais longe do que o Ramayana, embora a sua parte final seja posterior á composição deste.

E' uma vasta encyclopedia de tradições nacionaes, gradualmente desenvolvidas pelos cantores populares e por fim refundida pelos brahmanes no interesse da sua dominação religiosa e social. Não é portanto de admirar que que se encontrem n'elle numerosas allusões aos Yavanas, e é muito possivel admittir que haja n'elle episodios tirados da literatura grega, sem que se deva inferir d'este facto, que tenha havido alguma influencia dos poemas epicos gregos no desenvolvimento da poesia epica na India.

Ha um ramo de literatura alliada á comedia, que pode ter fornecido modelos aos escriptores hindus; referimos aos romances ou novellas, especialmente aos romances eroticos da escola milesiana, que se encontram nas obras de Banu e Subandhu, escriptores do 7.º seculo, que contêm uma allusão clara ás obras escriptas por um Yavana.

Fabulas

As fabulas, que se contêm no *Panchtantra*, chegaram á Europa durante a idade média. Muito antes disto ellas

tinham sido reproduzidas na Arabia. E' dali que foram eventualmente traduzidas em grego, hebraico, latim e francez. Contos semelhantes estavam em voga entre os povos da antiguidade classica.

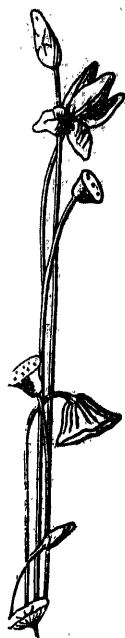
Reconhece-se agora, que não sómente as fabulas, que representam em scena os animaes e attribuem a elles motivos e linguagem humanos, mas ainda as composições jocosas, contos maravilhosos, a parábola, o proverbio, o enigma, todas as formas do pensamento popular nem são exclusivamente indianas, nem exclusivamente gregas; são humanas e encontram-se no meio de todas as nações. Quando vemos uma fabula commum á India e á Grecia, afim de conhecer o paiz da sua origem, ella deve conter allusões aos costumes, detalhes geographicos ou crença religiosa que revelem o berço, como no caso do St.^o Barlam e Joasaph, ou no conto do homem perseguido pelo unicornio, que veio da India á Europa; mas fabulas que contenham semelhante evidencia, são especionaes. A questão fica alem disto mais complicada pelo facto dos arianos da India e da Grecia virem de um tronco commum, e tanto uns como outros estarem, no começo da sua civilização, em contacto com uma cultura superior á sua, a de Mesopotamia, de sorte que muitas dessas tradições e mythos podem ter tido origem commum dali. Por exemplo, porque os gregos fazem nascer da espuma do mar a sua Venus, e os hindus do mar do leite batido a sua Lakshmi, poderemos concluir que este mytho é anterior á dispersão das raças indo-europeias? Todavia sob o ponto de vista da influencia a questão é de pouca importancia, porque aquellas lendas, qualquer que seja a sua origem, teem exercido quasi nenhum poder sobre o desenvolvimento intellectual e moral do povo que as adoptou.

Conclusão

Seria interessante fazer um parallelo entre a actual posição da Inglaterra na India, e a que existia, ha dois mil annos, com relação á Grécia. A differença entre o hindu e o grego dos tempos classicos era muito menor do que entre o hindu do seculo 20.^o e o inglez: porque o hellenico era quasi um oriental, e pelo seu modo de vida, pelos seus costumes e sua religião, estava mais proximo dos seus subditos. Todavia no começo a população grega, co-

mo a sociedade ingleza da presente epoca, deve ter formado uma casta separada, vivendo n. um acampamento fóra dos bazares nativos, em villas collocadas no meio de bellos jardins, construindo palacios e templos que recordassem a elegancia e o desenho de Profilea e de Parthenon, e que eram enriquecidos com as imagens dos deuses immortalisados por Praxiteles e Leochares. Os gregos, acostumados a serem servidos por numerosos escravos, devem ter ficado facilmente familiarisados com a extrema divisão do trabalho e multiplicidade dos serventes tão caracteristicos da India. A comitiva dum Apollodoro ou dum Menandro devia differir muito pouco do sequito dum governador ou alto comissario. Sendo difficeis as relações com a metropole, os filhos raras vezes podiam ser mandados para ser lá edacudos: seriam confiados a *ayas*, e quando chegassem á idade classica, em que eram tirados das mãos femininas, começavam a ser instruidos na leitura e escripta em grego, iniciados em Homero e dramaturgos, e habilitados nos jogos e exercicios adequados á arte da guerra. Uma civilisação desta ordem não podia desaparecer duma vez, mas devia, como temos visto, produzir germes que fructiferam nos tempos posteriores. Aquella influencia da cultura grega que operou como fermento para vitalisar as qualidades naturaes do genio indiano, sem destruir a sua originalidade, era digna de consideração e merece ser archivada.





INDEX ALFABETICO. CHRONOLOGICO E REMISSIVO

(Continuação da pg. 200 do volume antecedente)

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Jurisdicção real o procurador da corôa evite, que ella seja uzurpada pelo arcebispo, e ministros ecclesiasticos	12	abril	1729	96	152
Juros, e interesses de Dinheiro, Assento da Meza do Paço a seu respeito	15	maio	1776	156	202
Justiça proposta sobre o seu melhoramento.	12	abril	1728	96	92
Justiça sobre o seu procedimento.	Vide Devassas.				

L

La

Lançol — trage dos naturaes — requerimento e informação a este respeito			1802 1804	183	125-27
Lavagem de Gentios em Naroa, requer a inquisição a sua abolição, mas o conselho do Estado amanda continuar, e da Parte a Sua Magestade.....	27	janeiro	1654	23	506
Lavagem dos gentios queixa dos inquisidores, e resposta do Governo.....	21	março	1654	24	144 e 145
Lavagem dos Gentios, advertencia aos inquisidores para atolerarem. Lavagem dos Gentios em Naroa se suspenda, e havendo inconveniente nisto se de Parte.....	11	março	1727	94	288 86
Lavagem dos Gentios continue-se, mas procuram-se os meios de não assistirem á ella os Portuguezes, e mais Christaons	23	outubro	1728	96	66
Lascars de Dio, e Damão sejam empregados nas equipagens dos Navios.....	15	abril	1777	158	887

Le

Legião de Bardez sua Creação....	26	janeiro	1786	167	7
----------------------------------	----	---------	------	-----	---

Le

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Legião de Pondá sua Creação.....	28	abril	1773	153	122
Legião de Pondá seus Soldos como os de Infantaria.....	10	março	1781	162	1269
Legião de Pondá representação sobre o commando, e estado deste corpo.....	30	dezembro	1812	192	446
Legião de Bardez sua Creação só com Capitaens, e Alferes nas companhias.....	25	abril	1786	168	538
Legioens reduzidas a 16 Companhias cada huma.....	26	janeiro	1786	167	7
Legioens não tenham Capitaens as Companhias graduadas, nem se dividam os seus corpos em muitos Destacamentos.....	26	março	1788	170	223
Legião seu Plano.....	1.º	março	1789	170	230
Legioens aprova-se o Plano, para serem augmentadas.....	9	maio	1790	172	180
Legislação para se Governar o Estado da India.....	Vide India.				
Leys que fez o Conde de Alvor se guardem.....	24	março	1688	53	143
Leys, Ordens & se mandam remeter para a Côrte tanto de Goa, como de Diu, Damão, e Macao, em execução da Carta de Ley de 15 de Janeiro de 1774.....	10	fevereiro	1774	152	68
Leys Politicas, civis, e criminaes, para se governar o Estado da India.....	Vide India.				
Leys e ordens antigas, porque se governava a India abollidas....	Vide Relação de Goa.				
Leys e ordens antigas, porque se governava a India, tornadas a chamar a sua execução.....	Vide Relação de Goa.				
Leys, alvarás, e decretos impressos que se remetem, para serem observados na India.....	24	janeiro	1803	183	470
	8	fevereiro	1804	184	680
Leys collecção que se remete das impressas no Brazil	18	maio	1809	189	141
	20	junho	1810	190	647
					648
Leys militares.....	Vide livros de revisto.				

Li

Liberdade sobre avaliação a seu respeito	16	janeiro	1759	134	13
--	----	---------	------	-----	----

Li

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Licença sem a ter do vice-Rey, ou governador não se pode sahir da India.....	7	março	1584	1	1
Licença para o reino a soldados, não se dêem sem ao menos servirem seis annos effectivos.....	31	março	1732	100	496
Licenças para o reino não se dêem sem ao menos terem os individuos servido seis annos	25	março	1750	123	669
Licenças para o reino aos officiaes, e soldados não se podem conceder na India, e havendo necessidade se dê conta.....	13	abril	1766	139	313
Licenças para o reino se dêem com muita difficuldade, e em que termos.	22	março	1768	143	257
Licenças sobre a sua concessão deva haver a maior circumspecção, e não se concederem facilmente.	17	março	1802	183	428
Licenças aos officiaes para a côrte, seja de qualquer graduação que for, não se concedam sem aviso da secretaria d'Estado, a excepção de caso urgente, e se observem as ordens antecedentes a este respeito.....	10	julho	1809	190	13
Licenças.....	Vide officiaes militares.				
Licenças aos religiosos para o reino não se concedam, sem a apresentarem dos seus prelados no reino, e por justificados motivos.	23	junho	1802	183	131
Licenças manda se licenciar uma terça parte da força dos regimentos, e legioens do Estado, não entrando nas licenças os soldados europeus, e que se dê parte pela secretaria d'Estado da utilidade que resultou á Fazenda Real desta economia.....	30	maio	1810	190	156
Explicação das causas porque se expediu esta ordem.....	3	maio	1811	192	596 l.ª P.
Resultado e interesse sobre a execução desta ordem	14	dezembro	1811	191	598 l.ª P.
	10	junho	1812	192	225
	13	dezembro	1812	192	226
Lifão se edifique lá uma igreja....	19	janeiro	1718	83	137
Lifão dê se lhe soccorro	29	abril	1762	135	388
Lingoa do Estado continue-se lhe o mesmo ordenado concedido em 30 de abril de 1790.	23	fevereiro	1793	174	263

Li

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Lingoa e porteiro da Secretaria do Estado aumenta-se lhe o ordenado.....	31	maio	1810	190	235
Linhas dos gentios	Vide gentios.				
Linho canhamo instrucçoens, para a sua cultura, a qual será promovida de baixo da inspecção do inspector da agricultura.....	22	março	1782	163	553
Linho canhamo recomendações sobre a sua cultura.	12	março	1784	165	1226

Ma

Macao não haja na sua povoação Capitão, e se governe pelos capitães da viagem da China e Japão e manda-se para elle por ouvidor o Licenciado Alexandre Ribeiro.....	10	janeiro	1587	3	195 v.
Macao, regimento para esta cidade.	14	dezembro	1632	19	1082
Macao os generaes não sayão de lá sem satisfazerem as dividas, ou deixarem effeitos, ou fianças	25	fevereiro	1686	51	17
Macao, a quem pertence o provimento dos beneficios da sua Sé..	4	abril	1707	71	3
Macaõ, nomea-se um feytor para cobrar direitos para a infantaria, e os motivos porque.....	12	março	1712	78	31
Macao concedeu-se a viagem de Goa aos moradores de Macao pela terem pedido para ficarem ressarsidos das perdas, que tiverão.	28	dezembro	1715	81	129
Macao, pague com preferencia a congrua ao Bispo.....	11	março	1717	83	39
Macao, e Timor se dê conta todos os annos do seu estado, e se dá d' este anno.....	5	outubro	1725	93	305
Macao, não se transportem de lá raparigas para Goa	12	abril	1726	93	841
Macao, pertence o seu senado escuzar-se de pagar a congrua do bispo de Nankim.	17	janeiro	1727	94	139
Macao observe-se a provisão sobre o seu senado cobrar executivamente as suas dividas.....	27	março	1730	97	59
Macao só pague direitos n'Alfandega de Goa as fazendas que se descarregarem estando em franquia &.	24	março	1730	97	3

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Macao, sobre utilidade, ou não do exame que o Vice-rei de cantão mandara proceder pelo procurador do senado nos navios, sobre o commercio dos estrangeiros em Macao, e introdução dos propagandistas.....	21	março	1734	103	122
Macao não precisa ter ouvidor, e sobre varios objectos de Macao, e China	25	janeiro	1735	103	547
Macao, a sua ouvidoria extincta...	20	abril	1740	111	51
Macao, união do seu procurador, e Thesoureiro do senado.....	12	março	1748	121	84
Macao, não se impressa o uzo dos sacramentos as servas.....	1.º	abril	1757	130	567
Macao carta regia, que louva o senado por occasião da resistencia as pertençoens dos jesuitas.....	19	abril	1770	146	294
Macao o seu commercio e reflexoens sobre elle	20	fevereiro	1772	149	104
Macao, quaes os procedimentos incompetentes do seu governador Diogo Fernandes de Salema, e Saldanha	14	março	1776	156	281
Macao, assistencia dos estrangeiros n'aquella cidade é muito prejudicial.....	29	abril	1777	157	271
Macao, contenda do bispo daquella cidade, e o de Lankim sobre a nomeação do vigario, e governador do Bispado de Pekim.....	30	abril	1777	157	277
Macao, devassa, e culpa do seu governador Diogo Fernandes Salema	4	maio	1778	158	95
Macao sobre o inconveniente de ahí haver estrangeiros, se pela resolução a corte.....	4	maio	1778	158	107
Macao, relação que faz o desembargador Procurador da Corôa sobre os motivos do abatimento d'aquella collonia.....	1.º	janeiro	1778	158	124
Macao estado da desordem d'arrecadação das suas rendas, e que remedios se derão... ..	11	abril	1781	161	880
Macao providencias dadas, para se reparar o abandono do seu porto, cidade, governo, e alfandiga, e muitas memorias á este respeito, e sobre os privilegios perdidos, e ainda conservados em Macao....	4	abril	1783	164	939
	4	fevereiro	1752	125	93

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Macao,ahi se estabeleceo em rendas, e Estatuto e collegio de S. José.....	16 março		1785	165	1205
	13 fevereiro		1800	180	115
Macao, executadas as providencias dadas para o seu estabelecimento.	13 março		1785	165	6714
Macao, os seus governadores não pode negociar directa ou indirectamente, pena de inhabilidade. A sua Tropa seja de filhos de Macao, tres companhias reclusadas pelo governador, e com officiaes europeus escolhidos de Goa. Negocias com os chinas sejam decididos no senado com a assistencia do governador que deve hir, sendo avisado, sendo grave deve assistir o bispo, e os homens bons da cidade, dicidindo se a pluralidade de votos, não havendo inconveniente na mora de se parte ao governo de Goa : os de fazenda se terminem em junta a que prezida o governador, o senado de contas, mas com as moderações apontadas. Missões se approva o que fez o Arcebispo Primaz a esse respeito. Alfandega o que disse no seu parecer o desembargador João Diogo, ouvidor se erie um fogado. Estrangeiros sobre serem lançados, por ora não se toque neste ponto. Remeta a Goa mil patacas	21 fevereiro		1785	166	292
Macao regimento da sua alfandega.	9 março		1784	164	1189
Macao, relação do que se praticou sobre o seu estabelecimento.	19 março		1786	167	212
Macao, propoem se para a côrte varias questões do senado com o governador e ouvidor.....	29 dezembro		1788	170	634
Macao, não se exijão mais remessas de dinheiro do seu senado para Goa	2 abril		1788	170	709
Macao, companhia do comercio reflexoens a seu respeito.....	18 março		1789	171	382
Macao, qnestões do governador com o vigario geral.	16 março		1790	171	455
Macao, a sua companhia e comercio.	28 março		1791	173	248
Macao, a sua companhia em Goa pede divisã dos fundos, por causa da guerra, e se lhe concede...	12 janeiro		1794	175	106

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Macao, reprova a côrte ter se entregado aos mandarinis um marinho de manilla, por ter morto hum china.....	16	agosto	1798	176	355
Macao, queixa do senado, relativa a nomeação de officiaes, abertura das pautas, e informação.....	16	março	1798	178	26
Macao nota de varios factos ali succedidos de que se manda para a côrte huma devasa.....	28	abril	1798	178	45
Macao, informe-se sobre o meio de se fazer privativo de Macao e commercio do Anfião.....	14	abril	1798	178	68
Macao, fação se as obras necessarias na Sé, Palacio Episcopal, e seminario.....	26	abril	1799	179	607
Macao decisão do confictio entre o bispo e ouvidor, e se recomenda ao ouvidor, e se recomenda ao ouvidor zeze a jurisdicção real...	17	março	1800	180	604
Macao o destacamento da sua tropa se reduza ao estado em que se achava em 1784.....	4	maio	1804	184	396
Macao revogada a providencia dada pelo governo em 1799, sobre o porto, mandando-se pôr em execução a que deu o governador Francisco da Cunha e Menezes em 25 de abril de 1792.....	11	fevereiro	1804	184	682
Macao remeta a Goa 30 mil Faes, aprovada esta deliberação.....	10	fevereiro	1785	166	315
Macao, sobre a má administração dos fundos da sua Misericórdia se dão positivas providencias: As elleições prezidem ouvidor, fazendo observar o compromisso sendo este seu juiz privativo, assista a distribuição dos fundos, e faça separar todos da massa geral &...	1.º	abril	1805	185	38
Macao os seus moradores contribuirão voluntariamente para a consignação pedida pela côrte.....	24	março	1806	185	55
Macao pede novas providencias por causa dos piratas.....	23	março	1806	185	58
Macao resolução de varias providencias, propostas pelo seu ouvidor.....	20	maio	1805	186	32
Macao representação sobre os piratas, e que providencias se derão.	2	maio	1805	184	10

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Macao remettam-se para lá em soccorro 150, a 200 europeus, e a fragata princeza vá cruzar aquelles mares, para destruir os piratas.	13	março	1807	187	460
Macao os seus navios podem commerciar directamente para Moçambique, observe se inviolavelmente a pauta dos navios de viagem de Macao para Goa, e Timor.	22	janeiro	1807	187	521
Macao sobre a entrada da tropa ingleza em Macao; sua sahida, insultos que soffrerão, crimes dos mandarins, perigo de Macao, &: la outra vez tinham entrado, mas este governo o não paricipou á côrte.	2	maio	1809	188	1
Macao, conceito da côrte sobre os objectos do officio supra.	31	maio	1810	190	168
Macao, victoria da nossa esquadra contra os piratas.	15	novembro	1810	190	1
Macao satisfação a S. A. R. sobre instincção dos piratas de que o vicerei conde de Sarzedas tem grande varte por no tempo do seu vice-reinado q' as armas portuguezas na India comessarão a ganhar reputação esquecida.	27	fevereiro	1811	191	479
Macao, criação do batalhão do principe regente, para a guarnição d'aquella cidade; seu plano, recrutamento, &	13	maio	1810	190	88
Resposta.	30	abril	1811	191	404
Macao todos os annos se mande alguma tropa para residir a que ali está.	7	junho	1812	192	190
Macao sobre a extincção dos piratas; passos dados por aquella governança, e quaes deverião dar beneficio d'aquella collonia & ...	13	maio	1811	191	169 1.ºP.
Macao representação á côrte a respeito deste estabelecimento	27	fevereiro	1812	191	1352 2.ºP.
Macao sobre a prisão do seu ouvidor.					Vide ouvidor de Macao.
Macao.					Vide China.
Macao.					Vide governadores de Macao.
Macao seu ouvidor.					Vide ouvidor.
Macao.					Vide propaganda
Macao sobre recursos ecclesiasticos.					Vide recursos.
Macao.					Vide secretaria.
Macao.					Vide senado de Macao.

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Madagascar, averigue-se se os filis- busteiros de Madagascar se que- rem sujeitar a Portugal.....	15 abril		1727	94	720
Madrefaval, repreendido o vice- rei por consentir fizesse o Sindé ali huma fortaleza, e que busque meio de a obviar.....	30 janeiro		1732	101	525
» sobre concluir a de- pendencia de se acabar a fortale- za.....	20 abril		1736	105	267
Maduré.....	Vide Constituição.				
Magistrades que forem prezos, ou suspensos por governadores ul- tramarinos sem ordem da côrte, respondam estes por sua fazenda pelos damnos, e perdas que lhes cauzarem, e os magistrados que não lhes obedecerem em cousas do serviço, serão destituídos dos logares, e sujeitos á graves pen- nas ao real arbitrio.....	14 março		1798	178	673
Magistrados.....	Vide Ministros.				
Mahem, direitos a ella que tem o Estado.....	27 fevereiro		1772	140	327
Maissur.....	Vide Constituição.				
Malaca para shi se manda uma ar- mada com hum vice-rei, e mais cousas precisas.....	14 março		1601	1	99
» vá lá huma nau em direitu- ra.....	10 fevereiro		1598	2	400
» arbitre-se a congrua para hum vigario geral... ..	25 março		1712	78	92
» sobre como se perdeu o seu bispo.....	Vide bispo de Malaca.				
Mamposteiros-mores o seu regimen- to... ..	Vide Regimento.				
Manará rende em 1688-4896:1:48, e despende 5900:2:00.....	24 janeiro		1688	52	336 e seg.
Mandarins modo de tratar com elles.....	12 maio		1783	165	789
Mangas remetão-se Rio de Janeiro arvores de mangas para se enxer- tarem.....	6 março		1811	191	539 1.º P.
Mangalôr rende em 1688-4688:4:00, e despende 1831:0:20	24 janeiro		1688	52	336 e seg.
» sobre o seu feitor, comer- cio, e despeza	23 fevereiro		1782	163	133

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Mangalôr reflexoens sobre a res- tauração da nova feytoria, e será melhor abandonar por ora esta negociação.....	7	fevereiro	1785	166	188
» reconcilie-se com os in- glezes aquella feitoria	14	março	1798	174	325
» porfia dos inglezes a seu respeito		Vide Inglezes.			
»		Vide Inglezes.			
Mangueira arvore sua descripção..	18	dezembro	1800	181	79 e seg.
Manilha reconhece legitimo governo espanhol de Fernando 7.º.....	19	dezembro	1809	189	317
Manoel de Sousa Coutinho governa- dor que foi da India, se manda devassar d'elle	27	março	1591	2	96
Maratas estão em amizade com o Estado	27	março	1798	177	310
»		Vide Instrucções.			
» paz com os inglezes.		Vide Inglezes.			
»		Vide Inglezes.			
» guerra com Tipú Sultão...		Vide Tipú Sultão.			
» paz com Tipú.....		Vide Tipú.			
Marfim, póde o esmolér da provincia dos franciscanos extrahir dois bares, e remetelos a Goa no bar- co que lhe parecer.....	8	janeiro	1723	89	280
» pode tirar de Sena os Fran- ciscanos quatro bares	3	janeiro	1726	98	511
» como pôdem os frades da Madre de Deos conduzir os bares concedidos para Goa.....	10	março	1727	94	284
» se póde navegar de Moçam- bique para o Estado da India...	6	fevereiro	1784	103	7
Margão creada vila.....	1	janeiro	1780	159	984
Marinha providencias sobre o nu- mero dos seus officaes das embar- cações pequenas, soldos, meza, etc.....	30	março	1761	134	318
» estatutos para a sua aula..	6	maio	1776	156	188
» de Goa, lista dos seus offi- ciaes promovidos á vista da ins- trucção 2.ª § 27 até 32.....	21	abril	1777	157	573
» de Goa seu pessimo estado, e a precizão que tem de hum comandante com patente de che- fe de divizão, representação do governo da India a este respeito.	14	março	1798	177	249
» de Goa, remete-se uma lis- ta de todos os officaes, com as datas das suas patentes, suas confirmaçoens, e seus prestimos.	22	abril	1806	186	121

Ma

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Marinha, e Arsenal de Goa se observem a seu respeito as leys, e ordens dadas para a de Lisboa...	1	março	1799	179	13
» remetem-se para Goa todas as ordens, e leys militares expedidas pelo conselho do Almirantado, relativas a tudo quanto diz respeito á marinha...	30	abril	1799	179	644
» de Goa fica sujeita ao conselho ultramarino, e nas informações se declarem sempre as antiguidades das ultimas patentes.	7	maio	1805	185	204
» de Goa fica sujeita á Secretaria d'Estado dos Negocios da marinha, e Dominios Ultramarinos no Brazil.....	18	maio	1809	189	141
» não he conveniente ao Real Serviço a passagem dos Officiaes da marinha para Exercito.....	19	maio	1810	190	110
» de Goa sobre as suas promoções.....	31	maio	1810	190	986
»					Vide Conselho de guerra.
»					Vide General dos Galioens.
»					Vide Intendente da marinha.
Marinheiros, não se lhes dê praça para o reino, sem terem tres annos de serviço na India. Não aprovada esta ordem.....	18	março	1717	83	17
» sobre o seu regresso se observem as ordens que ha...	26	março	1757	103	170
» sobre o seu transporte se observe o Regimento formado pelo Vedor da Fazenda.....	24	março	1761	134	9
Marquez de Alorna criação d'este marquezado pela tomada desta Praça.....	25	março	1748	121	454

Me

Menor idade, conservado o menor em Alferes por motivos particulares, sempre já mais para servir d'exemplo.....	19	março	1781	162	1194
Mercadores as suas questões sobre anos & sejam decididas por hum Dezembargador pela verdade sabida, que se dê appellação no effeito devolutivo, e executem-se as suas sentenças com fiança....	12	abril	1729	96	137

Me

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Mercadorias não se possam carregar, senão nas fragatas, e embarcações de guerra	18	janeiro	1774	153	364
Mercenarios de officios na India a respeito das suas renunciias não se entende a ordem L.º 1.º n.º 96.	30	março	1757	180	172
Mercês de dinheiro coartadas.....	16	fevereiro	1591	2	72
Mercês sejam registadas na Fazenda Real todas as que fizerem os V. Reys, ou Governadores, e se responde, que sendo o Secretario do Estado tambem das Mercês n'ella se pratica o necesssario.....	5	março	1732	100	514
Mercês pode o V. Rey fazer aos Officiaes, e mulheres dos falecidas na guerra como, e quaes....	21	março	1745	118	70
» que se davão por successões e testamentos, abolida esta pratica abusiva: determina-se o modo de as prover interinamente, e que os providos na maneira antiga representem pela Secretaria d'Estado dos negocios do reino para a sua remuneração.	30	março	1773	152	62
» regimento do despacho das Mercês	9	janeiro	1671	134	97 e seg
Mesa do Paço quem assiste a ella, e o V. Rey obrigado a assignar as suas Provisões, Alvarás, &, ainda que elle não assista.....	16	fevereiro	1717	83	81
» a ella assistão es ministros que o regimento determina	15	dezembro	1717	84	256
Mesa do despacho ou paço, todos os negocios que n'ella se tratão, são para se decidirem e não para se consultarem, nem os V. Reys já mais a consultem.....	15	dezembro	1717	84	256
Mesa do Paço observe-se o Regimento em que ha forma de despachar os negocios que na corte se despachos na mesa do Desembargo do Paço, não se extenda a mais negocios do que ao mesmo regimento se expressa, devendo precizamente o V. Rey assignar os despachos, ainda que seja do voto contrario, e não pode passar ordens, para se não observarem aquellas, depois de passarem pela chancellaria.....	12	abril	1736	105	3

Me

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Mesa do paço as suas provizoens, e respostas aos ministros como se obrão, e assignão.....					vide Provizoens.
»					vide Chancellor.
Mesa da consciencia, e ordens, quaes negocios da India lhe pertencem, e são queixas dos parochos, provimentos das igrejas, reedificação, e creação das mesmas, augmento das congruas dos providos, e negocios espirituaes	13 março		1752	125	492
Mesa a bordo dos navios.....					vide Capitaens de mar e guerra.
Mestrado da ordem de Christo, carta regia a respeito das suas igrejas	15 fevereiro		1714	99	212
Mestre de campo do terço, como se deve propôr para a côrte este posto: reprehendido o V. Rey, por ter obrado de outra maneira provendo-o elle, e ameaçado de se lhe tirar a jurisdição de propor, se continuar outra vez.....	18 janeiro		1717	84	100
»					de Goa
não he do provimento do Governo, e caçada a patente que se passou a hum.....	18 março		1745	118	76
Mestre de campo, sobre a sua nomeação	28 abril		1774	153	174 e 180
Mestres d'escolas publicas abolidos.	24 março		1798	177	547
Mestres d'escolas menores pede se informação da côrte, sobre seus ordenes, &	1 março		1799	179	13
»					determinação sobre o seu numero, propostas, provimento, ordenados, jubilaçoens, augmento do subsidio literario, serão nomeados de comum accordo do arcebispo, e governador, e não se combinando representarão a S. A. Real
Seja nomeado annoalmente hum visitador e se remettão contax exactas.....	19 agosto		1799	180	162
»	3 setembro		1799	180	164
»					approva-se a providencia tomada a seu respeito
Mestres de filosofia racional, e moral q' pede a Camara da provincia de Bardes, se pede informação a este respeito.....	17 abril		1801	181	541
E se dá.....	7 junho		1811	191	1052

Me

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Mestres de escolas conta extensa dada para a cõrte.....	14	janeiro	1815	193	
E resposta da cõrte sobre o mes.º objecto.....	26	janeiro	1816	194	820

Mi

Milicias sua nova organisaação, de-nominação, e mais providencias .	24 março	1797	177	687
	7 agosto	1796	177	689
	22 fevereiro	1797	177	691
	Vide Camara geral.			
Milicia e execução	29 abril	1799	179	615
Milicias, que soldos os seus officiaes vencem e que ordem lhos confere. » o seu regimento de Bardes posto em pé, e o primeiro que houve na India.....	29 dezembro	1810	190	969
Militares, estado militar da tropa, e fortalezas em 1702	14 janeiro	1702	65	343
Militar estado sua força no anno de 1708.....	15 janeiro	1708	71	355
Militar força, alteraçoes a seu respeito, recomendadas pela cõrte, diminuir hum regimento, crear a legião de Bardes, e o que se praticou	25 abril	1784	165	1242
» do Estado se conserve unida, aprovando-se não ter mandado a que se pedio de Mossambique.....	25 fevereiro	1793	176	568
»	Vide India Estado.			
Militares suas causas como devem ser sentenciadas.....	21 janeiro	1697	61	100
» os seus crimes não sejam sentenciados pelo V. Rey, mestre de campo, e Auditor, mas sim como d'antes	28 março	1721	87	28
» os seus crimes sejam sentenciados na conformidade da ordem expedida ao V. Rey Conde de Villa Verde, isto he o auditor de guerra em Relação.....	12 outubro	1728	96	56

Mi

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Militares suas causas civis, e crimes como devem ser decididas na Relação pelo seu auditor, o qual dá apelação, e agravo nas civeis.	1 janeiro		1781	161	27
» seus crimes como sentenciados	Vide Conselho de Guerra.				
» o seu foro se perde em cazo de contrabando	Vide Contrabandos.				
» sobre furtos, que commetterem á Real Fazenda	Vide Furtos feitos por militares.				
» ao seu escrivão privativo em Lisboa sejam remetidas as causas que lhe pertencerem	14 abril		1801	183	490
» resem nos quartéis	7 julho		1778	159	585
» Padrão do laço que devem uzar	26 fevereiro		1796	177	153
» não se altere o Padrão do laço determinado	17 março		1803	184	355
»	Vide Officiaes.				
» suas promoçoens	Vide Promoçoens.				
»	Vide Tropas.				
Ministros não visitem os capitães	25 março		1596	2	343
» que serviram mal, sejam sequestrados, e remetidos para corte presos, acha-se por copia .	9 março		1602	7	197
E a original				8	174
Ministros não se podem impedir de dar contas a S. Magestade sobre cousas do serviço	30 março		1665	32	49
Ministro, sendo moroso, pod: ser removido, e nomear-se outro em seu lugar, segundo o que dispõem a ordem o que se recomenda ao vice-rei, no cazo, de que aqui se trata	10 março		1705	69	590
Ministros da Relação não se intro- metam nas da almoçaçãa	21 janeiro		1713	79	80
Ministros da justiça, e fazenda não podem ser devassados, e huma que se tirou julgou nulla S. magestade	11 abril		1723	89	224
» não levem salarios das devassas, e diligencias dentro da cidade, e fora della levem o tazedo por dias	10 fevereiro		1718	84	274
Ministros que forem a India não possam casar, e debaixo de que penas	27 março		1735	103	174
	15 abril		1736	105	237

Mi

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Ministros, que vem servir, não succedam nos logares que ocozam os mais antigos a que rendem. .	15	abril	1736	105	245
Ministros das conquistas não podem tirar certidões dos seus procedimentos, durante o tempo das suas judicaturas, nem a ellas se attenda no livramento das culpas que da sua residencia resultarem.	10	abril	1788	108	1
Ministro que servir de chanceller por impedimento ou falecimento do proprietario, se juntamente for procurador da coroa e fazenda, não deve para as causas da coroa e fazenda nomear juizes, mas o deve fazer o desembargador que se seguir na antiguidade	28	março	1746	116	111
Ministros e bachareis remeta-se informação anual a seu respeito á secretaria do estado dos negocios da marinha, e dominios ultramarinos, e do reino.	1 dezembro		1803	184	64
	10 junho		1809	189	397
Ministros.					
					Vide Magistrados.
					Vide Desembargadores.
					Vide Novos direitos.
					Vide Relação de Goa votos se precisa.
					Vide Moçambique.
Missanga.					
Missionarios apostolicos debaixo de que condições pedem passar á India, e nunca os missionarios portuguezes se lhes sujeitem. . .	24	março	1696	60	11
Missionarios se paguem congruas aos de Timor.	11	março	1717	83	51
Missionarios de Timor observem-se a seu respeito as leys, e ordens do seu provincial. Os que parochiam, podem administrar as fazendas das igrejas, mas não como rendeiros.	5	março	1720	86	285
Missionarios para Timor, providencias para as suas passagens. . . .	17	março	1750	128	667
Missionarios providencias para a sua escolha.	1.º	abril	1717	83	240
para Timor serão nomeados pelo concelho de congregação dos dominicos, e aprovados pela junta da missões	2	abril	1720	85	196

Mi

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Missionarios francezes expulsos da China, sejam conservados em Macao.....	15	abril	1736	105	46
» da Divina Providencia paguem-se-lhe congruas pela Fazenda Real	18	abril	1756	129	668
» de Moçambique, que vão a custa de real Fazenda, dando fiança, para em Goa se receber da de Moçambique.....	21 março 19 abril		1770	146	278
» destinados da missão de S. Vicente de Paulo, varios que se remetem, e o como devem ser tratados	21 março 2 julho		1779 1781	159 163	443 68
» italianos, visto terem assignado em Lisboa termo por escripto, deixem seguir o seu destino.....	8	março	1782	163	659
» assassinado pelo Bispo de Cochim.....	Vide Bispo de Cochim Fr. José da Soledade.				
» sobre serem soccorridos.....	9	março	1799	179	319
» todos os que o arcebispo primaz nomear, se-lhes dem as possiveis facilidade de transporte.	23	maio	1810	190	126
Missoens providencias a seu respeito	7	abril	1726	93	330
» todas as resoluções tomadas na sua Junta se notem, para se remeterem todos os annos ao Conselho Ultramarino.....	2 julho		1724	92	7
Missão de Cambaia instituida.....	Vide Cambaia.				
» de Ceylão.....	Vide Ceylão.				
Missões, mandando erigir uma Junta para dar pronta providencia aos missionarios na conformidaade do papel que cita.....	7 março 18 março 9 março 27 março 2 junho		1631 1708 1723 1708 1724	46 72 89 72 92	11 315 136 307 7
» da India pareceres a seu respeito.....	11 janeiro 2 abril 14 abril		1733 1720 1739	101 86 109	1010 196 230
» varias providencias a seu respeito	21 abril 24 abril		1738 1738	108 108	4 46

Mi

	Dia	Mez	Anno	N.º	Folhas
Misericordia pode por mais tres annos gozar os bens dos falecidos nas partes da India.....	18	março	1745	118	78
» se lhe tomem contas dos bens dos defuntos, e ausentes do Estado.....	11	abril	1752	125	490
» revogada a doação, para possuir por seis annos os bens dos intestados.....	22	abril	1752	126	1
» providencias sobre as heranças, sna arrecadação, e remessa, e sobre se lhe tomarem irremissivelmente contas, e de cuja execução se encarrega o vice-rei, e o chanceller.....	20	abril	1752	126	657
» não dá conta na provedoria-mor dos testamentos de que tiver sido executora, testamentaria, ou legataria.....	21	janeiro	1804	184	421
» de Goa remete-se uma representação sobre o desarranjo daquella administração.....	19	fevereiro	1812	191	1344 2.ª p.
» de Goa.....	Vide Macao, sobre a sua administração.				
» de Moçambique não tem obrigação de por no alto das cartas á de Goa o nome do procurador, e irmãos, e deve remeter á de Goa o producto das heranças dos defuntos e auzentes.....	12	março	1781	162	2163
Místicos o mal que servem, e o modo de emendar este inconveniente	3	janeiro	1728	94	833

Mo

Mogol, noticias politicas.....	22	janeiro	1728	94	650
» , mande se lhe hum embai-xador, para que o não malquistem connosco; não foi por ser grande a despeza.....	12	março	1781	99	43 e 45
» dividido o seu imperio.....	30	abril	1728	95	569
» procure-se cultivar a sua amisade, e evitar a fortaleza que os holandezes edificam no Carnate.	11	março	1733	102	31
» seu estado debaixo da protecção ingleza.....	20	março	1805	184	79

»

Vide Dona Juliana Dias.

O ORIENTE PORTUGUEZ

10.º ANNO. 1913

N.ºs 3 e 4

— Março e Abril —



A MUSICA PORTUGUEZA NO ORIENTE (*)

Um dos quadros mais bellos e mais interessantes que a nossa historia teria a realisar, seria o estudo da influencia mutua, que, por intermedio dos portuguezes, exerceram a civilisação occidental e a civilisação oriental. A parte politica e religiosa e a parte mercantil pode-se dizer que estão esboçadas, mas a parte artistica e a parte ethnographica estão ainda á es-
pera de quem lhes ligue um pouquinho da sua ca-

(*) Offerecido ao *Oriente Portuguez* pela ex.^{ma} senhora D. Sophia de Souza Viterbo, idolatrada filha e dedicada companheira de trabalho do benemerito escriptor Souza Viterbo. Aceite s. ex.^a os nossos agradecimentos por tão valiosa offerta que vae enriquecer as paginas da nossa revista, onde o saudoso poligrapho deixou em vida alguns monumentos do seu vasto saber (L. G.).

rinhosa atenção. Levantámos numerosos edificios nas mais variadas regiões, estabelecemos escolas, introduzimos algumas artes e culturas, vulgarisámos a nossa lingua, intercalámos os nossos costumes, e em compensação aprendemos muito com o que vimos e muita coisa de certo, sem o querer, assimilámos. Os numerosos escravos que vinham do Oriente, deviam naturalmente deixar o seu rasto no nosso meio social d'aquella epoca, tão energico, tão caracteristico, mas tão mesclado ao mesmo tempo. Alguns sabios estrangeiros, como J. C. Robinson, imaginaram encontrar vestigios da architectura indiana em alguns dos nossos mais notaveis edificios do seculo xvi.

Os jesuitas foram dos principaes elementos vulgarisadores da civilisação europêa, e nos seus collegios da China e do Japão tinham elles verdadeiras escolas industriaes e artisticas, onde ensinavam a gravura, a arte de imprimir e a musica. Como prova do que estamos dizendo, eis um trecho que vem na ultima parte do 2.º volume da *Selecta jesuitica*. «Apocope epistolae missae ex Bungensi Iaponiorum orbe ad Societatem Jesu: Ego in hac urbe, fratres mihi carissimi, operam mano (?) curâdis egrotis, qui in Hospitali domo sunt, & simul pueros quindecim partim Japonis, partim etiam sinas, qui apud nos educantur, literas & musicen doceo, quo maior ore caerimonia cultuque sacra in posterum peraguntur: quam rem ad conversionem barbarorum non mediocriter profuturam esse confidimus »

Antes, porém, dos jesuitas, já os portuguezes tinham desempenhado gloriosamente o papel de porta-estandartes do progresso. Basta citar, para plena confirmação, o presente que D. Manoel enviou ao imperador da Abyssinia.

Foi na Abyssina exactamente que o predomínio da civilisação portugueza se exerceu com mais inten-

sidade e onde a musica religiosa attingiu um grande desenvolvimento. Façamos uma pequena excavação historica e com a citação de alguns trechos ficará demonstrada exuberantemente a nossa proposição. Poderíamos recorrer a muitas obras, mas basta-nos por agora a *Relaçam geral do estado da christandade da Etniopia*, do padre Manuel da Veiga, impressa em Lisboa em 1628. Descrevendo a entrada naquelle paiz de quatro jesuitas que sahiram de Goa em 1623, diz elle :

«Fomos recebidos com solemnidade de repiques e com *Benedictus Dominus Deus Israel*, de canto de orgão, que nos pareceu tão bem cantado como se estiveramos em Goa, fructo do incansavel trabalho do padre Luiz Carneira, que ensinou alguns moços naturaes da terra, de sorte que em poucos mezes de lição que lhes tem dado de musica, podem já fazer por si uma boa capella.»

Este padre Luiz Carneira era incansavel nos seus deveres profissionaes, principalmente no ensino da musica. Tratando da residencia jesuitica de Gorgorá em Dambíá, diz d'elle o padre Manoel da Veiga :

«Dá-lhe Deus forças e saude para todas estas occupaões e paciencia e arte para metter na cabeça aos ethiopes a nossa musica, por serem naturalmente preguiçosos e pouco applicados a semelhantes cousas; comtudo o trabalho do Padre venceu sem descanso de sorte que em seis mezes formou uma capella de baixos, tenores e tiples, cousa que egualmente espanta, assim a de casa, como de fora.»

Quando, o patriarcha Affonso Mendes entrou em Gorgorá, o padre Luis Carneira sahio-lhe ao encontro com os meninos do seminario, vestidos em suas opas pretas, levantando o *Benedictus* em canto de orgão.

Quando o mesmo patriarcha partiu de Diu, ao passarem as portas do estreito, houve uma cerimo-

nia, que bem demonstra não só o fervor religioso da época, mas quanto se cultivava a musica, mesmo em viagem.

«Puzemos — resa uma carta do mesmo patriarcha — uma imagem de Virgem Nossa Senhora no pharol, cantando-lhe com toda solemnidade suas ladainhas, como se faz aos sabbados, com harpas, violas, rabecas, e se houvera logar na galera, não faltariam tambem orgãos para acompanhar os mais instrumentos».

Influencia igual á que os jesuitas exerciam na Abyssinia tinham os frades de Santo Agostinho na Persia. Vejamos como fr. Antonio de Gouveia, na sua *Relação das guerras e victorias do Xá-Abbas*, nos descreve a festa do Natal, celebrada pelos frades portuguezes e a que assistiu o monarca persiano :

«Sentado n'uma cadeira que lhe tinhamos preparado; fez sentar a todos os seus nas alcatifas, começando os padres a cantar umas completas, ajudados de alguns portuguezes, e dos meninos armenios, que já estavam instruidos, as quaes se cantaram em canto d'orgão, cantando-se alguns versos a harpa e outros instrumentos, de que os padres estavam providos, como cravo, cithara, de que o Xá e os seus mostravam grande contentamento.

«O principe Manucharan se levantou do seu logar e se foi para o côro onde cantavam, mostrando tanta alegria que, segundo nos confessou, lhe parecia estar no paraizo. Querendo o Xá ouvir cantar e tanger a harpa de mais perto, veio quem o fazia com ella e se sentou n'um degrau do altar e para voltar o rosto para o Xá, que ficava perto, houve de ficar com as costas para o mesmo altar, sem que nenhum de nós o notasse, mas notou-o o mesmo Xá, e disse que não estava bem assentado com as costas para a imagem de Christo e de sua mãe : emendou-se o cantor e con-

fessou seu descuido, parecendo ao Xá melhor na musica que no assento».

A respeito da introdução da musica portugueza na Ethiopia, veja-se o nosso opusculo *Curiosidades musicaes*.

SOUZA VITERBO.



CHRISTOVAM DA COSTA

(Continuação da pg. 15)

TAL foi o ambiente intellectual em que Christovam da Costa viveu e publicou em 1578 a sua primeira e a mais importante obra, *Tractado delas Drogas*, que adeante se apreciará. Em 1587, segundo consta dos documentos existentes no respectivo archivo ¹, deixa de figurar como medico do municipio de Burgos. Occupou o cargo durante mais ou menos 10 annos e é incontestavel que o exerceu com aptidão, honra e probidade e á satisfação das autoridades e do publico. Desligado, em 1586 ou talvez no anno immediato, do vinculo conjugal, retirou-se ao mosteiro da solitaria serra de Tyrres, acabando por tomar o habito de religioso.

Ignoramos o motivo ou os motivos que impelliram o naturalista a ir viver para um ermo: fosse talvez o desgosto que lhe causou a morte da esposa,— ou o desejo de descanso depois da lida. Talvez procurasse calmar as paixões contraídas nas grandes luc-

¹ D. Joaquim Olmedilla y Puig, op. cit., pag. 90.

tas da vida. Note-se que uma ¹ das suas obras contém reflexões judiciosas referentes ás vantagens do isolamento, comparado com os inconvenientes da vida social em que as misérias humanas são outros tantos obstaculos que se oppoem á expansão intellectual. Naturalmente infere-se d'ahi que elle quiz apartar-se da sociedade para melhor se entregar ao estudo. No quieto remanso do convento elaborou obras de valor e de indole diversa, em que revela grande copia de conhecimentos colhidos durante a sua bem aproveitada vida. A heterogénea variedade de assumptos que vèrsa com assidua diligencia, prova que o seu culto talento abarcava distinctos generos de estudo sem se encerrar nos limites de uma especialidade, embora se dedicasse notavelmente a uma só, que era a de botanico naturalista.

Segundo informam os seus biografos, os seguintes são os titulos dos principaes livros que escreveu no mosteiro :

(I) *Tractado en loor de las mujeres y de la Caridad, Constancia, Silencio y Justicia; con otras muchas particularidades y varias historias. Dirigido á la Serenissima Sennora Infanta Donna Catalina de Austria, por Christoval Acosta Affricano. Fortior est qui se quam qui fortissima vincit. Con privilegio. In Venetia MDXCII. Preso Giacomo Corneti.*

(II) *Tractado en contra y pro de la vida solitaria. Con otros dos tratados, uno de la Religión y Religioso. Otro contra los hombres que mal viven. Llenos de mucha doctrina y exemplo. Dirigidos al Rev D. Philippe Nuestro Senor. Por Christoval Acosta Affricano, con privilegio. In Venetia. MDXCII.*

(III) *Del amor divino, del natural y humano de lo que debemos á los animales : libellus seu tractatus tres.*

(IV) *Discurso del viage de las Indias Orientales y lo que se navega por aquellas partes* ¹.

¹ *Tractado en contra y pro de la vida solitaria.*

² Conf. Olmedilla y Puig, op. cit. pg. 287.

D. Nicolás Antonio ¹ cita mais uma obra,— *Tres Dialogos teriacales*, alem do *Tractado de las drogas* e das 4 acima mencionadas.

A obra intitulada *Discurso del viage de las Indias Orientales* etc. é um manuscripto que, conforme Vallen e D. Nicolás Antonio, é um trabalho muito interessante pelas noticias especialissimas que ahi se consignam. Os bibliografos que teem tido occasião da estudar e apreciar as acima referidas obras, cujos exemplares existem nas livrarias publicas e particulares de alguns paizes europeus, nomeadamente a Hespanha e a Italia, attestam que ellas são de verdadeiro merito e dignas de serem consultadas como fontes de noções claras e de reconhecida originalidade, dando não só a medida do superior talento do autor, mas tambem o gráu do adiantamento scientifico e literario da epoca gloriosa em que elle viveu.

Os titulos denunciam o cunho da religiosidade d'estas obras. Christovam da Costa, avezado ao estudo, dotado de um espirito investigador, um medico botanico distincto, no declinio da vida convertido em cenobita, escrevia tratados de moral e de sociologia. Não lhe tinham passado os annos em vão. Tendo aprendido nas duras lições da adversidade e de desenganos sociaes aquillo que não se ensina nas catedras e nos livros, mas sómente se consegue saber de mistura com as lagrimas produzidas pelos golpes de infortunio, procurou legar á posteridade a sua experiencia em obras primas. A sua fuga das mundauidades para se dar á vida contemplativa ou espiritual, e a physionomia religiosa dos seus livros provam que Christovam da Costa não podia subtrahir-se ás tendencias do tempo e ao predominio da religião.

¹ Autor da *Biblioteca hispana*, impressa em Roma em 1672.

A quadra em que viveu era fecunda em philosophos leigos e clericos, de variados matizes e de diversas seitas — escolasticos, platonicos, neo-platonicos, aristotelianos, moralistas, mysticos e asceticos. Foi sação essa de abundante messe de pensadores para os conventos e os asceterios. Houve grande copia de producções litterarias de genero religioso-social. Muitas d'estas, como as de St.^a Theresa de Jesus, Luis Ponce de Léon, Luis de Granada e do autor atravessaram seculos e gerações.

Por falta de documentos não se pode fixar precisamente a data do fallecimento de Christovam da Costa. Moreri assevera que elle morreu em 1580 ¹. Mas no *Tratado en contra y pro de la vida solitaria, etc.* publicado em 1592, fica inserida, depois de *la dedicatoria al Rey D. Phelippe Nuestro Sennor* e a *advertencia al lector*, uma carta de alguns religiosos ao autor, carta que termina assim: «Desta St.^a casa 21 de junio de 1587».

Como appendice ao *Tratado de la religión y religioso* foi publicado um opusculo intitulado *Collacion á los mohatrerros, usureros, aparceros tratantes y seducadores*, que termina com as seguintes phrases: *Iaus Deo. Desta Sta. Casa y pena Tyrres, 15 de Julio de 1587. Doctor Christóval Acosta Africano.*

Estas datas provam que Christovam da Costa viveu até o anno de 1587 e como a suas ultimas obras foram publicadas em 1592, é licito admittir que a sua morte tivesse occorrido depois d'esse anno.

(Continúa).

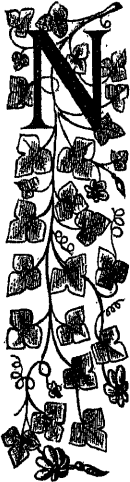
VICENTE PHILIPPE DE SÁ.

¹ Autor do *El grand Dicc. Histor.*

LEGADOS E PENSOES

A cargo das fabricas e confrarias de Goa

EM 1766

o *Boletim do Governo*, n.º 3 a 11 de 1862, publicou o douto Cunha Rivara a relação das fazendas que, tendo pertencido á Companhia de Jesus, passaram á administração do confisco, com a designação dos respectivos rendimentos e pensões. Tem sido tal publicação de muita utilidade para se conhecer da origem e encargos de varios predios que são já do dominio particular. Afigura-se igualmente util divulgar as seguintes relações das capelas e pensões, que estavam em 1766 sob a administração das fabricas e confrarias das Ilhas, Bardez e Salsete, relações que se encontram no L.º das *monções* n.º 138, tanto mais que

terá de realizar-se a desamortisação dos bens de semelhante natureza, já decretada em 14 de setembro de 1880, e que só espera oportunidade para se tornar effectiva.

J. A. ISMAEL GRACIAS.

Manoel de Assumpção, Escrivão da Provedoria-mór dos deffuntos e ausentes, reziduos orphãos, e capellas nesta côrte, e Estado da India. Certifico que, por ordem do desembargador José Joaquim da Sequeira Magalhães e Lançoens, actual Ministro desta Provedoria provi os cinco livros que neste meu cartorio servem de tombos das capellas, e penções existentes na Ilha de Goa, e na provincia de Bardez, e achando nelle tombadas as capellas, e penções que administram as fabricas e confrarias das egrejas das aldeias das ditas Ilhas de Goa e na provincia de Bardez, de que se tomam contas neste juizo, as ditas capelas, e penções, suas tombações e tempo em que se fizeram, os annos de que se tem dado contas, tudo segundo consta dos ditos tombos, se declara pela maneira seguinte :

Quantos ás penções e capelas que administra a confraria de Nossa Senhora de Saude da igreja de Santa Luzia, da aldea de Elá :

O defunto Manoel Pereira, morador que foi na dita freguezia de Santa Luzia, deixou por sua alma duas missas por anno para se dizerem nesta dita freguezia, consignadas sobre os ganhos de cem xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Saude, esta na mesma fez esta tombação della em 25 de fevereiro de 1697, dando conta té o anno 1741, como consta no tomo antigo as folhas 164, do qual tendo passado para o tomo novo primeiro as folhas 339, em 24 de abril de 1761, deu conta té o anno de 1764.

O defunto Ignacio Pereira de Sande, morador que foi nesta dita freguezia, por verba do seu testamento de que ha copia, deixou um palmar por nome Cazuchem-batta, sita na dita freguezia, para com os seus rendimentos feitos 3 quinhões dois delles para se dizerem missas e outro para as bemfeitorias do dito palmar, deixando por administradora a sua mulher, em falta della a sua madраста e por fallecimento de ambas a confraria de Senhora de Saude com as mesmas condições, sita na freguezia de Santa Luzia, aqual aceitando a dita penção, fez della tombação, no tombo primeiro antigo folha 405 v., do qual passando para o tombo novo as f. 334 v. fez tombação em 24 de abril de 1761. Deu conta té o anno de 1764.

A defunta Luiza de Padilha, moradora que foi nesta dita freguezia, deixou quarenta e oito missas por anno por sua alma para se dizer nesta freguesia, consignadas sobre os ganhos (de) 400 xerafins de cuja pensão sendo administradora a confraria de Senhora de Saude sita na mesma igreja, fez esta tombação della em 25 de fevereiro de 1697, dando conta te o anno de 1741, como consta no tombo primeiro antigo as folhas 164 v., do qual tendo passado para o tombo novo as folhas 337 v. em 24 de abril de 1761, apresentando a verba da instituição da penção, que a dita defunta deixou de que ha cópia, deu conta te o anno 1764.

O defunto João Monteiro, morador que foi nesta ta mesma freguezia, deixou dois terços de rendimentos de sete tangas do cunto da aldea Curtorim das terras de Salsete para se dizerem em missas nesta igreja por alma dos seus pais, e parentes, de cua penção sendo administradora a mesma confraria da Senhora de Saude, fez esta tombação della em 25 de fevereiro de 1697, dando conta te o anno de 1741; como consta no tombo primeiro antigo as folhas 165, do qual tendo passado para o tombo novo 1.º as folhas 336 v. em 24 de abril de 1761, deu conta te o anno de 1764.

A defunta Rezade (sic) Mendonça, moradora que foi na mesma freguezia, por verba do seu solemne testamento de que ha copia, deixou dez missas por anno para se dizerem nella duas por alma dos seus avós, uma para do seu pae, outras duas pelas de sua mãe, uma para seu marido, outra pela do seu filho e outra pela dos seus sogros, consignadas nas humas cazas, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Saude, sita na mesma freguezia da Senhora de Saude, fez esta tombação della em 20

de março de 1753, como consta no tombo 3.º antigo as f. 260 v.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria da Senhora de Guadalupe, e Senhora de Assumpção e Fieis de Deus, da aldeia de Batim :

Os defuntos João Bragança, de Raia, e sua mulher Mariana Rodrigues, moradores que foram nesta freguezia, por verba do seu solemne testamento de que ha copia, deixaram uma capella de missa cotidiana para se dizerem na mesma egreja um officio no dia anniversario, novena e festa de Senhora de Assumpção, e outros encargos consignados no pedacinho de palmar marinha Bacarachó Agoro, com seu vallado, uma varzea Bamana Agoro com seu valladinho, e 29 tangas, e dous barguinins e meio, no um chão com suas tamarinheiras, sitos nesta mesma aldeia, de cuja capella sendo administradora a confraria d.ª Senhora de Guadalupe, fez esta tombação della em 16 de abril de 1731, dando conta te o anno de 1762, como consta do tombo 3.º antigo as f. 2.

O defunto Domingos de Bragança, de Raia, morador que foi nesta dita freguezia, deixou vinte e nove missas por anno, um officio e um xerafim de esmola para os pobres por sua alma e pelas dos mais defuntos para se dizer na mesma freguezia, consignados no palmar de Candolim, sito na mesma, de cuja pensão sendo administrador seu filho João de Bragança, de Raia, fez esta tombação della em 24 de dezembro em 1697, dando conta te o anno de 1715, como consta no tombo antigo 1.º as folhas 74 v., o qual administrador no tempo do seu falecimento no testamento solemne que este fez, com sua mulher Mariana Rodrigues da Costa, deixaram o dito paimar com a referida penção acrescentando no mesmo testamento, de que ha copia, mais vinte e cinco missas, e um ofício pelas tenções do dito Domingos de Bragança, Luiz de Bragança, Apolina de Bragança e outros, nomeando por administradora a irmandade de Assumpção da Senhora e Fieis de Deus, desta mesma freguezia, e não querendo esta acceitar deixa a Irmandade de Bom Jesus e tambem esta não acceitando, o cofre de Senhora de Guadalupe; a qual capella sendo tombada pela primeira administradora chamada na dita instituição, a Irmandade de Assumpção, e Fieis de Deus, em 6 de julho de 1733, deu contas te o anno 1762, como consta no tombo 3.º antigo as f. 22 v..

O defunto Francisco Gomes, morador que foi nesta

mesma freguezia, deixou por anno doze missas para se dizerem na mesma, consignadas na huma propriedade de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Jesus sita nesta mesma freguesia, fez esta tombação della em 2 de janeiro de 1698, dando contas te o anno de 1760, como consta do tombo 1.º antigo as folhas 78 v.

O defunto Miguel da Silva, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou doze missas e um officio, em cada anno por sua alma e de seus defuntos, para se dizer na mesma freguezia, consignados na marinha, e um pedaço de varzea chamada Bamana batta, sito nesta aldeia de Batim, e freguezia, de cuja penção sendo administradora a confraria da Senhora de Assumpção e Fieis de Deus, sita na mesma freguezia, fez esta tombação della em 22 de novembro de 1698, dando conta te o anno 1752, como consta do tombo 1.º antigo as f. 223.

A defunta D. Ignez de Castro, moradora que foi nesta dita freguezia, deixou cento e cincoenta xerafins, para com renditos delles se fazer uma festinha de Santa Maria Magdalena, e por administrador a Padre Manoel Mascarenhas, por cujo falecimento ficaram em poder de Diogo Furtado de Mendonça, administrador, cento e cincoenta xerafins, os quaes o mesmo Diogo Furtado de Mendonça no seu solemne testamento por uma das verbas de que ha copia, manda depois do seu falecimento entregar a umas das confrarias de Senhora de Guardalupe e esta como administradora da dita penção fez tombação em 4 de novembro de 1734, dando conta te o anno de 1764, como consta do tombo 3.º antigo as f. 59.

Quanto ás capellas e penções que administração as confrarias do Senhor Jesus e de S. André de Goa-Velha:

Os bemfeitores da confraria do Senhor Jesus, sita nesta freguezia de S. André, deixaram quarenta e nove missas por anno pelas suas almas, cujos nomes não estão declarados no tombo, para se dizerem na mesma igreja, de cuja penção seddo administradora a mesma confraria do Senhor Jesus, fez esta tombação della em 1 de fevereiro de 1698, dando conta te o anno de 1746, como consta do tombo 1.º antigo as f. 238 v., do qual tendo passado para o tombo novo 1.º as f. 425 em 11 de outubro de 1762, deu contas te o anno de 1761.

O defunto padre Filippe de Silva, vigario que foi desta mesma igreja, deixou por anno 15 missas por sua alma para se dizer na mesma freguezia, consignadas em doze

tangas do recamo da dita aldeia e tantos reis, de cuja penção sendo administradora a fabrica da dita egreja, fez esta tombação della em primeiro de fevereiro de 1698, dando conta te o anno de 1758, como consta no antigo 1.^o (sic) as f. 225.

A defunta Leocadia Caldeira, moradora que foi nesta mesma freguezia, deixou por sua alma cinco missas por anno, de cuja penção sendo administradora a fabrica da dita egreja fez esta tombação della ao 1.^o de fevereiro de 1698, dando conta te o anno 1761, como consta do mesmo tombo antigo 1.^o as f. 235.

O defunto Domingos de Sá, morador que foi na mesma freguezia, deixou por sua alma cinco missas por cada ano para se dizer desta mesma freguezia, cuja penção sendo administradora a fabrica della, fez esta tombação em 10 de fevereiro de 1698, dando conta te o anno 1761 como consta do tombo 1.^o antigo as f. 236.

Os bemfeitores desta egreja de S. André deixaram cincoenta missas e um officio cada ano pelas suas almas, para se dizerem nella, consignadas nas quarenta e uma tangas e meia do cunto desta mesma aldeia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. André, fez tombação della em 10 de fevereiro de 1698, dando conta te o anno de 1755, como consta do tombo 1.^o antigo as f. 236 v..

O defunto Pascoal Mendes, morador que foi na freguezia de S. Baptista de Carambolim, deixou no seu solemne testamento de que ha copia, duzentas e vinte missas em cada anno por sua alma, e de seus defuntos, para se dizer na dita freguezia de S. André, consignadas em um palmar com sua varzea, sito nesta dita aldeia, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Jesus desta mesma freguezia, fez esta tombação della em 30 de janeiro de 1715, dando conta te o anno de 1746, como consta do tombo primeiro as f. 431, em 18 de outubro de 1762, deu conta te o dito anno.

Os defuntos Maria Fernandes, Ursula do Rosario, Anna Pereira e outros deixaram para sua alma trinta e duas missas por anno para se dizerem nesta mesma freguezia, consignadas em 6 tangas brancas e tres barguinis do cunto desta dita aldeia de Goa-Velha, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo, e Jesus desta mesma freguezia, fez esta tombação della

em 11 de outubro de 1762; dando conta te o anno de 1761, como consta do tombo novo 1.º as f. 424.

Os defuntos Maria de Sá, Padre André Pinto, Maria Fernandes, e Paulina Fernandes, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram por sua alma 20 missas, para se dizerem na mesma freguezia por suas almas em cada anno, consignadas em seis tangas brancas e tres barguinis do cunto desta dita aldea, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação della em 11 de outubro de 1762, dando conta te anno de 1761, como consta do tombo 1.º novo as f. 424.

Os defuntos Pedro de Almeida, Antonio de Almeida e Antonio de Quadros, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram dez e sete missas em cada anno por suas almas consignadas, em quatro tangas do cunto da dita aldea, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação em 11 de outubro de 1762, dando contas te o anno de 1761, como consta do tombo 1.º novo as f. 425 v.

Os defuntos José de Monsarrate, Manoel de Araujo, e outros, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram setenta e oito missas de esmola de duas tangas cada anno pelas suas almas, consignadas em dez e sete tangas do cunto do numero da dita aldea, de cujas penções sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação della em 11 de outubro de 1762, e deu contas te o anno 1761, como consta do tombo novo 1.º as f. 426.

A defunta Ellena Remedios, viuva de Thomé do Rosario, moradora que foi nesta mesma freguezia, deixou trinta missas em cada anno por sua alma, e do seu marido e outros, por verba do seu solemne testamento de que ha copia, consignadas nas umas casas em que ella morou, sitas na dita aldea de Goa-Velha com seu patio, quintal e horta de palmeiras anexas a ellas, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação em 11 de outubro de 1762, dando contas te o dito anno, como consta a f. 426 v. do tombo novo 1.º.

O defunto Bernardo de Santos, morador nesta mesma freguezia e aldea, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, sessenta e duas missas por anno por sua alma para se dizerem na mesma freguezia, consignadas nos ganhos de 765 xerafins, de cuja penção sendo

administradora a confraria de Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação em 17 de outubro de 1762, dando conta te o anno de 1761, como consta do tombo novo 1.º as f. 428.

Os defuntos Bartholomeu Gomes e Anna Vás, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram e ocultamente ao tempo do seu falecimento, quatorze missas por conta da sua terça e por administrador a Matheus Gomes, e por falecimento deste a seus filhos masculinos, e como o dito Matheus Gomes falecesse sem descendencia, por seu testamento de que ha copia, nomeou a administração da dita penção a confraria do Senhor Santissimo e Jesus, com a mesma penção e consignação da terça em oito tangas do cunto da mesma aldeia de Goa-Velha, a qual em 17 de outubro de 1762 fez tombação no tombo 1.º novo, dando conta te o anno de 1761, como consta as f. 429 v..

O defunto José Caldeira, morador que foi na mesma aldeia e freguezia, deixou cincoenta e quatro missas, a saber cincoenta e tres resadas da esmola de duas tangas cada uma, e uma cantada, de esmola de um xerafim, no seu solemne testamento de que ha cópia, por alma de sua 1.ª mulher, e pela sua, consignadas nos ganhos de mil xerafins; de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação della em 18 de outubro de 1762, dando conta te o anno de 1761, como consta as f. 432 v. do tombo novo 1.º.

A defunta Magdalena Gracias pela verba do seu solemne testamento de que ha copia, deixou cincoenta e duas missas cada anno para sua alma, e pela de Pedro de Souza, e outros, consignadas em dez e oito tangas do numero da aldeia de Goa-Velha, e um palmar chamado Gorbatta, sito na mesma aldeia, de cuja penção sendo administradora a dita confraria do Senhor Santissimo e Jesus, fez esta tombação della no tombo novo 1.º as f. 434, dando conta te o anno de 1761.

O defunto João da Cunha, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou para sua alma oito missas em cada anno para se dizerem na mesma freguezia, consignadas em um pedaço de varzea sito na mesma aldeia, de cuja penção sendo administradora a fabrica desta egreja de S. André, fez esta tombação della em 24 de julho de 1716,

dando contas te o anno de 1761, como consta do tombo 1.º antigo as f. 412.

Quanto ás capellas e penções que administram as confrarias (sic) de Senhora S. Anna da aldeia de Talaulim:

O defunto Pedro Paulo de Costa, morador que foi nesta mesma freguezia de S. Anna, no seu solemne testamento de que ha copia, deixou tres missas consignadas no valor de tres mil xerafins, tomados na sua terça a que se applicou um choulém e meio, dezena parte do outro choulém, e vigessima parte de outro, de cuja penção sendo administrador o seu filho Luiz Paulo da Costa, fez esta tombação em 11 de abril de 1598 dando conta della te o anno 1740, como consta no tombo 1.º antigo as f. 255, a qual administração por falecimento do dito Luiz Paulo de Costa passando-se em seu irmão o Padre Manoel Paulo da Costa, deu este conta te o anno de 1752, como consta do mesmo tombo, de que tem passado administração na confraria do Senhor Santissimo, fez esta tombação no tombo novo em 15 de março de 1763, dando conta te o anno de 1765, como consta do 2.º novo as f. 10.

Os defuntos Lopes Vaz, Isabel Gonsalves, Maria Lima e Antonio Fernandes, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram quarenta e duas missas por anno pelas suas almas, de cuja penção sendo administradora a confraria da mesma senhora Santa Anna, fez esta tombação em 10 de maio de 1698, dando conta te o anno 1743, como consta do tombo 1.º antigo as f. 261, do qual tendo passado para o tombo novo 2.º as f. 80 em 22 de março de 1754. deu conta te o anno de 1763.

Os defuntos Luiz Cabral e sua mulher, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram em cada anno por suas almas doze missas consignadas na uma melaga, sita na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo, sita na mesma freguezia, fez esta tombação em 17 de maio de 1798 (1698?), dando conta te o anno 1743, como consta no tombo 1.º antigo as f. 266, do qual tendo passado para o tombo novo 1.º as f. 399 v. em 17 de março de 1762, com a verba do codicilo da defunta Luiz Vaz, viuva do dito Luiz Cabral, em que consta esta dita pensão, deu della conta a dita confraria te o anno de 1764.

O defunto José de Miranda, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou uma missa em cada semana para se dizer na mesma freguezia e doze pannos para se

repartir na quinta-feira de endoenças, consignadas em quinze tangas do cunto de Guirdolim, provincia de Salsete, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Boa-Viagem, fez tombação della em 15 de março de 1697, dando conta te o anno 1720, como consta no tombo antigo 1.º as f. 144 v.

O defunto Diogo Ferrão, morador que foi na mesma freguezia, deixou por verba do seu testamento, de que ha copia, vinte e quatro missas, em cada anno para sua alma, para se dizer na mesma freguezia, consignadas em onze tangas do recamo da aldea de Neurá e tres quartas partes pertencentes da varzea melaga, umas casas terreas com suas alfaias sitas em S. Anna e um palmar chamado Tanque em Sancoale, de valor de quatro mil e trezentos xerafins, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. Anna, fez esta tombação della em 6 de março de 1754, como consta do tombo terceiro antigo as f. 270.

Quanto ás capellas, e penções que administram as confrarias da igreja de S. João Evangelista de Neurá:

O defunto Padre Matheus Leitão, morador que foi na freguezia de S. João Evangelista de Neurá, deixou por verba do seu testamento, de que ha copia, dez missas por anno para sua alma, consignadas em onze tangas do recamo da mesma aldeia, de cuja penção sendo administrador Manoel de Rego, fez esta tomção della em 14 de dezembro de 1697, a quem succedendo o Padre Domingos de Rego, deu contas te o anno de 1734, como consta da mesma tombação as f. 184 do tombo 1.º antigo, e passando-se ultimamente a dita penção em a confraria de Senhora dos Enfermos na mesma freguezia, fez esta nova tombação em 10 de novembro de 1762, como consta do tombo 1.º as f. 441, e deu conta te o dito anno.

A defunta Margarida de Jesus, moradora que foi na mesma freguezia, deixou tres tangas do recamo do numero da sua aldeia de Neurá, para dos rendimentos de duas partes dellas se dizerem missas pelas almas do Purgatorio na sua egreja, de cuja penção sendo administrador Nicolau Rodrigues, fez esta tombação della em 30 de dezembro de 1697, como consta do tombo antigo 1.º as f. 74, do qual tendo passado para o tombo novo as f. 442, fazendo-se a confraria do senhor S. Pedro da mesma freguezia novo 1.º em 10 de novembro de 1762, deu contas te o dito anno.

O defunto Antonio Dias, morador que foi na mesma freguezia, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, oito tangas de recamo da dita aldeia de Neurá para de seus rendimentos se dizerem na mesma freguezia missas pelas almas de seus bemfeitores, e de qualquer alma outra a quem dever ella alguma restituição, de cuja penção sendo administradora a capella das almas do Purgatorio sita na mesma egreja, fez tombação a confraria do Senhor Santissimo e Jesus em 4 de novembro de 1762, dando contas te o anno, como consta do tombo novo 1.º as f. 437 v..

O mesmo defunto deixou uma missa em cada semana da renovação com meia mão de ceira para as ditas missas, e fazer eça do dia do finado (sic) e da (sic) tres annos cincoenta xerafins para os paus de subida de Nossa Senhora, consignadas em vinte e duas tangas do recamo do numero da dita aldeia de Neurá, de cuja penção sendo administrador Manoel Dias, passou á confraria de S. Pedro, a qual deu contas te o anno de 1762, como consta do tombo novo 1.º as f. 284 v..

O defunto Antonio de Moraes, morador que foi na mesma freguezia, deixou por verba do seu testamento de ha copia, 12 missas em cada anno por sua alma, consignadas em seis tangas do recamo da mesma aldeia de Neurá, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora dos Enfermos, fez esta tombação della em 8 de agosto de 1765, dando conta te o anno de 1764, como consta as f. 152 v., tombo novo 2.º.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria do Senhor Jesus, da egreja da Senhora de Ajuda, de Ribandar:

O defunto Luiz Dias, morador que foi na freguezia de Senhora de Ajuda, de Ribandar, deixou desaseis missas por anno consignadas em cento oitenta e oito xerafins, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Jesus fez esta tombação no mesmo dia de 27 de outubro de 1734, dando contas te o anno 1733 como consta do mesmo tombo 3.º antigo as f. 58.

O defunto Antonio Carvalho, morador que foi na mesma freguezia, deixou doze missas por anno consignadas no um palmar com suas casas, sito na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez tombação no mesmo dia de 27 de outubro de 1734,

dando contas te o anno 1743 como consta do mesmo tombo 3.º antigo as f. 58.

Os defuntos André Gonsalves e sua mulher Elena Fernandes, moradores que foram nesta mesma freguezia, deixaram seis missas por anno pelas suas almas para se dizerem na mesma, consignadas nos ganhos de setenta e cinco xerafins, de cuja penção sendo administradora a dita confraria do Senhor Jesus, fez esta tombação della no mesmo dia de 27 de outubro de 1734, dando contas te o anno de 1733, como consta do mesmo tombo as f. 58 v..

O defunto Antonio da Silva, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou por alma sua 52 missas por anno, consignadas nos ganhos de quinhentos xerafins e cincoenta xerafins, de cuja penção sendo administradora a dita confraria de Jesus, fez esta tombação della no referido dia de 27 de outubro do referido anno, dando contas 1733, como consta f. 58 v. do dito tombo.

O defunto Manoel Gonsalves, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou tres missas por anno para se dizerem nella, consignadas nos ganhos de trinta e dous xerafins, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Jesus, fez tombação no dito dia, mez e anno, dando contas te o anno de 1733, como se vê no tombo 3.º antigo as fl. 58 v..

O defunto Pedro Gomes, morador que foi na mesma freguezia, deixou por verba o seu testamento de que ha copia, vinte e quatro missas pela sua alma, consignadas em umas cazas sitas na mesma, de cuja pensão sendo administradora a confraria do Senhor Jesus, fez tombação della no tombo antigo 1.º as fl. 321 em 22 de setembro de 1713, do qual para o tombo 3.º antigo as fl. 58 v. pela dita confraria em 27 de outubro de 1734, deu conta te o anno de 1733.

O defunto Fernão Paes, morador que foi nesta dita freguezia, deixou tres missas por anno para sua alma, consignadas em umas cazas sitas no bairro de Fornos da mesma freguezia, de cuja pensão, sendo administradora a mesma confraria, fez tombação em 25 de setembro de 1713, como consta do tombo antigo 1.º fl. 371 v., do qual passando no tombo 3.º velho as fl. 58 v. deu conta te o anno de 1733.

O defunto Faustino Henriques, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou trinta missas para sua alma, e do seu filho Padre José Henriques, consignadas nos ganhos de

duzentos e cinco xerafins, de cuja penção sendo administradora a dita confraria, fez tombação della em 25 de setembro de 1713, dando conta te o anno de 1712, do qual em 27 de outubro de 1734 passando-a no tombo terceiro antigo as fl. 58 v., deu conta te o anno de 1733.

O defunto João de Silva Carquejo, morador que foi nesta dita freguezia, deixou meia capella, consignada nos ganhos de 1500 xerafins, ficando o remanecente para a despeza da confraria do Senhor Jesus, a qual como administradora da dita meia capella fez tombação em 27 de outubro de 1734, dando conta te o anno de 1733, como se vê no dito tombo 3.º antigo.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria de S. Lourenço:

A defunta Maria Caldeira, moradora que foi na mesma freguezia de S. Lourenço, aldêa de Agaçaim, deixou seis missas por sua alma, consignadas em uma botica sita na mesma aldêa, de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Lourenço, fez tombação em 21 de Janeiro de 1698, dando conta della te o anno de 1758, como se vê do tombo antigo 1.º as fl. 220 v.

O defunto Padre Affonso Rangel, morador que foi na mesma freguezia, deixou cincoenta e duas missas por sua alma em cada anno, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo sita na mesma freguezia fez esta tombação em 17 de maio de 1698, e deu contas te o anno de 1758, como consta do tombo antigo 1.º a fl. 263.

O defunto Estevam de Gama, morador que foi na mesma freguezia, deixou vinte e cinco missas por anno por sua alma, consignadas no palmar de Cortalim da provincia de Salsete, de cuja pensão sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo da mesma freguezia, foi tombada em 12 de maio de 1698, como consta as fl. 265, dando conta te o anno 1758.

O defunto Domingos Nunes, morador que foi nesta mesma freguezia, deixou meia parte dos rendimentos de nove tangas do cunto da aldeia de Goa-Velha para as missas pela sua alma, de cuja pensão sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo da mesma egreja, fez esta tombação em 12 de maio de 1698, dando conta te o anno 1697, como consta do tombo antigo 1.º as fl. 263 v., do qual tombo passado no novo 2.º as fl. 57 em 12 de outubro de 1763 deu contas te o dito anno 1758.

A defunta Maria Bernado, moradora que foi na mesma freguezia, deixou doze missas por sua alma, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e S. Lourenço, fez esta tombação no mesmo dia de 12 de maio de 1698, dando contas te o anno 1758, como consta do mesmo tombo antigo 1.º a fl. 264 v..

As defuntas Izabel Ferrão e Maria Correa, moradoras que foram na mesma freguezia de S. Lourenço, deixaram trinta e nove missas em cada anno, a saber quinze a defunta Izabel Ferrão para sua alma, e vinte e quatro Maria Correa para sua, para se dizerem na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria do Senhor Santissimo e S. Lourenço, fez esta tombação em 12 de maio de 1698, dando conta te o anno 1758, como consta no tombo antigo as fl. 263 v..

Quanto ás capellas e penções que administram (sic) a confraria de Senhora de Salvação, freguezia de São Mathias:

O defunto Pedro Dias, morador que foi na freguezia de S. Mathias, deixou seis missas pela sua alma, consignadas nos ganhos de cem xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Salvação sita na mesma freguezia, fez esta tombação em 4 de março de 1697, como consta do tombo antigo 1.º fl. 170.

O defunto Pedro Dias, morador que foi na mesma freguezia, deixou seis missas por anno para sua alma de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de Senhora de Salvação, fez esta tombação no mesmo dia 4 de março do dito anno, como consta do mesmo tombo 1.º antigo a fl. 170.

A defunta Angela Correia moradora que foi na freguezia de S. Mathias, deixou doze missas por anno pela sua alma, e festa de Senhora dos Remedios, consignadas nos ganhos de quatrocentos xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Salvação, fez esta tombação em 4 de março de 1697, como consta do mesmo tombo antigo 1.º as fl. 170 v..

O defunto Mathias de Silveira, morador que foi na mesma freguezia, deixou doze missas resadas em cada anno para sua alma, consignadas nos ganhos de duzentos xerafins, de cuja penção sendo administradora a dita confraria de Senhora de Salvação, fez esta tombação d'ella em 4 de março de 1697, como consta do mesmo tombo 1.º antigo as fl. 171.

A defunta Maria Pereira, moradora que foi na dita freguezia, por verba do seu testamento de que ha copia, deixou quatro missas por anno, duas dellas cantadas, todas consignadas nas cazas com seu palmar, sitos na mesma freguezia, cuja administração deixou a seu creiolo Manoel Fernandes, o qual vindo a falecer, segundo a clausula da dita verba, fez tombação a confraria de Santas Almas na mesma freguezia, como administradora da dita penção em 17 de novembro de 1732, como consta a fl. 23 v. do tombo 3.º antigo.

Quanto ás capellas e pensões que administra a confraria da Senhora de Piedade:

O defunto Agostinho de Souza, morador que foi na freguezia de Senhora de Piedade, deixou todos seus bens na mesma egreja, e nas aldeas de Navelim e Goltim, para a capella da Senhora dos Prazeres, com cujos rendimentos fazer a despeza da dita capella, de que fazendo a confraria do Senhor Menino Jesus tombação em 23 de outubro de 1707, deu contas te o anno 1732, como consta do tombo antigo a fl. 121, do qual passando-a para o tombo novo 2.º a fl. 116, deu contas te o anno 1764.

A defunta Gracia de Saldanha, moradora que foi na mesma freguezia, deixou em cada anno duas missas perpetuas para sua alma, para se dizer na mesma freguezia, consignadas nos ganhos de duzentos xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo da mesma freguezia, fez esta tombação em 21 de agosto de 1698, dando conta te o anno 1733, como consta do tombo 1.º antigo a fl. 278, do qual passando para o tombo 2.º novo a fl. 121 v., deu conta te o anno 1764.

A defunta Agada Falcão, moradora que foi na mesma freguezia, na verba do seu testamento de que ha copia, deixou duzentos vinte e cinco xerafins para de ganhos delles dizer dez missas por anno perpetuas pelas almas de seus defuntos, de cuja penção sendo administradora de Senhora de Piedade, fez esta tombação della dando conta te o anno 1733 como consta do tombo 1.º antigo as f. 275 v., do que passando-a para o tombo novo 2.º a f. 122, deu conta te o anno de 1764.

A defunta Esperança Vas, moradora que foi na mesma, freguezia, deixou por sua alma doze missas por anno, consignadas nos ganhos de 200 xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria da dita Senhora de Piedade, fez esta tombação della em 18 de maio de 1733 dando

conta te o dito como consta a f. 3o v. do tombo 3.º antigo.

O defunto Nicolau de Silveira, morador que foi na mesma freguesia deixou por verba do seu testamento de que ha copia, uma varzea chamada *Malguo* e suas alfaias as quais vendidas, e satisfeitas a suas dividas, do que restar pelos seus rendimentos dizer de a metade as missas, e outra para despeza da confraria da Senhora da Piedade de cuja penção sendo administradora a dita confraria fez della tombação em 5 de março de 1742, como consta do tombo terceiro antigo f. 125.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria de S. Matheus de Azossim :

O defunto Antonio de Anibal, morador que foi na freguezia de S. Matheus, aldea de Azossim, deixou uma tanga do recamo da aldea de Neurá, para com a metade dos ganhos delle dizer as missas por sua alma na mesma freguezia; de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Matheus, fez esta tombação em 29 de janeiro de 1698, dando conta te o anno 1760, como consta do tombo 1.º antigo f. 228 v.

Os defuntos Manoel da Silva e sua mulher, moradores que foram na mesma freguezia, deixaram duas tangas do recamo da aldea de Neurá, para com seus ganhos dizerem missas para suas almas, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. Matheus, fez esta tombação della em 29 de janeiro de 1698, dando conta te o anno de 1760.

O defunto João Semedo, morador que foi na mesma fréguezia, deixou duas missas por anno para sua alma, consignadas em meia tanga do recamo da dita de Neurá o grande, de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Matheus, fez esta tombação della em 29 de janeiro de 1698, dando conta te o anno de 1760 como consta as f. 229 v. do tombo primeiro antigo.

Os defuntos Jeronimo Luiz e sua mulher, moradores que foram na mesma freguezia, deixaram para suas almas duas missas por anno consignadas na terça parte do jono sito em Azossim da mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. Matheus fez esta tombação della em 29 de janeiro de 1698, dando conta te o anno de 1760, como consta do tombo 1.º antigo as f. 23o.

Matheus de Teves, já defunto, morador que foi na dita

freguezia, deixou por sua alma e de sua mulher duas missas por anno para se dizer na mesma freguezia, consignadas em nona parte do jono e na terça parte, de outra nona parte, de outro jono, sita na aldea de Azossim, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. Matheus fez esta tombação em 29 de janeiro de 1698, dando contas te o anno de 1760 como consta do mesmo tombo 1.º antigo as f. 230 v..

O defunto Padre Diogo Pereira, vigario que foi da mesma freguezia, deixou uma missa por anno por sua alma consignada em quarta parte jono de Gongo (sic) sito na mesma aldea, de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Matheus fez esta tombação della em 29 de janeiro de 1698, dando conta te o anno 1760 como consta do mesmo tombo 1.º antigo as f. 231.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria da Senhora de Graça da Ilha de Chorão:

Os defuntos Domingos de Figueiredo e João Rodrigues, moradores que foram na freguezia da Senhora de Graça, deixaram dez e sete missas por anno para suas almas para se dizerem na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a fabrica della, fez tombação 19 de dezembro de 1697, dando conta te o anno 1739, como consta do tombo primeiro antigo as f. 70.

Os defuntos Pedro Gonçalves, Maria de Souza e Maria de Lima, moradores que foram da mesma freguezia, deixaram para sua alma dez e nove missas por anno para se dizerem na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo, sita na mesma freguezia, fez esta tombação della em 3 de janeiro de 1698, dando conta te o anno de 1741, como consta do mesmo tombo antigo as f. 72.

O defunto Cosme Fernandes, morador que foi na mesma freguezia, deixou na verba do seu testamento solemne de que ha copia, 24 missas por anno para sua alma e de sua mulher Philipa de Lima e oito xerafins para ajuda de matinas de Natal, de cuja penção sendo administradora a mesma Philippa de Lima, por sua morte fez a tombação della na forma da clausula da dita instituição a confraria de Nossa Senhora de Graça em 8 de agosto de 1713 dando contas te o anno 1733, como consta do mesmo tombo antigo f. 357.

Quanto ás capellas e penções que administram as con-

frarias de S. Bartholomeu e Almas Santas da mesma Ilha:

O defunto Sebastião Pinto, morador que foi na mesma ilha e freguezia, de S. Bartholomeu, deixou missa cotidiana por verba do seu testamento de que ha cópia, consignada nos ganhos de tres mil xerafins para alma e se diser na mesma freguesia, de cuja penção sendo administradora a confraria das Almas Santas, fez esta tombação della em 25 de novembro de 1715, do qual tendo passado para o tombo novo segndo em 15 de abril de 1763, deu contas te o anno 1762, como consta as f. 11 do mesmo tombo novo 2.º.

O defunto Padre José Jorge, morador que foi em S. Bartholomeu, deixou para sua alma dez e seis missas por anno, de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Almas, sita na mesma freguezia, fez esta tombação della em 19 de janeiro de 1720, dando conta te o anno de 1719, como consta do mesmo tombo antigo 1.º as f. 450 v.

A defunta Isabel Rodrigues, morador que foi na mesma freguezia, deixou doze missas por anno para sua alma, para se dizer na mesma freguezia, consignadas nos ganhos de cem xerafins. de cuja penção sendo administradora a a confraria de S. Almas fez esta tombação della em 2 de janeiro de 1734, como consta as f. 50 v. do tombo 3.º antigo

O defunto Padre Diogo Moniz, morador que foi na mesma freguezia, por verba do seu testamento de que ha copia, deixou vinte e nove missas ao anno por sua tenção e outros encargos pios, consignadas em um pedaço de palmar *Narga*, sito no bairo Querém da mesma ilha, de cuja penção sendo administrador o padre Bartholomeu Alvares, o qual fez tombação no tombo antigo 3.º as f. 17, dando contas te o anno de 1741 aquella penção passando a confraria da Senhora da Conceição da mesma freguezia, sendo a clausula da instituição, fez tombação em 23 de fevereiro de 1761 dando te o ano de 1760, como consta do tombo novo as f. 312 v.

O defunto Padre Paulo de Sá, morador que foi na mesma freguezia, por verba do seu solemne testamento de que ha cópia, deixou dous mil xerafins, para se empregarem em bens de raiz com seus reditos prover a sachristia da roupa de seu uso e mais necessario dos altares, de cuja penção sendo administradora a fabrica da mesma fregue-

zia, fez tombação della em 8 de julho de 1735, como consta do tombo antigo 3.º as f. 61.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria do Senhor Jesus, e Senhora de Amparo da egreja de S. Thiago:

A defunta Sabina Colaço deixou por verba do seu testamento de que ha cópia, uma missa resada em cada semana no dia de sexta-feira ao altar do Senhor Jesus pela sua alma e do seu marido Francisco de Rocha, e pela de Fabião de Rocha; de esmola e de duas tangas, além de seis, em cada anno, pelas almas dos seus defuntos, consignadas nas umas casas com seu pedaço de palmar sito em S. Thiago, cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Jesus e Senhora de Amparo fez tombação della em 28 de agosto de 1765, como se vê no tombo 2.º novo as f. 151.

A defunta Ignez, moradora que foi na mesma freguezia, deixou vinte e seis missas nos dous sabbados de cada mez, consignadas no um palmar chamado vizinho ao carneiro, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação della em 28 de agosto de 1765, como consta as f. 156 no tombo 2.º novo.

O defunto Padre Pedro de Albuquerque vigario que foi na mesma freguezia, deixou duas missas por anno consignadas na uma horta e patio, sita na mesma freguezia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação no mesmo dia de 28 de agosto de 1765, como consta do mesmo tombo novo 2.º as f. 156 v.

Os defuntos chamados Fortós, moradores que foram na mesma freguezia, deixaram duas missas para suas almas na mesma freguezia, consignadas nos rendimentos de uma taverna que fica na povoação de S. Thiago de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação della em 28 de agosto do anno de 1765, como consta do dito tombo fl. 157.

O defunto Gabriel Picardo, morador que foi na mesma freguezia, deixou quatro missas por anno para sua alma consignadas em um pedacinho de palmar sito na mesma aldeia, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez no mesmo dia e anno a tombação della, como consta f. 157 v.

O defunto Marcello Furtado morador que foi na mesma freguezia, deixou para sua alma seis missas por anno, consignadas em umas arvores de janeiras (jaqueiras?) de cuja

penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação em 28 de agosto de 1765, como consta do mesmo segundo as f. 157 v.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria do Porto Seguro da egreja de S. Ignez:

O defunto Padre Miguel Martins, residente que foi na egreja de S. Ignez na verba do seu testamento de que ha cópia, deixou duas partes dos ganhos de mil e quinhentos xerafins para a limpeza, ou despeza da confraria da Senhora do Porto Seguro da dita egreja, e outra parte dizer em missas pela sua alma de esmola de duas tangas cada uma, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta tombação della, dando conta te o anno 1762, como se vê do tombo 3.º antigo as f. 77 v.

Quanto ás penções e capellas que administra a confraria da Senhora da egreja de Deus Espirito Santo de Naroá:

O defunto Caetano da Silva, morador que foi na freguezia de Deus Espirito Santo de Naroá, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, uma missa cotidiana de esmola de duas tangas para sua alma e de seu pae, consignadas em dez e sete tangas, dous barganins e sete taras do recamo da aldeia de Curtorim da provincia de Salsete, e nas trinta e oito tangas do recamo da aldeia de Guirdolim da dita provincia, de cuja capella sendo administradora a confraria de Senhora de Guia da mesma freguezia, fez esta tombação no tombo 1.º antigo as f. 386, dando contas te o anno 1754, do qual tendo passado para o tombo novo a f. 200 em 4 de setembro de 1760, deu contas te o anno 1764.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria de S. Thomé da Ilha de Goa:

O defunto João de Silveira, morador que foi na dita freguezia de S. Thomé, deixou trinta xerafins com obrigação de mandar dizer com seus ganhos uma missa de esmola de meio xerafim por anno para sua alma no dia de S. Thomé, por verba do seu solemne testamento de que ha copia, de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Thomé fez esta tombação della em 23 de março de 1756, dando contas te o anno 1761, como consta a f. 297 v.

O mesmo defunto na outra verba do seu solemne testamento, de que ha copia, deixou duzentos e cincoenta xerafins para o cofre da Senhora dos Prazeres da mesma freguezia com seus ganhos fazer novena e festa do Nossa

Senhora de Assumpção, no mez de agosto de todos os annos, despendendo 15 xerafins, sendo declarado na mesma verba da constituição, de cuja penção sendo administradora a confraria da Senhora dos Prazeres cita na mesma freguezia de S. Thomé fez esta tombação em 23 de março de 1756, dando contas te o anno 1761, como consta a f. 297 v.

O mesmo defunto deixou noventa missas em cada anno para sua alma e dos seus defuntos, consignadas nos ganhos de mil xerafins, de cuja penção sendo administradora a mesma confrarias fez esta tombação em 23 de março de 1756, dando contas te o anno 1761, como consta a f. 297 v.

Quanto á capella e penção que administra a fabrica da igreja de S. José de Daugim :

O defunto Padre Antonio Ferreira, vigario que foi da dita igreja de S. José, por verba do seu testamento de que ha copia, deixou uma missa cotidiana para sua alma, por anno doze pannos e doze pobres na quinta feira de endoenças, de cuja capella sendo administrador Nicolau Ferreira, fez esta tombação no tombo 1.º antigo as f. 111, dando contas te o anno 1698, do qual tendo passado para a fabrica da igreja de S. José de Daugim, deu contas te o anno 1731, como consta as f. 39 do mesmo tombo.

Quanto ás capellas e penções que administra a confraria de S. Braz:

O defunto Padre Matheus Pereira, morador que foi em S. Braz, deixou dez missas por anno para sepulcro preto, consignadas em uma tanga e tres barguinis do cunto da communidade de Coelim, provincia de Salsete, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria de S. Braz fez esta tombação della em 15 de janeiro de 1758, como consta a f. 439 v.

Quanto á capella e penção que administra a confraria de Senhor Jesus:

O defunto Pascoal Mendes, morador que foi na aldeia e freguezia de S. João Baptista de Carambolim, deixou no solemne testamento de que ha copia, duzentas e vinte missas em cada anno para sua alma, e de seus defuntos, para se dizer na dita freguezia de S. André (?) consignadas em um palmar com sua varzea sita na dita e mesma aldeia, de cuja penção sendo administradora a confraria do Senhor Jesus desta mesma freguezia fez esta tombação della em 30 de janeiro de 1715, dando conta te o anno de 1746 co-

mo consta do tombo 1.º antigo as f. 395, do qual passando no tombo novo 1.º as f. 431 em 18 de outubro de 1762, deu contas te o dito anno.

Quanto ás capellas que administra a confraria de S. Aleixo da cidade de Goa.

O defunto João de Lemos Valle, morador que foi nesta cidade, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, quinhentos xerafins, para com seus ganhos dizerem missas nas quintas feiras da renovação, cada uma de meio xerafim e o resto para a confraria da Senhora da Vida, de cuja penção sendo ella administradora, fez esta tombação em 11 de novembro de 1715, como consta do tombo antigo primeiro as f. 407 v.

Quanto á capella e penção que administra a confraria de S. Thomé desta cidade.

O defunto Jorge Cardozo Pereira, morador que foi no bairro de S. Thomé, na verba do seu testamento de que ha copia, deixou duzentas vinte e sete missas em cada anno, de esmola de duas tanguas consignadas no palmar chamado *Curxi farudy* (?) sito na aldea Raia, de cujo penção sendo administrador o Pe. Manoel Lopes Fernandes, residente em S. Luzia, fez tombação dellá em 4 de fevereiro de 1750, dando conta te o anno 1754, como consta a fl. 222 do tombo 2.º antigo, e por fallecimento do dito padre, passou á igreja de Raia, freguezia de Senhora das Neves da Provincia de Salsete (1).



Quanto ás confrarias sitas nas igrejas da provincia de Bardez.

Aldêa de Sirulá, freguezia da Senhora do Soccorro

O defunto Dom Duarte de Souza deixou vinte e sete xerafins para missas por anno por sua tenção sobre uma propriedade sita em Calangute, de cuja pensão sendo administradora a confraria da Senhora de Soccorro feita esta tombação em sete de setembro de 1730 dando contas te o

(1) L.º cit., fl. 230 a 250.

anno 1755, como consta do tombo antigo 2.º as fls. 241 v. do qual tendo passado para o tombo novo as fls. 35 deu contas te o anno 1763.

Aldêa de Reis Magos

Uns defuntos cujos nomes não se sabe, deixaram quinze missas para suas almas por anno, e um officio de cuja pensão sendo administradora a confraria do Senhor Santissimo da egreja dos Santos Reis Magos, fez esta tombação em 21 de maio de 1729, dando contas te o dito anno 1763, como consta do tombo antigo 1.º a fl. 80 v.

Penha de França

O defunto Antonio de Silva Tavora por verba do seu testamento, de que ha copia, deixou uma capella de missa cotidiana consignada no fundo de tres mil xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria de Senhora de Penha de França, fez esta tombação d'ella em 13 de outubro de 1728, de que deu contas te 1761 como consta do tombo 2.º antigo as fl 202.

Calangute, freguezia de S. Aleixo

A defunta Esperança de Souza, moradora que foi na aldeia de Calangute, deixou por verba do seu testamento de que ha copia quiñentos xerafins para com seus ganhos mandar dizer em cada semana uma missa de esmola de duas tangas para sua alma, e de seus paes de cuja penção sendo administradora a confraria de S. Sebastião da mesma freguezia, fez esta tombação d'ella em 11 de dezembro de 1745, como consta a fl. 330 v. do tombo 2.º antigo.

Pomburpá

A defunta Luiza de Madre de Deus por verba do seu testamento, de que ha copia, deixou um palmar de arecal, sito na mesma aldeia para com os seus rendimentos repartir em tres quinhões, um em missas para alma de sua mãe, e outro para a fabrica e o terceiro para os pobres, de cuja pensão sendo administradora a confraria da dita Egreja de Madre de Deus, fez esta tombação em 5 de Julho de 1730, dando conta te o ano 1746, como consta a

fl. 232 do tombo 2.^o antigo, do qual passando para o tombo novo 1.^o, deu contas te o anno 1764, como consta as fl. 26.

Pilerne

O defunto Padre Lourenço de Souza, residente que foi na dita aldea de Pilerne, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, vinte missas por sua alma, consignadas em sesta parte de marinha grande chamada *Somo-leachó-agor* sito na mesma aldea de cuja penção sendo administradora a confraria da Senhora de Piedade, e Almas Santas da mesma freguezia, fez esta tombação della em 16 de Maio de 1763, dando conta te o dito anno, como consta do tombo 1.^o novo, as fl. 444 v.

Parrá

Varios defuntos cujos nomes não estão declarados no tombo, moradores que foram na freguezia de Senhora Anna, da aldea de Parrá, deixaram dez e oito missas por anno por suas almas, de cuja penção sendo administradora a confraria da dita Senhora, e de Boa Morte, fez esta tombação della em 9 de Maio de 1729, dando contas te o anno de 1754 como consta de tombo 2.^o antigo as fl. 156 v.

Moirá

O defunto Pe. Miguel de Noronha, morador que foi na aldea de Moirá, freguezia da Senhora da Conceição, deixou doze missas por anno por sua alma, consignadas nos ganhos de cem xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria da dita Senhora da Conceição, fez esta tombação em 31 de Março de 1729, dando conta te 1752 como se ve fl. 106 v. do tombo 2.^o antigo.

O defunto Francisco de Souza, morador que foi na mesma aldea, freguezia, deixou por verba do seu testamento de que ha copia doze missas por anno para sua alma, e de seus defuntos nos ganhos de sua terça que importou em duzentos xerafins, de cuja penção, sendo administradora a mesma confraria da Senhora de Conceição, fez esta tombação della em 18 de Abril de 1736, dando te o anno de 1738, como consta a fl. 288 do tombo 2.^o.

O defunto João de Souza, morador que foi na dita freguezia e aldea, na verba do seu testamento, de que ha copia,

deixou 6 missas por anno para sua alma, consignadas nos ganhos de cem xerafins, de cuja penção sendo administradora a confraria da mesma Senhora fez esta tombação em 18 de abril de 1736 dando conta te o anno de 1753, como consta do mesmo tombo 2.º as fl. 289.

Nerul, freguezia de Senhora dos Remedios

A defunta Izabel Espinhosa, moradora que foi na aldea de Nelur, freguezia de Nossa Senhora dos Remedios, deixou por verba do seu testamento de que ha copia, as missas de importancia dos rendimentos de sua marinha sita na mesma aldea, de cuja penção sendo administradora a mesma confraria, fez esta sua tombação em 14 de outubro de 1739, como consta do tombo segundo as fl. 205 (1).

O que tudo assim certifico e aos ditos tombos me reporto e esta vae conferida, e concertada com outro official da justiça, commigo assignado—Goa 12 de janeiro de 1766, fiz escrever, e me assignei—Manoel de Assumpção. No concerto, Francisco de Souza Coutinho Castello Branco—No concerto, Manoel de Assumpção.

O Doutor Marcelino José de Pontes Vieira, do Desembargo de Sua Magestade e seu Desembargador da Casa de Supplicação de Lisboa e dos aggravos da Relação de Goa, Ouvidor Geral do Cível com alçada e Juiz das justificações em estas partes da India etc. Faço saber que a letra de sobescrição e signal acima ao pé da certidão he de Manoel de Assumpção, Escrivão de Provedoria-Mor dos defuntos, e auzentes e outro signal ao pé do concerto he do mesmo escrivão Manoel de Assumpção, e outro signal ao pé do concerto he de Francisco de Souza Coutinho Castello Branco, Escrivão do Juiz da ouvidoria nesta cidade, nelle conteudos segundo me constou da fé do Escrivão que este subscreveo, pelo que hei por bem justificados e para certeza delles se passou o presente. Dado em Goa por mim assignado aos 26 de janeiro de 1766.—Silvestre Gomes, Escrivão o fiz escrever e sobscrevi—Marcelino José de Pontes Vieira (2).

(Continúa).

(1) L.º cit., fl. 250 a 252.

(2) Ib., fl. 252 a 253 v.

INDICE ALFABETICO

Dos assumptos mais notaveis

Dos 5 primeiros Concilios Provinciaes de Goa (1)

A

Administração ecclesiastica — de Moçambique. Vide *Manuel Coutinho*.

Aleixo de Menezes (D. fr.) — Arcebispo de Goa. Vide *Concilios provinciaes* de Goa.

Alexandre Valignano — Vide *Jesuitas*.

Alfandegas — Vide *Livros*.

Alforria — Vide *Escravos e Remissão*.

Alimentos — Deve-os o pae infiel ao filho que se converter, até á idade em que possa ganhar sua vida, pag. 17 (2).

Amas — O ajuste de mulheres casadas para criação de filhos deve ser feito por contrato escripto, em que intervenham os maridos, pag. 264 — Vide *Dayas*.

(1) No fasciculo 4.º do seu *Archivo Portuguez-Oriental* Cunha Rivara publicou os 5 primeiros Concilios provinciaes de Goa (1567 a 1606), mas sem o respectivo indice alfabetico, sendo sensivel essa falta para quantos os desejem consultar. Vêmol-a, porém, supprida pelo Visconde de Paiva Manso no *Bullarium*, Appendix, tom. 1.º, no qual se encorporearam esses 5 concilios. Nestes não sómente se trata de assumptos puramente ecclesiasticos, mas ainda de usos e costumes dos naturaes e de varias outras cousas, tudo interessante á historia de Goa. Julgamos, pois, prestar um bom serviço aos estudiosos indo-portugueses que não possam ter accesso ao *Bullarium*, dando-lhes n'esta revista o referido indice. (I G.)

(2) As paginas de referencia são aqui do cit. fasciculo 4.º.

André Fernandes—Chantre de Goa e vigario geral em 1575 e 1585—Conc. 2.º—pag. 78 e 112.

Antonio Cachino—Secretario do terceiro Concilio provincial de Goa—pag. 113.

Appelações—Devem os suffraganeos receber as de seus subditos para o metropolitano, quando, segundo direito, haja lugar—pag. 156.

Arcebispo de Angamale—Devem os parochos e clerigos de cada freguezia ser sustentados pelo povo d'ella por meio de dizimos, collectas, fintas ou esmolas, e pede o Concilio a el-rei de Portugal a esmola de 400\$000 réis annuaes para esse fim, attendendo á pobreza de muitos christãos malabares—pag. 144.

—Manda o terceiro Concilio provincial que n'elle se faça com urgencia o seminario que el-rei de Portugal mandá-dara se fizesse — pag 146.

—E que nenhum clerigo seja ordenado senão pelo seu bispo ou com licença d'elle, e que os ordenados não vão para bispado alheio sem essa licença por escripto — pag. 147.

—E que se fizesse em lingua malabar um sumario do Concilio de Trento e das constituições dos Concilios de Goa, para serem observadas no mesmo bispado—pag. 149.

—E que se traduzisse para caldeu o missal e breviario romano, e do pontifical e sacerdotal o preciso para conferir ordens e administrar sacramentos — ibid.

—E que sejam reprimidos os dois peccados de simonia e usuras, vulgares no referido bispado de Angamale—pag. 150.

—Recommenda-se ao vice-rei da India que trate de pôr em effeito o seminario de Angamale, — *Archivo Port-Oriental*, fasc. 3.º, pag. 113.

—Devem n'elle, apesar dos seus jejuns particulares, introduzir-se os da Igreja Romana—pag. 235.

—Proscripto o uso que n'elle havia de se beijar a mão ao arceediago—ibid.

—Vide *Christãos de S. Thomé*.

Arcebispo de Angamale—Deve ser escolhido por el-rei de Portugal e não pelo patriarcha de Caldéa—pag. 99.

- Deve pedir-se ao pápa, visto não ter suffraganeos ; que seja obrigado a vir aos Concilios provinciaes de Goa — *ibid.*
- Mar Abraham, arcebispo caldeu de Angamale, assiste em 1585 ao terceiro Concilio provincial de Goa — pag. 110.
- Veio de Roma antes d'isso confirmado por Pio IV — pag. 152.
- Arcebispo de Goa—D. Gaspar convoca o primeiro Concilio provincial em 1567.
- D. fr. Jorge Themudo publica-o em 1568.
- D. Gaspar convoca o segundo em 1575.
- D fr. Vicente da Fonseca convoca o terceiro em 1584.
- D. Matheus convoca o quarto em 1592.
- D. fr. Aleixo de Menezes convoca o quinto em 1606.
- Vide *Concilios provinciaes de Goa e Primaz do Oriente.*
- Arequeira — festa gentilica. Pede o primeiro Concilio a el-rei que a prohiba — pag. 13.
- Assentos — Deve em todas as parochias haver um livro numerado pelo vigario da vara, para n'elle serem lançados os que receberem a confirmação — pag. 226.
- Asylo — Vide *Immunidade.*
- Autos — Vide *Comedias.*

B

- Bailes — Vide *Cafrinho, Deghany, Escolas, Mundã e Sarabanda.*
- Bairros — Devem viver em bairros separados dos das christãs as mulheres infieis e as publicas — pag. 52.
- E bem assim os mouros e gentios estrangeiros — *ibid.*
- Vide *Bispado de Malaca.*
- Banhos — Prohibido aos christãos lavar-se nos tanques ou banhos e lavatorios de Ormuz e Dio juntamente com infieis — pag. 192.
- Banhos — Vide *Matrimonio.*
- Baptismo — Não será dado a gentios e mouros antes de vinte dias de cathecismo, salvo caso de extrema necessidade — pag. 140.

— Em casa e por qualquer pessoa é prohibido, salvo o caso de extrema necessidade — pag. 225.

— Vide *Catechumenos e Conversão*.

Baptismos geraes — Não deve exceder nunca a cem o numero dos baptisandos em cada baptismo, pg. 220.

Barbeiro — Sendo infiel não pôde fazer a barba a christão — pag. 265.

Bartholomeu da Fonseca — Vide *Inquisidor*.

Bataló — Homem expulso da casta — pag. 8.

Benções matrimoniaes — Não se dão, sendo a noiva viuva ou mulher publica — pag. 222.

Beris da Igreja — Vide *Congruas e Dizimos*.

Bispado de Angamale — Vide *Arcebisado de Angamale*.

Bispado de Malaca — Mando o primeiro Concilio de Goa que os christãos vivam em Malaca em bairros separados dos chelins — pag. 22.

Bispado de Serra — Vide *Arcebisado de Angamale*.

Bispado de Cochim — D. Jorge Themudo. Assiste ao primeiro Concilio de Goa em 1567 — pag. 3.

— D. Henrique de Tavora. Assiste em 1575 ao segundo Concilio de Goa — pag. 77.

— D. Matheus. Assiste em 1585 ao terceiro Concilio de Goa — pag. 110.

Bispo do Japão — D. Luiz de Cerqueira. Assiste por seu procurador, o padre Francisco Cabral, jesuita, ao quinto Concilio provincial de Goa em 1606 — pag. 202.

Bispo de Macau — D. Leonardo de Sá. E' convocado em 1584 para o terceiro Concilio provincial de Goa — pag. 110.

Bispo de Malaca — D. Jorge de S. Luzia. Assiste em 1567 ao primeiro Concilio de Goa por seu procurador Vicente Viegas — pag. 3.

— E ao segundo em 1575 por seu procurador o padre Gaspar de Mello, vigario geral da ordem dos pregadores — pag. 77.

— D. João Ribeiro Gaio. E' convocado em 1584 para o terceiro Concilio de Goa, que se verificou no anno seguinte — pag. 110.

Bispos — Sobre precedencias entre elles. — Vide *Precedencia*.

Brahmanes — Vide *Ordens*.

Braz Dias — Deão da sé de Goa no anno de 1585 — gap. 122.

Breviario — Vide *Reza*.

C

Cabido de Cochim — no seculo XVI — Vide *Gonçalo de Faria*, *Gonçalo Ramires* e *Vicente Velho de Araujo*.

Cabido de Goa — no seculo XVI — Vide *André Fernandes*, *Braz Dias* e *Francisco Pinto*.

Cabidos — Vide *Governadores de bispado*.

Cadeiras de espaldas — Permittidas aos vice-reis e governadores nas capellas-mores —, pag. 41 e 161.

Cafrinho — Vide *Sarabanda*.

Canacapoles — Prohibido aos christãos servirem se para seus contratos de canacapoles ou escrivães infieis, havendo fiel que o possa fazer — pag. 135.

Canonianes — Curandeiros de Cochim, que empregavam feitiços nas curas — pag. 265.

Cantigas — Vide *Cafrinho*, *Mundã* e *Sarabanda*.

Capella-môr — Não podem estar ahi seculares enquanto se celebram os officios divinos, salvo para receber os sacramentos ou servir os officios. Esta prohibição não comprehende os vice-reis e governadores da India, ou os que servirem em seu logar — pag. 161.

Capellães de navios — Pede o terceiro Concilio que as naus de viagem tragam sempre capellão, como era costume — pag. 178.

Cartorios das Sés — Providencia sobre elles — pag. 173.

Casas de catechumenos — Pede o terceiro Concilio de Goa a el-rei as mande fazer em Goa e mais fortalezas da India e terras de Sua Magestade, dotando-as sufficientemente — pag. 140.

Casamento — Vide *Matrimonio*.

Casas de jogo — Vide *Jogo*.

Casos — Vide *Lições de casos*.

Casos reservados — Declarados no primeiro Concilio — pag. 60.

— Acrescenta o quinto Concilio mais alguns aos já reservados aos Ordinarios nas Constituições do arcebispado — pag. 230 e 274.

Casta — O que seja tomar casta — pag. 125.

Castas — Vide *Bataló e Ordens*.

Catechese — Vide *Catechismo*.

Catechismo — Mandado fazer conforme o Concilio de Trento para servir á catechese e ensino do povo — pag. 139.

— Mandaram-se fazer dois, um para o ensino dos que de novo se converterem, e outro mais desenvolvido para se ler na egreja aos já convertidos — pag. 217.

— Vide *Baptismo*.

Catechumenos — Aprendem a doutrina da Egreja, e ouvem a missa até ao offertorio sómente — pag. 218.

— Pede o quinto Concilio de Goa que a casa dos catechumenos tenha immundade, e sirva de couto aos mesmos catechumenos — pg. 219.

— Na casa dos cathecumenos haverá baptismo um domingo em cada mez — 220.

— Morrendo antes do baptismo, mas já doutrinados, são enterrados em sagrado — pag. 220.

— Vide *Casa de catechumenos*.

Ceremonial dos bispos — Feito por ordem de Clemente VIII, e mandado guardar em toda a provincia ecclesiastica de Goa — pag. 221.

Chaldea — Vide *Arcebispado de Angamale*.

China — Vide *Bispo de Macau, Leonardo de Sá e Seminario*.

Christãos — Vide *Banhos, Barbeiro, Conversação, Dayas, Feitor, Habitação, Judeus, Medicos, Mestre e Officiaes*.

Christãos de S. João — São assim designados os abexins pag. 141.

Christãos de S. Thomé — Pede o quinto Concilio provincial a el-rei estenda aos christãos de S. Thomé os privilegios concedidos aos novamente convertidos nas partes da India, em especial o de não se receber querella d'elles, senão em caso de morte, aleijão, juramento falso e falsidade, etc. — pag. 275.

Clerigos — Vide *Vida e honestidade*.

Clerigos estrangeiros — Não podem ser admittidos a celebrar sem apresentarem demissoria do seu prelado — pag. 235.

Comedias — tragedias e autos profanos. Prohibidos nas egreja; permittidos porém as de historias divinas e de santos — pag. 251.

Communhão — Não se deve dar sem que o que vae receber o sacramento mostre que se confessou, salvo sendo pessoa manifestamente conhecida por capaz — pag. 160 e 234.

Comunicação — de bens ha entre marido e mulher infieis, convertendo-se ambos ou só a mulher — pag. 16.

Concilio provinciaes de Goa — O primeiro, convocado pelo arcebispo D. Gaspar, reúne-se na Sé de Goa sob a sua presidencia em 1567, governando a India o vice-rei D. Antão de Noronha, assistindo o bispo de Cochim D. Jorge Themudo, o de Malaca D. Jorge de Santa Luzia por seu procurador Vicente Viegas, o administrador de Moçambique Manuel Coutinho, os superiores e prelados das ordens de S. Domingos, S. Francisco e Companhia de Jesus, e outros doutores e mestres em theologia, canones e leis — pag. 3.

— E' (impresso por João de Endem, e) publicado e mandado executar pelo arcebispo D. fr. Jorge Themudo, na provisão de 10 de Junho de 1568, com declaração de não ser executado nas materias que não são de jurisdicção ecclesiastica sem ordem do rei — pag. 1.

— Pede a confirmação dos seus decretos ao pontifice — pag. 62.

— Concede-a S. Pio V, pelo breve *Provinciale Concilium*, de 1 de janeiro de 1570 — pag. 35 do *Bullarium* cit..

— O segundo é convocado em outubro de 1574 pelo arcebispo D. Gaspar, e é aberto sob a sua presidencia na Sé de Goa a 12 de junho de 1575, sendo governador da India Antonio Moniz Barreto, e assistindo o bispo de Cochim D. Henrique de Tavora, o de Malaca D. Jorge de Santa Luzia por seu procurador fr. Gaspar de Mello, vigario da ordem dos prégadores, o inquisidor Dr. Bartholomeu da Fonseca, o cabido de Goa por seu procurador o licenciado André Fernandes, e o orador por parte do rei e do governador o desembargador Gonçalo Lourenço — pag. 77.

— Reunem-se as suas congregações nos paços archiepiscopaes e nas casas do Sabayo, onde estava o Santo Officio — pag. 87.

- Sendo convocado a este Concilio Mar Abraham, arcebispo syriaco de Angamale, desculpa o rei de Cochim a sua falta em carta ao pontifice, de 2 de janeiro de 1576, pelo receio que elle tinha e prometendo que elle irá tendo segurança e garantia — pag. 55 do *Bullarium* cit..
- Responde Gregorio XIII que ignora os motivos d'esse receio, mas que, sabendo-os, providenciará; breve *Laudamus magnoperé*, de 12 de dezembro de 1576 — pag. 56 ib.
- Pede o Concilio ao pontifice que o bispo de Nicéa, coadjutor do patriarcha de Ethiopia, encarregado do governo da China em Macau, venha aos Concilios provinciaes de Goa, por estar na provincia, e pela muita distancia que havia de Macau á Abyssinia — pag. 99.
- O terceiro Concilio é convocado em 1584 pelo arcebispo D. fr. Vicente da Fonseca, e reune-se sob a sua presidencia na Sé de Goa em 9 de junho de 1585, dia de Pentecostes, governando a India o vice-rei D. Duarte de Menezes, assistindo o arcebispo de Angamale Mar Abraham, o bispo de Cochim D. Matheus, o de Malaca por seu procurador fr. Diogo da Conceição, custodio dos capuchos em Malaca, representando tambem o cabido de Malaca, o cabido de Goa por seu procurador o deão Braz Dias, o inquisitor Ruy Sodrinho de Mesquita, e o orador por parte do rei o Dr. Duarte Delgado de Varejão, seu desembargador — pag. 109 e 114.
- Conclue as sessões em 24 de novembro de 1585, pede a confirmação ao pontifice, e é publicado e mandado executar pejo arcebispo D. fr. Vicente — pag. 111 e 182.
- Manda Philippe I em carta regia de 5 de março de 1587 ao vice-rei D. Duarte de Menezes sobreestar na execução de alguns dos seus decretos — *Archivo Port-Or.*, fac. 3.º, pag. 98.
- O quatro Concilio é convocado pelo arcebispo D. Matheus, e reune-se sob a sua presidencia na sé de Goa em 12 de janeiro de 1592 — pag. 185.
- Adverte-se ao vice-rei da India, em carta regia de 1 de março de 1594, de que não devia ser publicado o Concilio sem d'elle se ter dado previa conta ao governo — cit. *Archivo*, fasc. 3.º, pag. 420.
- Por causa das duvidas n'ele suscitadas entre os bispos de Malaca e Cochim sobre precedencia, resolveu a

- carta regia de 3 de março de 1594 que os bispos precedessem, como é costume, pela antiguidade da sagração — cit. fasc., pg. 436.
- O quinto Concilio, convocado pelo arcebispo D. fr. Aleixo de Menezes em 1606, reúne-se sob a sua presidencia, e é por elle publicado — pag. 201.
- Assiste entre os comprovinciaes o bispo do Japão D. Luiz de Cerqueira, por seu procurador o padre Francisco Cabral, jesuita — pag. 202.
- O sexto Concilio é marcado pelo quinto para se verificar em janeiro de 1616, mas não chegou a reunir-se — pag. 278.
- Dizer que errou o Concilio é escandalo e erro que deve ser punido — pag. 105.
- São todos os cabidos obrigados a mandar seus procuradores ao Concilio provincial — pag. 259.
- Não eram celebrados em Goa todos os tres annos, como determina o Concilio de Trento, mas de cinco em cinco, por especial concessão do pontifice — pag. 182.
- Vide *Constituições, Dispensa, Martyres, Precedencias e Voto*.
- Confessionarios — Deve havel-os nas egrejas com ralos de pau ou bronze, que fiquem de permeio entre os confesores e penitentes — pag. 228.
- Confessores — Recomendado todo o cuidado e rigor no exame para confessar — pag. 174.
- Não tendo beneficio curado, nem sendo letrados, devem ser examinados annualmente — pag. 227.
- Não podem confessar mulheres, salvo com especial licença do prelado, senão depois de terem trinta e cinco annos — ibid.
- Nas licenças aos regulares para confessarem nunca se comprehende a de ouvirem de confissão os capitães e officiaes da fazenda de el-rei, salvo com expressa declaração na carta de licença — pag. 228.
- Confirmação — Não pode repetir-se — pag. 226.
- Confissão — Pede o quinto Concilio que se não faça pagamento aos militares, sem apresentarem escripto de como cumpriram o-preceito da confissão quaresmal — pag. 230.

- Congruas — Mandam-se dar 400\$000 réis para ajudar a sustentar os parochos nos sitios em que os dizemos não chegam; carta regia de 5 de março de 1587 — cit *Archivo*, fasc. 3.º, pag. 98.
- Pede o quinto Concilio a el-rei que estabeleça rendas separadas para a Igreja e seus ministros, administradas por ella, para evitar os atrazos em que andam as congruas e vencimentos por culpa dos empregados do Estado — pag. 223.
- Constituições — Mandadas guardar em toda a provincia as do arcebispado de Goa, podendo os ordinarios alteralas conforme a necessidade, dando parte ao futuro Concilio — pag. 45.
- Reconhece-se a necessidade de outras, que substituíssem as primeiras, feitas havia quasi quarenta annos — pag. 222.
- Contracto — Deve ser escripto o de ajuste de amas — pag. 264
- Conventos — Vide *Mosteiro*.
- Conversação — Prohibida a de fieis com infieis, não podendo aquelles servir-se destes senão na falta de christãos — pag. 130. — Vide *Feitor*.
- Conversão — Não é licito para a obter empregar força, ameaça, terror, etc. — pag. 8.
- Não devem pois tomar-se os filhos aos paes infieis antes da idade da discrição para os baptizar — pag. 9 — Vide *Força*.
- Corpo de Deus — Vide *Festas e procissões*.
- Culto publico — Vide *Martyres*.
- Curumbins — Curandeiros de Cochim, que usavam de feitiço nas curas — pag. 265.

D

- Dayas — Prohibe o terceiro Concilio ás mulheres christãs servirem-se de dayas ou parteiras e amas infieis — pag. 132. — Vide *Amas*.
- Daqhanym — Baile e canto gentilico, prohibido pelo terceiro Concilio provincial — pag. 132.
- Demissorias — Vide *Clerigos estrangeiros*.
- Despacho — Vide *Livros*.

- Dias santos — e de jejum — Devem ser denunciados ao povo em todas as egrejas no tempo da primeira missa e na missa do dia — pag. 250.
- Diocese — Vide *Arcebispado* e *Bispado*.
- Dispensas — Podem os prelados dispensar na decisão dos Concilios provinciaes, havendo causa — pag. 106.
- Distincções — na igreja — Vide *Cadeiras de espaldas*, *Copella-mór*, *Eça* e *Estrados*.
- Dizimos — São obrigados a elle as terras, ainda que paguem fôro á fazenda real — pag. 252.
- Duarte Delgado de Varejão — Desembargador e orador nomeado pelo governo para assistir ao terceiro concilio provincial de Goa em 1885 — pag. 112.

E

- Eça — Não se póde na igreja levantar por defunctos, salvo sendo vice-reis ou prelados — pag. 40 e 250.
- Ecclesiasticos — Vide *Clerigos*.
- Embarcações — Vide *Capellães de navios*.
- Escolas — As de instrucção primaria ou latim, ninguém póde estabelecer-as sem ser examinado e approved pelo Ordinario — pag. 272.
- Prohibidas aquellas, em que se ensinam moças a cantar, bailar ou tanger — pag. 266. Vide *Bailes*.
- Escravos — Só póde havel-os por algum d'estes cinco titulos: 1.º, ser filho de escrava; 2.º, ser tomado em justa guerra por seus inimigos; 3.º, ter-se o proprio individuo vendido; 4.º, ser vendido pelo pae em extrema necessidade; 5.º, ser escravizado em rasão de algum delicto por virtude da lei — pag. 25.
- Os de infieis, convertendo-se ficam livres, ainda sendo de Malaca — pag. 53.
- Devem ser baptizados dentro de seis mezes do dia em que o senhor os adquirir, ou dentro de um mez, sendo menores de dez annos — pag. 142.
- Os infieis, que se quizerem fazer christãos, têm direito a obter a alforria, sendo o maior preço fixado em 12 cruzdos—pag. 212.
- Não podem os gentios ser comprados por mouros ou judeus—pag. 215.

- Ficam forros se o senhor os expulsar de casa para os não curar—pag. 218.
- Recomendada a moderação no castigo dos escravos, e fulminados os excessivos castigos, que o primeiro Concílio especifica—269.
- Sendo excessivamente castigados pelos senhores, e assim julgado pelo juiz, ficam livres, servindo-lhes de carta de alforria a certidão de sentença do julgador—ibid.
- Não devem ser obrigados a trabalhar aos domingos e dias santos—pag. 265.
- Escripto — Vide *Contrato*.
- Escrivães — Vide *Canacapoies*.
- Esmola de missa — Vide *Missa*.
- Estrados — Não os podem ter as mulheres nas egrejas, qualquer que seja a sua posição e qualidade — pag. 162.
- Estrangeiros — Vide *Clerigos estrangeiros*.
- Eucharistia — Vide *Exposição de Sacramento*.
- Exame — para confessores. Vide *Confessores*.
- para as ordens — Vide *Ordens*.
- Exposição de Sacramento — Não pode fazer-se na semana santa fóra das fortalezas. senão nas cidades e lugares onde houver concurso de povo christão, para evitar algum desacato — pag. 159.

F

- Feitor — Proibido aos christãos servir-se de feitor infiel, ou servir como feitor a infiel — pag. 192.
- Festas e procissões — Transferida a de Corpus Christi, por autorisação de Paulo III, para a quinta-feira depois da oitava da Paschoa — pag. 17.
- Procissões que não sejam as ordenadas pela igreja, só se podem fazer convindo o bispo — pag. 33.
- Fiança — Vide *Juro*.
- Fogos de artifício — Proibidos nas festas e procissões — pag. 199.
- Força — Não se consideram como força, para não serem empregados como meios de conversão, as dadivas, benefícios, favores, mercês ou perdão de culpas — pag. 137.

Francisco Cabral — jesuita — Vide *Bispo de Japão*.
Francisco Pinto — arcediogo da Sé de Goa em 1575, serve de secretario do segundo Concilio provincial— pag. 78.
Freguezias — Vide *Parochias*.

G

Gaspar (D) — Arcebispo de Goa. Vide *Concilioes provinciaes de Goa*.

Gaspar de Mello — Vigario geral da ordem dominicana em 1575. Vide *Concilioes provinciaes de Goa*.

Gonçalo de Faria — conego de Cochim em 1575—pag. 81.

Gonçalo Lourenço — Desembargador e chanceller da India em 1575. Assiste como orador por parte de el-rei ao segundo Concilio provincial — pag. 78.

Gonçalo Ramires — conego de Cochim em 1575—pag. 81.

Governadores de bispado — deixados pelo bispo quando vae fóra da diocese. Não têm então lugar na igreja, que não seja o que lhes competiria não sendo governadores, e só precedem ao cabido e mais clero em actos pertencentes á jurisdicção — pag. 257.

H

Habitação — Prohibido aos christos morarem de portas a dentro com infieis — pag. 131.

Henrique de Tavora (D.) — Bispo de Cochim. Vide *Concilioes provinciaes de Goa*.

Honestidade — Vide *Vida e honestidade*.

Honra — Debaixo de honra vedada aos infieis, se entende andar a cavallo e em palanquins, e trazer sombreiro de pano—pag. 97.

Hospitaes — Deve n'elles dizer-se missa aos domingos e dias santos aos enfermos e ministros da casa, antes de missa do dia das egrejas matrizes, ou á hora que o prela o julgar mais conveniente—pag. 162.

I

Idade — para as ordens—Vide *Ordens*.

Igreja de Roma — Mãe e mestra de todas as Egrejas — pag. 7.

Igrejas — Vide *Templos*.

Imagens — As de vulto não devem ser vestidos com outros vestidos, tendo-os em si—pag. 44.

— Não podem pintal-as os pintores sem primeiro o communicarem ao prelado, ou seu provisor ou vigario — pag. 45.

— Não podem ser pintadas por infieis—pag. 214.

— Vide *Penhor*.

Immunidade — Gosa immundade eclesiastica o homisia-do que se acolhe ao Santissimo Sacramento, indo fóra da egreja ou estando em casa do enfermo, como se fóra dentro da igreja — pag. 105.

— Vide *Catechumenos*.

Imprensa em Goa — Vide *João de Endem*.

Infieis — Vide as remissões ás palavras *Christãos conver-são, Escravos, Honra, Juramento e Livros*.

Inquisição — Vide *Sabayo*.

Inquisidor — Era-o na India em 1575 Bartholomeu de Fonseca — pag. 78.

— E em 1585 o dr. Rui Sobrinho de Mesquita— pag. 112.

Instrucção — Vide *Escola, Lições de casos e Seminarios*.



Japão—Vide *Bispo do Japão, Concilios provinciaes de Goa, Francisco Cabral e Seminarios*.

Jejum—*Dias de ...* Vide *Dias santos*.

Jesuita — Era seu provincial na India em 1575 o padre Ruy Vicente—pag. 78.

—E em 1585 o padre Alexandre Valignano—pag. 113.

João de Endem — Impressor em Goa em 1568, edita o primeiro Concilio provincial — pag. 3 do cit. *Bullarium*.

João Ribeiro Gaio—Vide *Bispo de Malaca*.

Joeira—Vide *Superstição*.

Jogo — É prohibido nas egrejas—pag. 41.

Casas de jogo e mesas de tabolagem—são prohibidas —pag. 260.

Jorge Themudo — (Dr. fr.) — Arcebispo de Goa. Vide *Bispo de Cochim e Concilios de Goa*.

Judeus — Prohibe o primeiro Concilio de Goa que os haja nas terras portuguezas—pag. 23.

—Prohibido aos christãos alugar casas a judeus dentro da cidade entre christãos, ou deixal-os entrar em suas casas —pag. 131.

— Não podem entrar em casa de christãos e vice-versa— pag. 212.

Juramento—Aos infieis, mouros e gentios será dado nos tribunaes segundo o seu rito, se elles o quizerem, ou então sobre suas cabeças ou de seus filhos, tendo-os, ou sobre seus olhos, sendo mouros—pag. 272.

Juro—É taxado a 9% sem fiança ou penhor, a 8% com fiança sem penhor, e a 7% com penhor; todo o excesso é condemnado como usura, e punido como onzena — pag. 276.

Justiça — Sobre a despesa em juizo com os processos de orphão, vide *Orphãos*.

Justificação de estado livre — Dal-a-hão os noivos, além dos pregões, quando ambos ou algum delles haja morado em outra parte pouco antes do casamento — pag. 247.

L

Larim — Vide *Missas*.

Lavatorios — Vide *Banhos*.

Leonardo de Sá (D.) — Vide *Bispo de Macau*.

Lições de casos — Devem os prelados estabelecê-las nas egrejas, pelo menos nas cathedraes, para instrucção do clero — pag. 154.

— São obrigados a ouvir-as onde as houver todos os clérigos entravagantes até quarenta annos, sob pena de suspensão, e isentos os que tiverem estudado dois annos de theologia, ou forem escusos pelo prelado — pag. 244.

Linhas — foi prohibido aos gentios vassallos de Portugal o trazel-as ao pescoço, por ser insignia de idolatria — pag. 124 e 210.

Liturgia — Vide *Ritos*.

Livros — Os de mouros e outros infieis não tem despacho nas alfandegas — pag. 27.

Luctuosa — Não pôde ser levada da fazenda dos sacerdotes, a qual então ficará a quem pertencer, — pag. 47.

Luiz de Cerqueira (D.)— Vide *Bispo do Japão*.

M

Macau — Vide *China*.

Malaca — Vide *Bispado de Malaca*.

Manuel Coutinho — Vide *Conciliaes provinciales de Goa e Moçambique*.

Mar Abraham — Vide *Arcebispo de Angamale*.

Martyres — Os bispos, logo que chegarem ás suas egrejas, devem fazer inquirição, em forma, dos martyres, que nas suas dioceses tenham padecido, a fim de ser presente ao futuro Concilio provincial, e enviada ao papa—pag. 224.

— Mas enquanto não forem declarados martyres pelo pontifice não podem ter culto publico—ibid.

Matrimonio — Devem os noivos confessar-se e commungar pelo menos tres dias antes do casamento—pag. 234.

— O dos infieis não se dirime pela conversão de algum dos casados — pag. 21.

— Vide *Benção e Justificação de estado livre*.

Meca — Vide *Romaria*.

Medicos — Prohibido aos christãos curar-se com medicos infieis—pag. 132.

Meretrizes — Vide *Bairros*.

Mesa da Consciencia — Pede o terceiro Concilio a el-rei a estabeleça em Goa—pag. 177.

Mesquitas — Vide *Pogodes*.

Mestre — Não devem os christãos confiar seus filhos a mestre infiel, salvo na falta de mestres christãos, e com licença do prelado — pag. 132.

Mestres de ceremonias — Deve havel-os em todas as cathedraes da metropole ecclesiastica de Goa—pag. 221.

Missa de catechumenos — E' aquella a que assistem os cathecumenos até ao offertorio sómente—pag. 218.

Missas — Taxada a sua esmola em Moçambique em 100 réis, na China em meio cruzado de Malaca, e nos outros logares mandado observar o costume—pag. 43.

— Taxada em 80 réis em toda a provincia, excepto Malaca, Moçambique e China, onde será a fixada pelo primeiro Concilio — pag. 104.

- Taxada em meio cruzado da Malaca em Moçambique, Maluco, Malaca e China, e conservando nas mais partes o costume — pag. 163.
- Taxada em um larim, salvo onde fôr maior por costume da terra — pag. 237.
- Não se podem tomar para se mandarem dizer por outrem, por menor esmola — pag. ib.
- Vide *Dias santos e Hospitaes*.
- Moçambique — O seu administrador ecclesiastico Manoel Coutinho assiste ao primeiro Concilio provincial de Goa em 1567 — pag. 3.
- Monopolio — E' além de injusto, prejudicial — pag. 60.
- Mosteiros — Não se podem edificar sem licença do ordinario — pag. 47.
- Mouros — Vide *Infeis*.
- Mulheres — Vide *Vida e honestidade*.
- Mundã — Vide *Sarabanda*.

N

- Navegação — E' livre — pag. 55.
- Navios — Vide *Capellães de navios*.
- Notario apostolico — Era-o em Goa em 1575 Gonçalo Dias — pag. 81.

O

- Officiaes — Os de el-rei ou seus rendeiros não podem servir-se com infeis — pag. 137.
- Oleos sagrados — Vide *Santos oleos*.
- Onzena — Vide *Concilio provinciaes de Goa, Gonçalo Lourenço e Duarte Delgado de Varejão*.
- Ordenados — Vide *Congruas*.
- Ordens — Na admissão ás ordens devem os prelados abster var rigorosamente o Concilio de Trento, e estabelecer em todas as egrejas, ao meos nas cathedraes, lições de casos para instrucção do clero — pag. 153.
- Devem os ordinandos ser de casta e geração honrada e limpa, de boa vida e fama, e saber alem da lingua da terra o latim e casos de consciencia — ibid.

- E os baptisados em adultos, só depois de quinze annos de conversão, podem receber ordens sacras, não podendo obter as de missa antes dos trinta de idade — *ibid.*
- Não devem ser admittidos a ordens os de castas baixas, mas só os filhos de brahamanes, parabus ou de outras castas havidas por nobres — pag. 24.
- Os regulares nunca poderão fazer o exame para a ordenação perante o seu prelado, mas sim perante o ordinario — pag. 194 e 227.
- O patrimonio para a ordenação deve ser em bens de raiz, que valhem 500 pardaus, sendo portuguez o ordinando, ou 300 sendo indigena — pag. 195 e 241.
- Aos que não tiverem patrimonio e forem dignos, podem ser dadas em titulo as capellarias das cathedraes — pag. 242.
- Orphãos** — Pede o terceiro concilio a el-rei proceda de fórma que aos orphãos com pequena fortuna não seja absorvida esta com os gastos da justiça — pag. 142.
- Ormuz** — Prohibe o primeiro concilio que n'ella residem judeus — pag. 23.
- Era n'esta cidade a festa dos mouros á sexta-feira — pag. 25.
- Pede o terceiro concilio a el-rei mande derrubar as mesquitas e synagogas de Ormuz — pag. 122.

P

- Paes** — ou protectores dos novamente convertidos. Serão apresentados pelos prelados ao vice-rei, e exonerados de acordo com elle. — pag. 46.
- Pagodes** — e *mesquitas*. Pede o terceiro Concilio a el-rei os mande derribar — *ibid.*
- Palanquim** — Vide *Honras*.
- Parochias** — erigil-as e dividil-as pertence ao ordinario — pag. 248.
- Parocho** — Nenhum sacerdote póde ser nomeado parocho de qualquer egreja sem saber a lingua dos seus parochianos — pag. 226.
- Parteira** — Vide *Daya*.
- Parto** — Vide *Vigias*.

- Patrimonio — Vide *Ordens*.
- Paz — Dá-se na missa aos vice-reis e governadores, por quem não seja sacerdote — pag. 41 e 161.
- Penhor — Cruzes, relicarios e imagens não podem ser empenhadas em mão de infieis — pag. 214.
- Empenhar pessoa livre é prohibido — pag. 271.
- Peregrinação — Vide *Romaria*.
- Persia — Vide *Ormuz*.
- Precedencia — A dos bispos nos Concilios é regulada pela antiguidade da sagração; cartas regias de 3 de março de 1594 e 26 de fevereiro de 1595, — cit. *Arch. Port.* — *Or. fasc.* 3.^o, pag. 436 e 525.
- Os bispos sentam-se e procedem nos Concilios pela antiguidade da sua sagração — pag. 202.
- Preços — Vide *Taxa*.
- Pregões — Vide *Banhos*.
- Primaz do Oriente — E' o arcebispo de Goa, e por isso não deve ninguem que se pretenda bispo, ser considerado tal, sem que primeiro lhe apresente letras apostolicas, sob pena de ser considerado intruso — pag. 151.
- Priostes — Os das sés e collegiadas devem dar contas, acabado o anno, dentro de tres mezes — pag. 104 e 172.
- Privilegios — Vide *Christãos da S. Thomé*.
- Procissões — Da Resurreição não se podem fazer fóra de Goa e Cochim, senão na matriz — pag. 34.
- Podem fazel-as da Resurreição os religiosos de Baçaim e Chaul pelos logares limitados pelos prelados — pag. 159.
- Vide *Festas e procissões*.
- Proclamas — Vide *Banhos*.
- Profissão de fé — Todos os que impetram beneficios ecclesiasticos, ou forem promovidos a dignidade ecclesiastica, ou a mestre de theologia e artes liberaes, devem fazer a de Pio IV — pag. 61.
- — Estabelece-a este Papa na bulla *Injunctum nobis* — pag. 63.
- Provimento das egrejas — Vide *Parocho*.

R

Rapar — Prohibido ás viúvas hindus raparem as cabeças—
pags 97 e 129.

— Idem ás viúvas cristãs que não passarem de 50 annos,
por ser rito gentilico—pag. 211. (a)

Recursos — Vide *Appellações*.

Relações — entre christãos e infieis. Vide *Armas, Bairros, Banhos, Barbeiros, Conversação, Canacapole, Daya, Feitor, Habitação, Judeus, Mestres, Medicos, Officiaes, Parteira e Rendas*.

Relicario — Vide *Penhor*.

Remissão — Vide *Escravos*.

Rendas — Não podem ser dadas a infieis — pag. 137.

Residençia — E' mandado observar rigorosamente n'esta
materia o Concilio de Trento — pag. 242.

Reza — Mandado observar o uso romano na reza e ceremonias—pag. 33.

— Não se pode rezar de santos, que não estejam no breviário romano, ou fazer reza duplice da que n'ella é simples, sem licença do Pontifice—pag. 199.

Ritos — Vide *Cadeiras, Capella-mór, Ceremonial dos bispos, Eça, Estradas, Exposição de Sacramento, Festas, Imagens, Mestres de ceremonias, Paz, Procissões, Reza e Vinho*.

Ritos gentilicos — Vide *Canoniane, Curumbina, Lenha, Rapar, Sati e Viúvas*.

Romaria — Foi prohibido dar licença aos mouros ou infieis, quando a peçam para ir em romaria á casa de Meca ou pagodes dos gentios — pag. 126.

Ruy Sodrinho de Mesquita — Vide *Inquisidor*.

Ruy Vicente — Vide *Jesuitas*.

(a) No Indice do *Bullarium* tem-se feito alguma confusão a este respeito. Aqui vae aclarado. (I. G.)

S

Sabayo—Nas suas casas estava estabelecido o Santo Officio—pag. 87.

Sacramentos—Vide sobre cada um d'elles na palavra correspondente.

Santos oleos—Podem usar d'elles os parochos, emquanto não receberem os novos, não passando de tres annos—pag. 240.

Sarabanda—Bem como mundã, cafrinho e deghany, bailes e cantigas lascivas, prohibidas pelos Concilios provinciaes—pag. 132 e 266.

Sati—Festa gentilica, em que os infieis põem nome aos filhos—Pede-se a el-rei a prohiba—pag. 13.

Seminario—Resolve o terceiro Concilio que haja seminarios em todas as diocesses, e não podendo ser logo, ao menos um em Goa para toda a provincia, sendo metade dos alumnos do arcebispado e metade dos outros bispados, e pede a el-rei dê os meios para isso e para a sua sustentação—pag. 152.

—Pede o quinto Concilio ao rei de Portugal, que mande creal-os em Malaca, China e Japão, como já os havia em Goa, Cochim e Angamale—pag. 218.

—Vide *Arcebispo de Angamale*.

Serra—Vide *Arcebispo de Angamale*.

Sés—Vide *Cartorio, Lições de casos e Mestres de ceremonias*.

Sombreiro—Vide *Honra*.

Suffragios—Pelos que morrerem intestados se dirão tres officios de nove lições e tres missas resadas, se os bens valerem 100\$000 réis; e um officio com tres missas, valendo menos—pag. 43.

Superstição—Condemnada a de querer advinhar com supo ou joeira—pag. 274.

Supo—Vide *Superstição*.

Synodo diocesano—Encommenda o primeiro Concilio aos bispos que façam muitas vezes Synodo diocesano, como manda o Concilio de Trento, e que não haja n'isto descuido—pag. 257.

T

Tavolagem — Vide *Jogo*.

Taxa — Pede o quinto Concilio a el-rei mande taxar os preços das causas, de cujo commercio os capitães tenham monopolio por provisões regias — pag. 262.

Têmplos — Não podem erigir-se sem licença do ordinario — pag. 248.

Testamentos — Quem impedir a outrem fazel-o livremente, incorre em excommunhão — pag. 49.

Titulo — Vide *Ordens*.

Tragedias — Vide *Comedias*.

U

Usura — Vide *Juro*.

V

Vicente de Fonseca (D. fr.) — Arcebispo de Goa. Vide *Concípios provinciaes de Goa*.

Vicente Velho de Araujo — Conego da sé Cochim em 1575 — pag. 107.

Vida e honestidade — de clerigos. Elles não devem: 1.º, ter mulheres de portas a dentro, salvo irmão ou irmã, ou pessoa de seu serviço, com licença do prelado; 2.º, acompanhá-las, salvo irmão ou irmã, não levando outras em companhia — pag. 155.

Vicente Viegas — Procurador do bispo de Malaca, D. Jorge de Santa Luzia ao primeiro Concilio de Goa, em 1567 — pag. 3.

Vigarios — Vide *Parochos*.

Vigias — Prohibidas por occasião do parto das mulheres — pag. 274.

Vinho — Devem os parochos e confrarias, quando tenham de o fornecer para as missas, conservar sempre provisão d'elle puro — pag. 160.

Visita — A do bispado devem fazel-a os bispos por si, ou estando impedidos por seus visitadores, todos os annos, ou, pelo menos cada dois annos — pag. 155.

Viuvas—Falmina o terceiro Concilio que as viúvas dos brahamanes se queimem, ou mesmo rapem a cabeça, por morte dos maridos—pag. 129.

— Vide *Rapar*.

Voto—Nos Concilios provinciaes só os bispos presentes têm voto definitivo e decisivo; os procuradores dos bispos ausentes só o podem ter, consentindo-o o Concilio — pag. 202.

—Deu-o o quinto Concilio ao padre Cabral, procurador do bispo do Japão D. Luiz de Cerqueira—ibid.



VARIA VARIORUM

A ourivesaria em Goa em 1510

Do magnífico estudo, intitulado *Artes industriais e industrias Portuguezas*, do saudoso e benemérito escriptor Souza Viterbo, que está publicando o *Instituto* de Coimbra, trasladamos o seguinte interessante trecho do capítulo *Ourivesaria* (n.º 3 do corrente anno):

Nemú Chetim era filho do mocadam dos ourives de Goa, ao tempo em que esta cidade foi tomada ao Çabaio por Afonso de Albuquerque, que o confirmou no mesmo officio. Vindo Çabaio sobre Goa, reconquistando-a, o mocadam, com seus filhos e familia, se recolheu às nossas náus. Quando nos assenhoreamos de novo daquella cidade, o pai de Nemú Chetim reassumiu o seu cargo, em que se lhe seguiu o filho.

Diogo Lopes de Sequeira, quando era capitão-mór negou-se a validar os alvarás dos seus antecessores, e por isso Chetim se queixou a el-rei, dirigindo-lhe o requerimento que abaixo transcrevo, e no qual além de patentear a sua aptidão como ourives, põe em re-

levo os seus serviços e os de seu pae, que ajudára a Afonso de Albuquerque com 200 peões :

«Sor.—Nemú Chetim faço saber a vosa alteza em como no tempo do Çabaio meu pay era mocadam em Guoa dos ourivez e asy todos meus avos e depois de Guoa ser tomada e metida debaixo de voso senhorio Afonso d'Albuquerque que asy tomou confirmou meu pay no dito officio e nelle seruió até o Çabaio vir cerquar Goa, e no dito cerco seruió com duzentos piaes até se entrar Guoa, e depois da cidade ser entrada se recolheo as naas de vosa alteza com sua molher e seus filhos e comiguo, que sam seu herdeiro, ao qual ele traspasou o officio e eu o serui sempre em tempo d'Afonso d'Albuquerque por seus aluaras e depois de seu falecimento mo confirmou Lopo Soarez por carta patente em nome de vosa alteza, e agora nom ma quer meter de posse Do. Lopez de Sequeira que he aguora he capitão moor por vosa alteza pelo qual peço a vosa alteza que oulhe aos serviços do meu pay e meus asy sermos dos melhores officiais da Imdia ourivezes e asy sermos pessoas para vos podermos servir com gente como sempre fizemos me meta de pose do dito officio, no que receberey muyta (falta mercee) e rogarey a D.^a por vida e estado de vosa alteza» ¹.

Descobertas archeologicas

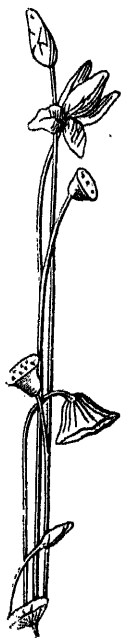
Diz um telegramma de Simla, datado de 21 de abril e publicado no *Times of India*, de 22 :

«Receberam-se aqui noticias de terem dado excellentes resultados archeologicos as excavações que se

¹ Torre do Tombo — Cartas missivas, maço 4, n.º 207.

estão fazendo em Taxilla, no districto de Rawalpindi. Descobriram-se joias, moedas e um templo do periodo scytha, que se consideram de grande valor historico para os estudiosos da historia e archeologia da India.

Espera-se que serão melhor succedidas novas excavações. Mr. Marshall, Director Geral, está em Taxilla, fiscalizando o proseguimento das obras.»



O ORIENTE PORTUGUEZ

10.º ANNO. 1913

N.º 5 e 6

— Maio e Junho —



FR. EPHRAIM DE NEVERS

E

A INQUISIÇÃO DE GOA

(1650-1651)

(Continuação da pag. 9)



5 de novembro (1651), ás 8 horas da manhã, foi novamente chamado á mesma sala, onde viu sentados apenas os dois inquisidores. Logo que se approximou da mesa, foi-lhe pelo secretario lida a sentença do Santo Officio. Era condemnado a lêr do pulpito da egreja cathedral, durante a missa cantada, um papel que dizia o seguinte :

«Eu fr. Ephraim de Nevers, durante o tempo que estive em Madrastra, disse que não era necessario adorar a Cruz com

o culto de *latria*,— que a imagem da SS.^{ma} Trindade não devia ser pintada, — que um clérigo inglez era um sacerdote e que não era conveniente haver nas egrejas d'este paiz imagens esculpidas— proposições que são temerarias, erroneas e de mau conceito na fé. Tudo isto desapprovo e affirmo que se pode prestar á Cruz a adoração de *latria*,— que se podem fazer pinturas da imagem da SS.^{ma} Trindade,— que o clérigo inglez não é um sacerdote,— e que se deve manter nas egrejas imagens esculpidas».

Eis a substancia da sentença. A isso o frade respondeu que não podia conscienciosamente desaprovar o ponto relativo á adoração da Cruz, pois já fôra definido pelo 2.^o concilio de Nicéa e que nunca diria cousa alguma contraria ao decreto d'esse concilio. Se na sentença fosse incluída a expressão de Bellarmino «adoração impropria e relativa», neste caso elle fr. Ephraim repetiria o que esse autor disse; nunca se affastára d'essa forma de fallar relativamente. Ouvindo isso, os dois inquisidores olharam-se reciprocamente e, em seguida, mandaram pôr em entrelinha as palavras *adoração respectiva*.

Quanto ao caracter sacerdotal do clérigo inglez, respondeu que nunca o tinha affirmado de modo absoluto, e que o tribunal devia considerar o modo e a occasião em que elle exprimira o que tinha affirmado. Mas o 1.^o inquisidor replicou-lhe com acrimonia que isso já fôra provado contra elle e que portanto não podia mais fallar. Vendo isto e que esses homens estavam já determinados a tratá-lo desta forma, o infeliz réu callou-se para escapar-lhes ás mãos, não servindo as suas declarações mais que para irrital-os.

Finalmente, um guarda com dois portuguezes e o escrivão do Santo Officio conduziu á igreja cathedral o réu que ali leu o papel, com a modificação sobre o culto á Cruz. Terminada a leitura, foi novamente conduzido á sala onde trataram do assumpto com elle. Disse-lhe o 2.^o inquisidor que devia prégar incondicionalmente que a Cruz devia ser adorada com o absoluto culto de *latria* e com adoração relativa. Por fim abraçaram-no, dirigiram-lhe muitos cumprimentos e instaram muito com elle para não regressar a Madrastra, a fim de se subtrair ao odio dos padres seculares que, sem duvida, continuariam a perseguil-o. Em seguida foi conduzindo n'um palanquim ao convento de S. Francisco e foi avisado o reverendo padre carcereiro que fr. Ephraim estava livre e podia ir aonde lhe approvesse.



Reflecta agora o leitor como esses homens condemnaram o decreto do 2.^o concilio de Nicéa como *temerario*, palavra que se lê na sua sentença. Não que respeita ao sacerdocio do clérigo inglez, nunca se provou a accusação contra elle, sendo apenas invenção d'um bebado. As outras duas opiniões contestadas foram submetidas a Sorbonna que approvou o que o padre havia dito nos respectivos capitulos. Assim, o leitor tem em poucas palavras como fr. Ephraim foi posto em liberdade.



Apenas livre foi ao convento de S. Francisco e celebrou o santo sacrificio da missa, que não tinha dito; nem ouvido desde 28 de dezembro de 1649 até 5 de dezembro de 1651 (a). Finda a missa, o reverendo padre provincial e toda a communitade o felicitaram por estar já em liberdade, e o conduziram ao convento dos capuchinhos (b), onde foi recebido á porta do claustro por uma procissão que, cantando o *Te Deum laudamus*, o levou para o interior da igreja. Não é facil descrever as finezas que lhe fizeram. Ahi permaneceu até 25 de janeiro de 1652, e com tanta bondade foi tratado que recobrou suas forças para fazer a sua jornada por terra, de 300 leguas, até Madrasta, pois, quando sahiu de carcere, achava-se tão fraco que a cada passo cahia.

Esteve em Goa até 21 de janeiro de 1652 (c), dia em que partiu para Madrasta, como já se disse, contrariamente aos desejos do arcebispo e dos inquisidores que ao pôrem-n'o em

(a) Reflecte W. Irvine que estas datas estão em visível contradicção com as mencionadas anteriormente — 10 de novembro de 1649, começo da sua prisão (vide pag. 6 do volume antecedente) e 5 de novembro de 1651, dia em que foi posto em liberdade (vide pag. 113 deste volume). Ainda mais adiante ha uma confusão de datas que, segundo o erudito traductor, se pode cortar lendo-se 31 de janeiro onde se diz 21 de janeiro.

(b) W. Irvine ignora a existencia deste convento. É o da Madre de Deus de Daugim.

(c) Veja-se acima a nota (a).

liberdade muito haviam instado com elle para não mais voltar a Madrastra, allegando, como fundamento, o odio dos ecclesiasticos seculares de S. Thomé. Estava tão apurado esse odio, que o perseguiriam até ao ultimo dia da sua vida. Comtudo deixavam lhe completa liberdade para ir aonde lhe aprouvesse, pois o não podiam impedir, mas pediam lh'o por favor. Os reverendos frades observantes e capuchinhos, porém, ficaram tão chocados com tal pedido, que o aconselharam a regressar, a despeito de tudo, a Madrastra. Se o não fizesse, os seus inimigos sem duvida publicariam em toda a costa, que o seu não-regresso era devido a ser um hereje. Importaria uma grande deshonra para a ordem franciscana. Por este motivo, toda a communidade lhe pedia para fazer o possivel afim de recolher á sua missão.

Assim o fez o frade, e chegou a Madrastra a 3 de abril de 1652. Após a sua chegada, viu-se privado do Novo Testamento que tinha traduzido em portuguez, e que lhe foi furtado por ordem d'um dominicano que se intitulava commissario do Santo Officio em S. Thomé, e um dos que tinham jurado contra elle nos artigos penultimo e ultimo da accusação, atraz transcritos. Por esse furto podem inferir-se quanto os inimigos de fr. Ephraim pensavam em o metter em trabalhos. Mas, a confiança que tinha em Deus o livrou de novas perseguições até á sua morte, que succedeu em Madrastra no anno de 1694, em idade muito avançada. Deixou de si tão boa reputação que durará nos seculos vindouros; e para ficar perpetuada na Europa, junto uma traducção de alguns attestados passados abonando o seu comportamento.



Certificado do muito reverendo Fr. Antonio de Christo, vigario e provincial dos reverendos frades agustinianos da Congregação das Indias Orientaes (18 de maio de 1650).

Eu Antonio de Christo, vigario e provincial dos eremitas do nosso padre Santo Agostinho, da Congregação das Indias Orientaes, certifico ser inteiramente verdade que, tendo estado muitas vezes, em differentes occasiões, na cidade de Meliapôr, denominada S. Thomé, donde fui varias vezes á cidade e forte dos inglezes, denominado Madraspatam ou Chi-

nipatnam, vizinha de Meliapôr. O unico motivo que para ali me levou, foi a boa fama e grande reputação do reverendo fr. Ephraim de Nevers, capuchinho da ordem do seraphico padre S. Francisco, francez de nação. Tão bem estabelecida estava essa reputação que se espalhou sobre todas as costas de Gingerly e Coromandel ⁽¹⁾ e penetrou no reino de Golconda, onde os portuguezes e christãos indios, e bem assim os mahometanos e hindús não cessavam de o louvar e de dizer muito bem das suas virtudes, exaltando muito a sua humildade, a sua pobreza e a sua castidade,—acrescentando que era cortez para com todos e muito cheio da caridade. Todos os christãos que tivéssem qualquer negocio no referido forte e lhe fizessem qualquer pedido, voltavam sempre muito satisfeitos. Auxiliava-os e era-lhes util, quanto possivel, com os inglezes, facto que eu mesmo presenciei com os meus proprios olhos.

Soccorria os pobres, reunia as ovelhas errantes que se collocavam sob seus cuidados, e com muito zelo trabalhava pelo progresso da communidade christã. Ensinava na sua escola doutrina catholica a todas as crianças, tanto catholicas, como herejes, com grande satisfação de homens sérios e confusão de todos os que, em razão do seu officio, deviam fazel-o e não o faziam. Discutia com os herejes e convencia-os com a sua propria Biblia, dando assim provas autenticas da sua propria capacidade. Como era muito versado n'essas controversias, confundia todos quantos com elle discutiam. Pela conversação que tinha com toda a sorte de pessoas de diferentes nacionalidades, mostrava conhecer bem linguas estrangeiras. Era tambem muito instruido, e conhecido na India de todas as pessoas instruidas. Possuia memoria felicissima; tinha decór todas as heresias e todos os erros que se têm suscitado contra a nossa santa fé. Confundia-os com promptidão nas suas respostas e de forma que se não podia deixar de o admirar.

É, portanto, evidente que muito util, necessaria e gloriosa era para a christandade a sua permanencia em Madrasta, onde podia defender a nossa santa fé contra diversas herejes, que chegam ali de todas as partes do mundo. Além d'isto, é certo que fr. Ephraim era de muito prestimo aos christãos de Madrasta em particular, porquanto ensinava na

(1) Isto é, toda a costa oriental até Jagannath em Orissa; Gingerly principia onde termina Coromandel.

sua escola os mysterios da nossa santa religião com zelo e fervor, dignos de registo. Ensinava tambem as creanças a ler não só em portuguez, mas em latim, que ellas pronunciavam como se conhecessem perfeitamente essas linguas. Habilitou-as ainda a cantarem a missa á moda dos capuchinhos, e cantavam n'a ellas aos domingos e nas principaes festividades, ficando o padre no altar e ellas no côro. Fazia-se tudo com exemplar modestia.

O padre prégava nas festividades e aos domingos á missa depois do Evangelho, com grande zelo e muita unção, ensinando a boa vida, bons pensamentos e boas acções; e tudo não só pela palavra, mas pela pratica de todas as virtudes, monasticas e evangelicas. Para dar a isto a maxima importancia, extrahia dos Santos Evangelhos os mysterios da nossa salvação que expunha em forma de cathecismo por perguntas e respostas. Tudo isto em portuguez; as crianças liam e decoravam. E' uma obra de que os mais velhos tiravam grande proveito, para bem das suas almas, resultando beneficios para todos. Além d'isto, o frade construiu uma decente igreja devocional (a), bem provida de ornamentos, onde se celebra com grande decencia e devoção o serviço divino, elevando a alma a Deus.

Quando chegou o reverendo fr. Ambrosio de Rennes, visitador das missões capuchinhas, veio visitar-me. Após uma longa conversa que tivémos sobre fr. Ephraim, disse-me que ia muito consolado vendo uma igreja tão religiosamente apropriada e bem adornada, e sobretudo pelo grande e edificante zelo com que vivia fr. Ephraim.

Certifico outrosim ser inteiramente verdade, que ouvi que o padre governador de S. Thomé, chamado Hieronimo de Sá, fallava sempre mal do dito fr. Ephraim, dando a conhecer que estava irritado porque este se achava em Madrasta independentemente das suas ordens, e tinha fundado uma igreja sem a sua permissão, porquanto pretendia estabelecer ali um dos seus proprios padres. A isso observei que os seus padres seculares davam respostas pouco satisfactorias ás difficuldades e duvidas a elles propostas pelos herejes relativamente á nossa santa fé; nenhum d'elles era instruido; todos eram ignorantes e sem letras.

(a) Diz W. Irvine que emprega este termo para significar (uma igreja que dispõe o espirito á piedade e devoção.

Em testemunho do que deixo dito, ou por ter presenciado, ou por ter ouvido a pessoas dignas de credito, e a pedido de dois frades capuchinhos, os reverendos fr. Ambrosio de Preuilly e fr. Gil de Dijon, vindos da Persia a esta cidade de Goa, passei este certificado, sob juramento nas minhas ordens sagradas e na minha profissão religiosa.

Passado no convento do Seraphico Padre S. Francisco na cidade de Goa, a 18 de maio de 1650, assignado por mim, confirmado e sellado com o sello pequeno do meu cargo. — *Fr. Antonio de Christo, vigario provincial, ut supra.*

Segue um attestado de fr. Jacintho de Deus, vigario provincial da Provincia da Madre de Deus dos capuchinhos (a), declarando que o documento antecedente é do proprio punho de fr. Antonio de Christo, sendo uma copia do original com o qual está conforme. No convento da Madre de Deus em Goa, 5 de setembro de 1650.

(Conclúe).

J. A. ISMAEL GRACIAS.

(a) Fr. Jacintho de Deus nasceu em Macau. Aos 18 annos recebeu em Goa o serafico habito (1630). Foi professor de cadeira de Prima de Theologia, occupando logares importantes nos conventos da sua provincia. Escreveu diversas obras e faleceu em Goa em 1681. Entre essas obras são notaveis o *Vergel de plantas e flores.*, chronica da sua provincia, e a *Brachyologia dos principes*, em que trata de educação moral e politica.

LEGADOS E PENSÕES

A cargo das fabricas e confrarias de Goa

EM 1766

(Continuação da pg. 86)

Salsete



AETANO Luiz, escrivão da Provedoria-mor dos defuntos, e auzentes, residuos, orphãos, e capellas nesta côrte, e Estado da India. Certifico que, por ordem do desembargador José Joaquim de Sequeira Magalhães e Lançoes, actual Ministro desta Provedoria, provi os quatro livros que neste mesmo cartorio servem de tombos das capellas e pensões existentes na provincia de Salsete e achando nelles tombadas as capellas e pensões que administram as fabricas e confrarias das egrejas das aldeas da dita provincia, de que se tomam contas neste juiso, as ditas capellas, e pensões, suas tombações, o tempo em que se fiseram, e os annos de que se tem dado conta, tudo segundo consta dos ditos tombos, se declara pela maneira seguinte.

Quanto ás capellas e pensões administradas pelas fabricas e confrarias da aldêa Cortalim.

O defunto Manoel Continho deixou por sua alma 20 missas resadas para se dizerem em cada anno perpetuamente na freguezia dos BB. Apostolos S. Filipe e S. Thiago desta

aldêa, consignadas em uma quarta parte do palmar *Gallio*, sito nella, que deixou á confraria de N. Senhora do Livramento desta egreja a qual tendo por seu tezeureiro feito a tombação da dita pensão em 18 de março de 1699, deu conta té o anno de 1720, como consta do 1.º tombo antigo a fl. 60 v., de donde tendo passado para o tombo novo 2.º a fl. 252 v. em 17 de novembro de 1762, deu contas té o dito anno.

A defunta Esperança de Gama deixou por sua alma quatro missas resadas em cada anno para se dizerem na dita freguezia consignando-as em quatro tangas do cunto desta aldeia que deixou a mesma confraria a qual tendo feito a tombação da dita pensão em 18 de março de 1799, deu conta té o anno de 1720 como consta do dito 1.º tombo antigo a fl. 61, de donde tendo passado para o mesmo tombo novo 2.º a fl. 253 em 17 de novembro de 1762 deu conta té o dito anno.

A defunta Maria Marchona deixou por sua alma duas missas rezadas em cada anno para se dizerem perpetuamente na dita freguezia consignadas em seis tângas, e tres barguinis do cunto desta aldeia que deixou a dita confraria a qual tendo feito a tombação desta pensão em 18 de março de 1699 deu conta té o anno de 1720, como consta do dito tombo 1.º antigo a fl. 61 v. de donde passando para o dito 2.º tombo novo a fl. 253 v. em 17 de novembro de 1762 deu conta té o dito anno.

O defunto Antonio Dessa (de Sá?) falecendo com testamento deixou por sua alma seis missas em cada anno para se dizerem perpetuamente consignadas no palmar Bollihem-Batta existente nesta aldeia deixando a administração a fabrica da dita egreja, a qual por seu fabriqueiro tendo feito a tombação a 20 de julho de 1713 deu conta té o anno de 1720 como consta do dito primeiro tombo antigo a fl. 191 v. de donde tendo passado para o dito tombo novo 2.º a fl. 254 em 17 de novembro de 1762 deu conta té o dito anno.

Os defuntos João Fialho, Antonio Girarde, e Simoa Moreira deixaram por suas almas tres missas resadas para se dizerem em cada anno perpetuamente consignadas em uma tanga do cunto da aldeia de Guirdolim deixando a administração a fabrica desta egreja de Cortalim a qual tendo feito a tombação desta pensão a 20 de julho de 1613 deu conta té o anno de 1720 como consta do dito 1.º tombo antigo a fl. 192, de qual tendo passado para o antigo 2.º tombo novo a fl. 254 v. em 17 de novembro de 1762 deu conta té o dito anno.

A defunta Andreza de Jesus deixou por sua alma 25 missas por anno que está obrigada a mandalas dizer a dita

fabrica pela declaração feita a 11 de março de 1621 que está no dito tombo 1.º antigo a fl. 192 da qual consta ter satisfeito a dita pensão té o anno de 1720.

Quanto á pensão que administra a capella de Nossa Senhora de Guadalupe da aldea de Issorsim :

O defunto Jorge Gomes Rebello por verba do seu testamento de que ha copia, deixou por sua alma uma missa rezada com o responso na sua sepultura em cada mez consignada em 250 xerafins que deixou a esta capella de Nossa Senhora de Guadalupe dispondo, que a não aceitar ella esta pensão, os seus testamenteiros a dariam aquem quizesse da qual quantia o seu testamenteiro Francisco Gomes passou um conhecimento aos officiaes da mesma capella para contribuir com os seus ganhos em quanto achasse bens de raiz, em que os empregasse, e tendo satisfeito esta pensão té o anno de 1713 fez o dito testamenteiro por seu procurador a tombação que está no dito tombo 1.º antigo a fl. 195; a margem da qual se acha a seguinte declaração. Esta quantia de duzentas e cincoenta xerafins estão entregues ao tesoureiro da capella de Nossa Senhora de Guadalupe sita em Issorsim, e assim fica feita esta declaração para o dito testamenteiro não ter obrigação para dar contas, mas sim o dito tesoureiro contra o qual se lhe mandou passar ordens necessárias. Goa 15 de março de 1742. Andrade.

Quanto ás capellas pensões administradas pelas confrarias e fabricas da igreja da aldea Sancoale :

A defunta Izabel Godinho deixou seis missas por anno para se dizerem perpetuamente na freguezia de Nossa Senhora de Saúde desta igreja de Sancoale consignadas em um pedaço de palmar chamado Degassa existente ao pé da dita igreja cujo administrador João da Cunha tendo feito a tombação da dita pensão em 4 de fevereiro de 1699, deu conta té o anno de 1698, como consta do dito tombo 1.º antigo fl. 38, e por morte do dito administrador passando esta administração a fabrica da dita igreja de Sancoale, esta com a declaração de que esta pensão estava vinculada no pedaço de palmar chamado Dando fez nova tombação em 7 de dezembro de 1713, e deu conta té o anno como se vê deste dito tombo a f. 196 v. do qual tendo passado no dito tombo novo 1.º a fl. 153 com a declaração de estar o dito vinculo no referido palmar Degassa em 3 de setembro de 1760 deu conta té o dito anno de 1760.

O defunto padre Antonio Francisco da Cunha deixou tres xerafins de pensão perpetua em cada anno para se repartirem com os pobres no dia dos finados vinculando-a no dito palmar Degassa de que o dito administrador João da Cunha fez a dita tombação a 4 de fevereiro de 1699 e deu conta té o anno de 1698 como consta no dito tombo 1.º antigo fl. 38 e por fallecimento deste administrador passando a administração d'esta dita pensão para a fabrica da dita egreja de Sancoale fez esta com a declaração de que estava consignada no dito palmar dando novas tombações em 17 de dezembro de 1713 dando conta té o dito anno como se vê ind. fl. 196 v. do qual tendo passado para o dito tombo novo 1.º a fl. 153 v. com a declaração de estar o vinculo no sobredito palmar Degassa em o dito dia 3 de setembro de 1760 deu conta té o dito anno.

O defunto João da Cunha por morte de sua mulher deixou seis missas por anno vinculadas nas duas partes de umas cazas existentes em Sancoale, e seu china por nome Garder, cuja administração estando na Fabrica da dita Egreja fez esta tombação della em 7 de dezembro de 1713, e deu conta té o dito anno como consta do referido tombo antigo 1.º a fl. 197.

O defunto Feliciano Cardozo por verba do seu testamento de que ha copia deixou por sua alma e de sua mulher Florencia Roiz dez missas de duas tangas cada uma para se dizerem annualmente consignando esta pensão em cento e cincoenta xerafins cuja administração deixando a fabrica da dita egreja de Sancoale, tendo esta recebido para mór segurança cento setenta e cinco xerafins fez della tombação em 29 de agosto de 1760 de que deu conta té o dito anno como consta do tombo novo 1.º a fl. 151 v.

Os defuntos João Cardozo Pereira e sua mulher deixaram um legado de uma missa em cada semana para se dizerem nas sextas feiras por suas tenções e para em cada anno se festejar a festa de S. Francisco Xavier, as quaes pensões estando vinculadas nos redditos das tres quartas partes do palmar Conddy e tres quartas partes de Sira de Pascoal Fernandes morada inteira que está encorporada com Salvador Silvalem, cuja administração estando na confraria de Jesus Maria José da egreja de Sancoale tombou esta as ditas pensões em 6 de dezembro de 1713, e deu conta té 8 de julho do dito anno como consta do dito tombo 1.º antigo a fl. 196.

O defunto padre Antonio Xavier por verba do seu testamento, de que ha copia deixou por sua alma vinte e cinco missas por anno consignando-as no palmar Verolem, sito em Sancoale, cuja administração tendo deixado a irmandade das Santas Almas da dita egreja fez esta tombação da dita pensão em 12 de março de 1626 como consta do 2.º tombo antigo a fl. 12 v. do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 152 v. em 29 de agosto de 1760 deu conta té o anno de 1762.

Quanto ao que respeita ás capellas, e pensões administradas pela fabrica e contraria da egreja de S. Cruz de Verná:

Os defuntos Luis da Gama e sua mulher deixaram por suas almas quatro missas resadas para se dizerem em cada mez da esmola de tanga e meia cada uma, consignadas em vinte tangas do cunto gutoga desta aldea Verná, cuja administração estando na fabrica desta egreja fez ella tombação em 23 de dezembro de 1713, e deu conta té 20 de julho do dito anno como consta do 1.º tombo antigo a fl. 198, do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 211 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto Custodio da Costa deixou por sua alma uma missa por anno consignada em uma tanga do cunto gutoga desta aldea de que sendo a dita fábrica da dita egreja administradora fez desta pensão tombação a 23 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta a fl. 198 v. do dito tombo 1.º antigo, do qual tendo passado para o 1.º tombo novo fl. 211 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto Francisco Carvalho deixou por sua alma uma missa por anno consignada em um barguini e quatorze leaes do cunto gutoga de cuja pensão é administradora a dita fabrica da dita egreja que fazendo tombação della em 23 de dezembro de 1713 deu contas té 21 de julho do dito anno, como consta do dito tombo 1.º antigo fl. 199 de donde tendo passado para o tombo 1.º a fl. 211 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto António Barreto deixou por sua alma sete missas em cada anno consignadas na ametade dos rendimentos de 55 xerafins cuja administração estando na fábrica da dita egreja fez esta tombação da dita pensão a 23 de dezembro de 1713 dando conta té vinte e um de julho do dito anno como consta do dito tombo antigo fl. 199 do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a f. 212 em 7 de julho de 1762

com a declaração de estar vinculada nos rendimentos de 55 xerafins deu conta té o anno 1764.

Os defuntos António Rangel Cabral, e João Cabral deixaram por suas almas duas missas por anno consignadas em dois barguinis do cunto gutoga da aldea de Nagoá, cuja administração estando na fabrica da dita egreja, esta tombação a dita pensão em 23 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito tombo 1.º antigo fl. 197 v. do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 212 em 7 de julho de 1762, deu conta té o anno de 1764.

A defunta Beatriz Fernandes deixou por sua alma oito missas por anno consignadas em uma tanga do cunto gutoga da dita aldea de Nagoá, cuja administração estando na fabrica da dita egreja, esta tombou a dita pensão em 23 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta de dito tombo antigo 1.º a fl. 200 de donde passando para o 1.º novo a fl. 212 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

Os defuntos Luis Fernandes e sua mulher deixaram por suas almas oito missas por anno consignadas em duas tangas do cunto gutoga da aldea de Nagoá, que a dita fabrica administra a qual tendo tombado esta pensão em 23 de dezembro de 1713 deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do tombo 1.º antigo a fl. 200 do qual tendo passado para o tombo novo 1.º em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764 como se vê deste a fl. 212 v.

O defunto António de Abreu deixou por sua alma duas missas por anno consignadas em duas tangas do cunto gutoga da dita aldea Nagoá, cuja administração estando na dita fabrica deu esta conta té 21 de julho de 1713 tombado a dita pensão a 23 de dezembro do dito anno, como consta da mesma tombação no tombo 1.º antigo a fl. 200 v. do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 213 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto Luis Cabral deixou por sua alma seis missas por anno consignadas em uma tanga do cunto gutoga da aldea de Nagoá, cuja pensão administrando a fabrica da dita egreja fez della tombação em 23 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno, como consta do dito tombo 1.º antigo fl. 200 v. de donde passando para o tombo novo 1.º a fl. 213 em 7 de julho de 1762, deu conta té o anno de 1764.

A defunta Violante Fernandes deixou doze missas por anno consignadas em quatro tangas do cunto gutoga da aldea de Verná, cuja administração estando na confraria da N. Senhora de Guia da dita egreja tombando esta a ditá pensão em 29 de dezembro de 1713 deu conta té 21 de julho do dito anno como consta no dito tombo 1.º antigo a fl. 201 de donde passando para o tombo novo 1.º a fl. 213. v. em 7 de julho de 1762, deu conta té o dito anno.

O defunto João Coelho deixou por sua alma quatro missas por anno consignadas em 2 tangas do cunto gutoga da dita aldea Verná a qual pensão administrando a dita confraria fez della tombação em 29 de dezembro de 1713, e deu contas té 21 de julho do dito anno como consta no tombo 1.º antigo fl. 201 v. de donde passando para o tombo novo 1.º a fl. 214 no dito dia 7 de julho de 1762 deu conta té o dito anno.

A defunta Helena Fernandes deixou por sua alma uma missa por anno consignada em dois barguinis do cunto gutoga da dita aldea Verná, a qual pensão estando na administração da mesma confraria fez della tombação em 29 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno, como consta do tombo antigo 1.º a fl. 201 v. de donde passando para o tombo novo a fl. 214 em 7 de julho de 1762 deu conta té o dito anno.

A defunta Monica Fernandes deixou por sua alma uma missa por anno consignada em dois barguinis do cunto gutoga da dita aldea, cuja administração estando na dita confraria fez esta tombação da dita pensão em 29 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno, como consta do tombo 1.º antigo fl. 202, do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 214 v. em 7 de julho de 1762, deu conta té o dito anno.

O defunto Jeronimo Zouro (Osorio?) deixou por sua alma duas missas por anno, cuja pensão estando administrada pela dita confraria fez esta della tombação em 29 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito tombo 1.º antigo a fl. 202, do qual passando para o tombo novo 1.º a fl. 214 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o dito anno.

A defunta Andreza de Noronha deixou por sua alma duas missas consignadas em tres barguinis, e doze leaes do cunto gutoga da aldea Verná, da qual pensão sendo administrada a dita confraria fez della tombação em 29 de dezembro de 1763, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo fl. 202 e 1.º do qual tendo

passado para o novo tombo 1.º a fl. 215 em 7 de julho de 1762 deu conta té o dito anno.

O defunto Antonio de Menezes deixou por sua alma quatro missas por anno vinculadas em uma tanga do cunto gutoga da dita aldea, de cuja pensão sendo administradora a mesma confraria fazendo tombação della em 29 de dezembro de 1713 deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo a fl. 202 v. do qual passando para o novo tombo 1.º a fl. 215 em 7 de julho de 1762 deu conta té o dito anno.

O defunto padre Antonio Manoel por verba do seu testamento de que ha copia deixou por sua tenção uma missa em todos os sabados da esmola de cem réis cada uma consignada em quatro partes do rendimento de sete tangas do cunto gutoga da dita aldea deixando a 5.ª parte do rendimento dellas para o serviço da confraria de Nossa Senhora de Guia da dita egreja, a qual sendo administradora desta pensão fez della tombação no tombo 2.º antigo a fl. 82 v. em 15 de dezembro de 1746.

A defunta Violante Gomes deixou por sua alma uma missa em cada anno, de cuja pensão sendo administradora a confraria de Santas Almas da dita freguezia de Santa Cruz de Verná fez della tombação em 30 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito tombo 1.º antigo f. 203 do qual passando para o tombo novo 1.º a fl. 207 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto padre Domingos Gomes deixou por sua alma uma missa por anno consignada em dois barguinis do cunto gutoga da dita aldea, de cuja pensão sendo administradora a mesma confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo fl. 203 e v. do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a f. 208 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

O defunto padre Francisco Roiz (Rodrigues) deixou por sua alma seis missas por anno consignadas nos rendimentos de cincoenta xerafins, da qual pensão sendo administradora a dita confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713, e deu conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo fl. 203 v. do qual tendo pasado para o tombo novo 1.º a fl. 208 1.º em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

A defunta Angela Fernandes deixou por sua alma uma missa por anno consignada no rendimento de dez xerafins, cuja administração estando na dita confraria tombou ella esta pensão em 30 de dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno como consta do tombo antigo a fl. 204 do qual tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 208 v. em 7 de julho de 1762, deu conta té o anno de 1764, e a instituição desta pensão se acha copiada a fl. 210 v.

A defunta Maria de Azevedo deixou por sua alma uma missa por anno vinculada nos rendimentos de dez xerafins, cuja administração estando na dita confraria fez esta tombação da dita pensão em 30 de dezembro de 1713, dando conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito tombo 1.º antigo fl. 204 de donde passando para o tombo novo 1.º a fl. 209 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

A defunta Maria de Brito deixou por sua alma uma missa por anno, cuja pensão administrando a dita confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno do 1.º tombo antigo fl. 204 v. e tendo passado para o tombo novo 1.º a fl. 209 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764, e a instituição desta pensão se acha copiada a fl. 210 v. da qual consta estar ella vinculada nos reditos de doze xerafins.

A defunta Simoa Gomes deixou por sua alma uma missa por anno de cuja pensão sendo administradora a dita confraria fez esta tombação della em 30 dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo a fl. 204 v. e fl. 205, a qual tendo passado para o novo tombo 1.º a fl. 209 v. em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

Os defuntos Antonio Váz e Agostinho Corrêa deixaram por suas almas oito missas por anno vinculadas nos rendimentos de cem xerafins de cuja pensão sendo administradora a dita confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno como consta a fl. 205 do dito 1.º tombo antigo, a qual tombação tendo passado para o novo tombo 2.º a fl. 209 v. em 7 julho de 1762, deu conta té o anno de 1764.

A defunta Angela Correa deixou por sua alma uma missa consignada em um barguini do cunto gutoga da dita aldea Verná, da qual pensão sendo administradora a mesma confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º

tombo antigo a fl. 205, a qual tombação tendo passado no novo tombo 1.º a fl. 210 em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

A defunta Faustina de Azevedo deixou os rendimentos das tres tangas do cunto gutoga da dita aldea Verná para se dizerem em missas por sua alma de cuja pensão sendo administradora a dita confraria fez della tombação em 30 de dezembro de 1713 dando conta té 21 de julho do dito anno como consta do dito 1.º tombo antigo a fl. 206, a qual tombação tendo passado para o novo tombo 1.º a fl. 210, em 7 de julho de 1762 deu conta té o anno de 1764.

Quanto a pensão que administra a confraria do senhor Jesus da igreja de Nossa Senhora de Belém, da aldea Guirdolim:

A defunta Violante Manoel de Mello, mulher de Antonio João da Conceição por verba do seu testamento, de que ha copia deixou por sua alma, e pela do dito seu marido duas missas por anno consignadas nos rendimentos de cinquenta xerafins, cuja parte dos ditos rendimentos deixou para ajuda da festa de Nossa Senhora de Bom Parto, cuja administração estando na confraria do Senhor Jesus desta freguezia, esta por seu thesoureiro tombou a dita pensão de duas missas em 13 de maio de 1749, como consta a fl. 116 do 2.º tombo antigo.

Quanto a pensão que administra o cofre novo dos Padres da freguezia da aldea Colvá:

A defunta Margarida Santimano deixou por verba do seu testamento de que ha cópia quinhentos xerafins para dos seus renditos se dizerem por sua alma quinze missas por anno, cuja administração deixando a seu sobrinho padre Antonio Santimano para delle passar aos filhos dos outros sobrinhos sendo sacerdotes, e na falta destes ao dito cofre novo, porque falecendo o dito primeiro administrador por não haver successores entregou-se os ditos quinhentos xerafins a este cofre novo por escriptura feita na provincia de Salsete para se contribuir a dita pensão fez desta o padre Bruno Luiz tombação em 3 de abril de 1756, e deu conta té o dito anno como consta do mesmo tombo antigo 2.º a fl. 182 v. 1.

1 L.º das monções, n.º 138, fl. 253 a 260.

O que tudo assim certifico, e aos ditos tombo me reporto e esta vai conferida e concertada por outro official de justiça comigo assinado. Goa 12 de janeiro de 1766 a fiz escrever. Caetano Luiz. No concerto Domingos Dias. No concerto Caetano Luiz.

O Doutor Marcelino José de Pontes Vieira, do Desembargo de Sua Magestade, e seu Dezembargador da Casa de Suplicação de Lisboa, e dos Aggravos da Relação de Goa, Ouvidor Geral do Cível com alçada, e juiz das justificações em estas partes da India Portuguesa. Faço saber que a letra de sobescripção e signal acima ao pé da certidão é de Caetano Luis, escrivão da Provedoria-Mór dos defuntos e auzentes, residuos, orphãos, e capellas nesta côrte, e outro signal ao pé do concerto é do mesmo Caetano Luis, como tambem outro signal ao pé do concerto é de Domingos Luis, um dos escrivães do Juiz dos Feitos da Coroa e Fazenda nella contheudados, segundo me constou da fé do escrivão que este sobescreveu, pelo que o hei por justificados, e para certeza delles se passou o presente, dado em Goa, por mim assignado aos 26 de janeiro de 1766. Pagou deste nada por ser ex-officio da justiça. Silvestre Gomes escrivão o fiz escrever e sobescrevi. Marcelino José de Pontes Vieira ¹.

¹ L.º cit., fl. 260 à 260 v..

EM QUE ANNO MORREU CAMÕES ? (a)

«Adoecendo no tempo das alterações nesta cidade de Lisboa e estando o sr. D. Francisco por capitão general da comarca de Lamego, se despedio delle por uma carta (que é a ultima que sabemos delle)».

(Prologo da edição dos *Lusiadas* de 1626, assignado por Lourenço Crasbeeck).



CONFORME anteontem referi, o sr. Dr. Theophilo Braga, seguindo a opinião do Visconde de Juromenha e de Storck, tem para si que a carta dirigida a D. Francisco de Almeida pelo seu «tão afeiçoado servidor» Luiz de Camões, foi escripta em 1580, e não em 1579, contrariamente ao que o proprio Juromenha confessa ter lido em uma nota manuscrita de Faria e Souza á mesma carta e igualmente consta da 2.^a «Vida del poeta» deste autor, publicada em 1685—onde expressa e terminantemente se afirma que tal carta foi escripta em 1579.

Hoje devo acrescentar que essa opinião está tambem em contradição com o que o mesmo Faria e Souza (concordantemente com Pedro Mariz,

* (a) Com a devida venia transcrevemos do *Diario de Noticias*, n.º 17.094 de 13 de junho, este artigo a que de bom grado e com justiça dariamos o logar de honra se, já quando o tivemos á mão, não estivessem impressas as pags. que antecedem (I. G.)

Severim de Faria e o epitaphio mandado collocar por D. Gonçalo Coutinho na igreja do convento de Santanna) nos informa, quando repetidamente assevera que o poeta faleceu no referido anno de 1579, implicitamente affirmando que a carta em questão não podia ter sido escripta em 1580.

Refiro-me a estoutros trechos de Faria e Souza :

«Lo cierto es que se imprimio (o poema de Tasso el ano 1581... Asi se vê que el Camões no alcanço a vêr el Poema del Tasso, pues *murio dos anos antes de su impression*» ;¹

«... para ser triste, aun no le bastaron *siete anos que vivio despues*» (da impressão dos Lusiadas, em 1572);²

«Aviendo peregrinado lo mejor del mundo veio a morir em *Li.boa el ano 1579*»;³

«... de modo que el Poeta con esto, y con sus disgustos y enfermedades se acabô de rendir a la tristeza y a laz manos della, y de toda encommodidad espiró el año 1579, *siete despues* desta publicacion (a dos Lusiadas, em 1572).⁴

É para notar que Juromenha e Storck, ao passo que regeitam como menos exactas estas asserções e informações de Faria e Souza, foram copiar este autor na parte em que elle — ampliando aliás o que se lê no prologo da edição dos «Lusiadas» de 1626— diz que a carta foi escripta quando D. Francisco de Almeida «en la comarca de Lamego andava alistando gente para resistir a Castilla en la pretencion de suceder en el Reyno»⁵.

¹ 1.ª «Vida» col. 32, n.º XIII.

² Ibidem, n.º XIII.

³ Ibidem, col. 58, n.º XXXI.

⁴ 2.ª «Vida» n.º 27.

⁵ 2.ª «Vida» n.º 25. A 1.ª «Vida» não fala de D. Francisco de Almeida.— O prologo, como vimos, diz apenas: «estando o sr. D. Francisco por capitão general da comarca de Lamego».

Assim, escreveu Juromenha: «D. Francisco de Almeida que na comarca de Lamego andava juntando gente para resistir a Castella». — E Storck, bebendo na mesma fonte: «o senhor D. Francisco de Almeida que, estando por capitão general em Lamego, ajuntou tropas, a fim de resistir ao Usurpador».

Não advertiram, porém, que o trecho que copiam de Faria e Souza, tem de ser interpretado em harmonia com aquelles outros, da mesma obra e autor, em que se diz que o poeta escreveu a carta e faleceu em 1579, «al tiempo en que *ya creia* expirava tambien la Corona portugueza». ¹

Tão alheiado deste principio fundamental de hermeneutica andou o Visconde de Juromenha que, reportando-se aos dizeres da nota manuscrita de Faria e Souza á carta de Camões, diz (Tomo I, pag. 506, nota 71) que nella fazia Faria e Souza «a descripção das parcialidades que se seguiram no reino *pela morte do cardeal rei*», o qual, como se sabe, faleceu no ultimo de janeiro de 1580!!

O sr. Dr. Theophilo Braga foi, porém, mais longe que Juromenha e Storck. Logo após um extracto que faz da carta dos governadores e defensores do reino, datada de Almeirim aos 24 de março de 1580 ² — em que não se fala de D. Francisco de Almeida, nem de Lamego, mas apenas de D. Diogo de Menezes (Alemtejo), D. Duarte de Menezes (Algarve), Antonio Moniz Barreto (Setubal), Fernão da Silva (Belem), Ruy Lourenço de Tavora (Caparica), Tristão Vaz da Veiga (S. Julião), D. Antonio (Cascaes), D. Manoel de Portugal e D. Diogo de Castello Branco — diz o sr. Dr. Theophilo Braga o seguinte:

«Neste lance tambem D. Francisco de Almeida, o

¹ 2.ª «Vida» n.º 25.

² Publicada a pag. 653-656 do tomo I dos «Elementos para a historia do municipio de Lisboa».

amigo intimo de Camões, dos tempos da India, fôra afastado para o comando da capitania general da comarca de Lamego. Foi portanto depois de 24 de março de 1580, que escreveu Camões a celebre carta dirigida a D. Francisco de Almeida, a qual se perdeu em Madrid ¹, e de que se conservou o fragmento impresso na edição dos *Lusiadas* de 1626».

Neste passo, não sei que admirar mais, se o calculado e cauteloso expediente de se omitir qualquer referencia ou allusão ao tal alistamento de gente por parte de D. Francisco de Almeida, para resistir a Castella e ao usurpador (de que falam Faria e Sousa, Juromenha e Storck), se a pretensão de se fazer crêr ou suppor ao leitor que o nome de D. Francisco de Almeida, ou a capitania general da comarca de Lamego tambem figurava na referida carta de 24 de março de 1580, dirigida pelos governadores do reino aos vereadores e procuradores da cidade de Lisboa e procuradores dos mesteres della.

Calculada e cautelosa foi, na verdade, aquella omissão. Alistamento de gente em Lamego para resistir contra Castella por parte do mesmo homem que o sr. Dr. Theophilo Braga pretende ter sido para ali enviado pelos governadores do reino, *ad cautelam*, por elle pertencer ao partido nacional, e os mesmos governadores andarem fazendo o jogo de Filipe 2.^o de Hespanha, não se comprehende muito bem, tanto mais que D. Francisco de Almeida foi galardoado

¹ A' tal nota manuscrita de Faria e Souza relativa ao fragmento da carta de Camões e referida por Juromenha, pertencem estoutros periodos: «Esto no es mas que un troço della; porque D. Juan d'Almeida quando hiso imprimir el ano de 1627 (aliás 1626) la «Luziada» del Poeta, haziendo para si una dedicatoria en nombre del impressor, incluío en ella este pedaço porque hazia a seu proposito, devendo copiar-la toda para que todos lo lograssen. Tenia lo original de la propia mano del poeta; i en Madrid le davan por ella una copia de doblones; tan preciosa viene a ser la letra de semejantes hombres».

por D. Filipe, nomeadamente com a capitania de Diu, pelos serviços que fez não só na India, mas também na comarca de Lamego, quando ahi era capitão general.

Quanto à affirmação de que a carta foi escripta depois de 24 de março de 1580, os elementos de que disponho simplesmente me autorisam a considerar-a gratuita e phantastica.

Para mais, convém ter presente que o impressor da edição de 1626, Pedro Crasbeeck, foi — além de pae de Lourenço Crasbeeck, autor do prologo em que se faz referencia ao *tempo das alterações* — também o impressor da edição de 1613, em que Pedro Mariz fixa a morte de Camões em 1579, reproduzindo o epitaphio da igreja do convento de Santanna. Razão bastante para se ver que as *alterações* de que se fala no prologo, são as mesmas de que fala a obra publicada sob o nome de Conestagio.

De resto, a «tristeza de ver a Portugal dividido em tantos bandos», de que Camões se queixa nessa sua carta, devia ser uma penosa realidade já nos primeiros mezes do anno de 1579.

Os factos e os acontecimentos politicos que em Lisboa se estavam já então desenrolando, bem perto da pouzada de Camões, a partir do desastre de Alcaer-Quibir e da noticia da morte do monarcha — a quem succedia um velho, fraco de corpo e de espirito e sem descendencia, e que fez seu testamento em 29 de maio deste mesmo anno, — eram bem de molde para causar a tristeza e o desalento que se revelam na carta que o Poeta dirigiu a D. Francisco de Almeida.

E para, já então, poder prever o futuro da nacionalidade portugueza, não era preciso ser propheta.

Diz também o sr. Dr. Theophilo Braga que este D. Francisco de Almeida era «filho de D. Lopo de

Almeida, neto do Prior do Crato D. Diogo de Almeida, e bisneto do primeiro Conde de Abrantes». As minhas investigações genealogicas discordam das do illustre professor e dizem-me que aquelle era filho de D. João de Almeida, neto de D. Bernardino de Almeida (que foi irmão paterno de D. Garcia de Almeida, reitor da Universidade), bisneto do 2.^o Conde de Abrantes e trisneto do 1.^o Conde do mesmo titulo.

D. Francisco de Almeida, destinatario da carta de Camões, foi casado com D. Isabel Brandão — prima de Maria Brandoa («a do Crisfal») ¹ — de quem houve, entre outros filhos, a D. João de Almeida, poeta ao qual é dedicado o prologo da edição de 1626. Este foi pae de D. Isabel de Castro, 1.^a condessa de Avintes pelo seu casamento com seu primo D. Luiz de Almeida, agraciado por D. Affonso 6.^o com este titulo em 17 de fevereiro de 1664. Delle descendem os condes e marqueses de Lavradio.

O D. Francisco de Almeida, indicado pelo sr. Dr. Teofilo Braga na sua referencia genealogica, foi neto e não filho, de D. Lobo de Almeida, e portanto trisneto, e não bisneto, do 1.^o conde de Abrantes.

*

*

*

Com este artigo dou por concluido o que, até este momento, se me oferecia relatar, ponderar e observar a proposito da phrase *no tempo das alterações*, no qual o prologo da edição dos «Lusiadas» de 1626 diz ter sido escripta a carta de Camões, neste mesmo prologo extractada.

¹ Eram ambas bisnetas de João Brandão, contador na cidade do Porto, filho de Alvaro Gonsalves Brandão e de Joanna Pinto

Como se viu, comecei por interpretar essa phrase socorrendo-me de uma passagem da obra de Conestagio, e recorrendo depois a diversos trechos de Faria e Souza.

Um ponto, bem importante por signal, não me foi possível por enquanto averiguar; e tão importante que da sua cabal averiguação poderá resultar ou um novo reforço á ordem de idéas nestes dois artigos expendidas, ou uma prova plena e decisiva de que não ha erro na «Ementa», na parte que se refere ao anno do falecimento do Poeta.

Esse ponto é o que diz respeito á data em que D. Francisco de Almeida começou a exercer o seu cargo de capitão general da comarca de Lamego.

Foi para lá antes do mez de junho de 1579, ou depois desta data?

Eis o que é indispensavel averiguar.

Por mim, não descurarei a averiguação. Qualquer que seja o resultado obtido — mesmo que venha de outrem — eu me apressarei a trazel-o ao conhecimento dos leitores do *Diario de Noticias*.

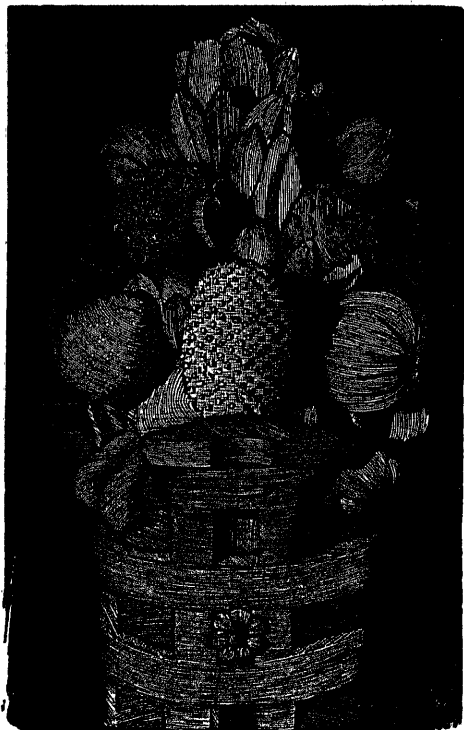
Tendo o culto da Verdade Histórica e por lemma a conhecida phrase — *Amicus Plato, sed magis amica veritas* — não saberia proceder de outra maneira.

Suum cuique

Ajuda 11 de junho de 1913.

Jordão de Freitas.

AS MANGAS DE GOA ^(a)



I

Portugal tem belas frutas,
no Brazil as ha tambem;
mas como as da nossa Goa,
nenhuma outra terra as tem.

(a) Archivamos hoje nas paginas da nossa revista os versos que, sob esta epigraphe, foram publicados no jornal *A Imprensa*, de Ribandar, n.º 23 de 1872. Firmou-os Thomaz Mourão (2.º Barão de Combarjua), illustre homem publico e considerado homem de letras do paiz, que,

II

Só as mangas valem todas
dali ;
se me tendes por suspeito,
ouví :

III

A manga *afõsa* fragrante,
tem de oiro a fulgida cõr ;
mas entre o metal e a fruta
a fruta tem mais valor.

IV

E' de mel a *secretina*
e mais doce outra não há ;
nem da amante a boca virgem
mais doçura vos dará.

V

A *xavier* é toda aroma,
de mil flores em botão ;
um ramilhete de rosas
não tem mais perfumes, não.

em poucas quadras, celebrou as excelencias duma das melhores frutas de Goa. De justiça é dizer que o fez com mais propriedade, mimo e graça do que Santa Rita Durão, Basilio da Gama e outros poetas brasileiros com respeito ás frutas da sua terra. Transcrevendo hoje—nesta epoca de mangas—tão apreciavel composição, além de a vulgarisarmos, prestamos um tributo ao engenho do seu malogrado autor. Thomaz Mourão faleceu em Pangim, no cargo de Inspector de instrucção primária, a 25 de maio de 1904. (I. G.— Maio de 1913).

VI

A *purpurea fernandina*
tem do pejo a linda côr,
quando a virgem rubefece
e treme aos mimos de amor.

VII

A rugosa *mal-corada*
faz lembrar o carnaval :
mascarada é uma velha
e por dentro angelical.

VIII

As *carreiras* são tão frescas,
que bem podem substituir
limonadas e sorvetes,
que constipam sem nutrir.

IX

A vermelha *monserrate*
parece cara de inglez,
mas o miolo é de molde
ao paladar portuguez.

X

E' das maiores a do *bispo*,
um nome de mangação ;
é fartadela um pedaço,
uma manga . . . indigestão.

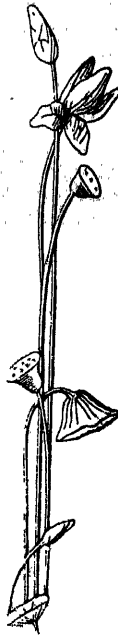
XI

Até mesmo a *chupadeira*
tem um magico sabor,
e o leite materno o infante
não sorve com mais ardor.

X

Portugal tem belas frutas,
no Brazil as ha tambem;
mas como as da nossa Goa,
nenhuma outra terra as tem.

Thomaz Mourão.



VARIA VARIORUM

O tumulto de D. João de Castro

Do *Seculo*, de Lisboa, n.º 11311 de 7 de junho:

DISSE-SE por aí que as venerandas reliquias de D. João de Castro, o austero vice-rei da India, que se encontram no convento de S. Domingos de Bemfica, estavam sendo profanadas, ou, pelo menos, que não repousavam n'aquella piedosa atmosfera de respeito que o natural reconhecimento das gentes impõe á memoria dos que por qualquer titulo souberam honrar o grémio em que nasceram.

A ninguem surpreenderia que tal acontecesse, pois é frequente o destino perseguir os grandes servidores da Patria, ainda sob a fórma de mirrado esqueleto. Todos os povos se queixam dessas irreverencias, ao verem os baldões em que andam muitas vezes as reliquias dos seus gloriosos avoengos.

Entretanto, porque mão desconhecida nos deixou aqui uma interrogação sobre o assunto, resolvemos fazer uma peregrinação ao pobre mosteiro, tão rico de tradições históricas e tão abandonado pela curiosidade publica, que lhe passa ao pé, sem dar por ele, quando visita os retiros de «comes e bebes» que hoje notabilisam o pitoresco bairro.

O convento de S. Domingos de Bemfica está situado num lugar ameno e profundo, transposta a curva que segue á passagem da linha ferrea. Dois passos do apeadeiro e pouco mais do caminho do elétrico. No edificio, que se destaca da vegetação com o grito alacre das paredes caídas, está instalado o Instituto Profissional dos Pupilos do Exercito de Terra

e Mar, instituição benemerita creada pela República e dirigida pelo capitão sr. Figueiredo, que ás creanças albergadas e ás tradições da casa presta religioso culto.

Anunciam-lhe a nossa visita e o desejo que temos de ver o local onde repousam os restos mortaes d'aquelle illustre portuguez, que mandou as proprias barbas, por penhor, á cidade de Gôa para garantir um emprestimo.

Passamos ao claustro, onde rumorejam as arvores, quadrilátero diminuto em que vem reflectir-se o sol do poente, destacando-se ali duas palmeiras, como que a recordar as afastadas regiões asiaticas, scenario das façanhas epicas dos portuguezes.

*

*

*

A capela, em que se admiram os jasigos dos Castros, tem entrada pelo claustro. Um empregado, que substitue o antigo frade claviculário, abre de par em par as portas da capela, actualmente laicisada. Albergam-se no interior quatro tumulos de marmore, assentes sobre parelhas de elefantes de grosseira execução artistica.

Ao fundo, sobre o antigo altar, um avultado *ecrin* e ao longo da capela renques de bancos, tendo um certo ar de templo protestante. Os tumulos, perfeitamente eguaes, adornam as paredes laterais da capela, em camarins de pouca profundidade.

O heroe da India repousa á esquerda, tendo ao lado a esposa D. Leonor e ficando no lado oposto os tumulos dos filhos.

Feita a visita á capela, dirigimo-nos ao encontro do director do estabelecimento, no intuito de ouvirmos ácerca das apreensões profanações.

— É facto, diz o capitão sr. Figueiredo, que os descendentes de D. João de Castro, ao que parece, levantaram o clamor das pretendidas profanações, achando pretexto nas sessões realisadas nessa capela.

«Ora convém dizer que as sessões que até aqui se effectuaram n'aquelle local, foram apenas tres: uma por ocasião de ser inaugurada a instituição, outra por motivo da comemoração do descobrimento do Brazil, e a ultima solenizando o segundo aniversario da fundação do estabelecimento. Qualquer

dessas comemorações se coaduna perfeitamente com o espirito histórico, digamos assim, do local e em todas ela a figura do grande portuguez serviu de tema a considerações patrióticas dos oradores.

«Profanação e irreverência houve quando a antiga casa de João das Regras e de frei Luiz de Sousa se viu transformada em fábrica de estampania e mais tarde quando os proprios frades ali collocaram já uma dispensa, já um deposito de palha.

«Quando o instituto tomou conta do convento, a capela encontrava-se completamente abandonada, os túmulos cobertos de teias de aranha, caliga e terra.

«Então ninguem sentiu bulir a indignação, nem levantou protestos».

*

*

*

Comovidamente o distinto official evoca a história do aprazível retiro, que todo o portuguez deveria visitar, para sentir, por momentos, a carícia da visão mental do passado.

O local e o tempo, mais do que a inspiração arquitetónica dão especial encanto ao simples e desataviado mosteiro com as suas paredes muito brancas por onde se espreguiçam as trepadeiras.

A capela dos Castros vae ser considerada monumento nacional, mas melhor seria que do povo partisse a consagração desfilando em piedosa romagem por aquele delicioso lugar.

E, então, como nunca, o histórico convento teria o seu verdadeiro prestigio garantido, no cõro da admiração artistica e da emoção estetica, enquanto o mundo for mundo, sobre a prece inspirada pela crença e pela fé.

Estado das missões luso-orientais nos principios do seculo XIX

D'uma carta dirigida pelo Bispo de Macau, D. Fr. Manuel de S. Galdino (depois Arcebispo de Goa) ao Principe Regente D. João (depois el-rei D. João VI):

«Como V. A. houve por bem encarregar-me o governo da principal egreja da Asia, a quem presentemente está incum-

bido cuidar de todas as outras, que não teem bispos, acho ser da minha obrigação expôr a V. A. o estado geral em que se acham, e em particular a de Macau, que ainda estou governando e da qual me persuado ter todo o conhecimento, pedindo a V. A. providências para todas ellas.

Quando os portuguezes, senhor, conquistaram a India, cuidaram logo, em fazer muitos conventos de religiosos, para que estes fizessem tambem conquistas para a religião: isto não podia deixar de ser muito util mesmo para o estado, pois só a religião christã é capaz de fazer doces os povos, e subjeital-os do coração aos seus soberanos, e assim aconteceu com efeito enquanto vieram religiosos escolhidos, homens já determinados ao combate das paixões; porém logo que os provinciais do reino entraram a não mandar senão aquelles que lá não podiam soffrer, ou mandaram umas recrutas de rapazes sem talentos, sem estudos, e o peor é, sem costumes, e dos que elles não queriam para ficarem nos conventos da Europa,—depois que vieram para a India frades, que a virem deveriam vir soldados, as religiões decaíram, relaxaram-se, e ficaram de bem pouca utilidade. As missões encarregadas a sujeitos tão pouco habeis desfaleceram, decaíram, e á proporção decaiu tambem o amor dos povos ao nome christão, e ao nome portuguez, no que o Estado tem soffrido uma perda, que não é facil de calcular.

No principio foi preciso encarregar as missões aos religiosos, assim pela probidade dêstes, como porque o clero indiano (se o havia) é pouco apto para grandes coisas, cada religião teve districto assignado de missionar para evitar as intrigas, que nasciam da mistura de religiosos de diversos institutos nas mesmas terras, e pelo tempo adiante cada religião chamou seu ao districto, em que mais frequentemente missionava. Os bispos, contentes dos progressos, que então faziam e temendo em contestações, calaram-se e não disputaram os títulos, com que se chamavam donos d'aquellas missões; ficou pois sendo isto para religiões uma prerogativa, e um direito de posse, que tem procurado sempre conservar bem contra a vontade dos ultimos bispos, que se acham sem forças de combatêl-os, porque os bispos são sós, e as religiões em semelhantes artigos fazem causa comum. Era preciso para conservarem-se nesta posse, e prover cada uma o seu districto terem gente; e como da Europa nem mesmo da incapaz lhes vinha, entraram a mandar buscar-a a bordo das náus do reino e aceitarem não só alguns rapazes que vinham servindo nos navios, mas até dos soldados da guarnição, e alguns mesmo

dos que vinham degradados. Não obstante a desordem desta escolha, as religiões não têm a gente suficiente, e as missões que devem prover, estão com tão pouca e tão má pela maior parte, que não exagero em dizer que estão d-sertas.

Os provinciaes de Goa á imitação dos da Europa, também não mandam para as missões, especialmente as mais distantes, e em paizes menos sadios, senão aqueles de que querem desfazer-se. Timor, por exemplo, que é o degredo dos degradados de Goa, o vem a ser também dos religiosos de S. Domingos com a diferença, que estes degradados vão a missionar e parochiar. Que parochos e que missionários ! O menor mal que lá fazem, é negociar. Eu sou testemunha de um padre, que no mesmo barco em que foi, mandou logo varias comissões de sandalo por sua conta.

O arcebispo, além de não ter clérigos que bastem a prover estas missões, os mesmos que tem, não pôde mandal-os por serem as missões denominadas dos religiosos; e se se atrevesse a designar os sujeitos mais capazes de entre estes, e da propria autoridade os quizesse enviar, além de não ser obedecido, havia logo recursos por um abuso de poder, logo gritavam que eram isentas, que lhes quebravam os privilegios, etc., e estas isenções e privilegios que os summos pontífices lhes não concederam, senão para o melhor serviço da Egreja, veio a ser presentemente, em especial na Asia, o meio de não serem as missões servidas e de perder-se aquillo mesmo, que custou tanto a ganhar para a Egreja.

Eu faço gloria, Senhor, de ser religioso, preso-me muito do meu habito, e da corporação a que tenho a honra de pertencer, mas é por isso mesmo que me atrevo a dizer a V. A. que na Asia não deve haver religiosos isentos, ao menos d'estes pontos, e que para o bom regimen d'estas egrejas é preciso que V. A. determine que os bispos mandem para qualquer missão, pertença a quem pertencer, os individuos, que lhe pareçam ou sejam seculares, ou regulares sem que os provinciaes possam oppôr-se, salvo no caso que fosse immediatamente prejudicial ao governo economico dos conventos.

Tão longe estou eu, Senhor, de ser contra as religiões, que peço pelo amor de Deus a V. A. mande bispos para estes bispados, extrahidos das mesmas corporações, que presumem pertencer-lhes, isto é de S. Domingos, para o bispado de Malaca,—de S. Agostinho para o bispado de Meliapor e arcebisado de Cranganor. Para Cochim, que agora não pertencem a corporação particular, pode vir donde V. A. quizer, com obrigação, porém, de que os provinciaes destinem a cada

bispo, pelo menos quatro sacerdotes religiosos da mesma corporação para acompanhá-los, aliás veem os pobres sem acharem ninguém que os ajude. A V. A. não querer mandar bispos, queira ao menos mandar religiosos, homens já feitos e capazes. Eu sei que os provinciaes teem razão de não quererem mandar d'estes, porque lá mesmo são muito uteis; porém, Senhor, ainda que o sacerdote bom é utilissimo em toda a parte, e sempre faz falta d'onde se tira, os provinciaes devem attender á maior necessidade da Igreja e do Estado, e mandarem para a India ao menos homens serios.

«Em uma palavra, Senhor, o que eu lembro a V. A., e encarecidamente rogo, é que determine que venham padres, e de probidade, aliás perdem-se de todo estas missões, e consecutivamente estas colonias». (Do *Panorama*, vol. 14.º, pag. 210).

Quadros notaveis existentes nos templos de Velha Goa

Do nosso erudito collaborador, sr. conego F. X. Vás, recebemos a seguinte curiosa nota dos quadros existentes nos templos da velha cidade, que, pelo seu valor artistico ou historico, merecem attenção.

Sé Cathedral

Na sala das conferencias 2 quadros: — S. Lourenço martyr e S. Gregorio Magno.

Na sacristia—1 quadro da visão de S. Francisco Xavier, em a qual Deus lhe mostrou, representados pelas cruzes que lhe traziam os anjos, os trabalhos que padeceria no Oriente.

Convento de S. Francisco d'Assiz

No claustro, a galeria dos martyres franciscanos, em 16 quadros pintados nas paredes, (¹) — S. Cyrillo, Doutor e Patriarcha d'Alexandria, e o retrato do Bispo de Cochim, Dr. Fr. Miguel Rangel. Este Bispo pertencia á religião dominicana; parece, pois, que o retrato pertenceu ao convento de S. Domingos.

(¹) Veja-se n'esta revista, VII, 22, a relação descriptiva d'estes 16 quadros pelo sr. conego F. X. Vás.

No corredor—1 retrato do arcebispo Dr. Fr. Francisco dos Martyres.

Convento de S. Caetano

14 Quadros:—1 Julgamento de Christo,—2 Descendimento,—3 Baptismo de Christo,—4 Officina de S. José,—5 St.^a Thereza,—6 Sagrada Familia,—7 S. João Baptista,—8 Desposorios,—9-14 Vida de S. Caetano em 6 quadros.

Mosteiro de St.^a Monica

No corredor do Norte, 21 quadros:—1 Bom Pastor,—2 S. Jeronymo,—3 S. Caetano (?),—e mais 18 de varios santos e santas de ordem augustiniana.

No corredor do Poente, 11 quadros sendo 10 dos Passos do Senhor e 1 d'uma santa freira.

Na parla—5 quadros, sendo 1 de *Ecce Homo*,—2 de Menino Jesus,—e 2 de Nosso Senhor.

Junto da porta do côro—1 Descendimento.

Egreja e casa professa do Bom Jesus

Os quadros d'esta igreja foram pela maior parte retocados em epoca recente. Eis alguns que o não foram:

1—Junto duma capela de S. Francisco Xavier—O martirio dos Santos João Cotto (direita), Paulo Nichi (centro) e Diogo Quissai—jesuitas martirisados no Japão (único quadro).

No claustro—1 Resurreição,—2 N. Sr.^a da Esperança,—3 S. Inácio de Loyola e 4 santos da Companhia no céu (um é S. Francisco Xavier e o outro S. Luís Gonzaga, os outros não se sabe quem sejam).

4—S. Francisco Xavier batizando.

5—Morte de S. Francisco Xavier (quadro C).

6—Milagre de uma resurreição por S. Francisco Xavier (quadro S).

7) Quadros H. R. — Não se comprehende de quem fôsem, nem parecem alusivos ao St.^o Xavier.

9—No Museu Sacro—1 Julgamento de Cristo. Este quadro pertenceu á igreja de S. Pedro, donde foi transferido em 1900.

Capela de S. António

— 1 N. Sr.^a das Febres (curioso pelas legendas que fôram publicadas nesta revista, VIII. 48-49).

Raro exemplar de longevidade

No *Vergel de plantas e flores*, de fr. Jacintho de Deus, lê-se a pag. 39 a seguinte noticia a respeito d'um homem que viveu 400 annos :

«Devemos ao cuidado, & diligencia de Dom Frey André de Santa Maria a clara noticia desta monstruosidade do tempo, se nam foy miraculosa.

Em o Reyno de Bengála vivia hum gentio, pastor de proprio gado; pastava o junto a hum rio quasi pelos annos de 1230. Chegou-se a elle hum pobre, vestido nos habitos de burel, a que na India chamão cambolim, de que usamos os Capuchos (segundo elle depois o referia) com barba larga, de cor sobre o ruyvo, com corda chea de nós, coroa na cabeça, chagas nas mãos, pés, & lado, figura verdadeira de nosso Seraphico Padre São Francisco. Significoulhe que pretendia passar o rio, & as chagas lhe erão estorvo, & impedimento. Pediolhe humilde o quizesse passar ás costas, a que elle compassivo se inclinou, contra o parecer de hum companheiro, que nam só o reprovava, mas com palavras afrontosas o excluia. Passou-o da outra banda, aonde posto, lhe deu por satisfação de tam boa vontade hum Rosario, dizendolhe: Toma Irmão este Rosario em paga de teu trabalho; & em sinal de que tiveste em teus hombros a Francisco, Alferez de Christo, Principe dos chagados, estarás neste estado em que te achas, té que me tornes a ver. Era este gentio de idade de quarenta annos, & na mesma postura, & semblante viveo quatrocentos annos; por tres vezes mudou os dentes, conservando sempre as forças daquelle tempo em que vira o Santo; 100 annos viveo na idolatria, os mais na seita de Mafamede; mereceo acabar a vida na confissam do Evangelho, para ir lograr no Ceo o premio de tam pequeno serviço. Quando Nuno da Cunha ganhou a Cidade de Dio, o viram nellá os nossos portuguezes, sustentado de huã moradia, que lhe dava El-Rey Soltão Badur, como a monstro da natureza. Dahi se passou outra vez a Bengála, & no anno de 1605 o cõmunicarão varios christãos, & todos souberão d'elle este prodigio. Correo a fama, & chegou aos

ouvidos do Bispo Dom Frey André, & no anno de 1606 mandou fazer informaçam juridica deste successo, & causa de tam larga vida, que mandou a ElRey Philippe III de Castella, & se imprimio em Madrid. Pouco depois passarão a Bengála dous Religiosos de nosso Seraphico Padre São Francisco, chamados Frey Eleutherio de Santiago, & Frey Christovão da Conceição, a denunciar o sagrado Evangelho aos Gentios, & Mouros deste Reyno, & sabendo da estendida vida deste homem, o buscárão, & e cõmunicarão, & delle souberão quanto fica dito; & mostrandolhe huã Imagem, verdadeira effigie de nosso Padre São Francisco, affirmou, nam sem admiraçam, & espanto. que aquelle era o homem pobre, & chagado, que em seus hombros passára o rio; & em premio lhe dera o Rosario de contas, de que tinha ainda tres, & ficava entendendo, que cedo acabaria a vida, que tanto lográra; com o que tomou motivo Frey Eleutherio para lhe ensinar os mysterios da Fé, & affirmar-lhe, que na ley em que vivia, nam era possivel salvar-se; que a deixasse, & confessasse a Christo por verdadeiro Deos, & lograria o premio eterno que lhe grangearião as oraçoens, & deprecaçoens de nosso Seraphico Padre São Francisco, a quem elle tivera em seus braços. Com estas evidencias nam foy difficil reduzir-se à Fé, que abraçou com grande affecto, & nella acabou os ultimos dias de sua vida: & he de crer, que Deos q'õ cõservou tantos seculos, lhe daria o premio da gloria em companhia do mesmo Padre Seraphico.» (a)

Origem e significação da palavra «chela»

Tem-se discutido ultimamente na Academia das Sciencias de Lisboa a origem e significação da palavra *chela*. Lê-se no *Diario de Noticias*, n.º 17.108 de 27 de junho, referindo-se á sessão da 2.ª classe da Academia, de 26:

«A proposito da comunicação feita na ultima sessão da classe pelo sr. Lopes de Mendonça, mgr. S. Rodolfo Dalgado disse que o indo-português emprega o vocábulo «chela» para designar uma fazenda de algodão, não estampada como a chita, mas tecida com fios já tintos, de côres menos vivas,

(a) *Se non è vero, è bene trovato* (L. G.).

e mais encorpado, de que se fazem casacos e calças. Indica-se as vezes a procedencia geografica, como «chela de Dio, chela de Damão».

O termo é indo-arico, mas em sanscrito «chela» é nome de roupa em geral. Os nossos lexicógrafos, pelo menos modernos, não o registam; vêmo-lo, porém, empregado, e como muito conhecido, por Diogo do Couto, no «Dialogo do Soldado Pratico» (pg. 122 da edição da Academia): «Folgarei de ver hum soldado do meu tempo, com hum sayo de gingão pardo, ceroulas de «chela», gibão do mesmo.»

A proposito. «Guingão» é outro termo asiatico, que Bluteau, um dos nossos melhores lexicógrafos, e mais autorizado sob certos respeitoes, define no Suplemento ao seu «Vocabulario»: «Pano de algodão, e seda, que vem da India, de que se fazem varias cousas, e o comum são habitos dos Terceiros de S. Francisco.»

Litré, seguido pela «Encyclopedia Britannica», deriva a palavra de «Guingamp», ville de Bretagne, où il y a des fabriques de tissus». Henrique Yule regista com razão, no seu «Glossario anglo-indiano», esta etimologia, porque tais tecidos são de linho e não de algodão, e a manufactura não antecede as nossas relações commerciaes com o Oriente.

«Guingong» é vocabulo comum aos idiomas do archipelago malaio, com o sentido de «cotonio listrada ou axadrezada», provavelmente derivado do tamul «kindan», que quer dizer o mesmo. E', pois, da Malasia que o termo peregrinou para a Europa.»

*

*

*

No mesmo jornal, n.º 17.111 de 30 de junho, encontramos uma interessante carta sobre o assumpto, firmada por C., da qual recortamos os seguintes trechos:

«Passemos pois á interessante discussão que sobre o vocabulo houve na Academia. Para o illustre academico, o sr. Lopes de Mendonça, que iniciou a discussão, «chela» é «caleira». O sr. Julio Dantas entende que «chela» é «sela». Segundo o sr. José Joaquim Nunes, «chela» talvez signifique «chinela». O sr. David Lopes absteve-se de dar o seu voto na materia, por não estar preparado para discuti-la.

Tambem não discutiremos o valor filológico dos pareceres dos doutos academicos.

Não tenho aqui á mão nem o «Elucidario» de Frei João de Santa Rosa Viterbo, nem o «Glossarium» do teatino D. Rafael Bluteau, nem o grande dicionario de Frei Domingos Vieira. Creio, porém, que o ilustre academico que iniciou a discussão, consultou estes insignes lexicografos portugueses.

Já nas «Décadas» do Couto encontramos «ceroulas de chela».

O vocabulo em questão é muito antigo na linguagem commercial indiana como significando «fazenda», e já aparece com a mesma grafia no livro de J. Van Swist, intitulado «Gswesen» Overhooft van de Nederlandsche couthoren Amadabat publicado em Amsterdam em 1906. Ainda hoje é muito vulgar na India Portuguesa dizer-se «saia de chela» — «vestido de chela» — «vasquinha de chela» — «quimão de chela» («Quimão» e não «quimono» como é hoje uso dizer-se, ao modo frances).

Esta «chela» vem de sanscrito sale, telegu «salu», fazenda significa fazenda de algodão, tingida de varias côres, em quadradinhos, em que predomina a encarnada, ligeiramente adamascada ou sarjada, outrora fabricada na India e hoje substituida no mercado por outra de fabrico inglêz. E' fazenda para uso do povo.

São tambem, ainda hoje, muito apreciadas as «toalhas», «guardanapos» e «cobertas de chelas» de Damão e Diu, de onde estes artigos, como os outros do mesmo genero («chela») eram levados e não sabemos se ainda o são, para a Africa oriental pelos banianes, durante muito tempo os principais comerciantes daquela nossa parte do Ultramar e aí conhecidos pelo nome de «monhés».

E se este vocabulo é empregado na Africa Oriental Portuguesa, não ha duvida sobre a sua proveniencia: é de importação indo-portuguesa, introduzido pelos goenses e damanenses que, sem duvida, criaram e mantiveram até certa epoca não muito distante, a nossa, já hoje, reduzida Africa Oriental, por meio dos seus missionarios, da sua colonização, da sua comisturação com o elemento indigena, de estabelecimentos comerciais e de fundações agricolas mais ou menos importantes.

Não é, porém, esta a «chela» que se discutiu na douta Academia. Para a de seda, temos de recorrer á outra fonte que, com a devida venia, indicamos á ilustre comissão do Dicionario.

Na India Inglesa existe a par de outros que explicam a «chela» indo-portuguesa, o vocabulo «shella», que corresponde perfeitamente ao nosso «shella» ou «chela». Eis o que ácerca da «shella» anglo-indiana, diz o eruditissimo autor do «Glossary of Coloquial anglo-indian words and frases», edição de 1903.

«Temos agora »Shelah» que se pode identificar com o industani «selā» que Plats relaciona com o sanscrito «chela», «chaila», «peça de pano», e define, como «uma especie de manto (de seda ou de cambraia de linho ou de musselina, ordinariamente de quatro larguras, lançado sobre os ombros e descendo pelo corpo abaixo muito usado e «dado como presente» no Decão); turbante de seda».

Assim, conhecidas a significação e a origem da «chela», fica bem visto o monje Reinaldo que, longe de oferecer á generosa e rica dama, um mesquinho «novelo», como pretende o sr. Candido de Figueiredo, ou uma «cadeira», como quer o sr. Henrique de Mendonça, nem tão pouco uma «sela», como aventa o sr. Julio Dantas, e muito menos uma irreverente «chinel», como opina o sr. José Joaquim Nunes, muito pelo contrario, ofereceu-lhe um «riquissimo e precioso manto de seda», ou talvez uma especie de «écharpe» francesa, mais larga e comprida, certamente saída de alguma das importantes fabricas da opulenta India que exportava para a Europa os seus apetecidos e celebres productos».

Comissão permanente de arqueologia

Portaria

N.º 279—Tendo regressado á metrópole Augusto Eduardo Neuparth, Pedro Maria Bessone Basto e Amândio Oscar da Cruz e Sousa, presidente e vogais, da comissão permanente de arqueologia, que ficou, porisso, reduzida a três vogais, José António Ismael Gracías, o conego Francisco Xavier Vás e Frederico Diniz de Aiala, que também está, há tempo, ausente dêste Estado;

Sendo indispensável reconstituir essa comissão para poder proseguir nos importantes trabalhos a seu cargo;

O Governador Geral do Estado da India nomeia seu presidente o Secretário Geral dêste Governo, bacharel Francisco Maria Peixoto Vieira, e vogais, além dos três indicados, o

Director das Obras Públicas, — o cidadão José Frederico Ferreira Martins, que servirá de secretário em lugar do mencionado José António Ismael Gracias, que solicitou a dispensa dêsse encargo, — e o cidadão pe. Manuel José Gabriel de Saldanha.

Cumpra-se.

Residência do Governo Geral, em Nova Goa, 3 de Junho de 1913.

O GOVERNADOR GERAL,

Francisco Manuel Couceiro da Costa.

(Do Boletim Oficial n.º 45/913)



O ORIENTE PORTUGUEZ

10.º ANNO. 1913

N.º 7 e 8

— Julho e Agosto —



FLÔRES DOS LUSIADAS

PARA TODOS



O *Lusiadas* — o mais alto poema nacional — não são apenas a sublime epopéa em que o nosso maior poeta — Camões — immortalizou o Portugal heroico e civilizador. Obra cheia de grandes belezas, como dizia Voltaire e, ainda ha poucos mezes, repetiu Em. Faguet, encerra também nas suas primorosas estancias, ou nos seus sonoros versos, um precioso tesouro de sãos pensamentos, de sabios conselhos, de salutaes maxims e de judiciosas sentenças em que, n'uma concisão inimitavel, se exalta a virtude e se profliga o vicio —, em que espiritos e corações encontram as mais puras, radiosas e honestas claridades.

Desde muito dedicado ao culto camoneano, reuni para uso proprio em modesto escritorio essas joias de

finissimo quilate, que o talento, o coração e a experiencia do Principe do Parnaso portuguez filigranaram com *engenho e arte*. Inspiraram-me a fazel-o o magnifico e já hoje rarissimo livro de José Silvestre Ribeiro — *Estudo moral e politico sobre os Lusíadas* (Lisboa, 1853) — e os *Apothegmas* archivados no tomo VI da monumental edição do Visconde de Juromenha. Alguns amigos que o viram, incitaram-me a divulgar-o. Seria — advertiram — um vademecum proveitoso não só a humanistas e literatos, para lhes poupar, nas referencias, a consulta do original, — mas e principalmente á mocidade estudiosa, para, conhecendo os limpidos e sugestivos ensinamentos que dimanam d'esse livro que é a nossa Biblia sagrada, sentir e pensar, — e em geral aos que dispõem d'uma illustração mediana, para firmar no seu espirito a noção do dever e da honra, despertando-lhes tambem o sentimento civico de que tanto carecem.

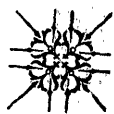
Cedi á sugestão e eis a publico as *Flôres dos Lusíadas*, titulo naturalmente indicado para uma compilação deste genero.

Como rapida elucidação, confiro-as em notas com citações parálélas, já do proprio poeta, já de obras antigas de mestres universalmente consagrados, no que me servi do vasto e precioso cabedal legado por muito doutos comentadores. Entrelaçam-se as flôres camoneanas e as dos jardins literarios em que pompêam grandes poetas, abalisados philosophos e profundos pensadores. Completa-se assim, quanto possivel, o ramilhete. E isto sem desprimôr para a gloriosa memoria do nosso egregio vate que, se bebeu nessas fontes para fundir a sua obra em moldes classicos, soube comtudo dar applicação oportuna, avisada e, a bem dizer, nova á lição que d'ahi recolheu.

Se a presente publicação de alguma forma preencher o fim a que visa, por bastante compensado me darei do meu trabalho, além de ficar satisfeito com vêr difundida entre nós a parte mais sábia e instructiva dos *Lusiadas*, bem carecidos d'uma constante vulgarisação n'esta India, que evidentemente foi tambem uma das fontes da sua inspiração.

Loutulim 15-V-913.

J. A. ISMAEL GRACIAS.



**Autores das obras citadas nas notas,
além dos que o estão em varios logares.**

Dr. Antonio Ferreira — *Cartas e Poemas Lusitanos*.

Cicero — *De Officiis e Cartas*.

Dante — *O Inferno e O Purgatorio* (Tradução do Barão da Vila da Barra, Rio de Janeiro, 1888).

Estacio — *Thebaida* (*Theb.*)

Horacio — *Odes* (*Od.*) e *Satyras* (*Sat.*)

João de Barros — *Decadas* (*Dec.*)

Juvenal — *Satyras* (*Sat.*)

Lucano — *Pharsalia*.

Ovidio — *Arte de amar*, *Fastos*, *Metamorphoses* (*Met.*)
e *Epistolas* (*Ep.*): de *Paris a Helena*, — de
Ariadna a Theseu, — de *Canace a Macareu*, —
de *Hypsipylo a Jasão* —, e de *Ero a Leandro*.

S. Paulo — *Epistolas* (*Ep.*)

Theocrito — *Idyllios* (*Id.*)

Virgilio — *Eneida* (*En.*), *Eclogas* (*Ecl.*) e *Georgicas*
(*Georg.*)

FLÔRES DOS LUSIADAS

Canto Primeiro

I

Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana, ¹
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

E. 1.^a, v. 5 a 8

II

... aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando. ²

E. 2.^a, v. 5 e 6

III

Se a tanto me ajudar o engenho e arte. ³

E. 2.^a, v. 8

¹ Obedeceis ás forças mais que humanas.

C. III, e. 62, v. 3

² Cf. adiante est. 14 d'este C., v. 8.

³ Que co'o desejo meu se eguale a arte.

(Son. 12)

Engenho sem estudo e estudo sem engenho luzem pouquíssimo
(Faria e Sousa).

IV

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

E. 3.^a, v. 7 e 8

V

Maravilha fatal da nossa idade.¹

E. 6.^a, v. 6

VI

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil; mas alto e quasi eterno :
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu patérno.

E. 10.^a, v. 1 a 4

VII

E julgareis qual é mais excellente,
Se ser do mundo rei, se de tal gente.²

E. 10.^a, v. 7 e 8

¹ Teque adeo decus hoc aevi.....

(Ecl. IV, 11)

² Por decreto de 13 de novembro de 1813 se havia mandado inscrever estes dois versos em letras d'oiro nas bandeiras dos regimentos de infantaria n.ºs 9, 21, 11 e 23, que formavam as duas brigadas que mais se tinham distinguido na famosa batalha da Vitoria contra o exercito francez Em outro logar diz tambem Camões :

Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
Senhor só de vassallos excellentes !

(C. X, c. 146. v. 7 e 8).

VIII

Um Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte;
E outros em quem poder não teve a morte. ¹

E. 14.^a, v. 5 a 8

IX

..... do Fado eterno
.. alta lei não pode ser quebrada. ²

E. 28.^a, v. 1 e 2

X

E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que é a latina.

E. 33.^a, v. 7 e 8

XI

Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que é suspeito. ³

E 38.^a, v. 7 e 8

¹ Veja-se atrás II.

² Cf. adiante C. X, e. 38, v. 5 a 8. Ineluctabile fatum (*En.* VIII, 334)

³ Qual respeito o rei tem quando promulga

A lei *egual*, em publico proveito,

Que com prazer do povo se divulga,

Tal tenha o juiz dentro em seu peito,

Na justa execução constante e forte;

N'isto consiste a lei, n'isto o *direito*.

XII

Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o ceu deseja. ¹

E. 39.^a, v. 7 e 8

XIII

Não tornes por detraz ; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada. ²

E. 40.^a, v. 3 e 4

XIV

..... o forte capitão,
.....
A quem fortuna sempre favorece. ³

E 44.^a, v. 1 e 4

¹ O' Patria tão naturalmente amada, como naturalmente incredula! Que filhos tão grandes e tão illustres terias, se assim como nascem de ti; não nascêra juntamente, e com elles a *inveja*, que os afoga no mesmo nascimento, e os não deixa luzir, nem crescer? (Pe. Vieira, *Sermão de Santo Antonio*).

² Noli esse pusillanimis in animo tuo... (*Ecclésiastico*, VII, 9). O homem que intentou bem, deve estar firme como uma estatua (*Socrates*).

³

Audaces fortuna juvat

(*En. X*, 281)

E' assim o hemistichio de Virgilio que muitos têm transformado em

Audaces fortuna juvat

como se pode vêr em Faria e Sousa, Larousse (*Fleurs Latines*) e C de Figueiredo (*Estrangeirismos*, II, 277). No romance *Um heroe de quinze annos* escreve J. Verne logo nas primeiras paginas :

«Citam-se muitas vezes as tres palavras seguintes d'um verso incompleto de Virgilio — *audaces fortuna juvat* —, mas citam-se incorretamente. O poeta disse — *audentes fortuna juvat* —. E é aos ousados e não aos audazes que a fortuna quasi sempre sorri. O audaz pode ser irreflectido, o ousado pensa primeiro e obra depois : tal é a differença».

XV

Os portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

E. 50.^a, v. 7 e 8.

XVI

... do ceu á terra emfim desceu,
Por subir os mortaes da terra ao ceu.

E. 65.^a, v. 7 e 8.

XVII

Porque o generoso animo, e valente,
Entre gentes tão poucas, e medrosas,
Não mostra quanto pode ; e com razão ;
Que é fraqueza entre ovelhas ser leão. ¹

E. 68.^a, v. 5 a 8

XVIII

O' segredos daquela eternidade,
A quem juizo algum não alcançou ! ²
Que nunca falte um perfido inimigo
Aquelles de quem foste tanto amigo ! ³

E. 71.^a, v. 5 a 8

¹ Noli esse sicut leo in domo tua, evertens domesticos tuos, et opprimens subjectos tibi (*Ecclesiastico*, IV, 35). Cf. adiante C. X, est. 58, v. 5 a 8.

² O' altitudo divitiarum sapientiae et scientiae Dei: quam incomprehensibilia sunt iudicia ejus, et investigabiles viae ejus? (S. Paulo, *Ep. aos Rom.*, XI, 33).

³ Cf. adiante XXII e C. VIII, est. 85, v. 7 e 8.

XIX

Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita. ¹

E. 76.^a, v. 7 e 8

XX

Que da tenção damnada nasce o medo. ²

E. 80.^a, v. 4.

XXI

Que o coração presago nunca mente ³

E. 84.^a, v. 8

XXII

..... erra
Quem se crê de seu perfido adversario. ⁴

E. 85.^a, v. 5 e 6

XXIII

O' grandes, e gravissimos perigos!
O' caminho de vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança! ⁵

E. 105.^a, v. 5 a 8

¹ Time is money. Time is every man's estate (*Provs. ingleses*). Cf. adiante C. III, est. 105, v. 7 e 8.

² Ex conscientia metus (*Prov. lat.*). Ó caeca nocentum consilia, ó semper timidum scoelus! (*Thebaida*). Cf. XXV.

³ Igual verso na Eg. 7.^a. No C. IV, est. 77, lê-se também o verso ⁴

Presago o coração me prometia.

⁴ Veja-se a nota (3) da pag. antecedente.

⁵ Militia est vita hominis super terram (*Job*, VII) 1.

XXIV

Onde pode acolher-se um fraco humano?
Onde terá segura a curta vida?
Que não se arme, e se indigne o ceu sereno,
Contra um bicho da terra tão pequeno? ¹

E. 106.^a, v. 5 a 8

Canto Segundo

XXV

Que onde reina a malicia, está o receio
Que a faz imaginar no peito alheio. ²

E. 9.^a, v. 7 e 8

XXVI

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado. ³

E. 23.^a, v. 1 a 6

¹ Ego autem sum vermis (*Psalmo*, XXI, 7).

² Mens prava semper in laboribus est: quia aut molitur mala quae inferat; vel metuit ne sibi ab aliis inferantur; et quicquid contra proximos cogitat, hoc contra se cogitari a proximis formidat (*S. Gregorio*). Veja-se a nota a XX.

³ Jam in opere, qui labor, quae sedulitas! (*Plinio*). Muitos poetas têm-se servido de identica comparação, exemplificando na formiga o amor ao trabalho e o espirito de providencia (*En IV*, 402 e seg., — *Satyras*, Hor., liv. I, — *Arte de amar*, I, — *O Purgatório*, XXVI), «Até

XXVII

Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se sem perigo sábiamente,
 Se lá de cima a Guarda Soberana
 Não acudir á fraca força humana ? ¹

E. 30.^a, v. 5 a 8

XXVIII

... eu vos prometto, filha, que vejais
 Esquecerem-se gregos e romanos,
 Pelos illustres feitos que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

E 44.^a, v. 5 a 8

XXIX

O' gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos !

E. 47.^a, v. 7 e 8

XXX

Que o nome illustre a um certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado e caro. ¹

E. 58.^a, v. 3 e 4

Hubér filho, que estudou conscienciosamente as formigas, e Lubbock, que modernamente lançou toda a luz sobre o assumpto, pensou-se que os fragmentos de vegetaes e anímaes, que as formigas arrastam para a cova, eram para sustento da republica durante o inverno, o que é falso, pois as formigas ou morrem com os primeiros frios, ou jazem entorpecidas durante o inverno sem necessitarem de alimento. Camões seguiu a regra geral. Allude tambem ao vigor extraordinario das formigas, á facilidade com que transportam pesos superiores ao do seu proprio corpo, o que ainda hoje é o assombro de todos os naturalistas» (Ed. Sequeira, *Fauna dos Lusíadas*, no *Bol. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, n.º 1 de 1887, pag. 46).

¹ Veja-se adiante XXXI, — C. III, est. 82, v. 7 e 8, — e O. X, est. 17, v. 7 e 8.

² Melius est nomen bonum quam divitiae multae (*Proverbios*, XXII, 1), — Nomen quod mundus arrat (*Pharsalia*, 8), — Dic nomen illud tuum : nam et nomen semper delectat (*Id.*, XXVII).

XXXI

Porque mui pouco val esforço e arte,
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e sizo,
Se là dos ceus não vem celeste aviso.¹

E. 59.^a, v. 5 a 8

XXXII

Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.²

E. 67.^a, v. 6 a 8

XXXIII

A memoria do dia renovava
O pressuroso sol, que o ceu rodêa,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sello poz a quanto tinha feito.³

E. 72.^a, v. 5 a 8

XXXIV

.. verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece.

E. 75.^a, v. 5 e 6

¹ Ne innitaris prudentiae tuae. In omnibus viis tuis cogita illum, et ipse (Dominus) diriget gressus tuos (*Prov.*, III, 5 e 6). Veja-se atrás XXVII

² Amisos longo socios sermone requiunt

(*En.* I, 221)

Et ipsi loquebantur ad invicem de his omnibus quae acciderant (*S. Lucas*, XXIV, 14).

³ Domingo de Ressurreição.

XXXV

Que geração tão dura ha hi de gente ?
 Que barbaro côstume, e usança fêa,
 Que não vedem os portos tão-sómente,
 Mas inda o hospicio da deserta arêa ? ¹

E. 81.^a, v. 1 a 4

XXXVI

..... é de vassallos o exercicio,
 Que os membros tem regidos da cabeça.

E. 84.^a, v. 1 e 2

XXXVII

... metal, que fortuna a tantos nega.

E. 98.^a, v. 4

XXXVIII

Aquella alta, e divina Eternidade,
 Que o ceu revolve, e rege a gente humana,
 Pois que de ti taes obras recebemos,
 Te pague o que nós outros não podemos. ²

E. 104.^a, v. 5 a 8

¹ Quod hoc genus hominum ? quaeve hanc tam barbara morem
 Permittit patria ? hospitio prohibemur arenae.

(En. I, 543 e 544).

² grates persolvere dignas

Non opis est nostrae.....

Di tibi

Praemia digna ferant.....

(En. I, 604 a 609)

XXXIX

Emquanto apascentar o largo pólo
As estrellas, e o sol dér lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Viverão teus louvores em memoria. ¹

E. 105.^a, v. 5 a 8

XL

... quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares ?

E. 111.^a, v. 3 e 4

XLI

... razão ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria. ²

E. 113.^a, v. 7 e 8

Canto Terceiro

XLII

Não me mandas contar estranha historia;
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria. ³

E. 3.^a, v. 7 e 8

¹ Sempre honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.

(Ecl. V, 78 e En. I, 613)

Fama e gloria diz Camões, porque pode haver fama sem gloria, mas não gloria sem fama (*Faria e Sousa*)

² Cf. adiante XLIII, v. 1 e 2 — e C V, est. 105.

³ Divisa da revista *O Oriente Português*.

XLIII

Que outrem possa louvar esforço alheio,
 Couse é que se costuma, e se deseja; ¹
 Mas louvar os meus próprios, arreceio
 Que louvor tão suspeito mal me esteja. ²

E. 4.^a, v. 1 a 4

XLIV

..... de feitos taes, por mais que diga,
 Mais me ha de ficar inda por dizer. ³

E. 5.^a, v. 3 e 4

XLV

Já que o juizo humano tanto erra: ⁴

E. 9.^a, v. 6

XLVI

... não menos por armas, que por letras. ⁵

¹ Veja-se atraz XLI.

² Laus in ore proprio vilescit (*Prov lat.*).

³ Quidquid dixeró, minus erit (*Petronio*, referindo-se á belleza de Ofício).

De cada um não posso narrar os feitos:
 Breve dicção não cabe em longo assumpto;
 Pois á concisa phrase oppõe-se o thema.

(*O Inferno*, IV)

⁴ Proh superi, quantum mortalia pectora caecae
 Noctis habent (*Met.*, VI, 472 e 473).
 Hominum sententia fallax (*Fastos*, V).

⁵ Não menos nos engenhos, que na espada.

(C. III, est. 14, v. 8)

XLVII

Tanto Deus se contenta da humildade! ¹

E. 15.^a, v. 8

XLVIII

Esta é a ditosa patria minha amada; ²
À qual se o ceu me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo.

E. 21.^a, v. 1 a 4

XLIX

Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado. ³

E. 28.^a, v. 3 e 4

L

Que de tal pae, tal filho se esperava. ⁴

E. 28.^a, v. 8

¹ Exaltavit humiles (*S. Lucas*, I, 52). Qui se humiliaverit, exaltabitur (*S. Matheus*, XXIII, 12). Cf. C. VII, est. 3, v. 8.

² O dec. da Ass. Nal. Const., de 30 de junho de 1911, determina que este verso seja inscripto como legenda immortal nas bandeiras das differentes unidades militares (*Bol. Off.* n.º 59, de 27-7-911).

³ Veja-se adiante LVII, — C. IV, est. 60, v. 1 e 2 — e C. X, est. 54, v. 1, 2 e 4.

⁴ Fortes creantur fortibus (*Hor.*). Qui viget in foliis, venit e radicibus humor (*Sent. ant.*). Genus arguitur vultu (*Fastos*, II, 397).

LI

Tanta veneração aos paes se deve ! ¹

E. 33.^a, v. 8

LII

Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi que creio o que podeis ! ²

E. 45.^a, v. 7 e 8

LIII

Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo daquele que o merece ;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece. ³

E. 69.^a, v. 1 a 4

LIV

Tudo provê com animo e prudencia.

E 79.^a, v. 7

¹ Honora patrem tuum et matrem tuam (*Exodo*, XX, 12,— *S. Matheus*, XV, 4,— *S. Marcos*, XI, 10,— e *S. Paulo*, *Ep. aos Ephesios*, VI, 2). Qui maledixerit patri suo, vel matri, morte moriatur. (*Ex.*, XXI, 17,— *Levitico*, XX, 9,— *Proverbios*. XX, 20,— *S. Matheus*, XV, 4,— e *S. Marcos*, VII, 10).

² Non nobis, Domine, non nobis ; sed nomini tuo da gloriam (*Psalmo* CXIII, 1a).

³ Raro antecedentem scelestum
Deseruit pede poena claudo.

(*Od.* 2.^a do liv. III).

LV

Que não perde a presteza co' a idade.¹

E. 80.^a, v. 8

LVI

... em casos tão estranhos claramente,
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.²

E. 82.^a, v. 7 e 8

LVII

Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus anos deste geito,
A' triste Libitina seu direito.³

E. 83.^a, v. 4 a 8

LVIII

Os altos promontorios o choraram;
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.

E. 84.^a, v. 1 a 4

¹ Jam senior; sed..... viridis senectus.

(En. VI, 304).

² Deus meus factus est fortitudo mea (*Isaias*, XLIX, 5). Veja-se C. X, est. 40, v. 7 e 81.

³ Veja-se atrás XLIX e a respectiva nota.

LIX

... tanto em descuidos se desmede,
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino
 Por causa dos privados foi privado;
 Porque, como por eles se regia,
 Em todos os seus vícios consentia.

E. 91.^a, v. 3 a 8

LX

A rei não obedece, nem consente,
 Que não fôr mais que todos excelente.

E. 93.^a, v. 7 e 8

LXI

..... em terreno
 Não cabe o altivo peito tão pequeno.¹

E. 94.^a, v. 7 e 8

LXII

Acude e corre pae; que se não corres,
 Póde ser que não aches quem socorres.

E. 105.^a, v. 7 e 8

¹ Angustus est mihi locus, fac spatium mihi ut habitem (*Isaias*, XLIX, 20).

LXIII

..... mais pode a fé, que a força humana. ¹

E. 111.^a, v. 8

LXIV

..... misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi rainha.

E. 118.^a, v. 7 e 8

LXV

Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.

E. 120.^a, v. 3 e 4

LXVI

Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,
Feros vos mostraes, e cavalleiros ?

E. 130.^a, v. 7 e 8

LXVII

Vêde da natureza o desconcerto !

E. 138.^a, v. 2

¹. Cf. o colloquio entre Golias e David no *Livro dos Reis*, XVII, 43 a 47.

LXVIII

Que um fraco rei faz fraca a forte gente. ¹

E. 138.^a, v. 8

LXIX

Que um baixo amor os fortes enfraquece. ²

E. 139.^a, v. 8

LXX

..... os peitos fortes enfraquece
Um inconcesso amor desatinado.

E. 141.^a, v. 1 e 2

LXXI

Mas quem pode livrar-se porventura
Dos laços que Amor arma brandamente? ³

E. 142.^a, v. 1 e 2

¹ Secundum judicem populi, sic et ministri ejus : et qualis rector est civitatis, tales et inhabitantes in ea. Rex insipiens perdet populum suum : et civitates inhabitabuntur per sensum potentium. (*Eccl.*º, X, 2 a 3). Veja-se adiante LXXVII.

² V. os versos seguintes.

³ quis enim modus absit amori.

(*Ec.* II, 68).

Omaña vincit amor.....

(*Ec.* X, 69).

Amor, invicto amor ! potente domas
E pousas no sorrir da ingenua virgem !
Tens imperio no mar, tem-lo nas choças ;
Nenhum dos immortaes, nenhum dos homens
A teus farpões escapa !

(*Sophocles*)

LXXII

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,
 Uma suave, e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando,
 Que tivésse contra ella resistencia? ¹

E. 143.^a, v. 1 a 4

Canto Quarto

LXXIII

Depois de procellosa tempestade,
 Nocturna sombra, e sibilante vento,
 Traz a manhã serena claridade,
 Esperança de porto, e salvamento:
 Aparta o sol a negra escuridade
 Removendo o temor ao pensamento. ²

E. 1.^a, v. 1 a 6

LXXIV

Que sempre houve entre muitos differenças. ³

E. 12.^a, v. 8

¹ Aquelle mover de olhos
 Aquelle vivo espirito inflammado
 Do crystalino rosto transparente.

(Rimas)

Urit grata protervitas
 Et vultus nimium lubricus adspici.

(Od. 19 do liv. I)

² Cf. est. 51 d'este C.³ Tot capita, tot sensus (*Prov. lat.*). Quot capita, tot sententiae (*Terencio*).

LXXV

Negam o rei, e a patria ; e se convém,
Negarão, como Pedro, o Deus que tem. ¹

E. 13.^a, v. 7 e 8

LXXVI

..... disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo.

E. 14.^a, v. 5 a 8

LXXVII

Se é certo que co' o rei se muda o povo. ²

E. 17.^a, v. 8

LXXVIII

E as mães, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram. ³

E. 28.^a, v. 7 e 8

¹ Veja-se est. 33, v. 7 e 8 d'este C.

² Veja-se a nota 1 a pag. 176.

³ Et trepidæ matres pressêre ad pectora natos.

(En. VII, 518)

De Apollonio Rhodio copiou Virgilio este logar ; assim como outros o copiaram de Virgilio, ou do mesmo Apollonio (*Leoni*).

LXXIX

Que nos perigos grandes, o temor
 E' maior muitas vezes que o perigo:
 E se o não é, parece-o¹

E. 29.^a, v. 3 a 5

LXXX

.... tambem dos portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.²

E. 33.^a, v. 7 e 8

LXXXI

..... o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.³

E. 35.^a, v. 7 e 8

LXXXII

..... do vulgo vil sem nome.⁴

E. 41.^a, v. 1

¹ Majus malum est tamdiu timere, quam est illud ipsum quod timetur (Cic., *Carta a Attico X*).

..... propiusque periclo
 It timor, et major Martis jam apparet imago.

(*En.* VIII, 556 e 557)

Terror in his ipso major solet esse periclo

(*Ep. de Páris a Helena*)

² Cf. C. X, est. 140, v. 7 e 8.

³ A virtude opprimida da multidão não pode defender-se do perigo (*Eg.* 1). Fraude perit virtus (*Fastos II*, 227).

⁴ Ignobile vulgus (*En.* I, 153). Multam sine nomine plebem (*En IX*, 343).

LXXXIII

..... o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida. ¹

E. 43.^a, v. 3 e 4

LXXXIV

Inclyta geração, altos Infantes. ²

E. 50.^a, v. 8

LXXXV

... vae alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza? ³

E. 51.^a, v. 3 a 6

LXXXVI

.. As cousas arduas e lustrosas,
Se alcançam com trabalho, e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga. ⁴

E. 78.^a, v. 3 a 6

¹ pedibus timor addidit alas.

(*En.* VIII, 224)

Empresta-lhe o temor da morte dura

Nas azas novo alento

(*Egl.* 7)

² Filhos de D. João I: «progenie generosa de Joanne» (C. VIII est. 37, v. 2).

³ Rebus in humanis nulla est constantia certa (*Simonides*). Nulla sors longa, dolor ac voluntas invicem cedunt. Rotat omne fatum (*Seneca*). Omnium rerum vicissitudo est (*Terencio*). Cf. adiante CIII e CXI.

⁴ Per ardua ad astra (*Prov. lat.*).

..... Labor omnia vincit

Improbis.....

(*Georg.*, I, 145-146).

Cf. C IX, est. 88, v. 5 a 8.

LXXXVII

... a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade. ¹

E. 81.^a, v. 3 e 4

LXXXVIII

..... a morte,
.. sempre aos nautas ante os olhos anda. ²

E. 86.^a, v. 3 e 4

LXXXIX

..... o despedimento costumeado
.. postoque é de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magôa.

E. 93.^a, v. 6 a 8

XC

C'um saber só d'experiencias feito.

E. 94.^a, v. 7

XCI

O' gloria de mandar! O' vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
O' fraudulento gosto, que se atixa
C'uma aura popular, que honra se chama! ³

E. 95.^a, v. 1 a 4

¹ Laudataque virtus crescit (*Op.*).

² ... multa mari nautae patiuntur in alto.

(*En.* VII, 200).

Cf. adiante XCIX.

³ Cf. os 4 seguintes versos e C. IX, est. 64, v. 5 a 8.

XCII

Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,¹
Nomes com quem se o povo nescio engana!

E. 96.^a, v. 5 a 8

Canto Quinto

XCIII

Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes de natura.

E. 22.^a, v. 7 e 8

XCIV

A nada disto o bruto se movia.

E. 28.^a, v. 8

XCV

Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
E' melhor de descer, que de subir.

E. 35.^a, v. 3 e 4

XCVI

Ó que não sei de nojo como o conte? ²

E. 56.^a, v. 1

¹ Veja-se a nota (1) a pag. 169.

² Animus meminisse horret (En. II, 12),—Horresco referens (ib., 204).

XCVII

Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'um penedo outro penedo. ¹

E 56.^a, v. 7 e 8

XCVIII

... como contra o ceu não valem mãos. ²

E. 58.^a, v. 5

XCIX

..... tudo nele ³ são mundaças.

E. 66.^a, v. 6

C

Trazia o sol o dia celebrado,
Em que tres reis das partes do Oriente
Foram buscar um rei de pouco nado,
No qual rei outros tres ha juntamente. ⁴

E. 68.^a, v. 1 a 4

¹ Quamquam lapis sedes, tam ipsa lapis fui.

(*Ep. de Ariadne a Theseu*)

² Veja-se C. VII, est. 56, v. 4. No *Son.* 36 tambem se lê :

Que contra o ceu não val defesa humana.

³ No mar. Veja-se atraz LXXXVIII.

⁴ Dia de Reis.

CI

Crês tu que se este nosso ajuntamento.
De soldados, não fôra lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Porventura a seu rei, e a seu regente ? ¹

E. 71.^a, v. 5 a 8

CII

.. nenhum trabalho grande os tira
D'aquelle portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

E. 72.^a, v. 6 a 8

CIII

Com esta condição pezada e dura
Nascemos; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza. ²

E. 80.^a, v. 6 a 8

CIV

Quão facil é ao corpo a sepultura ! ³
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o illustre os ossos. ⁴

E. 83.^a, v. 5 a 8

¹ Vejam-se os versos seg.. No C. X, est. 148, v. 1 a 4 :

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tão longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar resposta, promptos e contentes.

² Veja-se a nota (3) a pag. 180.

³ ... Facilis jactura sepulcri est.

(En. II, 946)

⁴ Illustrium quippe virorum omnis terra sepulcrum est (*Thucydides*, liv. I, referindo-se ás exequias dos athenienses mortos, celebradas por Pericles).

CV

A verdade que eu conto nua e pura ¹
Vence toda grandiloqua escriptura.

E. 89.^a, v. 7 e 8

CVI

Quão doce é o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados !
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou eguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita. ²

E. 91.^a

CVII

Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

E. 96.^a, v. 7 e 8

CVIII

Porque quem não sabe a arte, não na estima. ³

E. 97.^a, v. 8

¹ Verdade limpa e nua (C. VIII, est. 60, v. 7).

² Veja-se atraz XLI e XLIII.

³ De ignoto nullum iudicium. Ignoti nulla cupido (*Provs. lats.*).

CIX

Mas o peor de tudo é, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

E. 98.^a, v. 5 a 8

CX

.. não deixe emfim de ter disposto
Ninguém a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.

E. 100.^a, v. 5 a 8

Canto Sexto

CXI

Porque também co'os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes. ¹

E. 15.^a, v. 3 e 4

CXII

.... ninguém já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

E. 33.^a, v. 7 e 8

¹ Veja-se atrás LXXXV. Fortuna omnipotens (En. VIII, 334).

CXIII

... brandura é de amor mais certo arreio,
E não convém furor á firme amante.

E. 89.^a, v. 3 e 4

CXIV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e graus maiores. ¹

E. 95.^a, v. 1 a 4

CXV

Desta arte se esclarece o entendimento
Que experiencias fazem repousado.

E. 99.^a, v. 1 e 2

CXVI

Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

E. 99.^a, v. 5 a 8

¹ Veja-se atraz LXXXVI, — e C. IX, est. 88, v. 5 a 8, e est. 90, v. 7 e 8.

Canto Setimo**CXVII**

Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade ! ¹

E. 3.ª, v. 8

CXVIII

Nascem da tyrania inimicicias.

E. 8.ª, v. 5

CXIX

E' na Asia mais que todos soberana ;
Na quarta parte nova os campos ara ;
E se mais mundos houvera, lá chegára. ²

E. 14.ª, v. 6 a 8

CXX

Que alegria não pode ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

E. 27.ª, v. 7 e 8

CXXI

As partes que a cobrir natura ensina.

E. 37.ª, v. 4

¹ Veja-se atraz XLVII.

² Uma nação a que Deus deu tanto animo, que se tivésse creado outros mundos, já lá tivéra plantado outros padrões (*Decadas*, I, cap. II, liv. IV).

CXXII

Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos !

E. 41.^a, v. 3 e 4

CXXIII

.. n'um portatil leito hu'a rica cama
Lhe offerece em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens é levado.

E. 44.^a, v. 6 a 8

CXXIV

Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donos e donzellas.

E. 49.^a, v. 7 e 8

CXXV

Que contra o ceu não val da gente manha. ¹

E. 56.^a, v. 4

CXXVI

Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos ocupando ao ocio dados. ²

E. 65.^a, v. 5 a 8

¹ Veja-se atraz XCVIII e a respectiva nota.

² Cf. adiante CXLII.

CXXVII

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra.....

E. 76.^a v. 1 e 2

CXXVIII

Cujo nome não pode ser defunto
Emquanto houver no mundo trato humano. ¹

E. 77.^a, v. 5 e 6

CXXIX

N'uma mão sempre a espada, e n'outra a penna. ²

E. 79.^a, v. 8

CXXX

Trabalhos nunca usados me inventaram,
Comque em tão duro estado me deitaram.

E. 81.^a, v. 7 e 8

CXXXI

Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

E. 82.^a, v. 5 a 8

¹ Veja-se atraz XXXIX.

² .. n'uma mão a penna, e n'outra a lança.

(C. V, est. 96, v. 3)

Dextera tenet calamus, strictum tenet altera ferrum.

(*Ep. de Canace a Macareu*)

CXXXII

Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

E. 83.^a, v. 7 e 8

CXXXIII

..... por comprazer no vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio.

E. 85.^a, v. 3 e 4

CXXXIV

Emquanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

E. 87.^a, v. 7 e 8

Canto Oitavo

CXXXV

.. o grande aperto em gente, inda que honrosa,
As vezes leis magnanimas quebranta. ¹

E. 7.^a, v. 3 e 4

CXXXVI

Ditosa patria que tal filho teve !
Mas antes pae; que emquanto o sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

E. 32.^a, v. 5 a 8

¹ Veja-se adiante CXLVI.

CXXXVII

Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno !

E. 35.^a, v. 7 e 8

CXXXVIII

..... faltam-lhes côres,
Honra, premio, favor, que as artes criam : ¹
Culpas dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

E. 39.^a, v. 3 8

CXXXIX

Aquelles paes illustres já deram
Principio á geração que d'elles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende.
Cégos ! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor d'ellas se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

E. 40.^a

¹ Honos alit artes. Proemia stimulant ad virtutem (Cic., *Tusc.* I.)
A honra cria e faz a arte excellente.

(Ferreira, *Carta* IV, l. 1)

CXL

..... reis ... as vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham ¹.

E. 41.^a, v. 3 e 4

CXLI

Não nego, que ha comtudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica :
E se a luz dos antigos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura. ²

E. 42.^a, v. 1 a 7

CXLII

..... repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa. ³

E. 44.^a, v. 7 e 8

CXLIII

O' quanto deve o rei, que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados !

E. 54.^a, v. 1 a 4

¹ Veja-se CXII.

² Antithese do que se diz nas est. 39 e 40 d'este C. (CXXXVIII e CXXXIX).

³ Veja-se atraz CXXVI.

CXLIV

.. quando um bom em tudo é justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta. ¹

E. 55.^a, v. 5 e 6

CXLV

Que toda a terra é patria para o forte. ²

E. 63.^a, v. 4

CXLVI

Que por se sustentar em toda idade
Tudo faz a vital necessidade. ³

E. 63.^a, v. 7 e 8

CXLVII

.. porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes opressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança, ⁴
Que em suor vive sempre de seu peito.

E. 66.^a, v. 1 a 4

¹ Cf. C. X, est. 150, v. 7 a 8.

² Omne solum forti patria, ut piscibus aequor (Ov.). Omne homini natale solum (Estacio).

³ Veja-se atraz CXXXV.

⁴ Spemque, metumque inter dubii....

(En. I, 222)

... alternant spesque timorque fidem.

(Ep. de Hypsipyla a Jasão)

CXLVIII

Que facil é a verdade de entender-se. ¹

E. 75.^a, v. 8

CXLIX

..... do certo e fido amigo
E' não temer do seu nenhum perigo. ²

E. 85.^a, v. 7 e 8

CL

..... nunca louvarei
O capitão que diga : Não cuidei. ³

E. 89.^a, v. 7 e 8

CLI

Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o premio pode e val.

E. 94.^a, v. 5 e 6

¹ Veritatis simplex oratio (*Prov. lat.*). Veja-se atraz CV com a respectiva nota.

² Veja-se atraz XVIII e XXII.

³ Scipio vero Africanus turpe esse aiebat in re militari dicere : non putabam (*Valerio Maximo*). Turpissimam aiebat Fabius, Imperatori excusationem esse : Non putari (*Seneca*). Insipientis est dicere, non putaram (*Cicero*).

CLII

Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Pode o vil interesse, e sêde imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga. 1

E. 96.^a, v. 5 a 8

CLIII

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores, e falsos os amigos :
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos.
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.

E. 98.^a

CLIV

Este interpreta mais que subtilmente
 Os textos : este faz, e desfaz leis :
 Este causa os perjuros entre a gente :
 E mil vezes tyrannos torna os reis.
 Até os que só a Deus Omnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, e illude ;
 Mas não sem côr, comtudo, de virtude.

E. 99.^a

¹ Veja-se CLIII e CLIV.

..... Quid enim mortalia pectora cogis

Auri sacra fames ?

(En. III, 56 e 57)

... nocens ferrum, ferroque nocentius aurum.

(Met., I, 141)

Canto Nono

CLV

Amendo cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas, ¹

E. 25.^a, v. 7 e 8

CLVI

... vê do mundo todos os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si somente, e a quem Philaucia ensina:
Vê que esses que frequentam os reaes
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florescente. ²

E. 27.^a

CLVII

... aqueles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam somente mandos, e riqueza,
Simulando justiça e integridade.
Da feia tyrania, e de aspereza,
Fazem direito e vã severidade:
Leis em favor do rei se estabelecem;
As em favor do povo só perecem.

E. 28.^a

¹ Ex: Vinum in jucunditatem creatum est, non in ebrietatem
(*Eccl.*º. XXXI, 35).

² Pessimum inimicorum genus laudantes (*Tacito*).

CLVIII

..... ninguém ama o que deve,
Senão o que somente mal deseja.

E 29.^a, v. 1 e 2

CLIX

A deusa gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
O que vê, com mil bocas apregôa.¹

E. 44.^a, v. 5 a 8

CLX

O peito feminino . . . levemente
Muda quaesquer propositos tomados.

E. 46.^a, v. 5 e 6

CLXI

. . . tanto como a vista pode a fama:²

E. 47.^a, v 8

¹ Fama.....
Mobilitate viget, viresque acquirit eundo :
.....
.....cui quot sunt corpore plumae
Tot vigiles oculi
Tot linguae, totidem ora sonant, tot subjugat aures
.....
Tam ficti pravi que tenax, quam nuntia veri.

(En. IV, 173 a 179)

Tota fremit, vocesque refert, iteratque quod audit.

(Met., XII, 47.)

² Veja-se a nota antecedente.

CLXII

Tra la spiga e la man qual muro é messo ¹

E. 78.^a, v. 8

CLXIII

Melhor é experimental-o, que julgal-o,
Mas julgue-o quem não pode experimental-o. ²

E. 83.^a, v. 7 e 8

CLXIV

.. dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido. ³

E. 88.^a, v. 5 a 8

CLXV

Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso. ⁴

E. 90.^a, v. 7 e 8

¹ Verso de Petrarca no soneto 43 «Se col cieco desir». Corresponde ao prov. lat.—«inter os et calicem» —e ao nosso «de mãos á boca».

² Multaque praeterea lingua reticenda modesta,
.. quae fecisset juvat, facti referre pudet.

(*Ep. de Ero a Leandro*)

³ Veja-se atraz CXIV.

⁴ Lata porta et spatiosa via est, quae ducit ad perditionem... angusta porta et arcta via est quae ducit ad vitam (S. Matheus, VII, 13 e 14).

CLXVI

... vós, que as famas estimaes,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertaes já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo. ¹

E. 92.^a, v. 5 a 8

CLXVII

.. essas honras vão, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente :
Melhor é merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer. ²

E. 93.^a, v. 5 a 8

CLXVIII

Impossibilidades não façais,
Que quem quiz, sempre pôde... ³

E. 95.^a, v. 5 e 6

Canto Decimo

CLXIX

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono ;
A fortuna me faz o engenho frio
Do qual já não me jacto, nem me abono ;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno.

E. 9.^a, v. 1 a 6

¹ Qui autem sectatur otium, repletur egestate (*Prov.*, XXVIII, 19).
Hora est jam nos de somno surgere (*Ep. aos Rom.*, XIII, 11).

² Opes quoquo modo non poterunt esse utiles cum infamia (*De Officiis*, 3).

³ Nil mortalibus ardui est (*Od.* 3.^a do liv. I, 37).

CLXX

Inventará traições, e vãos venenos;
Mas sempre (o ceu querendo) fará menos. ¹

E. 17.^a, v. 7 e 8

CLXXI

Isto fazem os reis, cuja vontade
Manda mais que a justiça, e que a verdade. ²

E. 23.^a, v. 7 e 8

CLXXII

Dão os premios de Ajace merecidos,
A' lingua vã de Ulysses fraudulenta.

E. 24.^a, v. 3 e 4

CLXXIII

... de Deus a escondida providencia,
... ella só sabe o bem de que se serve. ³

E. 29.^a, v. 1 e 2

CLXXIV

Occultos os juizos de Deus são!
As gentes vãs, que não nos entenderam
Chamam-lhe fado mau, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deus pura. ⁴

E. 38.^a, v. 5 a 8

¹ Si Deus pro nobis, quis contra nos? (*Ep. aos Rom*, VIII, 31).
Veja-se atraz XXVII e XXXI com as respectivas notas.

² Hoc volo, sic jubeo; sit pro ratione voluntas! (*Juv. Satyra VI*, 223).

³ Veja-se CLXXIV.

⁴ Veja-se atraz XXVII e XXXI com as respectivas notas.

CLXXV

..... Deus pejeja
 Por quem estende a fê da madre igreja ¹

E. 40.^a, v. 7 e 8

CLXXVI

..... esforço e arte
 Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

E. 42.^a, v. 7 e 8

CLXXVII

Na luz que sempre celebrada e dina
 Será da egypcia Santa Catharina. ²

E. 43.^a, v. 7 e 8

CLXXVIII

O grande capitão.....

 Mais ha de ser um brando companheiro
 Para os seus, que juiz cruel e inteiro. ³

E. 45.^a, v. 5 e 7 a 8

¹ Veja-se atraz LVI e LXIII com as respectivas notas.

² Dia de Santa Catharina, martyr, 25 de novembro.

Ex illo celebratus honos, laetique minores
 Servavere diem.....

(En. VIII, 268 e 269)

³ Loin de nous les héros sans humanité ! ils pouront bien forcer les respects et ravir l'admiration, comme font tous les objets extraordinaires, mais ils n'auront pas les coeurs. (Bossuet, *Or. fun.* de Condé).

CLXXIX

..... culpa
Que a fraca humanidade, e Amor desculpa. ¹

E. 46.^a, v. 7 e 8

CLXXX

Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
.....
Te tirará do mundo, e seus enganos. ²

E. 54.^a, v. 1, 2 e 4

CLXXXI

..... cuja edade
E' maior na prudencia, que nos annos.

E. 54.^a, v. 5 e 6

CLXXXII

... com virtudes certo singulares
Vence os inimigos d'alma todos sete:
De cobiça triumphá, e incontinnencia;
Que em tal edade é summa de excellencia. ³

E. 55.^a, v. 5 a 8

¹ O conhecido caso de Ruy Dias.

² Veja-se atraz XLIX com a respectiva nota.

³ Animo de cobiça baixa isento
..... .. membros corporaes
Ornados de pudica continencia.

CLXXXIII

Quem faz injúria vil, e sem razão,
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence ; que a victoria verdadeira,
E' saber ter justiça núa e inteira. ¹

E. 58.^a, v. 5 a 8

CLXXXIV

Tanto em armas illustre em toda a parte,
Quanto em conselho sábio, e bem cuidado. ²

E. 67.^a, v. 3 a 4

CLXXXV

Feitos farão tão dignos de memoria,
Que não caibam em verso, ou larga historia. ³

E. 71.^a, v. 7 e 8

CLXXXVI

Que glorias e honras são de arduas empresas. ⁴

E. 73.^a, v. 8

CLXXXVII

Por mais que da fortuna andem as rodas. ⁵

E. 74.^a, v. 5

¹ Melior est patiens viro forti; et qui dominatur animo suo, expugnatore urbium (*Prov.*, XVI, 32).

² Veja-se atraz XLVI com a respectiva nota.

³ Veja-se atraz II e VIII.

⁴ Veja-se atraz LXXXVI com a respectiva nota

⁵ Mas vire a belprazer a sorte a roda,

Como o camponio o alvião.

CLXXXVIII

Não vos hão de faltar, gente famosa,
Honra, valor, e fama gloriosa ! ¹

E. 74.^a, v. 7 e 8

CLXXXIX

..... o transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás e irás, e o que desejas.

E. 79.^a, v. 5 a 8

CXC

..... o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende. ²

E. 80.^a, v. 7 e 8

CXCI

Os que são bons, guiando favorecem,
Os maus, enquanto podem, nos empecem.

E. 83.^a, v. 7 e 8

¹ Inscrição que o vice-rei D. Manoel de Portugal e Castro mandou pôr, e ainda se lê, no portão do grande quartel de Pangim que, durante o seu governo, foi construído em 1832.

² Hanc solam habet Deus veram cognitionem, non cognosci (S. *Maximo*).

CXCII

Sabia bem que se com fé formada
Mandar a um monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada,
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova. ¹

E. 112.^a, v. 1 a 4

CXCIII

Que inimiga não ha tão dura, e fera,
Como a virtude falsa da sincera. ²

E. 113.^a, v. 7 e 8

CXCIV

Olhae que se sois sal, e vos damnaes
Na patria, onde profeta ninguem é,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias ? ³

E. 119.^a, v. 5 a 8

CXCV

..... Cujá lyra sonora ⁴
Será mais afamada que ditosa.

E. 128.^a, v. 7 e 8

¹ Si habueritis fidem, et non haesitaveritis, non solum de ficulnea facietis, sed et si monti huic dixeritis, Tolle, et jacta te in mare, fiet (S. Math., XXI, 21).

² Seis vezes repete Christo no Evangelho: *vae vobis hypocritae*... o que não diz de algum outro vicio, nem de todos juntos. (Pe. Vieira, *Sermão VI, do Rosario*).

³ Vos estis sal terrae; quod si sal evanuerit, in quo salietur ? (S. Math. V, 13).

⁴ Os magna sonaturum (Hor., *Sat.* 4 do liv. I, 42).

CXCVI

.....no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.¹

E. 140.^a, v. 7 e 8

CXCVII

O favor com que mais se accende o engenho,
Não no dá a Patria, não, que está mettida
No gosto da cobiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada e vil tristeza.²

E. 145.^a, v. 5 a 8

CXCVIII

... ledo orgulho, e geral gosto,
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos ledo o rosto.

E. 146.^a, v. 3 a 4

CXCIX

Os mais experimentados levantaes-os,
Se com a experiencia têm bondade,
Para vosso conselho, pois que sabem
O como, o quando, e onde as cousas cabem.³

E. 149.^a, v. 5 a 8

• ¹ Fernão de Magalhães. Veja-se atraz LXXX com a respectiva nota.

² Omne caput languidum, et omne cor maerens (*Isaias*. I, 5).

³ Veja-se atraz XC e adiante CCII.

CC

Todos favorecei em seus officios,
Segundo têm das vidas o talento.

E. 150.^a, v. 1 e 2

CCI

.. o bom religioso verdadeiro,
Gloria vã não pretende, nem dinheiro. ¹

E. 150.^a, v. 7 e 8

CCII

Tomae conselhos só d'experimentados,
Que viram largos annos, largos mezes,
Que, posto que em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe. ²

E. 152.^a, v. 5 a 8

CCIII

A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando, e pelejando.

E. 153.^a, v. 5 a 8

CCIV

Da boca dos pequenos sei comtudo,
Que o louvor sahe ás vezes acabado. ³

E. 154.^a, v. 3 e 4

¹ Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris (*S. Math*, X, o).

² Veja-se atraz XC e CXCIX.

³ Ex ore infantium et lactentium perfecisti laudem tuam (*Psal.* VIII, 3).

CCV

Nem me falta na vida honesto estudo,
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho
Cousas que juntas se acham raramente.

E 154.^a, v. 5 a 8

CCVI

Para servir-vos, braço ás armas feito ;
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

155.^a, v. 1 e 2



DOCUMENTOS PARA A HISTORIA

DA INQUISIÇÃO DE GOA

(1654-655)

I

Consulta do Santo Officio



NOR.—No auto da fé que se celebrou no Terreiro do Sabaio em 3 de Abril 1650 sahirão com todos seus bens confiscados para o fisco e camara real de V. Mag.^{de} pelo crime de herezia, e apostazia Belchior de Goes, Simão Fialho, Luis Fernandes, João Fernandes, Manoel Lobo, todos de Porpangim, terras de Bardez, apresentados nesta Inquisição por estarem já delatos, com prova de suas culpas — e neste ultimo auto que proximamente fizemos na igreja de Santo Agostinho em 14 de dezembro do anno passado sahirão com a mesma pena de confiscação pelo mesmo crime, Luiz de Bragança, Luiz de Souza, Domingos de Souza, Maria de Souza, da aldeia de Mapuçá, João Lobo e Maria de Costa de Assagão, —

Gaspar de Souza, de Aldoná, Miguel Borges, e P.^o ¹ de Nazareth, de Punolá, Isabel da Cunha, de Parrá, tudo terras de Bardez, e Thomé Alvares, R.^o ² Alvares, Gracia de Bragança, de Sirdona ³ desta Ilha de Goa, também apresentados e já delatos ao tempo de suas apresentações, os quaes uns e outros confessarão suas culpas com mostras e signaes de arrependimento, e forão reconciliados ao gremio e união da Sta. Madre Igreja, dando-se-lhes remedio a suas almas, o qual vierão buscar voluntariamente, que podera ser não fizessem, se entendessem que havião de incorrer na dita pena. Aos taes apresentados, costuma V. M. remitir-lhe os bens ou alguma parte deles, e estes merccem melhor este favor por serem pobres, que pouco mais possuem que o seu jono, e por serem também plantas inda tenras na fé, alguns baptisados adultos, e outros filhos destes, a que o breve de Sua Santidade concedido a esta gente, que temos nesta Inquisição, para serem recebidos thé o 3.^o lapso, permite também a remissão desta pena.

Parece-nos que todos estes apresentados, pelo que acima consideramos, são dignos deste favor, e de que V. Mag.^{de} lhes remita os bens, para que também com este exemplo se animem outros a virem confessar suas culpas, que este he o maior obstaculo que se lhes representa para o não fazerem, e sempre o que V. Mag.^{de} for servido de resolver, será o mais acertado. Deusg.^{de} a Real pessoa de V. Mag.^{de} por largos annos. Goa em Meza 10 de janeiro 1654. *Paulo Castelino de Freitas — Frei Lucas da Cruz.*

L.^o das monções, n.^o 23, fl. 509.

¹ Pedro ou Paulo?

² Rosario?

³ Siridão.

II

Certidão que acompanhou a consulta antecedente

Pedro Borges, notario do S.^{to} Officio, certifico que no livro das cartas que ha nesta Inquisição do Ill.^{mo} Sr. Bispo Inquisidor Geral, que Deus haja, está huma carta escripta em 19 de março de 652 e firmada com o seu sinal que reconheço, na qual está hum capitulo que é o que se segue: Da pena de confiscação em que incorrerão Belchior de Goes, Simão Fialho, Luiz Fernandes, João Fernandes e Manoel Lobo, apresentados, se dará conta ao snr. Vice Rei com as razões que ha para se lhes remitir esse pouco que possuíão, porque é de crêr o haverá assi por bem, e quando duvide fazel-o, enviarão seus processos ao Conselho na forma do regulamento, para com inteiro conhecimento de suas cousas se propôr a materia a El-Rei, e não diz mais o dito capitulo a que me reporto ; e por me ser mandado passár a presente, a passei na verdade. Goa no Santo Officio aos 22 dias do mez de janeiro de 1654 annos—*Pedro Borges.*

L.^o cit., fl. 509 v.

III

Despacho do Governador D. Bras de Castro

Conformo-me com o parecer do tribunal do Santo Officio sobre esta consulta, por ser tão limitada a fazenda, que se remite dos confiscados declarados nella, visto os fundamentos apontados e outras considerações que na materia se tiverão, e o capitulo da carta do Snor. Bispo Inquisidor Geral, que Deus perdoe e se apresenta, de que dou conta a Sua Magde.—
Goa 26 de janeiro 1654.—*D. Bras de Castro.*

L.^o cit., fl. 509.

IV

Carta do mesmo Governador a Sua Magestade

Senhor. — Os Inquisidores Apostolicos me remeterão o papel incluso, porque se mostra convir ao serviço de Deus e de V. Mag.^{de} que as fazendas das pessoas nelle apontadas se lhes remitão, pelo que referem os mesmos Inquisidores com aprovação do Bispo Inquisidor Geral desses reinos, com que me conformei pelos bens serem tão limitados que se afirma não chegarem a 200 xerafins, thé se dar conta a V. Magde, que mandará resolver neste particular o que mais conveniente fôr a seu real serviço, porque não ha duvida que he de grande obstaculo a esses christãos haverem de confessar seus erros, com a certeza de perderem os bens, que possuem e a este exemplo se animarem os mais que se considerar comprehendidos a tratarem do remedio da sua salvação.

Deu guarde a Católica Real Pessoa de V. Magde., como a christandade e seus vassallos havemos mister.
— Goa 28 de janeiro de 654.— *Dom Bras de Castro*.

L. cit., fl. 5o8.

V

Carta regia dirigida ao Vice-Rei Conde de Sarzedas

Conde V. Rey amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar como aquelle que amo. Dom Bras de Castro, que, em ausencia do Conde de Obidos, ficou governando esse Estado, me enviou huma carta sua de 28 de Janeiro do anno passado, e copia de huma consulta que com aprovação do Bispo Inquisidor Geral que Deus perdoe, lhe fizerão os Inquisidores Apostolicos desse Estado, sobre convir ao serviço de Deus e meu, que, como se havia feito outras vezes, se remittissem seus bens a algumas pessoas pobres,

que no Tribunal do Santo Officio se apresentarão, posto que já delatos ao tempo de suas apresentações, e sahirão no auto da fé, que se celebrou em 14 de Dezembro de 653, na igreja de Santo Agostinho dessa cidade, com a qual consulta elle Dom Bras se havia conformado por lhe parecer que assi convinha. E havendo mandado ver a dita copia da consulta com a carta de D. Bras, me pareceu dizervos, que elle procedeu como devia na resolução que tomou, e em me dar conta, e da minha parte avisareis aos Inquisidores, que fui servido aprovalo, para o terem entendido. Escrita em Lisboa a 8 de março de 655. *Rey* com guarda.

L.^o das monções, n.^o 25, fl. 21

VI

Resposta do Vice-Rei

A copia desta carta de V. Mag.^{de} mandei remeter aos Inquisidores Apostolicos, para que tenham entendido que V. Mag.^{do} foi servido aprovar a resolução que se tomou para se remítir a algumas pessoas pobres, que sahirão no auto da fé, os seus bens. Deus guarde etc. — Goa, 20 de Dezembro de 655. ¹

L.^o cit., fl. 22

J. A ISMAEL GRACIAS.



¹ Falta no registo a rubrica do vice-rei Conde de Sarzedas, que a não chegou a pôr visto ter poucos dias depois fallecido com breve enfermidade (13 de janeiro de 1656); mas o registo d'esta e d'outras cartas da mesma monção está rubricado pelo Secretário do Estado José de Chaves Sottomayor.

O ORIENTE PORTUGUEZ

10.º ANNO. 1913

N.ºs 9 e 10

— Setembro e Outubro —



FR. EPHRAIM DE NEVERS

E

A INQUISIÇÃO DE GOA

(1650-1651)

(Conclusão da pg. 119)



CERTIFICADO do reverendo fr. Manoel, vice-commis-
sario geral da Ordem do Nosso Serafico Padre
S. Francisco, com jurisdicção sobre todos os
frades dessa Observancia em toda a costa de
Coromandel — 23 de Setembro de 1650.

Eu, abaixo assignado, fr. Manoel de S. José, religioso
professo do Nosso Seraphico Padre S. Francisco na Provincia
do Apostolo S. Thomé nas Indias Orientaes, certifico por
este o seguinte :

Quando fui reitor da igreja e parocho de Nossa Senhora
da Luz (a) em S. Thomé e commissario na costa de Coroman-

(a) Existe ainda essa igreja a que o penultimo *Annuario* da archidio-
cese de Goa e das dioceses suffraganeas (1907) dá por orago N. S. das
Neves e assigna 1516 como o ano da sua fundação, baseando-se de
certo n'um letreiro que existe na parede junto da porta ao lado do
Evangelho. Diz, porém, Cunha Rivara que é sobremaneira suspeitosa
essa data, — *Jornada as partes do Sul no Instituto Vasco da Gama*,
5.

del sobre todos os frades e Provincia da dita Ordem, chegou a Madrasta, fortaleza dos inglezes, um religioso capuchinho, francez, chamado Ephraim de Nevers. Estava diligenciando passagem para o Pegu a bordo de qualquer navio inglez, sendo o seu objectivo servir ali como um missionario autorizado por Sua Santidade, auxiliando nos trabalhos os nossos padres que então se achavam n'aquella missão (Pegu).

Mas, o governador inglez que está á testa d'aquella fortaleza, lhe pediu com instancias para permanecer onde estava, e fundar ali uma igreja para a consolação de todos os francezes, quer dizer, dos christãos catholicos romanos que ali viviam. Esses christãos não podiam entrar na jurisdicção dos portuguezes, por causa dos seus tribunaes de crime, ou por quaesquer outras razões, quando queriam casar ou receber sacramentos. Além d'isto, os que viviam em Pallacata, sujeitos aos hollandezes, a quasi 7 leguas de S. Thomé, não podiam ir para lá, devido á guerra entre os hollandezes e os portuguezes.

Estabelecendo-se fr. Ephraim em Madrasta, todos estes males se remediariam. Prestaria um grande servico á nossa excepçional socorro ás almas desamparadas. Por se o seu zelo e constancia a emprehender tão perigosa missão para buscar almas perdidas e converter outras, ra que procurasse com mais ardor ganhar almas já idas, mas que se precipitavam na perdição, por falta d'um pastor que as reunisse no gremio da Santa Igreja. Essas almas careciam de pasto espirital por meio sacramentos, de que, por muito tempo, haviam sido privadas com detrimento da sua salvação. Viviam excomungadas, mergulhadas em grosserias e morrendo mal, perdendo tanto a alma, como o céu.

Movido por estas razões e pelo zelo da salvação d'essas pobres almas, e ainda porque tinha satisfação em dar uma igreja publica dentro do territorio do vicio do seu forte, fr. Ephraim resolveu-se a ir para Madrasta. Edificou uma igreja dedicada aonde celebrava publicamente os officios divinos com o SS.^{mo} até ao povo. Havia a catholicos de Madrasta a festa da salvação

Durante a quaresma, o frade pregou publicamente sobre a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, representando com singular devoção os mysterios da nossa fé. A essas representações assistiam inumeras pessoas de Madrasta, S. Thomé e Pullacat, e ainda os inglezes com o seu clero. Na semana santa celebrou todos os officios na sua egreja, cantou matinas e trévas com os seus alumnos, tudo á maneira dos capuchinhos. Na quinta-feira santa armou o sepulchro e o oratorio, onde foi guardado o SS.^{mo} Sacramento. Na sexta-feira santa representou a paixão e pregou o respectivo sermão, tendo exhibido o descendimento do Senhor Morto. Nós outros, frades, tomos ajuda-l-o nas festividades solemnes, pois o frade não as principiava sem que nós as acabassemos em S. Thomé.

Pelo Natal, representou o misterio do nascimento do Menino Jesus depositado num berço. Excitou assim a devoção do povo, concorrendo os mahometanos e hindus tambem á igreja do frade nas festividades mais solemnes. Os inglezes davam-lhe cada anno o que elle lhes pedisse para a ornamentação. Não recebia esmola alguma nem pelas missas, nem pelos funeraes, mas imitando o exemplo de Tobias, dava sepultara sem receber emolumento por amor de Deus. Procedia assim ainda com os mais pobres, e se não houvesse homens suficientes para transportar os cadaveres, n'isto mesmo os ajudava. Nunca recebeu quaisquer dadivas pela administração do baptismo ou casamento, e todos os mais sacramentos se ministravam gratuitamente.

Nem recebia dadivas pecuniarias para sua própria manutenção, apenas aceitava pouco de annos e outras cousas necessárias á vida que se lhe offereciam. Uma tal conducta proveceu a admiração dos catholicos, dos inglezes e ainda dos mahometanos e hindus que o viram assim proceder, contrariamente aos outros ecclesiasticos e padres seculares. Tinha na sua residencia uma escola publica para oriaças, muitas das quaes eram inglezas. Ensinava-se-lhes doutrina christã. Sempre que discutisse com os herejes, convenia-os com a propria Biblia deles, com o que demonstrava que era muito bem lido nos livros de controversias, que bem conhecia todos os erros dessas heresias, e que as podia refutar. E fazia isso não somente com os inglezes, mas ainda com os holandezes — prova evidente de que o frade conhecia muito bem os escriptos sacros e as linguas estrangeiras.

Era instruido e muito lido, o que foi motivo, sendo uma das razões principaes, e occasião das perturbações e dissabo-

res que sofreu e ainda sofre nas masmorras do Santo Officio. A causa foi a extraordinaria inveja e odio que lhe tinham os jesuitas e os padres seculares de S. Thomé, á vista dos fructos colhidos pelos trabalhos deste verdadeiro missionario apostólico, e da estima, respeito e veneração que lhe tinham católicos, herejes, hindús e mahometanos. Todos lhe chamavam apostolo, homem santo e perfeito, não só em razão da sua exemplar vida, e da sua pratica de virtudes evangelicas, mas ainda pela sua eminente sciencia. Perahi se afigurava que se Nosse Senhor o tinha conduzido para este pais e estas regiões incredulas, entré hindus, mahometanos e inimigos da nossa santa fé, era para augmentar, pela santidade da sua vida e pela excellencia do seu ensino, a gloria do Evangelho e o serviço da conversão das almas. Tinha especial propensão a todas as linguas, pois, além das linguas mortas que muito bem conhecia, entendia o arabe, persa, turco, mosarabico e inglez. Para maior utilidade do seu povo, extrahiu dos Santos Evangelhos os mysterios da nossa fé e salvação, que traduziu em portuguez em forma de cathecismo, dando o a ler aos seus alumnos, para o decorarem, de modo que ficasse bem impressa a nossa santa religião. Isto era útil não só ás crianças, mas aos

Certifico outresim que ouvi sempre falar ao padre governador do bispado de se mostrar inimigo declarado do frade, a parte a má vontade que lhe tinha por ter sem a sua ordem e consentimento. O padre estabelecer ali um

que este de boamente teria annu consentiriam por causa da vida S. Thomé, pois bem sabiam que um facto inteiramente encandaloso desses padres mantinha em sua região estava tambem incluído o caso, conforme era vez publica e

Como eram pobres e se mantiveres que viviam com esses padres frades e entregavam-se aos ingleses se passava entre ellas e os padres

elles se faziam e as cousas que delles se diziam, com fundamento nas informações de mulheres publicas. Succedia tambem que os padres iam a Madrasta para obter esmolos, e ahi bebiam tanto que voltavam sempre ébrios a ponto de não poderem andar e ser necessario conduzil-os ás suas casas. Dava-se isto com o proprio padre administrador da diocese e com mais 3 dos seus padres, com grande escandalo do publico.

Além disto, conversando por vezes com o dito padre administrador, ouvi-o queixar-se muito de que fr. Ephraim occupava o cargo d'um dos seus padres, e que o logar era da sua jurisdicção. Observei-lhe a isto que Madrasta não se incluia na sua jurisdicção, pois era territorio pertencente a um rei hindu que o tinha dado aos inglezes, os quaes tinham construido ali um forte e estabelecido o seu governo. Por isso, nem o rei de Portugal, nem o bispo de Meliapôr tinha jurisdicção alguma naquella territorio e menos podiam reclamar qualquer direito a elle. Disse-lhe mais por vezes que não existia em S. Thomé um unico padre proprio para viver entre herejes e para os converter com exemplar vida,—nem algum, capaz, pelos seus conhecimentos como fr. Ephraim, de refutar erros e heresias,—nenhum, capaz de ler regularmente sequer o seu breviario, ou celebrar devidamente a missa. Assim, se algum delles occupasse a igreja de Madrasta, crearia uma grande confusão, se tornaria uma grande deshonra e commetteria uma grave afronta á nossa santa fé catholica.

Dessa questão nasceu toda essa animosidade e má vontade contra o frade. Não só entraram na contenda os padres seculares, mas os padres da Companhia de Jesus principal, incitando os padres contra o pol nem um nem outro grupo conseguiu a sua privação do seu cargo. Porisso, fizeram as cousas contra elle ao Santo Officio, imputando certas asserções falsas e de outras declarando que haviam entendido. Pois, não sendo contrario muito ignorantes, deram logar pelos seus accusações a uma ordem do Santo Officio da ao dito padre administrador da diocese quem se determinou que prendesse e remettesse ao Santo Officio de Goa.

A ordem foi executada com tal aspereza perceber que a paixão era a força motriz administrador, seus padres e dos jesuitas
ramen

regras seguidas pelos officiaes da Inquisição — pelo menos eram oppostas ás leis do Santo Officio em semelhantes assumptos. Porquanto, manda a lei da Inquisição que a captura se-ja feita em segredo, ao passo que essa (de fr. Ephraim) foi tão publica que parecia antes (se é permissivel a comparação) a prisão de Nosso Senhor Jesus Christo, e tal foi que desde o estabelecimento do Santo Officio nas Indias Orientaes, nunca se viu outra, tão publica e tão degradante.

A norma dos inquisidores, quando ordenam a prisão de algum judeu ou novo christão, é mandal-o capturar por um familiar com muito segredo, e transportal-o n'um palanquim bem fechado. Mas, o padre administrador da diocese de S. Thomé mandou uma companhia de soldados e satellites armados para prender fr. Ephraim. Dois d'elles traziam n'o arrastado com cordas, com as quaes estava amarrado, um á frente e outro atraz. D'essa forma tão escandalosa levaram-n'o publicamente por toda a cidade de S. Thomé. Assim vexaram o pobre frade e deshonraram sobremodo o habito de S. Francisco.

Muita gente — christãos, mahometanos e hindús — seguiram-n'o, lamentando e chorando á vista d'esse seu triste estado. Reprovaram o que se fazia, e invocaram o céu contra a crueldade com que era tratado um homem que consideravam um santo. O administrador da diocese precedia o seu prisioneiro, estendido no seu palanquim que era conduzido por 6 a 8 homens, como se fôra um conquistador levando em triumpho o seu inimigo. D'esta forma, tão cruel como deploravel, levou a fr. Ephraim preso, no meio dos seus satellites, ao collegio dos padres da Companhia de Jesus. Ahi, puzeram-lhe ferros aos pés, tão pesados que o frade cahiu tres vezes, d'uma desfallcido como um morto, devido ao peso dos ferros, sendo um homem de constituição fraca e delicado. Estava tambem aniquilado, vendo-se em tão degradante e misérrima posição.

N'esta condição o padre administrador mandou n'uma cella tão estreita que o frade mal podia n' tão escura que só havia luz sufficiente para elle e soffrimentos e a crueldade dos seus irmãos. Os jesuítas em tão misérrima condição e incapaz de con-

Entretanto, o frade ficou tão fraco que se pensou estava a morrer. Foi atacado de diarrhéa que durou 18 dias e não podia comer. Julgando-se realmente às portas da morte, pediu aos padres que um d'elles o ouvisse de confissão. Mas elles nunca o attenderam, sem embargo de estarem em obrigação como ecclesiasticos a administrar-lhe o sacramento de penitencia, desde que elle lh'o pedia e estava em perigo da vida. Não deviam ter escutado a opposição do administrador, porquanto o tribunal do Santo Officio concede aos presos a continuação sacramental, quando pedida, e tambem os presos são exhortados a sollicita-la.

Tambem os jesuitas não deviam ter consentido que o administrador da diocese mandasse pôr ferros ao frade que fôra entregue soo guarda no collegio, porquanto bem sabiam que tal não era a ordem da Inquisição, nem dos inquisidores. E, demais, se o frade o quizesse, poderia perfeitamente subtrahir-se á prisão, visto que o agente inglez o avisára a não ir a S. Thomé, por saber que o governador tinha ordem do Santo Officio para o prender, tendo-a conservado em tão pouco segredo que todos tinham d'ella conhecimento. Tinha (o agente) lido a communicacão e o mandado de prisão enviado pelos inquisidores a um dominicano, chamado fr. Francisco da Fonseca e a um outro frade, chamado Thomaz Mexia.

Este ultimo divulgou largamente o facto, de modo que até os inglezes o souberam e avisaram fr. Ephraïm. Mas, este confiava tanto na sua innocencia que nenhuma attenção prestou a tal aviso e foi á egreja de Nossa Senhora da Luz, egreja dos capuchinhos dentro da nossa jurisdição. Tinha sido convidado para ir lá com uma carta pelo padre administrador, dizendo-lhe que desejava conversar com elle sobre certos assumptos. Ali se achou tambem o padre administrador para prender o frade da forma já declarada.

Seguidamente o padre administrador mandou que o frade fosse embarcado n'um navio, com ferros nas pernas. Foi levado para Negapatam, onde o desembarcaram no mesmo estado á vista da cidade toda, com grande vexame e deshonra para o habito de S. Francisco. Novamente foi da mesma forma embarcado e conduzido para Manar, o que eu soube quando pela 1.^a vez estive em Jafanapatam, proximo de Manar. Estava então de inspecção aos conventos da nossa ordem por commissão do nosso reverendo padre commissario geral, e incumbido de reunir os nossos irmãos em um capitulo proveavel que então devia realizar-se.

Desisti da minha inspecção e de toda a minha tarefa para ir a Manar, onde encontrei o dito fr. Ephraim com os mesmos ferros que já descrevi. Ao vê-lo, chamei immediatamente o capitão do navio a quem elle fôra entregue.

Entreguei-lhe um papel escrito, comprometendo-me a apresental-o perante o tribunal do Santo Officio, e no caso de falta, declarei que respondia com a minha propria pessoa. O capitão transferiu aos meus hombros a sua responsabilidade e entregou-me o frade. Tirei logo a este os ferros; o que fiz, não só para cessar o opprobrio que dahi provinha á nossa Ordem e ao nosso habito, mas ainda por conhecer a virtude e santidade, visto que fui por 5 annos e meio seu confessor e sempre nos tratamos ambos com familiaridade. Conheci mais que tudo quanto se lhe tinha imputado, procedia da malignidade dos seus accusadores, tudo obra de inveja, odio e perfidia.

Tambem certifico ser verdade que, se este bom frade tivesse querido fugir, depois que se lhe haviam tirado os ferros poderia fazel-o com facilidade. Poderia ter ido a Tuticorim, que é terra dos hindus, e para Cochim, porquanto estava em plena liberdade e sahia para onde quizesse, sem eu poder prestar-lhe attenção. Conheci a sua innocencia de que tinha dado provas sufficientes, pois, embora pudesse livrar-se por si proprio da prisão do Santo Officio, não o quiz fazer.

Declaro mais que o dito frade era de muita utilidade aos portuguezes de S. Thomé, que, em todas as suas questões com os inglezes, importantes ou não, conseguiam solução favoravel por intermedio dessa frade, a quem os inglezes muito respeitavam. Como prova disto, citarei o caso dum portuguez que tinha morto um inglez no forte de Madrastra, e que os inglezes queriam executar no proprio logar, não lhe dando tempo sequer para se confessar. O padre Ephraim conseguiu do agente, não obstante a opposição do respectivo conselho, uma demora de 3 dias, para o homem se preparar com uma boa confissão e ter a sua consciencia tranquilla. Durante estes 3 dias, o frade esteve sempre na prisão, consolando o criminoso dia e noite. Acompanhou-o até á execução com um crucifixo na mão, e não o abandonou até ao seu ultimo suspiro, e tudo isto contra vontade dos nglezes.

Se n'essa occasião e em () o frade não estivesse em Madrastra, os inglezes estari () rebrados commecco, como succedeu no seg () levou um na- vio do porto dos () contra a justiça

e razão. O vice-rei mandou que tudo fosse restituído e exonerou o general do seu cargo em S. Thomé. (a)

O frade encontrou um remedio para todas estas questões, e com a sua prudencia moderou as paixões de ambas as partes, sendo a isso impellido pelo seu zelo da paz e do bem publico, prestando com isso um excellentes serviço a Deus, ao rei e aos portuguezes de Meliapor.

Dois frades capuchinhos, que vieram da Persia, como assistentes de fr. Ephraim, e que são fr. Ambrosio de Preully e fr. Gil de Dijon, pediram-me para passar este attestado para justificação e prova da innocencia do dito frade, seu irmão. Passei-o estrictamente conforme a verdade, como testemunha ocular de quasi tudo o que registo e affirmo, porquanto fui por tempo de cinco annos e meio seu confessor, e temos conversado ambos com a maxima familiaridade. Durante a maior parte d'esse tempo, estivemos juntos, ou eu no seu hospicio e egreja, ou elle na nossa. Se quizesse registar aqui tudo quanto sei de fr. Ephraim,—das suas virtudes, dos serviços que prestou ao christianismo em geral, e á sua missão em particular, e de quanto serviu para o bem estar e salvação das almas, eu nunca acabaria.

(a) Aqui põe W. Irvine a seguinte nota :

«Já se fez menção de Manoel Mascarenhas (a). O unico vestigio do incidente alludido no texto, que se encontra nos archivos inglezes, é na *Correspondencia Original*, 2006, com a data de 27 de outubro de 1646 :

«Reclamações de Worpl Agent. Esq. Councell da Costa de Coromandel (Sr. Thomas Ivié) em favor da Honoravel Companhia da India Oriental, ao General de S. Thomé, Manuel Mascarenhas de Almeida Vizt. Pedimos plena satisfação de D. Luis de Mello, General que foi de S. Thomé, pelos agravos que fez á Honoravel Companhia e que foram especificadas n'uma lista enviada ao Vice-rei».

«Esse homem é sem duvida o frade agustiniano Luis de Mello, vigario Geral e Governador de S. Thomé em 1639, eleito depois Bispo da mesma diocese, mas fallecido antes de ser confirmado». — C. C. de Nazareth, *Mitras Lusitanas no Oriente*, III, 99, Bombaim, 1888.»

Não temos encontrado por essa epoca nenhum official com o nome de Manuel Mascarenhas de Almeida, mas apenas Manuel Mascarenhas Homem que foi capitão de Ceilão, governou a India pelo fallecimento do vice-rei Conde de Sarzedas, e morreu a 25 de Setembro de 1657; tem jazigo na capela-mór do convento do Pilar. Será o mesmo a que se refere Manucci?

a) Vide o vol. LX d'esta revista, pag. 2 e n. (2).

Tudo quanto se contém no presente certificado, confirmo ser inteiramente verdade sob juramento na minha profissão religiosa e nas minhas ordens sagradas.

Passado em Goa, no convento da Madre de Deus dos frades capuchinhos, a 23 de setembro de 1650. *Fr. Manoel de S. José.*

Segue uma declaração que se diz escripta por fr. Antonio de S. Thiago, e assignada por este e por fr. Martinho de S. João, ambos religiosos professos da Provincia da Madre de Deus dos reformados descalços, o 1.^o guardião do convento da Madre de Deus e o 2.^o assistente commissario do provincial, Fr. Jacintho de Deus. Affirmam jurando pela sua profissão e *sub verbo sacerdotis*, que o attestado antecedente foi escripto e assignado pelo proprio fr. Manoel de S. José. 19 de outubro de 1650.

J. A. ISMAEL GRACIAS.

Onde estão as alfaías do Collegio das Onze mil Virgens, da cidade de Damão?



ENDO o ultimo reitor do collegio das Onze mil virgens, Luis Pegado, retirado desta cidade conjuntamente com os padres da Companhia de Jesus, no segundo semestre do anno de 1759, sem mesmo dar conhecimento ao Governo local ou ao Governo de Goa, ficou a administração da cidade em completo abandono, como tambem os sumptuosos edificios do seu collegio e igreja. Não obstante as nossas insistentes pesquisas atravez quatorze annos, não encontramos em nenhum dos livros dos varios archivros d'esta cidade o motivo que obrigou os jesuitas a precipitadamente sahirem daqui.

No emtanto, o vice-rei, Conde da Rga, ordenou ao governador de Damão, Francisco Palermo de Souza, que mandasse fazer com o maximo esculpulo, um inventario de tudo que havia na casa da administração e no respectivo collegio e convento de S. Paulo. N'essa ordem, datada de 1 de novembro de 1759, se mandava tambem, que de tudo que se encontrasse, quer de material de guerra, quer de quaesquer outros objectos — «effeitos e mais generos» — se fizesse entrega geral ao feitor da cidade. Providenciou-se egualmente no sentido de que o dinheiro da administração dos referidos padres se recolhesse em um cofre separado, não se confundindo com o dinheiro da «Fazenda da Feitoria». As chaves do novo cofre, de harmonia com a referida determi-

nação, ficaram uma com o governador da praça, outra com «o Prior ou *Vigario do Collegio* que foy dos ditos religiosos jesuitas e a terceyra com o commandante do corpo, Clemente Ferreyra da Silva». Por esta forma se constituiu o novo adjunto, que, supprindo o cargo dos antigos reitores, dirigiram a administração em todos os seus multiplos serviços, inclusivè a cunhagem da moeda *bazaruco*. Surgiu assim na cidade a terceira casa monetaria.

Temos já dado publicidade a algumas moedas batidas pelo adjunto, desde o anno de 1769 a 1799¹. Uma d'ellas, orêmos, é de data anterior, esquecendo aos moedeiros cunhar o anno respectivo da sua emissão. São ellas muito mais perfeitas que as produzidas pelos jesuitas. Essa faculdade exercida pelo adjunto, sem prévia auctorisação, deu margem a discussões bastante accesas entre o senado da «nobre cidade» e a nova commissão administrativa. Entendeu o senado que a cunhagem de *javadis* e *rodas* era da sua competencia, apresentando e justificando o seu direito na fundação da sua primeira casa monetaria no tempo do govêrno da India, de D. Lourenço de Tavora, por alvará de 22 de agosto de 1611. O Adjunto alegava, porém, que sendo elle o legitimamente constituido successor dos reitores na administração da cidade, gosava dos privilegios que lhes fôra concedido por provisões de 22 de março de 1617 e 18 de junho de 1699. Depois de prolongada discussão, este assumpto foi submettido a apreciação e decisão do govêrno de Goa que apoiou o Adjunto. Era de justiça que assim fosse.

Não se pode dizer que os jesuitas abandonando a cidade levassem consigo os fundos da igreja, da administração e o cofre denominado dos *catechumenos*, fundado em 1581. Pelo contrario, deixaram elles, religiosamente intactos apoz si, tudo o que possuiam. Os seus valiosissimos MSS. — que encerram certamente a história mais completa d'esta cidade — estão hoje na Bibliotheca Nacional de Paris — *Fond Portugais* — entre elles, uma obra notavel e interessante de Barreto

¹ Vid. o nosso Vol. III. *Ann. Damão*, pg. 346 a 371 da existencia da cidade tropica azedas d'acra tineto Manoel Joa

1 a Historia de

de Rezende que dá noticias detalhadas d'essa «hua igreja e collegio». O! quem nos dá o prazer de compulsar essas preciosidades históricas dos aureos tempos de Damão?

Dos livros respectivos, que hoje estão na nossa Bibliotheca Municipal, se conhece, que no cofre da «egreja do collégio», havia em 1762 a importante cifra de 8,855 x.⁶ 2 tangas e 22 1/2 réis ¹. D'este cofre se dispendeu o necessário (974 x.⁵ 2 tg.⁶ 3 réis) para a colocação dos retabulos dos 3 altares, sacrário e pulpito da igreja de S. Paulo na igreja matriz ² em 1779; por os altares d'esta se acharem em completa ruina, como tambem, para a construcção da segunda fragata D. Fernando — «na ribeira desta praça» —, segundo a resolução tomada pelos deputados do Adjunto de Damão em 2 de março de 1771 nas «casas da fortaleza», por a real fazenda não ter meios. Ao presente, nem um *bazaruco* dos jesuitas resta, por esses fundos terem, desde muito, desaparecido. ³

Por ordens do governo de Goa os dois cofres, da igreja e dos cathecumenos, e igualmente os demais objectos sagrados do collégio, foram postos sob a administração directa dos priores da matriz e fiscalisação do Adjunto, do qual o prior era um dos *deputados*, passando, por esta circumstancia talvez, a sé a ser chamada a «*collegiada da matriz*». Logo depois da retirada dos jesuitas, os grandes edificios do collegio e sua igreja (vulgarmente chamado em Damão o convento de S. Paulo) eram vigiados por uma guarda da companhia militar, sendo as despezas das luzes e outras custeadas pelos dois cofres acima referidos, como vimos n'um livro em poder dos priores.

Por uma feliz circumstancia — continuando sempre as nossas pesquisas historicas — fomos agora encontrar nos archivos da antiga sé matriz, hoje bem coordenados pelo actual prior e vara mons. Expectação Barreto, cujo nome é vantajosamente conhecido no nosso limitado meio litterario, um velho inventario (o segundo, por o primeiro ter-se desviado) dos bens do referido collegio. Da leitura dos docu-

¹ Vid. o vol. II da cit. obra, pg. 248. — Vid. *Liv. da receita da adm-
nistração* fl. 29 v.

² A transferencia foi feita pelo prior Sebastião de Albuquerque.

³ Por uma determinação do Adjunto do anno de 1786, pagava-se ao prior annualmente do cofre da fazenda cem xerafins.

mentos que precedem o mesmo, resalta o facto de que os priores não foram muito escrupulosos na administração, não tendo a devida vigilancia nos objectos e paramentos confiados á sua solicitude. É possível que os sacristães da epoca, encontrando a *arca aberta*, fizessem ás escondidas a sua gatunagem sem que os priores dêssem por ella.

Por curioso vamos reproduzir n'este illustrado jornal—repositorio das preciosidades historico-archeologicas da nossa lendaria India — esse

«Inventario dos trastes do collegio
de onze mil virgens que apresentou o rd.^o prior
sido Victorino Toscano

Aos seis do mez de setembro de mil oito centos e seis em execução a ordens junto do nobre Adjunto desta cidade de Damão dirigindo-se o capitão-tenente feitor e alcaide-mór, juiz dos feitos da coroa e fazenda da mesma, João Bernardo de Oliveira Nogar á sé matriz desta dita cidade, comigo escrivão ao diante nomeado e sendo aly presente o Padre Sebastião de Albuquerque, prior e administrador da dita Sé matriz, a quem foy requerido pello dito capitão-tenente, feitor e alcaide mór, juiz dos feitos da coroa e fazenda, o inventario dos ornamentos, ouro, prata e mais trastes pertencentes ao collegio das onze mil virgens desta referida cidade, pelo que elle dito administrador tomara entrega, para se averiguar na conformidade da sobredita ordem, ao que respondeo vocalmente que tinha sido divertido o dito inventario; em consequencia de que lhe apresentou huma relação feita pelo dito, com os trastes de ouro, prata e mais ornamentos que se achava em seu poder debaixo de sua administração, pertencentes ao dito collegio, pelo inventario que se deu delles pela maneira adiante declarado em fé de que se fez este termo, em que se assinarão o dito feitor e alcaide-mór, com o dito prior e administrador comigo João Pereira, escrivão dos feitos e fazenda que escrevy e me assiney. João Pereira — Nogar — Sebastião de Albuquerque ¹.

¹ O prior e vara da matriz, p. Sebastião de Albuquerque tomou posse do seu cargo em 1 de Janeiro de 1768 e falleceu em Damão em out. ou nov. do anno de 1806. O seu successor, p. Querobino Ribeiro tomou posse em 4-12-1806. Vid. cit. vol. III. Not. e Doc. pg. 242.

Inventario dos ornamentos

Obras de ouro

—Huma corôa grande com seu imperial e cruz da Snra. da Saude.

—Huma coroa do Senhor Menino Jesus com seu imperial e cruz.

—Hum roزاری de ouro com cento e sincoenta contos quatorze extremos e quinze santinhos piqueninos exmaltados e huma cruz pequena com falta de hum braço.

—Hum afogador com oito rozas obra feira com noventa e seis aljofres pequenos e hum pendente no meyo com pedra branca e tres aljofres pequenos.

—Hum par de arracadas obra feira, e nos pendentes de-baixo huma pedra branca no meyo em cada hum cercadas cada arracada com trinta aljofres pequenos cada huma.

—Hum par de braçalinhos de seis extremos de ouro cada hum e seis contas de coral.

—Huma manilha ôca por dentro.

—Dois rosarios de coral; o grande composto de sinco extremos e huma cruz de obra feira e sincoenta e nove contas de coral grande; o pequeno composto de doze extremos e huma cruz com falta de ametade braço e noventa e sinco contas de coral.

—Hum oratorio de prata dourada com relicario de onze mil virgens emgastados com quinze pedras grandes e deza-seis pequenas, e tres verdes e encarnadas ¹.

—Hum afogador com treze rosinhas e um Menino obra Bafaly. (vid. esta palavra nas notas.)

—Hum par de pendentes pequeninos emgastados de pedras vermelhas.

—Huma rota de mão de S. Roque com castão e ponteira de prata dourada.

—Hum anel pequenino de ouro com huma pedra azul.

¹ Esta reliquia foi mandada pelo Pe. Claudio Aquaviva de Roma no anno de 1581. E' ella uma das cabeças das companheiras de Santa Ursula, a qual, segundo diz o pe. Francisco de Sousa no —*Oriente Conquistado*— foi «recebida na cidade com solemniissima pompa». Na sé não existe hoje essa reliquia. Existem outras em tres mãos ou braços ao lado do sacrario na capella do SS.

—Huma rota de tartaruga da Snra. de Saude com castão de ouro.

—Hum calvi grande dourado com sua patena tudo de prata tendo quatro campainhas.

—Tres calices piquenos de prata dourados com suas patenas tbm. douradas.

—Duas ambolas de prata douradas.

—Hua custodia grande com seos relicarios e meya lua, tudo de prata dourada com dez pendentos de pedras verdes e encarnadas.

—Dois berrufadores de prata dourados e esmaltados.

Obra de prata

—Duas cruces forradas de prata com suas pienas tbm. forradas de prata com suas imagens.

—Sete diademas grandes emastados de pedra.

—Hum diadema de Menino Jesus.

—Hua bandeira de prata com sua vara tbm. forrada de prata.

—Hum diadema de S. Antonio com sua cruz forrada de prata.

Quatro diademas pequenos de prata.

—Huma custodia de prata.

—Huma calderinha com seo issope.

—Huma lua do pé de N. Sr.^a de Saude.

—Duas lanternas com cinco campainhas cada uma.

—Dois burrafadores de prata.

—Hum cofrinho com chave de sacario.

—Hum cofrinho de pau forrado de prata com sua chave tambem de prata.

—Hum purificador com seo pratinho.

—Hum sol da mão de S. Ignacio.

—Huma bandeira com sua haste do Sr. Resuscitado.

—Huma cruz com seo pé tudo forrado de prata e quatro campainhas tambem de prata.

—Quatro cruces pequenas sorteadas, tres com suas imagens e hua sem imagem e parte superior q

—Huma cruz de pau com sua imagem.

—Hum turíbulo.

—Huma campainha de

—Hum par de galhetas

- Huma palma de Sr. S. Roque com sete flores.
- Tres colherinhas de calice.
- Hum caliz com sua patena.
- Huma naveta com sua colher e cadea.
- Huma coroa com seo imperial e cruz de N. Sr.^a de Saude.
- Duas estantes de pau forradas de prata sobre veludo encarnado.
- Hum diadema cortado de prata.
- Dez flechas de S. Sebastião.
- Hum Menino sobre huma bola dourado sobre o *relicario de onze mil virgens*.
- Huma bola de amber forrada de prata.
- Huma faca de prata e hua cruzinha.
- Hum par de vallés de pés do Menino Jesus.
- Huma cruz de reliquias ou nicho com reliquias de varios santos, engastado de seis pedras brancas de grandeza de meyo covado.
- Hum Vrno (*uma urna*, provavelmente usada na quinta feira santa para o deposito do SS. Sacramento) com sua tampa dourada obra feira com seus vidros na tampa, engastadas de vinte e sete cristais ou pedras brancas e outras mais miudas pelos lados.
- Hum S. Christo da porta do sacrario com seu resplandor e tres ponteiras de prata.

Latão

- Tres alampadas grandes com seos preparos.
- Dez castiçaes grandes e quatro mayeres triangula.
- Duas cassolleiras de latão sem seos preparos de dentro.
- Uma coroa de latão dourada que fica na cabeça da Sra. de Saude¹.
- Doze castiçaes pequenos de latão.

*

* *

Obras de pao

- Tres cadeiras grandes e tres tamboretos que servem para

¹ E a corôa ainda existe.

a festividade da egreja com seis macenietas (?) de prata nas ditas cadeiras.

—Seis tocheiras pintadas.

—Seis varas de palio pintado e douradas com suas ponteiros de prata.

—Dois paos dourados de lanternas de prata que serve para a purcessão.

—Tres retabulos dourados hu de altar mor e dois de colateraes que se achão na igreja sé matriz ¹.

—Quatro furcados (?) de cherola. (pg. 5)

—Hum almario velho com quatro gaveitas duas grandes e duas pequenas.

¹ Foram transportados em 1779 do collegio para a Sé pelo prior Sebastião de Albuquerque.

Do *Liv. de testamentos, cauções juratorias, pastoraes, provisões e censo da sé matriz de Damão*, trasladamos as seguintes curiosas notas. (ano 1719 a 1760.)

Censo da população christã de um decennio, de 1746 a 1756.

Anno	1746	1747	1748	1749	1750	1751	1752	1753
Praça	2,524	2,046	1,654	1,585	1,790	1,432	1,370	1,346
Sr. ^a dos Remedios .	736	988	808	819	793	700	774	652
Sr. ^a do Mar .	465	404	375	358	386	368	400	442
	<u>3,725</u>	<u>3,388</u>	<u>2,832</u>	<u>2,782</u>	<u>2,969</u>	<u>2,500</u>	<u>2,544</u>	<u>2,440</u>

Anno	1754	1755	1756
Praça	1,534	1,407	1,540
Sr. ^a dos Remedios .	728	870	839
Sr. ^a do Mar .	335	428	424
	<u>2,597</u>	<u>2,705</u>	<u>2,803</u>

(Vid. pg. 41 v, em diante cit. Liv.)

Na população da praça desde 1746 até 1750 eram incluídas as *erecolhidas do mosteiro*. Desde esta epoca em diante não vimos menção alguma feita do mosteiro. Porque razão seria que os portuguezes denominassem este estabelecimento *mosteiro* ou *casas de mosteiro* e não *recolhimento* como consta do alvará da sua fundação em 1695? Seria por a direcção do mesmo estar confiada álgumas freiras de S. Monica de Goa? E' o que nos parece. Todas as demais casas religiosas eram denominadas *conventos*, e chamariam os portuguezes este edificio *mosteiro* sem n'elle haver freiras? Não nos parece. No testamento de Phelipa de Brito Cassão de 26-5-1759, diz-se o seguinte: «Declaro que tenho e possuo uma escravaninha desta feitoria (de Damão) que el-rey me fez mercê em dote do meu casamento quando da *recolhi-*

—Hum caixão grande de comprimento de seis mãos e altura quatro.

—Outro caixão comprido, miyam (sic), com suas ferragens de ferro.

—Outro caixão grande velho de comprimento de quatro mãos.

mento desta cidade sahy cazada com o dito defunto meu marido Simão Rozado Valladares, o qual não servio o dito officio em dias da sua vida cujo encarte se acha em poder do meu procurador António de Barca Xavier na côrte de Goa e mando que o dito officio se dei António da Rocha para este poder servir como couza sua e pagará 5000 x.º entrando no dito officio, e delles dará cem x.º etc. a restante para a minha alma.

No anno 1758 certifica e attesta o «mestre em artes e prior confrimado da matriz» pe. Coutinho, que entraram na «attestação do rol» mais 43 freguezes que foram de «Sangens agora moradores em Nargol, Calgão e Torgão. No mesmo anno entrarão tambem na freguezia de Remedios 72 almas que «são de Nargol, 8 de Calgão e 3 de Cangallá aldeas do dominio de maratta».

Na generalidade os fidalgos da cidade nos seus testamentos dispunham, apoz a confissão da fé e encomendações religiosas o seguinte: «Mando que Deus sendo servido levarme da vida presente que o meu corpo seja sepultado no convento de S. Francisco, na cova dos meus paes e pesso ao m. r. pe. guardião do dito convento me dex hum habito para hir nelle envolto o meu corpo a sepultura para o que se dará a esmola acostumada etc. Declaro que sou irmão da ordem de S. Francisco. S. Agostinho, S. João de Deus e de S. Domingos e peço aos r.º pes. guardião, priores e vigario dos ditos conventos para que façam todos os suffragios para minha alma como tem de obrigação.

Peço ao m. r. pe. prior e vigario da vara da minha matriz mande acompanhar o meu corpo pelos r.º pes. beneficiados ate a sepultura para o que dará a esmola acostumada. Peço ao sr. provedor e mais irmãos da Santa Casa de Misericordia, como irmão que sou me dey a tumba e bandeira (?) para hir nella o meu corpo ate a sepultura. Esta é uma parte do testamento de Manoel Pereira de Barros e Vasconcellos que foi proprietario e foreiro da aldea Damão pequeno, em terceira vida: tambem da aldea Cunta Varolly da Praganã Culána e da aldea Punáta da Praganã Naer. Deste testamento tambem consta o seguinte facto historico a pg. 152 v. com relação a aldea Damão pequeno: «a dita aldea nunca foi dominada pelo Maratta nas presentes guerras 1742 por estar contigua a esta cidade de rio a outra banda e ao forte de S. Hyeronymo e me parece que não entra no numero das 22 das capitolações que fes com o estado» etc.

Documento comprovativo da existencia da capella de Mãe de Deus de Ambavary de Damão. «Registo da portaria do ex.º e rev.º snr. Arcebispo Primaz para dizer missa na irmda de Ambavary.» petição. «Bmo. e Rem. Snr. Diz Manoel de Barros de Menezes, casado e morador em Damão que elle na sua fazenda Ambavary tem hua ermida

- Outro caixão com duas gavetas de comprimento de tres mãos.
- Sete paineis do Sr. dos Passos, pintados.
- Quatro tocheiras douradas grandes da composição da igreja.
- Hum pulpito dourado que se acha na igreja sé matriz.

Ornamentos da egreja

- Sete capas brancas, seis de taby e hum de girbafo com sebasta encarnada.

em que se celebra o santo sacrificio da missa continuamente dez de *abincio* a esta parte, como consta dos documentos juntos, e dentro da informação do r.^o parroco que offerece para continuar o mesmo sacrificio da missa e fazer todos os actos que sempre veyo fazendo nella, como seja de conficeons e comunhos por devoção, convem provisão de V. Ex.^a sem embargo de não ter patrimonio a dita irmda especialmente que os seus ascendentes e tñm. o supp.^e conserva e trata a dita irmda com despezas das rendas das suas fazendas, como obrigação imposta desde fundação della que vierão continuando sempre socceço-res e herdeiros; e porque de presente o r.^o vigario foraneo da dita cidade empedio a continuação do dito sacrificio de missa e de mais funcçoens, dizendo ser ordem de V. Ex.^a e por esta razão fica a familia do supp.^e mais das vezes sem poder comprir o preceito da igreja, por o supp.^e morar na dita sua aldea Ambavary que te bem distante de sua freguezia e não poder hir todos os dias e não ter outro motivo o r.^o vigario foranio... despendendo parte das rendas da dita aldea como sempre fizeram os ascendentes do supp.^e desde a sua fundação e o supp.^e tñm. continúa, rezão porque as mesmas rendas da dita aldea fica servindo de patrimonio da dita irmda: portanto etc. *portaria*. «Assistindo a mulher e familia femenina do supp.^e na quinta da fazenda de Ambavary, concedemos licença para se dizer missa na Ermi-da da dita fazenda, ainda que seja domingos e dias santos — Goa 27 de abril de 1748. Rubrica do Ex.^{mo} Rmo. Snr. Arcebispo Primaz, etc. (pág. 67-v cit. Liv.)

O fundo da «ermida de N. Sr.^a das Angustias em 20-5-1746 era de 3,600 X.^s. O respectivo cofre tinha tres chaves, e como os administra-dores da referida capella não eram muito escurpulosos, como se vê de muita correspondencia trocada entre elles e o prior, o sr. arcebispo mandou recolher — em S. Paul — como se demonstra por provisão de 28-2-1756 do primaz Nelva Brum. O sino grande, que ainda existente, d'esta capella, mandou fazer a então administradora D. Maria Pereira de Lacerda. (pg. 147 cit. Liv.)

No anno 9-8-1741, exercia o cargo de «N. pe. Pay dos xpãos» (christãos) n'esta cidade o Pe. Mathias de Basto. Por uma carta do

- Sinco cazuis brancas de girbafo diferentes.
- Nove cazulas vermelhas diferentes a damasco com suas estolas e manipolos.
- Huma capa vermelha de taby.
- Sinco bolsas brancas.

prior d'esta data vê-se que as «catecumenas eram recolhidas = na caza da Mãe das Christians». Ambos estes cargos eram da nomeação do governo. (pg. 56).

Tinha o prior e vara da matriz do anno 1750, quatro beneficiados, como auxiliares no trabalho da Sé, que tinha então a denominação de «matrix collegiada desta cidade», como igualmente em Diu havia «A igreja e collegiada da matrix da praça de Diu. fl. 53. Por este livro é que ficamos conhecendo a verdadeira razão porque se denominava *collegiada*. Vejamos esse documento a pg. 86 do referido Liv. Aos 25-11-1750 nas pouzadas de Tristão Coutinho onde rez'ida o Rmo. visitador Dom Jozé Henriques, sendo presente o R.º prior da matriz d'esta cidade de Damão Jorge Pereira Coutinho e os quatro beneficiados della abaixo assignados lhes propos o dito Rmo. visitador que visto esta *collegiada* não ter ley, nem estatuto algum a que se conformasse para o bom regimen do côro, culto divino e serviço da Igreja e tão notabilissimos os desconcertos que padecia a boa harmonia que devida ter esta *pequena congregação* e continuas as desordens que nascião deste principio totalmente prejudiciaes as consciencias do R.º prior e dos beneficiados, não somente por faltarem as obrigações de officio, mas ainda muitas vezes para levarem o alheio e que por esta razão devião escolher ao seo arbitrio ou a observancia do que acerca d'esta materia determinavam as constituições de nosso arcebispoado ou a dos estatutos da collegiada da Nossa Sr.ª do Rozario da cidade de Goa; o que visto e ponderado prudente e racionalmente por todos os referidos beneficiados e o r.º prior decerão que voluntariamente se sujeitarão a observancia dos estatutos da dita collegiada de N. S. do Rozario e se obrigavão a guardallos inteiramente etc. porem, que como o dito regimento não determinava sobre quem deve pagar o *oura* ficou o r.º prior com a obrigação de pagallo etc. Séguem as assignaturas do visitador dom Henriques, prior Coutinho e dos beneficiados João da Silva de Menezes, Miguel Pereira da Graça, Pedro das Angustias e Manoel de Madre de Deos. Logo abaixo vem transcrito o registo do regimento cuja introdução é a seguinte. «Eu o leccenciado José da Costa Pereira prior e parrocho da collegiada de N. S. do Rozario d'esta cidade Goa em comprimento da portaria do ill.º e r.º sr. Arcebispo Primaz que Deos guarde o Senhor dom Ignacio de Santa Terexa que me foi apresentado pelo rd.º pe. João Dorez de Siqueira prior e parrocho collado da matriz da cidade de Baçaim» *fiz escrever o regimento com que rege a minha e o seu côro. etc. =* No anno 1758 a *egreja de Trapor* (Tarapur) era subordinada ao varado e jurisdicção de Damão como se mostra a pg. 158 do mencionado liv. do «registo de huma petição do rd.º pe. João da Costa, vigario de freguezia de Trapor» etc. Era tambem subordinado a mesma auctoridade ecclesiastica, a *egreja de Danum* em vista do «registo

- Sete veos brancos de caliz.
- Seis capelos de taby e girbafo, com suas borlas de seda.
- Quatro bolsas vermelhas com suas franjas de galão de ouro.
- Tres bolsas verdes com suas franjas de seda.

de huma petição do r. p. João Lopes, vigario da Egreja de Nossa Sr.^a das Angustias de Danum. (fol. 159 v.º.)

Em 27 de fevereiro de 1758 o prior e vara de Damão exercia a sua jurisdição ecclesiastica tambem em Baçaim

No dito anno o pe. Manuel de Madre de Deus, vigario encomendado da egreja de Remedios de Damão, requereu ao Arcebispo de Goa para ser provido como «vigario das igrejas de Mãe de Deus do Palle e Sra. da Graça de Baçaim por fallecimento do pe. Miguel Monteiro portaria «O r. vigario da vara do Norte proverá o suppe. em qualquer igreja que vagar na sua jurisdição ou em huma das duas que diz se achão vagas e o suppe. apresentará este ao rev. vigario de vara de Damão etc. S. Ignez, 29 2 1758. arcebispo primaz.

Os padres beneficiados da sé matriz eram collados no seu officio por privisão do Arcebispo Primaz e tomavam posse mediante um termo no «choro d'esta sé matriz etc.

Manoel do Rosário foi nomeado por provisão de 27-12-1758 do Primaz «mestre da capella e estolla da matriz de Bom Jesus etc.

Desde tempos remotos havia na cidade no convento S. Agostinho uma confraria denominada, «do Senhor dos Passos desta cidade», composta da flor da nobreza damanense. A magna procissão se celebrava na vespéra da primeira dominga da quaresma. Por causa d'essa procissão o prior vara fulminou a cidade ou antes todos que assistiram ao acto com excomunhão major, como se mostra do registo «de uma Carta notificaría», de 7 3-1756 theor seguinte: ... » Aos que esta minha carta notificatoria for apresentada saude e paz para sempre em Jesus Xpto. nosso Snr. que de todos ha verdadeiro remedio e salvação; Porquanto he notoriamente publico ter se feito procissão nocturna do sr. dos Passos no sabbado proximo passado sahindo pelas sete horas de noite acompanhada de todos fieis freguezes desta matriz e das freguezias deste meu districto não obstante a prohibição que anno passado pela minha carta notificatoria fiz a todos os homens em geral com penna (Dic) de excomunhão major para que não fizessem nem assistirem a procissão alguma nocturna antes de sahir o sol e depois d'elle posto *ex vy* do capp. 2º da pastoral do Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Arcebispo Primaz que foy muitas vezes lida e publicada nesta matriz e nas mais freguezias em que mandava não permittice procissão alguma nocturna o que inteiramente se observou o ano passado e porque tendo eu dado parte ao dito Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. da minha referida prohibição a houve por bem feita e não determinou ao contrario, e menos me consta até o presente tyvesse havido faculdade para se fazer a referida procissão nocturnamente, notifico a todos os fieis que fizeram e acompanharam a dita procissão que em tpo. (tempo) de 3 dias perantorios termo preciso de 3 canonicas admoestaçoens repartidamente

- Nove veos vermelhos de caliz com suas franjas de seda.
- Tres bolsas rouxas cor de ouro.
- Quatro veus verdes de caliz.
- Cinco veos rouxos de caliz etc. (Segue uma grande lista de paramentos de toda especie inclusive = loó (?) da capella de armação de sima = loó de paredes roupa branca etc.)

para cada huma hum dia venham por sy ou por seus procuradores declarar neste meu juizo a razão que tiverão para não serem comprehendidos na censura etc. Vemos, que tanto aqui como em Goa havia grande reluctancia do povo em acabar, não obstante as graves penas impostas pelo Arcebispo Primaz, com as antigas ceremonias religiosas. Muitas dessas procições eram curiosas pela maneira como eram executadas e varias personagens symbolicos que representavam no evangelho, e as vezes bastante ridiculas no traje. Era com muita razão que as auctoridades ecclesiasticas prohibiam taes actos religiosos e outras praticas, no dizer dos antigos arcebispos — infames campos, e theatros de espureicia e torpeza. — Ainda na nossa juventude assistimos alguns actos d'estes na sexta e sabbado da Semana Santa na sé matriz. A proposito contaremos um caso, que ficou gravado na nossa memoria. O visconde de Ourém recentemente chegava a esta cidade como seu governador. D'ahi a poucos dias seguia a Semana Santa. No sabbado de Alleluia assistiu o acto de grande uniforme. Na capella-mor estavam ainda a cruz da paixão e a imagem da S. S. Virgem ao lado, e os pannos que traziam de debuxados a cidade deicida; suspensos no alto por uma armação especial. Mal começou a missa, quando esses pannos terminam, desde o grande veu da bocca do cruceiro como os demais sobre a cruz, parecendo que a velha Jerusalem soffria o grande terremoto narrado no Evangelho. A attenção dos fieis mais se pretendia com essas cremonias extremas, e naturalmente o governador, que achava visto uma novidade, e mais ainda, uns vultos hediondos que furtivamente se apresentavam detraz dos pannos. Entrou-se o *Gloria* e saltaram de traz da cruz alguns d'estes vultos, envoltos em tropes velhos, cubertos a cara com umas mascaras grotescas e umas sinetas atadas na cinturas. O Visconde desembanhou a espada e avançou contra um d'elles; simultaneamente cahia por cima d'ambos os pannos do crazeiro e as representações de Jerusalem, ficando envoltos ambos. Os *diabinhos*, pois tal era a denominação que tinham, vendo o caso mal parado, trataram de melhor modo sahir da emboscada que lhes hia custando a vida, e o pobre do Visconde cheio de pó e vermelho de raiva, espirrava, hindo em seu auxilio os armadores. Só mais tarde é que lhe foi applicado o facto symbolico, que com a resurreição de Christo desaparecia o reino de Satanaz. Hoje esta cerimonia passou a historia e somos o ultimo a narra-la.

Em 21-11-1757 era *afizico*, do hospital de S. João de Deus, fr. Diogo de St. Ratta, e *enfermeiro* fr. Manoel de Piedade. A igreja do convento era de invocação de N. Sr. da Piedade.

Vigilância da igreja suas penas no anno 1757.

Com quanto o nome dos transgressores esteja constador em um livro publico, como publicos eram os *Termos de emmenda*, todavia suppri-

E de como forão inventariados os ornamentos ouro, prata, latão e roupas pertencentes ao colégio de onze mil virgens desta cidade constante do inventario asima e atraz a excepção das imagens e registos : dado pelo dito prior e administrador do mesmo colégio se fez este termo em que nelle se asinou com o dito juiz, comigo dito escrivão que escrevy e me asiney. (a. a.) João Pereira—Nogar—Sebastião de Albuquerque.

mimos esses nomes pelo principio : —*de mortuis uil nisi unum*. Cada individuo tem o seu respectivo termo e é «em virtude da sentença do Sr. Ex^{mo}. Governador Arcebispo Primas».

Um prior e vara de Damão, «para não ser já mais rendeiro de urraca nem ainda com nome suposto por ser prohibido pela constít. d'este arcebispado aos Eccle: capt. 7 tit. 13.- fol. pg. 163».

—Hum minorista, lavra e assigna um termo, «da prisão em que se acharia hermidia da Sra. Mãe de Deos», por ordem do vara e prior, por se deixar fascinar por umas d'essas magneticas reproducções da costela de Adão. Em presença do dito vizitador Dom José Henriques, F. S. assignou o termo de emenda pelo crime de falso testemunho— Por penitencia imposta pelo Arcebispo «assistiu a missa do pouvo na porta da igreja d'esta matris em dous dias da preceito, com huma vella aceza nas mãos e descalço em publico» etc. Segue este termo um outro do Tenente D. F. «para largar a occasião de mancebia». E varios outros por crimes de incesto, adulterio etc. Pagavam geralmente «3 x.» para o merinho e justiça».

A referida egreja de Tarapur é da invocação de N. Sra. do Rozario e foi fundada pelos portuguezes da jurisdição de Damão em 1583. e tem 140 almas. A egreja do Danhú (Danum) suppõe-se que foi fundada em 1670 pelos mesmos, e como ficavam debaixo do governo de Damão, o prior da matriz como vara tinha n'ellas a sua jurisdição ecclesiastica. Vid. *Relatorio do 1.º Bispo de Damão*.

No inventario do collegio vimos o nome d'alguns tecidos desconhecidos da presente geração com *taby*, *girbafo* e *bafaly*.

No decurso do nesso minucioso estudo do cit. liv. da sé matriz ficamos conhecendo o que fosse a palavra *bafaly*, pois no citado testamento de Phelipa de Brito Cassão fl. 186 diz entre outras cousas, «e assim mais huma afoga (afogador) tambem de ouro de obra de *bafaly* com aljofres grandes».

Aíll é um tecido, mixto de algodão e seda, de grande consistência. Esta fazenda vinha antes de Din, mas hoje trazem os negociantes de Damão da proxima cidade de Surrate para as saias (*anag*) das mulheres do povo. A vezes uma destas saias (6 cov.) custa 40 rupias e mais, e transmite-se a geração em geração. Entre os gentios tem a denominação de *Kinkap*. de cor vermelha e flores de galão de ouro.

Vi o nome do ultimo reitor do collegio padre Luis Pegado no referido livro, n'uma averiguação feita no ar. e sé matriz da egreja de Damão, e legados do r. padre de hum mas pela maneira da redacção

N'este inventario nada se diz acerca do dinheiro da igreja. Nos documentos que seguem fol. 2 consta da existencia de um deposito denominado «cofre do confisco. (15-2-1810).

em Damão e foi apenas em resultado duma queixa feita ou que elle reitor pretendia fazer ao arcebispo acerca do referido legado — Depois deste anno não encontramos o nome de mais reitores deste collegio dos jesuitas. (vide fol. 169).

Vejamos algumas d'essas antigas praticas narradas e desde então prohibidas, n'um *edital* de 6-4-1775 do arcebispo metropolitano D. Francisco da Assumpção e Brito, transcripto a fol. do *lvro* n. 2.º de *testamentos, provisões e roes da cyristandade da sé matriz de Damão* (1774 a 1810). Nós conhecemos muito bem a debilidade das nossas forças e não ignoramos que é mui desmarcada a estatura do gigante com que temos de pelejar: os *inventérados costumes* ou para melhor dizer abusos, que predominão n'esta metropole apoyados com a aparente razão de se terem sempre praticado. elles se mostram e constituem o nosso mayor adversario. Tal entre os mais he a de praticar-se na dominga de Ramos em varias parochias d'este arcebispado o acto de descendimento da cruz; acção esta a mais incompetente a semelhante dia por ser todo de triumpho, e por só se praticar ella em outro tempo no orbe catholico na sexta feira mayor, dia, em que a santa igreja nos manda crer, ter morrido em a cruz Jesus Xpo. N. Redemptor. Tal he entre os mais o de fazer mover as sagradas imagens do mesmo Redemptor do mundo nos diferentes sagrados Passos que representam, e isto com tão extravagantes acçoens que preoccupados nos de pejo, as não podemos nem queremos referir. E tal he por fim entre os mais o execrando e insupportavel abuzo que a escreve-lo nos treme a mão e a mesma pena parece embotada, com o sumo da barbaridade mal pode formar os caracteres, pelos quaes se chegue a vêr e a lêr o tamanho da sua deformidade

Nós falamos, meus amados irmaons da temeraria ouzadia com que nesta diocese se propunha huma creatura vivente para as nossas veneraçoes, e culto, por Maria Santissima, Sra. Nossa, e que elevada em hum andor, sendo creatura, que contrahio a mancha da primeira culpa, e como tal exposta a cahir em muitas paixões pelo decurso da sua vida e depois desta ao perigo de ser miseravel e infernal fabulo das penas eternas, avocava para sy aquelle culto, que os fieis são obrigados a dar a creatura mais pura que creou a Omnipotencia, Maria Santissima, Sra. Nossa etc. . . . na quinta feira mayor diferentes praticas que se uzavão em algumas igrejas, como v. g. formar-se huma meza, em que tentadas certas figuras, representavão estas os sagrados apostoles, havendo naquella algumas frutas, e manjares para figurar a ultima cea do snr: E outro sim na sexta feira mayor colocar-se o SS.º Sacramento em hum trono chamado *sepulchro preto*: E já na manhã, já na tarde do mesmo santo dia fazer-se o *descendimento da cruz com figuras vivas, armadas de barbas compridas, toucas de moirisca, e vestiduras gentlicas*, tudo muito alheyo da magestade e respeito da religião catholica, sendo estes, cu outros semelhantes spectros, os conductores de feretro, que leva a sagrada imagem, que representam ao N. Redéptor conduzido ao sepulchro; e mil outras indignidades, que sei ia hum nancao acabar o referirmo-las nos pelo miudo etc.»

N'este anno no rol da christandade, a praça só tinha 815 almas, entre ellas: 29 cathecumenos que no anno seguinte subiu a 82 (vid. fol. 160, cit. liv. n.º 2.º).

Vejamos finalmente, a causa fundamental da transferência das alaias do collegio das Onze mil Virgens para a Sé matriz. Eis os documentos relativos ao mesmo assumpto:==

Copia da carta de S. Magestade Fidelissima, escrita ao Exmo, e Rmo. Snor. Arcebispo Primaz Dom Antonio Taveira de Neiva Brum, sobre a administração, e Custodia das cousas pertencentes ás Igrejas dos denominados Jesuitas.

Reverendo em Christo Padre Arcebispo Primaz do Oriente. Amigo. Eu El-Rey vos envio muito saudar, como aquelle, de cujo virtuoso acrescentamento muito me prazeria. Pela carta

Em 4-11-1141, havia na Sé a confraria do Sr. Santissimo. A confraria mandava dizer missas em todas quintas de semana e terceiras Domingas. Para socorrer as despesas do concerto da Igreja vendeu-se em 7-1 uma alampada pelo preço de 1,547 xs., 3 tag. 12 réis. Alem d'esta confraria havia uma outra com a denominação, contraria dos santos fiéis de Deus.

Conhece-se que D. Sebastião Pahim de Mello era proprietario da aldeia Nilla Parary, e de duas mercês, sua da feitoria de Diu e outra de corrector-mór da mesma fortaleza, como se vê do seu testamento de 24-7-1777. (fol. 19 v.).

Por ordem do Arcebispo de Goa vieram, em 16-2-1778, degredados para Damão, os padres Boaventura da Gama e José Caetano Xavier, como tambem um christão por nome Antonio Francisco Rodrigues, este por toda vida, o segundo por cinco annos e o primeiro até não se mandar o contrario, devendo os seus nomes entrar no rol da christandade e nunca ser permittido sahir da cidade, como reza a carta do Dezembargador, Antonio da Silveira de Menezes, conego prebendado da Sé Primacial. (cit. Liv. fol. 22).

Por uma disposição no codicillo de D. Pascoa Alves Pereira de Lacerda, vê-se que até o anno 1777 funcionava o =Mosteiro de Damão=. Declaro que tenho hum cafrinho por nome Joaquim que serve de tambor, e dos soldos deste se contribuirá para o sustento de hua cafra fiosa e sua filha, as quaes deixo forras e libertas de cativoiro, por me ter servido bem e ac dito meu marido the estas hirem para o Real Mosteiro de S. Monica, aonde tenho applicado para o serviço delle sem obrigação nenhuma e depois da hida dellas para o dito Mosteiro se venderá o dito cafrinho e do seu preço se dará sincoenta xs. para a equipação (sic) da dita cafra e sua filha para poderem hir ao dito Mosteiro e do que restar se partirá da mesma forma com o dito meu marido etc. e em quanto ellas não vão para o referido Mosteiro se deixarão ficar no *Mosteiro dessa Praça* etc.» (cit. liv. fol. 26).

A aldeia Dantura, o limite da jurisdição de Damão, era foreiro Fer-

firmada pela minha real mão que vos dirigi no dia de hoje, vos será presente a indispensavel necessidade da conservação da minha Real Pessoa, do socego publico dos meus Reynos, e da tranquillidade dos meus fieis vassallos, que me moveu para tomar a decisiva resolução, com que mandei expulsar, exterminar, desnaturalisar dos meus reynos e dominios a sociedade denominada de Jesu. E porque a mesma religiosa piedade, com que não pude deixar de ordenar sem maior dilação aquele justo, e necessario procedimento, me não permitiu nem que a custodia e arecação de cousas tão sagradas como alfaias pertencentes as Igrejas, as cazas professas, Collegios e noviciados do Territorio (sic) dessa Metropole, que devem ser evacuados, sejam entregues nas mãos de pessoas seculares; nem que as mesmas Igrejas sejam por um só dia interrompidos o culto de Deus Nosso Senhor, e os louvores dos gloriosos Santos, cujas imagens se acham colocadas nas mesmas Igrejas, nem que eu ainda em um caso tão horroroso, e insolito, e de tão indispensavel urgencia, para se extinguir nos meus Reynos e Dominios a referida Sociedade, dispuzesse das sobreditas Igrejas e Edificios, que foram das referidas cazas professas, Collegios e noviciados, consistindo tudo em bens immediatamente dedicados ao Culto Divino: Me pareceu significar vos em consequencia de tudo, o referido, que será muito do Serviço de Deus, e do meu Real agrado, que nomeis as pessoas, que vos parecem mais idonias, para se encarregarem das mesmas Igrejas e Edificios recebendo por Inventario todos os ornamentos e Alfaias dos Altares e sacristias das mesmas Igrejas, e encarregando-se da conser-

não Felix de Menezes; e as aldeas Palagar (hoje passa a linha ferrea da B. B.) e Dorença era foreira D. Maria de Menezes. (cit. liv. fol. 27 v.)

A aldeia Calicachigão em 1780 era de D. Maria de Paiva Quintal Falcão que herdou ao seu irmão Antonio de Paiva, em que ficou encabeçada em 3.ª vida. Era essa sra. «Morgada da Quinta da Paiva na corte de Lisboa.

Do termo de exame procedido no Collegio de Sam Paulo pelo Dezembargador Juiz Sindicante das Praças do Norte, Lazaro da Silva Ferreira, em 19-2-1781, vê-se que uma parte das roupas, ornamentos e alfayas do Collegio foi cedida para o culto na capella do governador d'esta Praça (Vid. fol. 68 cit. Liv.).

Em 1807, certifica o pe. Agostinho José de Menezes, capellão do regimento desta Praça, constar o rol do dito regimento de trezentas e oitenta e seis almas (cit. Liv.).

vão dos Edifícios, a elles contíguos, para tudo guardarem com um exacto cuidado, emquanto recorro ao Pápa, afim de que sua Santidade haja de determinar as pias applicações que se haõ de fazer das mesmas Igrejas, Alaias e Edifícios com louvor de Deus Nosso Senhor e dos seus Santos, e sem prejuizo da conservação e paz publica destes Reynos, e seus Dominios, que as deploraveis experiencias de quasi dous seculos mostrarão notoria, e evidentemente que eram incompatíveis com a Sociedade dos sobreditos Religiosos expulsos. Escrita no Palacio de N. Sra. da Ajuda ao primeiro de Abril de mil sete centos e sessenta. Aey. = eu Escrivão abaixo assinado etc.)

«Registo da ordem do Exmo. e Rmo. Snor. Dom Frey Manoel de Sta. Catharina, Bispo de Cochim e Governador do Arcebispado de Goa, sobre a passagem dos ornamentos e mais Alaias do Collegio para a Matriz e novo Inventario delles.

O reverendo prior e vigario da vara de Damão, administrador do collegio da sociedade denominada de Jesus, em conformidade da carta regia datada do primeiro de abril de mil setecentos e sessenta, logo que receber esta fará trasladar para a matriz todos os ornamentos, damasco, paramentos sagrados, cofres, joyas de ouro e prata do ornato das sagradas imagens, as alaias, e todo os mais moveis pertencentes a sacristia e ao culto divino na igreja do mencionado collegio, não levando em conta tudo, o que estiver incapaz de servir e mandará fazer pelo escriptão da vara hum exacto inventario, do que achar capaz, o qual assinará com o escriptão e juntamente o R. Vigario da Igreja de Nossa Sra. dos Remedios, que assistirá ao dito Inventario, para constar a todo o tempo; e não poderá despôr de cousa alguma dos referidos trastes sem expressa licença nossa. Outrosy mandará colocar o sino do dito collegio em lugar do sino grande da matriz porque nos consta não se tocar por incapaz. Confiamos do zello e diligencia do dito reverendo prior e administrador terá tudo em boa custodia e arrecada-

ção, como o tem feito até agora. Palácio rural de Santa Ignes vinte e Nove de Novembro de mil sete centos setenta e oito : Bispo Governador =. Eu escrivão etc.»

Registo do capitulo da carta do dito Sr. Bispo Governador da era de 7 de abril de 1731 sobre o consumo a fogo da roupa incapaz do collegio, escrita ao M. R Vigario da Vara Sebastião de Albuquerque.

«Mandaré Vossa Merce fazer inventário dos trastes que se achão incapazes de servir na igreja, e assinado por algumas testemunhas para constar a todo o tempo, os mandaré queimar e de nenhum modo permita sirvão a usos profanos. = Eu escrivão etc. »

«Registo doutro capitulo da mesma carta do dito Sr. Bispo governador, sobre a roupa, e colocação do retabulo da classe dos estudantes do Collegio na igreja de Nossa Senhora dos Remedios, escrita ao dito vigario da vara.

Proverá Vossa Merce a igreja dos Remedios de algumas cousas precisas que não tinham serventia na matriz, e do que der, cobrará recibo do vigario encomendado, e tudo se tomará por lista, que se ha de fazer da mesma sorte. Colocará Vossa Mercê o retabulo que se acha sem uso no quarto interior do collegio, que foi algum dia classe de estudantes, na igreja dos remedios, visto a necessidade que tem dele, e tudo deixará declarado, para que a todo o tempo conste. = Eu escrivão etc. (fol. 58 e seguintes do Livro 2.º já citado).

Este retabulo é o que se acha na sacristia da referida igreja dos Remedios. A esquerda do mesmo existe um armario em cujo remate se vêm as iniciais I. H. S. que os jesuitas usavam não só nos altares mas em todas as outras construções cuja direcção lhes era confiada, como por exemplo na Sé matriz. Na porta colateral que dá para a estrada nacional da

praça resiste uma grande pedra com essas letras maravilhosamente esculpidas. Salvo erro, faz-nos parecer que na mesma epoca em que foi transportado do Collegio este retabulo da sacristia da igreja dos Remedios tambem foram trazidos os dois grandes quadros que estão no corpo d'esta igreja, um de N. Sra. da Piedade e outro de S. Martinho, montado a cavallo, na sua condição de cathecumeno, cheio de infinita caridade, cortando a parte da sua manta de official para satisfazer a nudez do mendigo cuja forma tomára Christo para provar este seu fiel servo. Muitos desconhecendo a vida do Santo confundem-no com S. George em cuja effigie sempre ha um dragão debaixo do cavallo.

«Registo de huma Precatoria do Ffeytor
e Alcaide mor João Baptista Vieira

Ao muito r.^o snr. padre prior da matriz e vigario da vara Sebastião de Albuquerque.— João Baptista Vieira, feitor e alcaide mor d'esta Praça e nella juiz dos feitos da coroa e fazenda, procurador da coroa, e juiz da alfandega por S. Magestade Fidelissima que Deos guarde etc. Faço saber a v. rma. que me foi sciente que v. rma. pretendia collocar hum sino que se achava ao pé do collegio dos denominados Jesuitas, e este tundido *como nectar dos sinos do dito collegio*, bem justo parece que se faça a dita collocação; mas pelo cargo do Procurador da Coroa se me faz preciso que v. rma. declare ao pé desta com que authoridade quer promover a collocação do dito sino, por quanto não consta authoridade regia, que só ella tem para fazer a pertençaõ referida, em cujos termos alem do cargo que occupo, requeiro a v. rma. declare com que authorityade pertende fazer a dita collocação, para todo tempo poder responder a S. Magestade, quando seja perguntado, e quando haja ordem, requero a v. rma. que esta seja apresentada, e registada no livro da feitoria desta Praça, e do contrario ficará v. rma. responsavel a responder a S. Magestade, e para mayor certeza do referido vay por mim asinada, e selada com o selo das Armas Reaes que neste juizo serve. Damão 25 de julho de 1781 (a) João Baptista Vieira».

A esta precatoria segue a ordem e a copia da ordem.

«Resposta da precatoria

«Ao sr. João Baptista Vieira, feitor de S. Magestade Fidelissima d'esta cidade de Damão, e nella alcaide mór, juiz dos feitos de fazenda, procurador da coroa, juiz da alfandega, e do estanco pela mesma sra. que Deos guarde etc. «Sebastião de Albuquerque prior confirmado da matris desta cidade de Damão e nella administrador do collegio da sociedade denominada de Jesus, vigario da vara, juiz das justificações, ouvidor dos feitos, e causas ecclesiasticas, civeis e crimes na mesma cidade, e sua jurisdição, pelo exmo. e rmo. sr. Bispo de Cochim, Governador e administrador do arcebispado de Goa, primaz do Oriente, do conselho de S. Magestade Fidelissima etc. Envio dizer a v. m., que a collocação (sic) do sino do mencionado collegio nesta matriz, se tem feito por ordem positiva atraz copiada, do exmo. e rmo. sr. Bispo de Cochim, Governador e administrador deste arcebispado, aquem S. Magestade Fidelissima comete e custodia, e disposição dos moveis e alfayas pertencentes as igrejas e sacristias da referida sociedade pela sua real carta, como se vê da mesma ordem atraz; termos em que não fica V. M. responsavel a passagem do dito sino para matriz por não estar a V. M. affectada a administração do dito collegio, nem eu por ser administrador delle, antes ser me hia responçavel se deixasse de executar a ordem do meu superior, a qual se acha registada no livro dos registos deste juizo ecclesiastico, que he seu lugar competente. Em corroboração do relatado vay esta por mim asinada e sellada com sello das armas ecclesiasticas, e não pude responder logo esta precatoria por cauza das minhas continuas molestias. Matris 9 de outubro de 1781.» (a) Sebastião de Albuquerque.

Damão.

A. F. MONIZ.

DOCUMENTOS DOS ARCHIVOS PARTICULARES ⁽¹⁾

I

Uma provisão de Naique do Santo Officio

(1780)

ANTONIO Manoel Fragoso de Barros, Cavalleiro Professo na ordem de Christo, Conego na Bazilica de Santa Maria Mayor da cõrte da cidade de Lisboa, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, do Geral da Santo Officio, e Inquisidor Presidente desta Inquisição de Goa &.

Fazemos saber aos que esta nossa provisão virem que, pela boa informação que temos da limpeza de sangue, procedimento, vida e costumes de Iovita Francisco Barreto, filho de Nicolau Francisco Barreto, naique que foi deste tribunal, e de Felicidade Fialho, natural e morador em Palle da provincia de Salsete, e esperando dele, que fará com todo o cuidado, zelo e segredo tudo quanto por esta Meza lhe for mandado, Havemos por bem de o prover no lugar de naique do numero do Santo Officio na Comissaria da dita provincia, o qual cargo s-rvirá emquanto o houvermos por bem, e não mandarmos o contrario, cumprindo inteiramente o seu regimento. e fazendo o mais que por esta Meza, e pelo nosso Comissario lhe for ordenado, e com o dito cargo gozará de todos os privilegios, exempçoens, e liberdades, que por proviões, e alvarás reaes são concedidos aos officiaes do Santo

(1) Remetido por Mons. Francisco Xavier da Expectação Barreto, missionario de diocese de Damão, a quem agradecemos esta collaboração.

Officio. Notificamulo assim a todas as pessoas, a que com direito tocar, elle deverá servir o dito cargo debaixo do juramento dos S. Evangelhos, que receberá, de que se fará termo no livro das creaçoens dos ministros, familiares e mais officiaes desta Inquisição, por elle assignado. *Et autoritate apostolica* mandamos a todas as pessoas, a quem o conhecimento deste pertencer, hajão e tenham ao dito Iovita Francisco Barreto por naique do numero do Santo Officio, lhe guardem e cumprão e fação guardar, e cumprir inteiramente esta nossa provisão e todos os ditos privilegios, como nelles se contém, sob as penas nos mesmos privilegios declaradas, e de se proceder contra os transgressores, como penas, que offendem aos officiaes do Santo Officio.

Dada em Goa no Santo Officio sob nosso sinal, e sello delle, aos tres dias do mez de março de mil setecentos e oitenta anos. Victorino Carvalho, Notario do Santo Officio a fez. *Antonio Maria Fragozo de Barros.*

Registada a f. 396.

Provisão pela qual V. Snria. ha por bem de prover no cargo de naique do numero do Santo Officio na Comissaria de Salsete a Iovita Francisco Barreto, natural e morador em Palle da dita provincia, pela boa informação que delle tem ⁽¹⁾

Tomou juramento dos Santos Evangelhos de que foi feito termo no livro 5.^o das creações a fl. 31 v.— Goa no Secreto do Santo Officio 20 de Abril de 1780— O Notario, *Pedro Antonio Corrêa.*

II

Uma provisão de Feitor da alfandega de Salsete

(1831)

Dom Miguel, por graça de Deos, Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de

(1) Iovita Francisco Barreto, a quem se refere esta provisão, foi bisavô paterno, e Victorino Constancio Barreto, de que trata o documento seguinte, avô paterno do mencionado Mons. Barreto e dos fallecidos Bernardo Vitorino Barreto e Padre José Antonio Octaviano Xavier Barreto, capelão de Sé Primacial de Goa, de Palle, do concelho de Salsete.

Guiné, e da Conquista, Navegação, e Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India etc.

Fago saber aos que esta provizão virem, que Victorino Constancio Barreto, teitor da alfandega de Salsete, requereo á Junta da Real Fazenda dos Estados da India, que na conformidade das ordens sendo elle obrigado a tirar provizão para servir o mesmo emprego, lhe convinha have-la: e conformando-me com as informações e mais pareceres, que houverão acerca deste objecto: Hey por bem, que o dito Victorino Constancio Barreto sirva de serventia por tempo de hum anno o officio de feitor da alfandega de Salsete, vencendo os ordenados que lhe estão arbitrados: e ordeno ao dezembargador administrador da mesma alfandega, que fiscalise a residencia, actividade, e zelo do dito feitor, e quando este a cuberto desta provizão não concorrer todos os dias como deve, tendo comparecido só o pouco tempo para alcançar a dita provizão, enganando deste modo á mesma Junta, hade ser immediatamente despedido do real serviço por prévia participação do mencionado dezembargador administrador: Notifico-o assim aos ministros, officiaes, e mais pessoas a que pertencer, o cumprão, e guardem, e o fação cumprir, e guardar como nesta se contém sem duvida alguma e lho deixem ter, e servir pelo sobredito tempo de hum anno: nas estações competentes se farão em seo titulo as declarações necessarias: elle servirá debaixo do juramento, que houve quando principiou a servir o supramencionado emprego: pagou de novos direitos setenta e hum xerafins, duas tangas, cincoenta e hum reis, e dous terços, em que entrão os demais hum anno, nove mezes, e hum dia desde o primeiro de janeiro do anno proximo passado, até hoje que servio sem provizão, os quaes forão carregados ao recebedor delles, Pascoal Francisco de Souza, a fl. 41, n.º 506 do livro da sua receita, e de chancelaria pagará o que dever, e passada por ella se registrará na contadoria geral sem o que lhe não valerá.

El-Rey Nosso Senhor o mandou por Dom Manoel de Portugal e Castro, do Conselho de Sua Magestade, Vice-Rey, e Capitão-General de Mar, e Terra dos Estados da India, e Presidente da mesma Junta. O Escripturario Francisco Xavier Peres a fez. Goa ao primeiro de outubro de mil oitocentos trinta e hum. E eu Manoel Ignacio de Souza e Andrade, escrivão deputado da Junta da Real Fazenda, a fiz escrever e subscrevy. *D. Manoel de Portugal e Castro.*

Provisão por que Vossa Magestade ha por bem, que Vitorino Constancio Barreto sirva de serventia por tempo de hnm anno o officio de feitor da alfandega da provincia de Salsete, como atraz se declara. Para Vossa Magestade ver.

Por despacho da Junta da Real Fazenda de 24 de setembro de 1831.

Registada na Real Chancelaria do Estado no L.º a f. 80. Pangim 8 de outubro de 1831. *J. Filipe Constantino Ribeiro.*

Registada na Contadoria Geral a fl. 1 do L.º 27 dos registos geraes. Pangim em 10 de outubro de 1831. *Françisco Xavier Peres.*



VARIA VARIORUM

Qual é a mais bella figura da historia portugueza ? ¹

TODOS nós sabemos — nós os que aprendemos a lêr e temos a paixão do livro — que a historia portugueza está cheia de vultos eminentes, figuras grandiosas que se impuzeram ou pelo saber ou pelo patriotismo, ou pela valentia ou pela fé.

A formação da nacionalidade e as descobertas maritimas. Aljubarrota e os Jeronimos, a independencia e a batalha, a India, Valverde, os *Luziadas* — paginas de ouro d'um livro glorioso — não são, evidentemente, obra do vulgo, antes constituem a tarefa gigantesca de homens illustres, creaturas de eleição que, desde Afonso Henriques, em diferentes epocas, surgiram na historia portugueza encarnando as varias tendencias da raça.

Quem ha aí, porém, senão os letrados, que bem conheça os homens do passado ?

O povo portuguez não sabe historia, e, como adeante nota um dos opinantes n'este pequeno inquerito, os nossos pintores raramente evocam, nos seus quadros, os grandes motivos historicos e as figuras que a eles ligaram o seu nome.

Mas ha outro aspeto a considerar, e esse porventura mais interessante : qual é, de todas as caracteristicas da alma portugueza primitiva, aquella que encontra, contemporaneamente, um maior numero de simpatias ?

¹ Do *Seculo*, n.º 11446 de 21 de outubro, tomamos a liberdade de transcrever este muito interessante artigo, firmado por A. P.

Quer dizer: o que é que o portuguez de hoje mais admira no seu passado?

A valentia ou o sonho? A fé ou o saber? O cavalheirismo ou a revolta?

Assim, este inquerito, servindo a arrancar da obscuridade homens ilustres que se apagaram, para a maioria, ou que, tendo entrado na tradição oral, foram por ela deturpados, serve igualmente a demonstrar quaes são as tendencias da raça portugueza que subsistem hoje, em meio de uma civilização tão diversa e quando as raças parecem modelar-se n'um caracter novo.

Dr. Teófilo Braga: *escritor, professor, erudito, deputado.*

— Na nossa historia ha figuras grandiosas, mas quasi todas essas figuras se impuzeram por uma ação exercida em determinado campo: ou nas letras, ou na politica, ou nas armas, ou no saber, sendo raro encontrar um nome que nos evoque simultaneamente a valentia a fé, o talento, a alma...

Ora, D. Diniz—o rei D. Diniz—foi mais do que isso, pois que, sendo homem de ação e espirito providente, possuindo em alto grau largueza de vistas e grandeza de alma, foi ainda um habil diplomata, um fino politico, um rei generoso e um grande estadista. Não é verdade que foi da plantação do pinhal de Leiria que sahio a genese de nossa grandeza maritima, pela facilidade na aquisição de madeiras para a construção dos navios que fizeram as primeiras viagens? Como diplomata e homem de estado revelou se exuberantemente na extinção dos Templarios, cuja imensa fortuna, graças ao seu tato, habilidade e espirito de previsão, ficou pertencendo a Portugal. D. Diniz foi, ainda, o primeiro poeta do seu tempo.

Dr. José Figueiredo: *critico d'arte, director do Museu d'arte antiga.*

—Para lhe responder necessitamos primeiro aclarar este ponto: qual foi o periodo mais importante da nossa historia? O da formação da nacionalidade, ou o das conquistas, ou

ainda o da independencia? Eu creio que foi o das conquistas, pois é dahi que dáta a nossa existencia como grande nação. Até a's primeiros descobrimentos, Portugal é agitado por convulsões de toda a ordem, visando todas, mais ou menos, a destruir a nacionalidade nascente; essas tentativas desaparecem com as noticias das nossas glorias maritimas. Sem estas, Portugal talvez fosse absorvido pela Hespanha, e são ainda estas vitorias no mar que decidem mais tarde da nossa libertação.

Assim pois eu opto pelo infante D. Henrique. O infante quem dá o primeiro passo para essa jornada gigantesca que devia ser uma das maiores emprezas da historia do homem. O infante D. Henrique não só creou como executou: teve a visão e teve a ação. Apesar disso, eu não quero esquecer Egaz Moniz, que foi o consolidador da obra de Afonso Henriques...

Simas Machado: *coronel de infantaria, presidente da camara dos deputados.*

— A mais bela figura da nossa historia... Interessante pergunta, na verdade, n'um paiz onde as grandes figuras se abundam e onde os pintores pouco ou nada evocam, nos seus quadros, da grandeza passada... N'esse ponto—a pintura historica—nós somos duma pobreza manifesta, e quasi estou em dizer que os mais belos feitos da nossa historia não lograram abaixionar os artistas Nacionaes. E' pena: o nosso povo sabe pouco de historia e o quadro constitue um belo e facil compendio historico. Os francezes e os italianos assim o comprehendem e é porisso que os seus museus estão cheios de belas evocações. Mas v. perguntou-me qual era a mais bela figura, e eu digo-lho que Afonso d'Albuquerque é uma figura enorme, Guerreiro, homem de ação, grande alma, foi o prototipo da valentia e um alto exemplo de espirito de previsão. O sonho do imperio, unindo a metropole á India, é uma das maiores concepções humanas, ficando na historia como uma demonstração do espirito creador de Albuquerque. As reformas inglezas são inspiradas na sua obra, assim como a fundação do imperio britanico não é senão a realisação do seu sonho. Afonso de Albuquerque era ainda um caracter inteiriço, regido, austero e simultaneamente uma grande alma cheia de bondade.

Emfim na historia portugueza, tão cheia de grandes homens, eu só encontro uma figura que se lhe aproxime em grandeza : D. Francisco Manoel de Melo.

Dr. Julio Dantas: *escritor, dramaturgo, poeta.*

— Sem duvida o infante D. Henrique. Essa figura torva, sombria violenta, dura de expressão, que nos aparece nas taboas de S. Vicente embrulhada no seu mougil rôxo e coberta com o seu chapéu de Borgonha, foi a encarnação de uma idea fixa, a cuja germinação potente Portugal deve todo o ciclo das descobertas.

Alexandre Soares: *arquiteto, diretor da Repartição de Arquitetura da Camara Municipal de Lisboa.*

— Não achava v. que o infante D. Henrique é uma grande e simpatica figura? Foi ele quem escreveu a primeira pagina d'esse livro d'ouro que se chama *As nossas descobertas*. Foi d'ele ainda que resultou toda a nossa riqueza artistica. O infante D. Henrique era um sonhador, mas um sonhador d'aqueles que conseguem realizar o sonho.

Ferreira da Silva: *ator.*

— Para mim, a mais bela figura é Nun'Alvares. Ele encarna, como nenhum, a velha alma portugueza, e, em si, reune-se todos os predicados da raça : fé, valentia, bondade, cavalheirismo.

Dr. João de Barros: *professor, poeta.*

— Não conheço maior figura na nossa historia que D. João II. N'ele ha o estadista, o diplomata, o homem de ação. É o rei que mais longe viu e que, lendo no futuro, melhor soube precaver-se contra ele.

Dr. Jacinto Nunes : deputado.

— Não tenho que pensar : para mim, a mais bela figura da historia portugueza é Filipa de Vilhena. Que bela mulher, que soberbo exemplo de isenção ! Filipa de Vilhena forneceu a toda a historia humana uma pagina brilhante. E' o exemplo do sacrificio e da abnegação. Deu á Patria, voluntariamente, heroicamente, e recalcando no coração tudo quanto n'ela era afeto, egoismo de mãe — os seus filhos, que é o que uma mulher tem de mais seu. Temos, nós todos, que somos paes, muito que aprender n'esse gesto. . .

Dr. Alfredo Pimenta : professor, escritor, jornalista.

— Nun'Alvares é tão grande que se fez simbolo e como simbolo paira sobre uma Patria.

Portugal é a Patria de Nun'Alvares, como é a Patria de Camões. N'ele tudo é grande, desde a valentia, que se tornou legendaria, até á fé, que ninguem igualou. Foi o guerreiro que, mesmo nos campos de batalha—sobretudo nos campos de batalha—não esquecia o céu, tornando-se assim um dos mais fervorosos apóstolos da fé cristã.

Antonio Maria da Silva: engenheiro, actual Ministro do Fomento.

— Se dentro da sua pergunta cabem dois nomes, eu falo-lhe de D. João II e do marquez de Pombal. Em ambos ha, evidentemente, a parcela de quasi ferocidade que não agrada ao nosso sentimentalismo. Mas veja que, tanto n'um como no outro, a porção de obra realisada faz esquecer com facilidade as manchas negras. D. João II é o homem que concebe toda a gigantesca tarefa do imperio, mais tarde executada pelos reis que lhe sucedem. Politico habilissimo, espirito previdente, homem de ação, ele sente subir a onda dos nobres e, d'um golpe, fal-a recuar, apoiando-se ao hombro do povo. É um lutador que vence, e vence a custa do seu proprio esforço.

O Marquez de Pombal é outro gigante, e, a mim ao politico, ao ministro, a sua obra aparece como uma coisa verdadeiramente formidavel. O marquez de Pombal reformou toda uma sociedade e tudo em normas suas, sempre com o maior exito, sempre com um espirito de previsão de que mais tarde na guerra, Napoleão deu provas brilhantissimas. Reformou o ensino, o commercio, a agricultura. As suas leis são infalíveis, as suas sentenças traduzem, na pratica, a ultima expressão da ciencia jurídica. E' barbaro, chega a ser feroz, mas é preciso atender que os seus inimigos são tão ferozes como ele e a luta que lhe movem é de morte. N'essa luta vence o ministro, e não por ser mais barbaro, mas por ser mais forte que esses inimigos. Como ministro do fomento, a tarefa realisada revela um espirito altissimo. Redifica a cidade, contém na sua ambição o commercialismo pouco honesto; obriga o rei a vestir-se de *briche*. Tendo a sua roda um pequeno exercito possuindo magros recursos de defeza nacional, ele responde altivamente á provocação estrangeira e diz aos que o rodeiam: «Deixem-nos vir para cá! Um homem pode tanto em sua casa que até depois de morto são necessarios, para o deslocar, quatro homens!»

O Marquez de Pombal viveu quasi no nosso tempo, é pouco menos que um contemporaneo. D'aqui á alguns seculos ele apparecerá decerto, como a maior figura da nossa historia...

Dr. Ramada Curto : *escritor, deputado.*

— Dos varões, Nun' Alvares; das mulheres Filippa de Vilhena. São dois symbolos, significando um a fé, o amor da patria, o sonho; significando a outra a abnegação o sacrificio. Pela Patria, deu essa admiravel mulher que tinha de mais sagrado: os filhos, e é então a heroína que surge gloriosamente na mãe... O condestavel, como a sua fé, galvanisa todo um povo, a quem levanta á sua roda, e de olhos no céu, encontra força para realisar grandes feitos. Aljubarrota e Valverde são duas paginas formidaveis. Nun' Alvares era, tambem, uma bela figura de portuguez, que traduzia todas as caracteristicas da alma portugueza antiga, ou batalhando, ou amando, ou sonhando...

Dr. João Gonçalves *medico, deputado.*

— Sem desprimor para outras paginas igualmente grandes, eu adoro a figura de D. João de Castro. E', sobretudo, um simbolo da nobreza e da honestidade. Desenterra o filho amado, para o dar como penhor da sua palavra! E' um dos mais nobres atos da humanidade, pelo que ele significa de lealdade e honradez..

Fernando de Macedo: *capitão de infantaria, deputado.*

— Adoro Afonso de Albuquerque. Ele fez a India e tem a visão grandiosa do imperialismo, mais tarde executado pelos inglezes. Afonso d'Albuquerque foi grande guerreiro, grande politico, grande estadista, grande alma, e o seu nome não enche apenas uma pagina de historia, ocupa integralmente toda uma epoca. A India vive ainda hoje um pouco da sua obra, e é esse facto uma demonstração da grandeza de Albuquerque.

Rocha Martins: *jornalista, escritor.*

— A maior figura da nossa historia... Vejamos: refere-se v., acaso, a determinado periodo, ou faz menção de epochas? Não faz, e, n'esse caso, impossivel se torna a resposta. As figuras são grandes conforme o tempo em que dominaram, as circumstancias que motivaram a sua aparição, etc. É possivel fazer o cotejo historico, e, apreciando todos os fenomenos contemporaneos dos grandes homens dizer: «Esta figura é maior do que outras?» Não creio...

Posto isto Portugal possui grandes figuras e entre elas lembra-me por exemplo, Claudio de Campos, o celebre juiz do povo do tempo de Junot. Recorda-se? Quando o general francez, instalado em Portugal, consultou as classes sobre se devia ou não fazer-se o rei *disto*, todos responderam curvando-se n'uma adesão. Os fidalgos forão buscar-o a Sacavem e enquanto os militares ingressavam na legião e iam bater-se

pela França, o clero fazia pastoraes em seu favor. A propria burguezia não quiz ficar inerte; como prova de agrado, offereceu a *duquesa de Abrantes* um colar de perolas, avaliado em 70 contos!

Tem ainda v. a. Academia nomeando-o seu socio, e a magonaria que, embora depois de hesitações, o reconhece... Os mesinos conspiradores —os patriotas—fingem uma resistencia para lhe irem contar tudo o que se passa...

Pois bem! Quando nobreza, clero e povo acordam servilmente em entregar o trono de Portugal a um estrangeiro, um unico homem se levanta e diz: —Não! O trono não deve ser dado a Junot, porque ainda está vivo o principe regente, o sr. D. João VII»

Quer dizer: em meio da cobardia de uma epoca, e quando todo um povo se afunda, aquele homem humilde surge para o reabilitar e fal-o com uma palavra só! Claudio de Campos significa, ali, o genio da raça e apresenta-se tão grande que é uma figura de todos os tempos. Nun' Alvares, Afonso Henriques seriam ridículos hoje batalhando sob o seu arnez; Claudio de Campos pode ditar a sua frase, ou na idade média vestido de ferro, ou nos nossos dias, de chapéu mole e *paleto*, porque é sempre grande e sempre do tempo... Claudio de Campos é, para mim, a grande figura portugueza do seculo XIX.

Dr. Campos Lima: *advogado, jornalista
escritôr.*

—A resposta não é facil, desde que eu não tenha elementos seguros para aquilatar da grandeza dos homens a quem a historia aponta como grandes. As figuras historicas são geralmente a consequencia da lenda, que lhes dá um perfil e uma ação; e é assim, romanticados, que eles chegam até ao historiador.

Para pronunciar-me, pois, eu necessitava de conhecer a historia, não pelo que dizem os cronistas, que quasi sempre se deixam influenciar pela figura, mas pela investigação direta unica de que eu não desconfiaria...

Ora eu de historia, conheço apenas o que li nas paginas de Herculano e Oliveira Martins.

Simões Raposo: *professor deputado.*

—Já ouvi que Nun Alvares tivera no seu tempo uma ação mediocre, não faltando até quem diga que, enquanto os soldados se batiam no campo de batalha, o *Condestavel* se refugiava no convento, orando ao Senhor ... E o caso: os homens comprazem-se em levantar estatuas, para terem depois o prazer de as derrubar.

Para mim, que aprendi na história a considerar Nun'Alvares o genio das batalhas, o simbolo da fé cristã, ele continúa aparecendo como a alma de Aljubarrota, e assim o considerarei até que a história me prove que me enganei nos meus juizos.

Afonso Gaio: *escritor, poeta, dramaturgo.*

—Conhece bem a figura de João das Regras? E uma personagem que merece a gratidão dos seculos e que se apagou no passado, por detraz da figura de D. João, afinal incomparavelmente mais pequeno do que ele. João das Regras é, simultaneamente, o orientador e o reivindicador. Foi ele quem deu consciencia juridica á nação portugueza. Mais tarde, quando o paiz tem já idoneidade, no jurisconsulto aparece o revolucionário, e é ele quem solta a primeira palavra de revolta contra o poder real, em favor da soberania popular, que defendeu sempre, dando á campanha um caracter legalista.

Machado Santos: *oficial da armada, jornalista, deputado.*

—Grande figura moral essa de D. João de Castro, que constituiu, antes de tudo, um alto exemplo de lealdade inteira. E não é certo que a grandeza de uma patria se faz, um pouco, á custa dos exemplos de lealdade? D. João de Castro, que cortou as barbas como penhor da sua palavra, consubstancia em si toda a grandeza da alma portugueza antiga.

Contemporaneamente ha ainda quem corte as barbas, mas é para as pôr ... de molho ...

Dr. Eduardo de Almeida : *escritor, deputado.*

— A resposta á pergunta é impossivel, por quanto as figuras são grandes segundo as circunstancias de tempo e da história.

Assim, necessário se forma atender aos varios phenomenos que as determinam, e esses phenomenos são diversos, como é a sua ação nos individuos. A maior figura da nossa história ... Não! Eu não quero a responsabilidade duma resposta, que, a mim mesmo, me parece impossivel. E, se não, diga-me: não são grandes figuras Nun'Alvares, Afonso d'Albuquerque, o infante D. Henrique? Mas quem pode dizer que o infante D. Henrique, Afonso d'Albuquerque, Nun'Alvares são maiores que D. Francisco Manuel de Melo?

Dr. Camilo Rodrigues : *deputado.*

— A maior figura? Vasco da Gama. Em toda essa epopéa das nossas descobertas ele foi quem teve, afinal, a ação mais decisiva porque teve a ação direta. Evidentemente, não foi um creador, como Afonso de Albuquerque, mas sem ele e sonho do imperio não teria talvez realisação, ou tel-a-ia muito tarde, e portanto, fóra do tempo. As suas virgens são leva-a cabo á força duma persistencia heroica. E, se não veja que atravez dos mares, nos dias tormentosos da duvida, ele é o unico que tem fé—é o unico que espera... Camões fez justiça a Vasco da Gama, desenhando a roda d'ele todo o seu poema.

Faustino da Fonseca : *escritor, historiador, dramaturgo, senador, diretor da Biblioteca Nacional.*

— As grandes figuras historicas são quasi sempre a consequencia de uma lenda, e nesse caso, só posso considerar como notaveis as que se afirmam por um trabalho individual indiscutivel. Portanto os escritores. Nesse plano, tanto é difficil escolher um que lhe aponto pois dos que mais aprecio: Fernão Lopes e Gil Vicente.

Camões veio na decadencia, cantou a gloria militar, aceitou e propagou todas as *ampliações retóricas*; Gil Vicente, que rivalisa com ele em lirismo, deu, em quadros inconfundiveis, a mentira da gloria militar, a concepção das castas dirigentes e as mistificações do clericalismo. Fernão Lopes evocou a Democracia do seculo XIV e, mais do que paginas de historia, deu-nos elementos de critica historica, mostrando como foi a multidão, a *arraia meuda* — a rua de hoje — e não as creações da lenda carmelita e outras lendas fradesas quem na guerra da independencia traçou indelevelmente a sangue, a linha da fronteira insuperavel.

Dr. Macedo Pinto : *deputado.*

— Opto pelo infante D. Henrique. Foi ele quem assentou, em terreno firme, a pedra basilar do nosso edificio das conquistas maritimas. Pela Patria abandonou tudo e à Patria deu o melhor do seu sonho, toda a idealidade de que era capaz o seu grande espirito.

Luz d'Almeida : *funcionario publico, deputado.*

— Camões significa, desde o seculo XV, a mais alta aspiração da redenção nacional.

E' ele quem conduz ao 1640, imperando já no espirito portuguez, já no espirito dos hespanhoes. E' ainda Camões quem, contemporaneamente, sugere a formação do partido republicano, que tem a sua primeira grande manifestação de vida e de força por ocasião do centenario do épico. Afóra isso, Camões é um gigante da fé e um exemplo de patriotismo; morre com os olhos na Patria, e é por isso que hoje Portugal se chama, lá fóra, a Patria de Camões.

Dr. Manuel de Souza Pinto : *escritor, critico d'arte.*

— Sugestiva pergunta, na verdade, n'um paiz cuja historia está cheia de grandes figuras. E d'ai a dificuldade na resposta. Que pensa v. de Nun'Alvares? Não acha o Con-

destavel uma bela figura de portuguez, e portuguez á antiga, dando toda a nossa tendencia para a aventura e para o sonho? Ele é raiz d'uma numerosa prole, que entre os filhos, já velho e ainda guerreiro e ainda vencedor, préga o verbo da batalha. Em Aljubarrota e, mais notavelmente, em Valverde, ajoelha deante da cruz, no extasi da fé, ele, que foi tambem um exemplo da resignação cristã. Mas, por debaixo do habito de monge, mostra a sua cota de malha e a espada grosseira.

Nun'Alvares é, ainda, um exemplo da lealdade e do patriotismo e um carecter integro...

Tomaz da Fonseca : *professor, escritor, deputado.*

—Na historia portugueza, Nun'Alvares; na historia do mundo, Spartaco. Não esqueça o Spartaco, que é o meu homem! Nun'Alvares era, como ele, um puro. Assim, tendo os dois uma historia e uma ação diversa, a moral e a pureza dos corações torna-os eguaes.

Dr. Henrique Trindade Coelho, *poeta, escritor.*

—Assim de repente... Talvez a soror Mariana, talvez o Nun'Alvares... Ela é a amorosa o simbolo da abnegação e do sacrificio; ele é o guerreiro e o crente, exemplo da valentia e da fé cristã... São duas figuras muito grandes e, sobretudo, duas figuras absolutamente portuguezas, espelhando egualmente as tendencias da raça, ou no amor ou na aventura, ou na fé, ou no sonho...

Dr. Malva do Vale: *deputado*

—A sua pergunta é restrita, porquanto as grandes figuras historicas teem que ser vistas á luz da sua epocha, circumstancias em que apareceram fenomenos que determinaram a sua marcha, ect; o que impede evidentemente um juizo.

Posto isto, tem v., em três épocas diversas, três grandes figuras; Egas Moniz, D. Pedro I, Mousinho da Silveira.

Egas Moniz é o grande auxiliar de Afonso Henriques, e tão grande que, sem ele, o fundador da nacionalidade não levaria a cabo a sua tarefa. Onde o primeiro rei português conquista com a espada, logo Egas Moniz aparece para, com o seu conselho, dar normas de vida á conquista. convencido, como estava de que onde falta consciencia juridica pouco a espada pode.

D. Pedro I é o amoroso, que por Inez de Castro, rei que era, se fez homem e namorado, humanisando-se. Foi cruel na vingança, mas foi-o, ainda assim, em nome do seu amor. *Tudo por ela!* E tanto o seu ato foi compreendido pelos homens que na historia enquanto uns lhe chamam—o *Crã* outros lhe chamam simplesmente — o *Justiceiro*.

Quanto a Mousinho da Silveira, a sua obra é enorme, pois d'ele saiu toda a obra revolucionaria contemporanea.

Afóra isso, tem v. D. Francisco Manuel de Melo, Castelo Melhor, D. João II...

Dr. Marcelino Mesquita : *escritor dramaturgo*.

— A pergunta é facil, mas a resposta é difficil, visto como a grandeza das figuras historicas não é coisa que se messa a palmo. Enfim, eu gosto de N'un Alvares e de Afonso de Albuquerque. O que não quer dizer que não haja na historia portugueza figuras da mesma grandeza.

Pires Avelanoso : *funcionario publico*.

— Um Afonso de Albuquerque ha, n'um conjunto cheio de beleza a harmonia, o grande guerreiro, o grande administrador, o grande patriota que, d'ele fazem uma individualidade illustre e são como a genese de toda a sua obra futura.

Sobre isso, Afonso Albuquerque era um espirito fecundo e creador, e as suas concepções são sempre cheias de grandiosidade. Depois de visionar o sonho do imperio que o illustre almirante francez Duplet tenta executar, e os inglezes mais tarde efectuam com exito, concebe mudar o curso do Nilo—o que, para a época, era audaciosissimo— para com

mais vantagens bater o egipcio... E' ele quem, os exiguos conhecimentos do seu tempo, aconselha a ligação, pelo casamento, do soldado europeu á mulher indigena como meio de obter a penetração pacifica do Indústão. Possuia um maravilhoso espirito de previsão, podendo dizer-se que as colonias portuguezas ainda hoje vivem um pouco do seu genio, na administração de varios serviços...

Finalmente, Afonso de Albuquerque é um simbolo de patriotismo e de fé, da lealdade e do character, e, embora «de mal com o rei por amor do povo, e de mal com o povo por amor do rei», a sua crença e a sua alma mantem-se inalteraveis até á morte...

*

*

*

Como se vê do nosso inquerito, o maior numero de opiniões incide sobre Nun'Alvares, o «genio de Aljubarota e de Valverde», simbolo da religiosidade cristã e da bravura, da honradez e do cavalheirismo.

Conhecia acaso o nosso povo a figura do heroico Condestavel e sabia o papel que ele desempenhou no seu tempo, ou seja quando, nos campos de Aljubarrota, conduzia á vitoria os nossos exercitos, ou quando, mais tarde, rodeado da numerosa prole, pontificava em nome de Deus e da Patria?

Vejamos o que d'ele diz Maximiano Neves:

«Esse homem extraordinario, que encheu toda a Edade Média com o alto prestígio do seu nome de guerreiro invencivel é tamanho que domina toda a historia de Portugal. Sem ele, é possivel que D. João I não consolidasse a obra colossal a que meteu hombros. Sem o seu genio militar talvez não existisse Aljubarrota, como suprema gloria do nosso esforço. Foi um heroe e foi um santo.»

Nun'Alvares Pereira era filho do prior do Hospital, D. Alvaro Gonçalves Pereira, e nasceu em Santarem em 1360. Sendo pagem da rainha Leonor, entrou mais tarde nas batalhas do Alemtejo, onde alcançou grandes glorias sobre o exercito castelhano.

A' frente de alguns milhares de portuguezes destróçou o exercito castelhano em Aljubarrota, pertencendo-lhe tambem a batalha de Valverde e a tomada de varias cidades e vilas que estavam na posse do inimigo. Era impetuoso, aventureiro e, confiando cegamente nas suas qualidades militares e na sua bravura, mais de que uma vez desobedeceu ao rei D. João I, marchando contra a vontade do conselho para a guerra, sempre em condições de enorme inferioridade numerica em relação ao inimigo.

As suas proezas militares valeram-lhe grandes riquezas, que lhe foram outorgadas pelo rei, o qual o fez senhor de muitas cidades e vilas.

A ultima guerra em que entrou foi a expedição de Ceuta ; no regresso encerrou-se no convento do Carmo, onde faleceu em 1431.

Mais tarde foi pedida para Roma a sua canonisação :
No seu antigo tumulo existia o seguinte epitafio ;

NUN'ALVARES PEREIRA,
CONDESTABRE DE PORTUGAL,
JAZ AQUI D'ESTA MANEIRA,
QUE FOI NA BATALHA REAL
A MAIS SINGULAR BANDEIRA.
CAPITÃO MUI VALOROSO,
E POR TAL MUI CONHECIDO,
O QUAL NUNCA FOI VENCIDO,
MAS SEMPRE VITORIOSO.
DOS ÍNIMIGOS MUI TEMIDO.



O ORIENTE PORTUGUEZ

10.^o ANNO. 1913

N.^{os} 11 e 12

—Novembro e Dezembro—



ACCLAMAÇÃO DE EL-REI D. JOÃO IV

NA INDIA

(1641)

I

Em Goa



acclamação de El-rei D. João IV em Goa realisou-se a 11 de setembro de 1641. No archivo do Governo d'este Estado não existem os livros das *monções* d'esse tempo, que estão na Torre do Tombo, livros onde se encontrariam os documentos officiaes dessa solemnidade, como as ordens régias que se receberam, o auto que se lavrou e que (origi-

nal ou duplicado) foi parar á Bibliotheca Publica de Evora ¹, e a descripção por menor enviada á côrte pelo vice-rei Conde de Aveiras. Não vimos tambem a memoria que da aclamação em todas as cidades e fortalezas da India publicou Manoel Jacome de Mesquita, morador na cidade de Goa, memoria que foi impressa em 1643 no Collegio de S. Paulo Novo, e de que apenas temos conhecimento pelos bibliografos Barbosa Machado e Innocencio da Silva ². Ha, é verdade, duas cartas régias que no archivo da Relação achou Abranches Garcia, datadas de 18 de março de 1641 e 6 de dezembro de 1642, mas pouco elucidativas, como adiante se verá.

Para supprir tão sensível deficiencia temos, porém, o *Portugal Restaurado*, do Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, que dedica a essa aclamação paginas de empolgante interesse, Detalhada narrativa, sem duvida tomada ás informações officaes e á citada memoria. Os criticos não concedem a esse chronista perfeita e constante pureza de linguagem; não lhe contestam, comtudo, a probidade e o credito de historiador. Vamos ouvi-lo :

«Faltava só a El-Rey na Asia, para se reduzir a sua obediencia, o Imperio da India, primogenito da natureza (terra em que as plantas são fructos, as flores aromas, as aguas perolas, as pedras preciosas) conquistado pelos portuguezes com temeridade, conservado com insigne valor, e esmaltado do seu generoso sangue. Para facilitar as difficuldades desta empreza, a entregou El-Rey como as mais nas azas da fortuna, ou usando de mais religioso termo, nas mãos da Providencia, que com sinaes evidentissimos se declarava nas maiores difficuldades em seu favor.

Em trinta de março ³ levarão ancora da barra de Lisboa dous navios: hia em hum deles por capitão mór Sancho de Faria; era capitão de outro Manoel de Liz: as duas embarca-

¹ O MS. tem este titulo—*Auto do levantamento da Magestade d'El-Rey D. João 4º deste nome, nosso Senhor, e do juramento de fidelidade. que lhe foi feito pelos Tres Estados da India em Goa.*—Cunha Rivara, *Catalogo dos MSS. da Bibliotheca Publica Eborensis*, I, 274.

² Intitula-se *Relação do que succedeu na cidade de Goa e em todas as mais cidades e fortalezas do Estado da India, na felice aclamação del-Rey D. João IV de Portugal, e no juramento do Principe D. Theodosio, conforme a ordem que a huma e outra cousa deo o Conde de Aveiras etc.*

³ De 1641.

gões levavão as mesmas cartas, e os capitaens igual ordem para o visorey João da Silva Tello, Conde de Alveiras. Forão em conserva até á altura de Cabo Verde, onde se apartou Manoel de Liz na volta de Moçambique, ordem que El-Rey lhe havia dado encomendando-lhe muito a diligencia, por se divulgar em Lisboa que Cosme do Couto, que havia ficado em Castella, soldado de valor, e experiencia da navegação, era partido na mesma derrota, afim de antecipar El-Rey de Castella com aquele aviso o que a Moçambique se havia de fazer de Portugal.

Achando Manoel de Liz vento prospero, deu fundo a dous de agosto defronte da fortaleza de Moçambique: era o capitão que a governava, Antonio de Brito Pacheco, para quem levava Manoel de Liz carta de El-Rey. Quando desembarcou, estava na praia Antonio de Brito; deu-lhe a nova da aclamação antes da carta, e obrou nelle tanto o alvoroço, que sem a abrir acclamou El-Rey: com igual contentamento seguirão os soldados a mesma voz. Deu logo Antonio de Brito homenagem a Manoel de Liz, para que trazia poderes, e ficou segura na obediencia d'El-Rey aquella fortaleza, deposito de tanto ouro, que a ser conduzido por mãos menos ambiciosas, e a inocencia dos que o trazem tratado com menos malicia, podera Portugal com esta só conquista excusar o trabalho de outras muitas, que sem utilidade cultiva. A treze de agosto partio Manoel de Liz para a India na volta de Goa; e com o receio da armada dos ollandezes, que supunha surta na barra daquella cidade, foy demandar o Cabo de Rama, que dista para a parte do sul doze legoas della. Chegou a seis de setembro, e passado o rio do Sal, foy correndo a praia de Salsete, disparando a artilharia, para que ao rumor della acodisse alguma pessoa que o informasse da parte em que assistia a armada de Ollanda. Vendo que lhe não succedia como imaginava, determinou chegar-se á barra de Goa e amparar-se da fortaleza de Mormugão por entre a terra firme e os ilheus de Goa a velha, caminho que o livrava do perigo, ainda que os ollandezes tivessem occupada a barra: porém achando o vento contrario, surgiu em hum ilheu que fica da outra banda de Goa a velha. Neste sitio veio ter com elle o capitão Gaspar Gomes em huma almadia em que andava com ordem do visorey João da Silva Tello, Conde de Aveiras, que pouco tempo antes havia tomado posse daquelle governo, para fazer avizo a qualquer embarcação que chegasse do reino, de que os ollandezes estavam surtos na barra com dez navios, aguardando outros tantos, por se ha-

verem ajustado com o Hidaicão para sitiar Goa, elle por terra com quarenta mil homens, elles por mar com os vinte navios; e que por este respeito ordenava o viso-rey a qualquer embarcação grande que chegasse, que se recolhesse a Chaul; sendo pequena, a Onor, ou Cananor, e que as vias se lhe remetessem pelo capitão Gaspar Gomes. Levava Manoel de Liz ordem para as entregar na mão do viso-rey, e não lhe sendo possível deixar o navio, tendo da mesma sorte por perigoso levallas a Onor pelo risco de serem colhidas pelos olandezes, deu á vela para Onor, e entregou as vias a um filho seu de nove anos, chamado André de Liz, ordenando-lhe que as desse na mão ao viso-rey. Embarcado André de Liz na almadia chegou á povoação de Pangí, e entrando na igreja de Nossa Senhora da Conceição (a primeira que se havia fundado na India) achando nella os moradores ao sermão, com mais valor, e desembaraço que permittia a sua pouca idade, aclamou El-Rey.

Deteve o alvoroço a solemnidade da festa, e seguindo todos a mesma voz, bastou a de hum menino para atalhar a forçosa ponderação que se devia fazer em negocio de tanto peso, mas como hum só poder impera em todos os corações humanos, pouco importava que se interpozesse a larga distancia que vay do Occaso ao Oriente.

O mesmo effeito, que nos espiritos portuguezes gerou o nome d'El-Rey D. João em Portugal, produziu nos que assistião nas remotas partes da India. Tornou-se a embarcar André de Liz, e em breves horas chegou a Goa. Havia-se anticipado de Pangí por terra Francisco da Silva Soto-Maior e dando a nova ao viso-rey, não achou pela grandeza della na sua credulidade inteira satisfação. Chegou André de Liz a desfazer a duvida, e com varonil resolução disse ao viso-rey: *Estas vias, senhor, entregou El-Rey D. João o quarto a meu pay, para que as trouxesse a Vossa Excellencia, e por não ser licito largar o navio de que vem por capitão, sendo contingente pelejar na barra com os hollandezes, as frou de mim para que eu as entregosse a Vossa Excellencia. Receba-as Vossa Excellencia, e diga: Viva El-Rey Dom João o quarto, nosso senhor Rey de Portugal.* Admirado o viso-rey da Embaixada, e do embaixador, tomou as vias, e mandando-as abrir pelo secretario do Estado, achando nellas a certeza, que desejava o seu animo verdadeiramente portuguez, pouco lhe pareceu que fazia, se logo aclamava El-Rey. Chamou as pessoas principaes e fez-lhes presente na restauração do reino a redempção da India: pois se originava o estado mi-

seravel em que todos a vião ou do cuidado, ou do desquido do governo de Castella, hum e outro inimigos mortaes da conservação d'aquelle imperio: podendo suppor-se, que o cuidado dos castelhanos era o mais certo, e o mais prejudicial inimigo, depois de observadas as capitulações feitas com os ollandezes na primeira tregoa ajustada entre huma e outra nação, deixando-lhe desembaraçada a conquista da India, parecendo, que a fim de diminuir as forças de Portugal. Não achou o visoyrey animo algum differente da sua opinião. Deu ordem para que se prevenissem as solemnidades precisas naquelle acto e a onze de setembro foy El-Rey aclamado em Goa, sem lhe custar mais diligencias, que a de huma carta: fortuna para todos os seculos digna de maior admiração! Manoel de Liz, deixando o navio seguro em Onor, se partio para Goa: com a sua chegada se confirmarão mais os animos de todos, acrescentando a noticia, que vira em Portugal da sorte o ardor aos moradores da India, que a qualquer delles parecia facil romper com o peito a multidão das aguas que dividem hum de outro pólo, e achar-se nas fronteiras oppostos á invasão de Castella. Trazia Manoel de Liz ordem para que o visoyrey mandasse fazer presente ao cabo da armada de Ollanda a separação de Portugal, e Castella, advertindo-lhe, que cessavam com este accidente os motivos da guerra da India. Assim se executou, recebeu o cabo a nova com toda a solemnidade, mas sem embargo de ouvir todo o successo da aclamação, e juntamente, que ficava em Ollanda embaixador de Portugal ajustando as pazes, não quiz o cabo desistir da guerra, dizendo, que se sujeitava á ordem do visoyrey, que assistia em Jacatará.

Foy esta determinação em damno de Sancho de Faria, que em Cabo Verde se havia apartado de Manoel de Liz; porque na fé de hum salvo conducto, que levava de Lisboa, firmado por alguns officiaes ollandezes, entrou na barra de Goa com bandeira de paz: atacarão-no cinco navios de Ollanda, e não fazendo caso da bandeira, nem do salvo conducto, quizerão entrar por força o navio: defendeo-o Sancho de Faria valerosamente. Cresceu o poder aos ollandezes, e fez impossivel a resistencia; ficou morto Sancho de Faria e quarenta soldados, os mais quasi todos feridos, e o navio entregue. Os ollandezes perderão cento e vinte homens, e o cabo da armada. Não diminuiu esta desgraça o ardor dos moradores de Goa: continuarão-se grandes festas até vinte de outubro, dia em que foy jurado com muita solemnidade o

Príncipe D. Teodosio. O viso-rey logo que recebeu a nova da acclamação, despediu varios avizos a todos os capitaens das fortalezas daquelle dominio, os quaes sem contradicção ficarão na obediencia d'El-Rey. Sinalarão se nas demonstraçoens os moradores de Macao, cidade situada no imperio da China. Chegou a ella Antonio Fialho Ferreira por ordem d'El-Rey, e achou aquelle opulentissimo povo dividido em parcialidades: conformou-lhes os animos a nova da acclamação, celebrada com festas tão custosas, que se pudera duvidar da relação dellas, quando se ignorára a riqueza em que vivem os moradores daquelle cidade. Ajustarão fazer a El-Rey hum grandé donativo de dinheiro, que logo mandarão a Lisboa, e duzentas peças de artilharia de bronze, com muitas municoens, que forão remettendo nas monções, que se offerecerão. O animo do Hidalcão tambem se sujeitou, a nova da acclamação d'El-Rey, porque referindo-lhe Joseph Pinto Pereira que o viso-rey lhe mandou por embaixador, tudo o que havia passado em Lisboa, se achou obrigado a desfazer o contracto, que, como fica dito, celebrou com os ollandezes, promettendo-lhe sitiar Goa por terra: e não forão poderosas as diligencias que elles depois fizerão, para o persuadirem a que tornasse a vir no primeiro concerto; e ficou por este respeito livre a cidade de Goa do grande perigo, que a ameaçava. Manoel de Liz voltou para Lisboa na primeira monção, chegou a salvamento, e remunerou-lhe El-Rey a nova, que trazia, e o trabalho, que padecera por seu serviço com varias mercês. Seu filho trouxe da India o habito de Christo, que lhe deu o viso-rey (hum dos grandes privilegios daquelle posto) quando da parte de seu pay lhe entregou as vias.» ¹

*

*

*

Da egreja da Conceição de Pangim, não se pode affirmar com o chronista que fosse a «primeira que se havia fundado na India». Uma das mais antigas de Goa, por certo. A sua

¹ *Historia de Portugal Restaurado*, I, 138-142.

construção, como ade varias outras, é anterior a 1541 ¹, não se podendo precisar o anno. Na informação datada de 10 de janeiro de 1714, dizia o Bispo Governador da archidiocese de Goa, D. Fr. Pedro Pacheco: «consta publicamente ser esta egreja edificada com fazenda real, e por mãos de portuguezes, e ainda se diz ser a primeira do Oriente» ². E' provavel que n'essa tradição se fundasse o Conde da Ericeira.

Mas que festividade seria essa que ahi se estava celebrando, quando entrou o menino André de Liz, e acclamou El-Rei com «mais valor e desembaraço que permittia a sua pouca idade»?

Foi isso, como vimos, entre 6 e 11 de setembro de 1641.

Ora nesse anno 8 de setembro, salvo erro, foi um domingo e a 8 celebra a Egreja a Natividade da Senhora, ou Nossa Senhora do Monte. Na igreja de Pangim ainda se faz essa popularissima festa, com missa cantada e sermão, no proprio dia se cahir em domingo. ou, aliás, no domingo immediato.

Não resta, pois, duvida na identificação. Foi a 8 de setembro de 1641 que «o alvoroço (causado pelo feito de André de Liz) deteve a solemnidade da festa» do Monte.

*

* *

As duas cartas régias, a que alludimos e das quaes a primeira devia ter vindo juntamente com a que foi dirigida ao vice-rei são estas :

«Chancellor e Desembargadores da Relação de Goa. Eu El-rei vos envio muito saudar. Ao Conde de Aveiras, Viso Rey desse Estado mando avisar, de como Deus Nosso Senhor foy servido de me restituir a corôa destes meus reinos, libertando-os das vexações e tiranias do governo castelhano com que estavam moléstados e oprimidos, o que forão a principal

¹ Assento de 28 de junho de 1541.— F. N. Xavier, *Bosquejo Historico das comunidades*, 1.ª edição, P. II, 121.— *Gabinete Litterario das Fontainhas*, II, 121.— o eit *Bosquejo*, 2.ª edição, I, 212. No mencionado assento se diz *hermida de N. S. da Conceição de Pangim*, mas no Tombo de Simão Botelho (1554) figura como *egreja e freguezia*. — Lima Felner, *Subsidios para a historia da India Portuguesa*, Tombo, 69.

² L.º das monções, n.º 79, fl. 305 v.— *O Oriente Portuguez*, VIII, 296.

causa de chegar esse Estado ao aperto em que se vê de presente, ordenando-lhe que nelle me faça logo aclamar jurar e obedecer por Rey natural e verdadeiro que sou, com a mesma quietação e conformidade que nestes reynos se tem feito, no que tenho por certo que concorrereis de vossa parte com as demonstrações d'amor e boa vontade que de vossas pessoas e lealdade devo esperar, sem admitir duvida nem dilação alguma, assegurando-vos que os serviços que nesta ocasião me fizerdes e os mais que tendes feito, me serão presentes para folgar de vos fazer toda a honra, mercê, e favor. Com este aviso e ordem mando despachar logo a Sancho de Faria da Silva, fidalgo da minha casa, e se fica tratando de socorrer esse estado em setembro, como se fará tão-bem nas monções seguintes, para que se alente e restaure dos danos e perdas, que por rasão do injusto jugo castelhano recebeu das nações da Europa, com as quaes e com seus principes tenho mandado tratar de amizade e composição, e se conduzirá brevissimamente em tal forma que por meio della sejam os vassaltos e moradores desse Estado restituídos á paz e felicidade de que em tempos dos senhores reis meus predecessores sohião gozar. Escrita em Lisboa a 18 de março de 1641. — *Rey* — Para o Chanceler e Desembargadores de Goa — 2.^a via ¹.

«Chancellor e Desembargadores da Relação de Goa. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Pelas embarcações que este anno vieram desse Estado a cargo de Manoel de Liz, e Bertulameu Gonçalves, se recebeu a vossa carta porque me significastes o contentamento e boa vontade com que vos dispozestes a me aclamar e obedecer, e ao juramento do Principe Dom Theodosio, meu muito amado e presado filho; e por que de assi haverdes obrado em materia tanto de meu serviço, fico com a devida satisfação por ser conforme ao que de vossas pessoas, e zelo de bons portuguezes devia esperar, volo quiz agradecer por esta, e dizer-vos que me hade ser presente para folgar de vos fazer todo o favor que ouver lugar em vossas pertenções. Escripita em Lisboa a 6 de Dezembro de 1642. — *Rey.*» ²

¹ Abranches Garcia, *Archivo da Relação de Goa*, doc. n.º 635.

² Cit. *Archivo*, doc. n.º 637.

II

Em Cochim

Da aclamação feita em Cochim — n'essa epoca uma das mais importantes possessões portuguezas na India — devem constar os pormenores no citado livro de Manoel Jacome de Mesquita, mas o autor das festas, que era o ouvidor Agostinho d'Almeida Gato, deixou uma memoria especial MS (o proprio original), que existe na Bibliotheca Publica de Evora. Eis o seu titulo e conteúdo:

«Triumphos festivaes da insigne e nobre cidade Santa Cruz de Cochim, nas alegres novas da gloriosa acclamação e ensalçamento delRey nosso Senhor Dom João o Quarto de Portugal. — Pello Ouvidor da mesma cidade Augustinho dalmeida Gatto, Cavalleiro Professo do habito de nosso Senhor Jesus Christo. Dedicado ao mesmo Rey — 104 folhas, 4.º. Contém:

«Cap. 1 — Do miseravel estado, em que se via a Cidade de Cochim quando a ella chegou a milagrosa nova de successão de Magestade delrey D. João o quarto que Deus guarde.

Com. = Para dar noticia das grandiosas festas=

Cap. 2. — Das grandes penitencias, que se fizeram em Cochim o anno de 640 pelas perdas de Negubo, Galle, e destruição do arrayal de Ceylão, e perdição de Malaca, e queima dos galeões.

Cap. 3. — Como chegou a Cochim a nova da successão em seus Reinos da Magestade del Rei Dom João o quarto nosso Senhor e como foi recebida.

Cap. 4. — O como foi aclamado e jurado a Magestade del Rei Dom João o quarto nosso Senhor na sua sempre leal cidade de Cochim.

Cap. 5. — Das grandiosas festas que se fizeram em Cochim geraes e particulares a soccessão de Sua Magestade que Deus guarde.

Cap. 6. — Das festas que fizeram particulares com grande despendio de suas fazendas.

Cap. 7. — Em que se proseguem as festas que se fizeram na cidade de Cochim.

Cap. 8. — Das mais festas, que se seguirão, além das recitadas, e dos autos e comedias; que se representaram na cidade de Cochim.

Ac. este Cap. = Neste tão apparatuso Theatro se representou a comedia que brevissimamente se compoz e estudou a 15 de novembro; e sendo só quarenta dias de tempo se obrou o que tenho dito. E o que continha a obra he o seguinte: =

Fol. 40 v. — Comedia famosa, e Relação verdadeira da aclamação e ensalçamento do mui alto e poderoso Rei Dom João o quarto de Portugal. Composta pello Lecenceado Pero de Aguirre e Surúga, Sacerdote Theologo. Mandada representar pelo Ouvidor de Cochim Augustinho d'Almeida Gatto á sua custa, na mesma cidade. Dedicada ao mesmo Ouvidor em Cochim o anno de 641.

Com. = Bem sei que pera bem ser a Loa de huma Comedia =

Fol. 95. — São traslados authenticos de attestações e justificações tiradas para provar que o Ouvidor fôra o autor destas festas etc. Encerrados em Goa 12 de outubro de 1644.

Este Codice é o proprio, de que Barbosa (Tom. 4.º, pag. 4) da mui resumida e incompleta noticia, e diz estar em poder de Rodrigo Xavier Pereira de Faria, de Santarem. Por morte de Rodrigo Xavier adquiriu o sr. Cenaculo os seus papeis, e estão nesta Bibliotheca». ¹

J. A. ISMAEL GRACIAS.

¹ Cit. t. I do *Catalogo*, 274 e 275.

DIALECTO INDO-PORTUGUEZ DE CEYLÃO

DIALOGOS

(Continuação da pag. 25)

CHARLES—Chuva e vento já comçá cahí de anoite e de dia, os gentes não podê sahi de seo casa. Muitos não tem nada para comere, padecê home, ella e os criances ¹.

Peter—Tem razão. Nosse casa nan tem nada. Holje não trazê carne. Minha filjo onte trazê pouco *carvadú* ² aquel tinha muito sal e duro nam podê comere pedaço.

C.—Vós nan andá holje per *office*?

P.—Como podê anda neste chuva o gente para *office*? Onte a lá tinha 8 pessen, 12 *clerks* ³ não tem vi. Holje eu dormí todo o dia e per atarde já sahi e ví per amisades ⁴.

C.—Tem bom, tem bom, santá, Peter, eu trazê um pouco de *brandy*, o qual é bom neste frio, mas quanto chuva cahí, meu Deus, *estreet* ⁵ tem agua de dois *feet* ⁶ e tem muito iscuro. *Lampos* ⁷ já apagá.

¹ Marido, mulher e creanças.

² Salgado.

³ Amanuenses.

⁴ Amigos.

⁵ Ruas.

⁶ Pés.

⁷ Lampeões.

P.—Pará, pará, eu não querrê beberraço. Onde tem, Charles, teu mulher e creanças?

C—Minha mulher tem casa, Celestine, aqui te vi a trazê a Willy.

P.—Como tem saode *nona*? Como passá, como te parcê chuva?

Celestine — Tem bom. Teo mulher e creances tem bom, compadre?

P.—Nona Celestine, contá um historie.

Celestine—Hum pouco tempo mas deante hum grande barco já pegá fogo. Antão todo passageiros já discê ne dous piquinhos botes que ser lançado ne o mar. Ne hum bote ellotros já inchê tanto fato, *pipes* de comeira ¹, carne salgado, *biscuito*, quêjo. E ne outro bote elles iá metê todos e ne sua ancia e prestado já isquecê per botá ² comeira mas já inchá com cassões ³ nequel tinha ouro que ellotros trizê da Africa. Quando já ficá anoite força vento já irguê ⁴, e ellotros já sabê que antes de manhãs os dous botes lô ficá separados. Assi quando já preste vi fome, aquel hora cinco valente marinheiros já irguê impê ne o bote e já lantá hum grande cassão com ouro que valia 140 mil *rupees* e já gritá papiá per os gentes de outro bote falando: «Aqui tem 140 mil *rupees* que podê ser repartido antre vossotros, sitô da um pipa de biscoito». Mas ellotros non tinha contente perdá ⁵. Assi cada vez já os botes andá distante hum do outro. Os marinheiros e de outro lado os senhores os senhores muito esforçá para juntá, mas nam podê. Antão gritá alto per socorro, mas nehum gente lô ouvi. Assi passá um, dous, três dias com fome. Começá ellotros comê sóla de sua sapatos, coitados! Afim chegaram hum terra para onde nam tem vivo-ente! Elles lô tinha muito ouro e muito dinhêro mas nenhum pessão nan tinha ne terra alá tinha caga mas ellotros não trizê armas. Oljá bastante peixe ne agua mas nam podê agarrá, ellotros não tem rêde, assim comçá comê pequen animals e os cobras e bebê agoa de fonte, assim passá um mêz. Aquel par dispos avistá um grande barco, aquel fazê sinal com fogo e lenço e elle lô ouvi

¹ Barris com provisões.

² Metêr.

³ Caixões.

⁴ Começou a soprar pela noite um vento rijo.

⁵ Não quiseram trocal-o.

e já vi perto de terra e levá todo este gente ne seo barco e já dá comer, beber e vestir e depois de sabê sua triste sorte e de seo barco, coitado, lô levá e trezê ne Ceylão, ne porto de Galle e alá desembarcá ellotros. Cabá.

P.—Gradecido muito, *nona*. Agora Willy canto para nós?
Willy—(cantando):

Antre os anjos eu te adorá
Eu te idolatrá, minha mãe,
Que só par mi o bom Deus
Só par mi do céu madá.

Minha mãe, escutá pôco
Meu bonito canto marvióso, ¹
A ti eu lô dedicá todo
Dando hum abraço saudóso.

Minha vida tem toda tua
Tudo te o meo tenro coreção,
Que tem inocente sentimento
Quando nan dá meo quinhão.

Minha mãe eu fazê lição
De dia, agora, depós e anoite,
Para ser hum bom cidadão
Que teme a Deus e a gente.

Eu tem hum inocente
Como tem meu pequin irmão,
Eu não dizê hum mentiro
Nem mesmo per folgação. ²

Furtar e mentir tem male,
Assim papiá minha mãe,
Agor eu já sabê isto e tal
Nam gostá Deos e bom mãe.

¹ Maravilhoso.

² Chalaça.

Eu tem hum bom filjo
 Que temê a Deos e pae-mai ¹
 Elles par mi amá muito
 Mas nan dá nenhum beberajo.

P.—Muito bom canto. Willy tem bom rapaz. O que prende elle? ²

W.—Eu está ne *second class* ne *Wesley College*.

P.—Tem muito bom! Quem ensiná este bunito canto que agor cantá?

W.—Meu mamã ensiná a mim. Agor meu padrinho cantá par nós um bunito canto para nós alegrá todo case?

P.—Eu tem veljo, nam tem o dentes e não podê cantá bem nem mal. Tu crianças sabê muito cantigas, devê cantá para nós, veljos para hum póco alegrá.

C.—O que, Peter tem veljo! Quando vós nascê?

P.—Eu nam sabê minha idade, nam sabê quand nascê, mas eu tem más voljo de que Pascú *tin* que fallecê ne anno passado e John Albuquerque que tem ne sua casa paralitico, mais de dous annos e eu andá ne *office*, ne festa em todo parte.

Willy—A uel nan tem nada, padrinho cuntá hum bom cantigo eu querrê ouvi com gósto.

Peter—teu papá tem bom vóz e sabê muito cantiga, elle já vi, dizê que cantá para nós hum canto.

W.—Papá tem caçado. Todo dia já trabalhá e agor já foi ne *market* para trazê carne.

P.—Tem bom. Tem bom. Willy querê ouví minha cantiga, eu canta: (cantando)

O pobre desejá o riqueza,
 O rico desejá o isperança,
 O disterrado querê Patria,
 O marujo pedê bonança.

Eu caçado de meo vida
 Aburrecido de amores,
 Buscá huma alma boa
 Que apagá minha dores.

¹ Pais.

² Que aprende elle?

³ Trabalhou.

Todos rí quando eu alegrá,
Todos chorá quando eu suspirá,
Eu nan fazê caso de gente
Que par mim fazê deplorá.

Aquem podê eu dizê?
Minha funda desgraça,
A Ti. Poderóso Deos Padre,
Eu lô pedi huma graça.

Eu Ti pedi hum morte
Sem tormento, sem padecimento,
Sem dôr, sem sofrimento,
Mas nam como merecimento.

P. — Aqui tem meo filjo minha cantiga. que tem mal e pobre.

W. — Pobre? Tem bunito canto.

C. — Bunito e tem muito ensinamento ne seu verso.

W. — Padrinho, a mim hum póco ensiná aquel bom canto?

P. — Aquel tem dos veljos, porque servi a tí, minha filjo?

W. — Para cantá quando tem velho.

P. — Tem bom, podê prendê; agór tem tarde eu andá casa.

C. — Pará, pará. Meo marido lô voltá agora, aquel par des-
pós vós podê andá. Cantá para nós más hum canto.

P. — (cantando):

Qui saudade eu tem de infancia
Que saudade eu tem de lar,
Daquel tempo passado risonho
Sem tristeza, sem dor, sem pezar.

Eu nascê ne rochedo de Galle,
Diemante metido ne verdura
Onde agoas, flores e brizas
Fallá tua vida e ventura.

Eu já tinha só vinte annos
Quando eu o rochedo deixá,
E as *fulas*, os campos e pedras
Que tanto par mim amá.

E despós eu passá alegre
Nesse cidade boa e bunita,
Vendo gente todo o costume,
Religião, casta sem nimita. ¹

P. — Bastá. Já vi tem ² teo papá. Eu já andá par casa.
Charles — Pará, pará. Tomá hum pêgo eu lô trazê. Celestine trazê acá *glass* e agoa.

P. — Isto tem bom. Anoite tem frio, cahe muito chuva e hum poco de *whisky* ou *brandy* não lazê mal. E viva Charles, Celestine e Willy!

Ch. — Agor a tua saode, Peter. Tem namais sete horas, santá e contá para nós um historie, eu te gradicê, meo cambrado.

P. — Eu onte apanhá hum padre reformado — igreja ³ e elle fallá par mim, assim:

«O pastro ⁴ que vandel ⁵ de sua cûda ⁶, e nam mais retornâ, te trizê perdição per si mesmo. Sua trabalho per concertá e cûda tem em vão e sua pobre linhos ⁷ tem certo per morrê com fome. Assim como o home quem sua inclinação tem per andá per aquel e este banda. Como hum pastro que vandel de sua cûda, assim tem o home que vandel de sua lugar» ⁸.

Elle grandomente te cahi ne perigo, e tambem te troublá per outros. Assilei *vandelars* ⁹ tem muito e podê ficá acer-

¹ Inumeras.

² Já tem vindo.

³ Igreja protestante.

⁴ Passaro.

⁵ Abandona.

⁶ Ninho.

⁷ Filhos.

⁸ (Proverbios, 27. VIII.)

⁹ Vagabundos.

tado ne todo lugars. Elle te vandêl de sua casa. Hum home tem sua casa, tem sua lugar. Aquel tem o lugar de sua dis-canço, elle mistá amá aquel e traviá ¹ per fazê aquel mais bunito, *confortable* e bom. Elle quem vandel de sua casa per buscá prazeiro ne outro lugars, ne taverno, ne *billard cam-ber*, etc. te trizê perdição per si mesmo e te ruiná per outros. Ah que tanto pobre mulher te padecê com tristéza, com pobreza e que tanto pobre crianças te ficá criada ne igno-rancia e maldade, vide que os pais te vandel e tem desem-portado. ²

Elle vandel de sua remadi. Per cada hum pessão allá tem um serviço ; aquel que elle já prendá, e tem costumado per fazê tem sua justo remedi, se de aquel remedi nos quer se-gura prosperidade aquelhora nos mistá continuá per servi com um forte determinação. Elle quem vandel de hum reme-di per outro de hum *venkel* ³ per outro te trizê ruinação per simesmo.

Elle te vandel de sua igreja. Cada hum pessão tem ado-rador. Nenhum gente non podê tem sem alhum sorte de re-ligião. Nós como Christãos te adorá Christo, aquelhora nos mistá andá per alhum egreja que nós com nossa amidades podê adorá per Deus. David já deseja: «Por morra ne o caso de o Senhor todo o dia de sua vida.» Ellotros quem vandel de hum igreja per outro te molestia sua mesmo spiri-tual natureza.

Elle te vandel de Deus. Elle ja formá per nós podê glori-ficá per Elle, mas todos já foi errando, e tem perdido ne o mato de peccado. O alma non podê tem satisfeito sem Deos. Como o *meron* ⁴ cansado te diziá per os correntos de agoas, assi, ah Deus da minha alma te dizia per ti. Minha alma tem securá per Deus. per o vivente Deos: eu que hora lô vi e parcê deante Deos? Ainda que nós já vandel de Deus, e como o perdido filho já foi longe de o pai, Deos per meu de Christo te vi buscando per nós. Vamos nós vi per elle. O pastro que vandel de sua cuda, podê concertá ainda huma ne hum mais descansado e segurado lugar, mas onde lô nos acha mais bom segurança do que perto Deus. Como o pomba de Noah

¹ Trabalhar.

² Descuidado.

³ Loja

⁴ Veados.

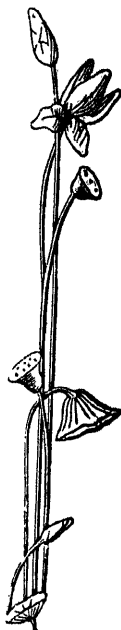
nos não achá ne hum lugar de discanço até que retomá per o arco».

Ch.— Muito bunito historie, tem grande ensinaçan, que nós mistê prendê.

Celestine— Vós homens alhum dia podé tomá ensinaçan de o falla de padre de reformada igreja! Aquel não tem ne hum valor. Até um raio se tem cabi vós, homens nan podê convertá. Par vós dá um pequeno sensaçan ne aquel momento que prégadoiro clamá, aquel par despôs já foi e vós esquecê inteiramente.

Raia.

B. C. TAVARES DE MELO.



VARIA VARIORUM

Monções da India ¹



WILLIAM Barret, mercador inglez, que no seculo XVI visitou a India, escreveu em 1584 uma noticia sobre as — *Epocas ou ventos proprios, chamados monções em que as naos partem de um logar para outro nas Indias Orientaes.*

Como não temos visto traduzido em portuguez esse curioso e interessante trabalho, julgamos que será lido com agrado um resumo do mesmo documento, que vem trasladado no vol. III da Collecção das *Viagens* por Hakluit.

Monções de Goa para

Portos do Norte (Chaul, Diu, Cambaia, Damão, Baçaim e outros logares—entre 10 a 24 de agosto. «Para esses portos pod-se navegar durante todo o anno, á excepção do inverno» que «começa a 15 de maio com muita chuva, continuando cerrado até ao 1.º de agosto.»

Terra firme, em que os mouros partem de Goa,—10 a 15 de novembro.

Ormuz—1.ª monção, no mez de outubro, costeando a Persia com os ventos de Leste.

2.ª monção chamada *entre-monção*—por 20 de janeiro.

3.ª monção—entre 25 de março a 6 de abril aproveitando o vento Leste até passar Socotorá; d'ahi, pelos ventos

¹ Do *Heraldo*, de Pangim, n.º 1537 de 7 de agosto de 1913.

d'Oeste, costeiam a Arabia até chegarem ao Cabo Rasalgate e ao Estreito de Ormuz. «Esta monção é a mais perigosa, porque se fazem duas navegações nas alturas de Ceylão, que está a pouco menos de 6 grãos».

Sul (Calicut, Cochim, Ceylão e toda a costa) entre 1 a 15 de agosto e também durante todo o anno, á excepção do inverno.

Pegü—1.^a monção—entre 15 a 20 de abril, invernando em S. Thomé, de onde partem para Pegü depois de 5 de agosto.

2.^a monção — entre 8 a 24 de agosto, seguindo directamente para Pegü.

Malaca — 1.^a monção — entre 15 a 30 de setembro, chegando as náus pelos fins de outubro.

2.^a monção — por 5 de maio, e as náus chegam a Malaca por 15 de julho.

China—mez de abril.

Molucas—entre 10 a 15 de maio.

Moçambique—entre 8 a 31 de agosto.

Monções de Ormuz para

Goa—Chaul — 1.^a monção — no mez de setembro com os ventos N. e NE.

2.^a monção — entre 25 e 31 de dezembro, com os ventos como na 1.^a.

3.^a monção entre 1 a 15 de abril, navegando com os ventos SE., E. e NE., costeando a Arabia desde o Cabo Mosadon até ao Cabo Rasalgate, e depois de terem perdido de vista o Cabo Rasalgate, encontravam os ventos O.

Sind—1.^a monção—entre 15 a 20 de abril.

2.^a monção—entre 10 a 20 de outubro.

Mar Vermelho—entre 1 a 31 de janeiro.

Bengala—entre 15 a 20 de junho, invernando as naus em Teve, de onde partem para Bengala por 15 de agosto.

Monções de Diu para

Estreito de Meca — 1.^a monção—por 15 de janeiro, voltando em agosto.

2.^a monção —entre 25 de agosto ao 1.^o de setembro, voltando entre 1 a 15 de maio.

Monções para Goa de

Norte (Chaul, Diu. etc.) entre 8 a 15 de janeiro chegando as naus a Goa pelos fins de fevereiro e durante todo o tempo á excepção do inverno, ainda que o melhor tempo é nos mezes de novembro dezembro e janeiro.

Terra firme, de onde os mouros vem a Goa — por 15 de setembro.

Moçambique — As naus sahem entre 8 a 31 de agosto e chegam a Goa ou Chaul no mez de outubro e até 15 de novembro.

Portugal — «As naus qu vem de Portugal para as Indias partem ordinariamente entre 10 a 15 de março, seguindo directamente durante o mez de julho para a costa de Melinde e Moçambique navegando dali para Goa, e se não poderem chegar a costa de Melinde durante o mez de julho, não podem de nenhuma forma chegar naquele anno a Melinde, e devem por isso voltar para a Ilha de S. Helena, porque, passado este tempo, é impossivel alcançarem a costa da India e virem a Goa. Portanto, como fica dito, as náus voltam para a ilha de S. Helena e, se não poderem tocar a mesma ilha, navegam como perdidas, pela costa da Guiné; mas se as naus chegarem a tempo á costa de Melinde, seguem na direcção de Goa e, se até 15 de setembro não conseguirem tocar no porto de Goa, seguem para Cochim, mas, se tambem não poderem tocar em Cochim, voltam para Moçambique e ali invernam. Todavia, em 1580, a náu «S. Lourenço» chegou a Goa depois de muito avariada, a 8 de outubro, o que foi considerado como um milagre sem igual, até então visto.»

Pegú — entre 15 a 25 de janeiro e chegavam a Goa por 25 de março ou principios de abril.

Malaca — 1.^a monção — por 10 de setembro, chegando a Goa pelos fins de outubro.

2.^a monção — por 10 de fevereiro e chegam a Goa pelos fins de março.

China — As naus partiam da China de modo a chegarem a Goa até 10 de maio, tendo, alias, de voltar para Cochim, e se não podesse alcançar Cochim, as naus voltavam para Malaca.

Molucas — as naus das Molucas chegavam á barra de Goa por 15 de abril.

Monção para Portugal

As naus partiam de Cochim entre 15 a 31 de janeiro, to-

cando na Ilha de S. Helena afim de fazer provisões para a viagem, «mas as naus que vem de Portugal para as Indias não tocam na dita Ilha, por virem suficientemente providas para os 8 mezes da viagem.»

Monção de Socotorá para Ormuz

Por 10 de agosto.



Ex-libris, Super-libris e Super-libros ¹

Do que tenho ouvido a várias pessoas que coligem ou usam *ex-libris*, concluo que elas não sabem o que significa tal expressão, e contudo seria facil sabê-lo.

Começarei por declarar que ha *ex libris*, sem traço de união, e *ex-libris*, com traço.

Quando n'uma folha de um livro se lê *exlibris illius*, isto quer dizer que o livro de que se trata «provém dos livros, ou da livraria de Fuão», *ex-libris* vale o mesmo que *exbibliotheca* ou *bibliotheca*. Tambem podia dizer-se *e libris*.

Como porém a posse nem sempre se indica apenas por *exlibris illius*, mas frequentemente se adicionam a essa frase divisas e ornatos no proprio livro ou n'um papel colado nele, e como na linguagem corrente, ora por necessidade ou por economia de tempo, ora por motivos psicologicos, abreviamos a cada passo a nossa elocução, e substituímos umas palavras por outras, aconteceu que *ex-libris* veio a significar só por si «o modo pelo qual o dono de um livro indica que esse livro lhe pertence»: n'este caso as primeiras palavras da frase representam toda a frase; analogamente se representa com *ave Maria* a oração religiosa que começa assim. Temos aqui um exemplo (*pars pro toto*) do que os retóricos denominam «sinedoque».

Transformada, segundo se vê, a expressão *ex-libris* em mero vocabulo, nada mais natural do que indicar materialmente por um traço a união dos elementos constitutivos d'ele,— do que resultou *ex-libris*. De modo paralelo escrevemos *ave-Maria*, e, com maior sintese, como se lê no *Diccionario* de Moraes, *avemaria*.

¹ Com a devida venia transcrevemos do n.º 2 do corrente anno, do *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, este instructivo artigo do erudito escriptor, sr. José Leite de Vasconcellos.

Se agora alguém adoptar, o que é frequentissimo, «*ex-libris* de fuão» (pondo um traço), comete grande absurdo, porque *ex-libris* já não significa «da livreria», significa unicamente uma formula, ou um papelinho em que ela se estampou. Identico absurdo cometeria quem escrevesse «*avemaria* (ou *ave-Maria*) cheia de graça», porque se designava que era cheia de graça a oração, e não a Virgem Maria.

*

A par com *ex-libris* dizem alguns individuos *super-libris*, entendendo-se por esta expressão a formula da posse, quando gravada externamente na capa superior do livro, ou em ambas as capas, ou na lombada.

Em primeiro lugar notarei que *super-libris*, como latim, contém dois erros: um de logica, porque devia ser *super-libro*, visto que a formula se applica individualmente a cada livro, e não a um grupo (diz-se *sobre-loja*, *sobre-mesa*, e não *sobre lojas*, *sobre-mesas*, a não ser que se fale no plural), outro de gramatica e estilo, visto que *super* com ablativo significa na prosa classica «a respeito de», e somente nos poetas se applica a lugar: por tudo o que fica exposto, o correcto seria *super-librum* ou *super librum*, e não como fazem; cfr. *super telum subjectum pedibus* em T. Livio, VIII, 9, e no proprio latim ecclesiastico *super hanc petram* em S. Mateus, XVI, 18.

Em segundo lugar *superlibris*, como expressão corrente, contém ainda outro erro logico, porque n'uma partição os membros devem ser paralelos entre si, isto é, da mesma natureza: ora não existe paridade nenhuma entre *super-libris* e *ex-libris*, pois que a segunda expressão significa «proveniente da livreria», e a primeira significa «a respeito dos livros» ou poeticamente «sobre os livros».

Quem quizer exprimir a idea que erroneamente exprime por *super-libris*, exprima-se de outro modo, v. g. por «*ex-libris exterior*», já que o chamado *super-libris* é na verdade *ex-libris*.

*

Tambem ha individuos que ao *ex-libris* exterior chamam *super-libros*. Esses não erram no emprêgo syntactico da preposição, mas cometem os mesmos erros de logica que os partidarios do *super-libris*.

Manoel Mascarenhas de Almeida (ou d'Almada ?)

Em nota a pag. 223 dissémos não ter noticias do *General de S. Thomé, Manoel Mascarenhas de Almeida*, ali mencionado.

Fr. Agostinho de Santa Maria, porém, na sua *Historia da fundação do convento de Santa Monica*, diz (pag. 484) que em dezembro de 1697 entrou como Prioriza Soror Mariana da Apresentação, natural de Cananor, filha de Manoel Mascarenhas de Almeida e de D. Maria de Freitas.

Existiu tambem no seculo XVII na India um *Manoel Mascarenhas d'Almada*, que foi fidalgo da casa de S. M., capitão-mór dos rios do Malabar, capitão da fortaleza de Cranganor, capitão da cidade de Cochim, etc., como se vê d'uma certidão que passou em Goa a 12 de janeiro de 1654 (artigo de Cunha Rivara no *Boletim do Governo*, n.º 82 de 1872, pag. 375, nota).

É corrente em livros e documentos inglezes estropiarem-se os nomes e appellidos portuguezes. Manoel Mascarenhas de Almeida será o mesmo de que falla Fr. Agostinho de Santa Maria? — o mesmo que Manoel Mascarenhas d'Almada?

Fica este assumpto para ultteriores investigações.

Manuscriptos valiosos

O vice-rei da India, Lord Hardinge, durante o seu ultimo tour, estando em Bankipur, examinou os valiosos manuscriptos da bibliotheca Khodapur. O mais celebre d'esses manuscriptos é o do notavel *Shahanama* de Firdosi, que foi dado por Hakamali Mardankhan, de Cabul, ao imperador Shajehan em 1617 em troca de 1 lake de rupias e 5 elefantes.

Invasão de gafanhotos em Goa no anno de 1631

Na sua *Historia da fundação do convento de Santa Monica*, fr. Agostinho de Santa Maria, depois de mencionar uma horri-vel sêca que em 1630 houve em Goa, destruindo as novidades todas, excepto as das fazendas d'aquelle convento, descreve assim uma invasão de gafanhotos que se seguiu em 1631:

«No seguinte anno de 1631 sobre esta cruel seca, sobreveio ás mesmas terras outro segundo castigo, e foi hua horrenda praga de gafanhotos, que consumirão e tragarão todas as novidades; e sobre isto despirão as arvores de toda

a pompa; e formosura de suas folhas, deixando-as não só nuas, mas secas, parecendo todos aquelles distritos pelo estado, em que ficarão, abrazados de um grande incendio. No meio deste grande estrago ficarão as fazendas do Mosteiro illesas, e livres deste castigo, e tão verdes, e formosos os seus palmares, que se admirarão todos, reconhecendo ser isto maravilhas do poder divino. Não quero deixar de pôr aqui as palavras com que o Padre Fr. Diogo de Santa Anna refere este successo.

«Eu peccador vi com meus olhos aqui nas terras, que chamão de Bardez, o palmar de Verém, da aldea de Pilerne, intacto da grande praga de gafanhotos, que o rodeavão, os quaes desolavando todos os palmares do mesmo valle em roda, e despin-do as palmeiras das folhas, deixando-as em puras varas, ou icles, (como aqui lhe chamão) nem em huma só palmeira do palmar deste religioso convento tocarão; e havendo-o rodeado as nuvens dos mesmos gafanhotos, que alli andavão, mandou disto recado o vigiador do mesmo palmar a estas religiosas, para que orassem a Deus pelo remedio; e ellas o fizerão, e mandarão hum Agnus Dei grande, para que o levantasse em alto no meio do mesmo palmar; e tendo isto assim feito, e não havendo já no mesmo valle outra cousa verde de que esta praga pudesse pegar (que era tamanha, que em huma só hora despia hum campo inteiro) ella se sahio d'aquellas terras, e ao passar do rio se afogou, quasi toda na passagem, e cessou de todo esta maldição, e pasmavão os moradores desta barra ao longo da qual estão estas terras) de ver tantos, e tão grandes palmares, assim secos de folha, como se lhes ouvessem posto o fogo, e este palmar em meio, tão intacto, e tão illeso, e verde como de antes desta praga; e o mesmo foi em outro palmar deste convento, que chamão da Ilha Vancim; e tudo vi por meus olhos, e levantei as mãos ao ceo, e louvei a Deus Altissimo». (pag. 404 e 405).

71.º anniversario da Escola Medica de Goa

Com desusado brilho e ruidosas demonstrações celebrou a Escola medico-cirurgica de Nova Goa o 71.º anniversario da sua fundação, Não permittem as paginas da nossa revista dar uma detalhada descripção d'essas festas que se realisaram em 30 de novembro e 1 de dezembro, pelo que nos limitamos a esta rapida noticia.

Começaram as festas com a abertura d'um magnifico museu-exposição no edificio da Escola, tendo proferido o discurso inaugural o dr. João Barreto, professor substituto.

Seguidamente o dr. Froilano de Mello, professor effectivo da Escola e Director do Instituto de analyses e vaccina, fez interessantes demonstrações de analyses bacteriologicas e hematologicas, applicadas á clinica, auxiliado pelos alumnos, entre os quaes se conta uma senhora.

As 14 horas reuniu-se o congresso medico-pharmaceutico, tendo fallado o dr. Rafael Antonio Pereira, antigo chefe do serviço de saude e director da Escola, que por entusiastica aclamação foi convidado a assumir a presidencia,— o dr. José Maria da Costa Alvares, actual chefe e director, que tambem depois presidiu,— e o dr. Wolfango da Silva, sub-chefe do serviço de saude. Proferiu o discurso inaugural o dr. Antonio Augusto do Rego, professor substituto, terminando por submeter á discussão as seguintes proposições que foram approvadas pela assembléa:

«1.^a A organização dos medicos e pharmaceuticos da India Portugueza em uma associação, capaz de elevar as suas condições actuaes, é uma necessidade que se impõe pela sua oportunidade e pela sua importancia.

2.^a A confecção de um codigo deontologico, estabelecendo os deveres e obrigações dos medicos e pharmaceuticos ao lado de penalidades proporcionaes aos delictos, é uma disposição que, pelas suas consequencias sobre uma classe e boa organização da sociedade, merece urgente realisação.

3.^a E estando já lançadas as bases de uma associação dos medicos e pharmaceuticos da India Portugueza, proponho que se constitúa uma comissão encarregada de elaborar com possivel urgencia o codigo deontologico e de interesses profissionais, pelo qual se deverão nortear os actos de todos medicos e pharmaceuticos da India Portugueza».

Em vista da approvação d'estas propostas foi unanimemente escolhida para elaborar o codigo deontologico e de interesses profissionais dos medicos e pharmaceuticos da India Portugueza uma comissão composta dos drs. Costa Alvares, presidente,— Augusto do Rego, secretario,— Antonio da Rocha Pinto, professor substituto da Escola,— Cesar Baronio Monteiro, Egipsy de Sousa, A. Bernardo de Sousa e Olencio da Gama Pinto,— e dos pharmaceuticos Vicente Salvador de Andrade e Antonio Luiz de Azevedo.

A seguir proferiram discursos os drs. Rocha Pinto e Baro-nio Monteiro, tendo fallado tambem sobre as conclusões pro-postas pelo primeiro á discussão os drs. Pedro Antonio da Cunha, Froilano de Mello, Antonio Maria da Cunha, José Joaquim Fragoso e outros.

Pelas 18^h,30' o dr. Germano Telles Corrêa, professor effe-ctivo, fez no salão dos paços municipaes uma elucidativa con-ferencia com projecções luminosas, sobre *o clima explicando a hygiene habitacional e a geographia humana*.

A noite realizou-se no salão do *Club Vasco da Gama* um grande banquete de confraternisação, ao qual assistiram 52 medicos e pharmaceuticos, e bem assim uma vistosa marcha *aux flambeaux*, em que tomaram parte os corpos discentes da Escola medica, do Lyceu Nacional e da Escola Normal.

Assim terminou o 30 de novembro.



Abriu o dia subsequente, 1 de dezembro, com uma missa que o venerando Patriarcha das Indias celebrou na capela do Hospital Militar pelo eterno descanso dos professores e alum-nos da Escola, e dos medicos e pharmaceuticos, fallecidos. Finda a solemnidade religiosa, o dr. Egipsy de Sousa proferiu um discurso.

Íçou-se em seguida com grande apparato a bandeira na-cional no mastro da Escola, fallando no fim o professor sub-stituto, dr. Filippe Pinto Cordeiro.

As 16 h. um brihante cortejo academico, que excedeu a expectativa geral e cujas honras cabem ao professor de pharmacia, Francisco da Silva Amorim.

Organizou-se o cortejo no largo do Instituto de analyses e vaccina (antigo campo de D. Manoel, ou Campal), aberto por um carro allegorico á *Restauração de Portugal*, symboli-sado com a estatua—*O Genio da Independência*— de Alberto Nunes. Esta estatua tinha numa das mãos a historica ban-deira nacional que andou na campanha de Satary, espontanea e amavelmente cedida por s. ex.^a o Governador Geral; e noutra, um fragmento de grilheta demonstrando a liberta-ção do jugo dos Filippes, emquanto a restante parte dessa grilheta estava cahida pelo estrado que servia de pedestal á estatua, artisticamente pintado de côr de rosa. Aos cantos de

carro, quatro castellos imitando construeção de tijolo, tendo no topo uma roda dentada, pintada a ouro e negro, e na base tropéus de bandeiras nacionaes sustentados por escudos da Escola Mediea, pintados a ouro e azul.

A este carro seguia a banda de policia, que tocava por todo o trajecto e com pequenos intervalos o hymno da Restauração.

Vinham depois quatro estudantes com lanças vestindo o *himation* dos Dorios antigos: os quintannistas Vitola Sinary de manto azul, e Madeva Sirvoicar de manto roxo,— o quartannista Atmarama Boroar, de manto côr de rosa,— e o terceirannista Gonopoty Collopo, de manto verde; — todos representando os *Asclepiades*, medicos gregos que pretendiam descender de Esculapio.

Seguia o segundo carro allegorico de *Esculapio* com uma linda estatua deste deus da medicina entre os gregos, revestido de manto azul e *himation* com fimbria prateada, e sandalias nos pés. Segurando em uma das mãos o manto, o corpo apoiava-se n'um ramo com uma cobra enroscada. A estatua sustentava-se n'um estrado pintado de verde, tendo em cada um dos quatro cantos uma columna quadrangular com ornatos côr de fgo, emque se apoiavam pyramides verde-garrafa.

Marchavam atraz os medicos arabes *Avicenna* e *Razés* (estudantes Caetano Sales Gomes e Claudino Coutinho), com longas batinas pretas e trumfas de seda branca com fimbrias douradas.

Ladeado por estudantes seguia, conduzido por outro estudante, o estandarte de medicina, de setim amarello, tendo pintados á prata o emblema e a inscripção — *Contraria contrariis curantur* —.

Em seguida, o medico suisso *Paracelso*, fundador e reformador de medicina chimica, *Garcia da Orta*, physico de el-rei D. João III, vestindo o primeiro (quartannista Alvaro da Costa Collaço) um calção cor do ceu com a jaqueta da mesma cor, em que se sobrepunha uma gola bronca com folhas; meias da cor de iato, e por cima uma capa côr de café; e o segundo (quartannista Claudio Pinto) um casaco e calção côr de rosa com meias da mesma côr, e um manto lilaz piêso por cima das mãos. Ambos calçavam sapatinhos de polimento com fivellas douradas; e na cabeça traziam barretes de velludo preto.

Seguia o carro de *Medicina*, symbolisada por uma mulher (estatua), ricamente vestida de seda amarello-canario, envolvendo-se num rico manto de setim amarello alaranjado. Na

cabeça, um capacete de seda da mesma cor, enfeitado com rosas cujas extremidades cobriam de uma forma especial as espaduas. A mão direita apoiada numa columna, e na mão esquerda uma planta medicinal. Do lado esquerdo via-se um escudo com o busto de *Hippocrates*, pintado a bronze e ouro.

Aos cantos do carro, quatro columnas de fundo azul celeste e arabescos brancos, e nas da frente duas grandes serpentes enroscadas, com as suas phenomenaes cabeças, uma em frente d'outra. O estrado pintado de azul-claro com fimbrias de azul carregado. Aos lados, escudos de Medicina.

Vinham a seguir o quartannista Gladstone da Costa e o terceiroanista Justino da Sequeira, de grandes tunicas pretas e enormes capacetes conicos, tambem pretos, ostentando grandes estrellas de prata. Ambos seguravam pela extremidade uma longa fita em que se lia—*theoria dos atomos*—Representavam os alchimistas Democrito e Lécipppo, fundadores da theoria atomica.

Seguidamente ladeado por estudantes, o estandarte de *Pharmacia* em setim rôxo, pintado a ouro com a inscripção—*Morbi non eloquentiâ, sed remediis curantur*—.

Atraz o carro de *Pharmacia*. Em um estrado cinzento imitando marmore, levantava-se um pedestal em pyramide quadrangular, sustentando o busto de *Galeno*. Na base do estrado, uma estatua de mulher, envolta n'um manto de setim rôxo, conservando-se reclinada, e apoiando-se do lado esquerdo n'um ramo de quina, na qual se enrosca uma cobra. Na mão direita, levantada para o busto, uma corôa de louros, que oferece a *Galeno*. Nos cantos do carro quatro columnas em pyramides pentagonaes, tendo as da frente duas serpentes enroscadas com as cabeças para diante.

Em filas marchavam depois estudantes de *Pharmacia*.

Seguia-se o carro de *Bacteriologia*. Sobre dois estrados um pedestal em forma de pyramide hexagonal, sustentando o busto de *Pasteur*. Aos cantos, quatro columnas quadrangulares com arabescos verdes e avermelhados com quatro vasos com *bouquets* de flôres naturaes.

Atraz o ouro, rei dos metaes, o segundanista Aristides da Costa, vestido de amarello enfeitado de galão dourado e com polainas amarellas, levando á cinta uma espada. Nas extremidades do seu grande manto amarello, pegavam o terceiroanista Caetano Xavier da Silva, vestido de mulher, com *toilette* da cor do metal que representa a platina, guar-

necida de lentejoulas, e o primeiranista de pharmacia Luis Fernandes, tambem vestido de mulher, representando a prata.

Seguidamente um grupo de estudantes.

Depois um sexto carro, de *Alchimia*. Na trazeira do carro, uma enorme pyramide pintada a verde e azul, tendo no topo uma grande estrella de ouro, e nas faces lateraes a inscripção—*transmutação dos metaes*.—De cada lado de pyramide, dois vasos pintados de verde, com flores naturaes. Á frente, sentado em um estrado, ia o alchimista (terceiranista Custodio Barreto) representando a alchimia metalurgica, tendo de cada lado do estrado um degrau em que estavam expostos diversos aparelhos chimicos, como retortas, fogareiros, cadinhos, massaricos, etc. A frente, dois vasos de loiça, com plantas naturaes.

Todos os carros eram ornamentados com serpentinas e festões e as suas rodas de verdura, sendo puxados a cavallo.

Seguiam-se depois em filas os estudantes do Lyceu, da Escola Normal e das escolas primarias e um grande grupo de meninas, todas vestidas de branco, ostentando os seus laços de seda que eram vermelhos para a Escola Normal, verdes para o Lyceu e para o ensino primario.

Vinha depois o grupo dos medicos formados em escolas estrangeiras, aos quaes fôra dado o logar de honra, seguindo-se-lhes todos os professores de Escola medica, presididos pelo seu Director; e afinal, um grande numero de medicos e pharmaceuticos, além d'outros convidados que se incorporaram no cortejo.

Fechava o cortêjo a banda *Nacional* de Salsete, tocando o hymno da Escola Medica, que adiante se lerá.

Este cortejo percorreu as principaes ruas da capital e terminou de volta no local onde vae ser erigida uma *Casa de Maternidade*, á ilharga do Hospital Militar. Uma vez ahi, procedeu-se ao lançamento da pedra fundamental, o que fez o dr. Viriato Pinto, tenente-medico reformado e professor jubilado da Escola medica, para esse fim convidado pelo chefe do serviço de saude, visto a dedicação com que tem tratado d'esse ramo de ensino, improvisando até uma enfermarie de partos no Hospital. Proferiu um discurso o quintanista Thomaz d'Aquino Miranda e lavrou-se auto d'essa solemnidade.

Á noite houve uma esplendida festa nocturna litterario-musical, um espectáculo ao ar livre em um artistico e engenhoso palco, tendo ao lado a estatua da *Sciencia* a presidir á festa.

Terminaram assim as festas commemorativas do 71.º anniversario da fundação da Escola medico-cirurgica de Nova Goa.

Eis o hymno da Escola, a que atraz nos referimos. Foi expressamente escripto para a occasião pelo dr. Adolfo Costa e posto em musica pelo tenente pharmaceutico Alfredo Tinoco :

*A sciencia é um sol bemdito
Que nos beija e nos enleva,
Sóbe ás rampas do infinito,
Desce aos abismos da treva ;
Os seus filhos somos nós
Traçando nos labios o amôr
Com que acudimos á voz
Do enfêrmo, do soffredor.*

Côro :

*Pelo trabalho pela sciencia,
Lutar, soffrer, quem não ha-de ?
E' nosso guia a consciencia,
Nosso amor, a humanidade.*

II

*Cavaleiros da verdade,
Nosso fim e procurá-la,
Longe a ignorancia, a vaidade,
Que a sciencia mais alto fala ;
Desde os tempos mais remotos
O trabalho é força, é tudo,
Bemditos os seus devotos,
Bemdito seja o estudo.*

III

*Em luta contra a Morte
Somos a falange altiva
Que do trabalho á luz viva
Procura ser a mais forte ;
Na mansão do Sofrimento,
No lar onde geme a Dôr,
E' de luz o pensamento
Nas aças do nosso amor.*



Corrigenda

No artigo *Flores dos Luziadas*, pag. 159 a 209 do presente volume

N.º	Onde se lê	Lêa-se
XXIII n.	(Job VII) 1	(Job VII, 1)
XLI n.	est. 105	est. 92
XLVI	(em seguida ao verso)	Est, 113. ^a , v. 8
LXXVII n.	pag. 176	pag. 22
XCIX	mudanças	mudanças
CXXXIII	no vulgo	ao vulgo
CXXXVIII	v. 3 8	v. 3 a 8
CXXXIX v. 1	illustres já	illustres que já
" y. 6	d'ellas	delles
CL n.	putabam	putaram
CLXVII	vão	vãs



BIBLIOTHECA ARCHAEOLOGICA
D. 411
1891

**Central Archaeological Library,
NEW DELHI.**

59191
Call No. 146-705/51

Author—

Title— O oriente Portugues
Volume X 1913

Borrower No.

Date of Issue

Date of Return

"A book that is shut is but a block"

CENTRAL ARCHAEOLOGICAL LIBRARY
GOVT. OF INDIA
Department of Archaeology
NEW DELHI

Please help us to keep the box
clean and moving.